



UFRRJ

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**MICROPOLÍTICAS DE JOVENS QUE HABITAM E INVENTAM O RIO
DAS PEDRAS**

VANESSA DE ANDRADE LIRA DOS SANTOS

Sob a Orientação do Professor

Prof. Dr. Aristóteles de Paula Berino

Tese submetida como requisito parcial
para a obtenção do grau de **Doutora em
Educação**, no Curso de Pós-Graduação
em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas
Populares, Área de Concentração em
Educação, Contextos Contemporâneos e
Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ
Fevereiro de 2024

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237m Santos, Vanessa de Andrade Lira dos, 1982-
Micropolíticas de jovens que habitam e inventam o
Rio das Pedras / Vanessa de Andrade Lira dos Santos.
- Seropédica; Nova Iguaçu, 2024.
190 f.: il.

Orientador: Aristóteles de Paula Berino.
Tese(Doutorado). -- Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, 2024.

1. Rio das Pedras. 2. Territorialidades. 3.
Micropolíticas. 4. Juventudes. 5. Estética dos
cotidianos. I. Berino, Aristóteles de Paula, 1965-,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Programa de Pós-graduação em Educação,
Contextos Contemporâneos e Demandas Populares III.
Título.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES



TERMO Nº 181 / 2024 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.00.20)

Nº do Protocolo: 23083.015217/2024-22

Seropédica-RJ, 20 de março de 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS
POPULARES

VANESSA DE ANDRADE LIRA DOS SANTOS

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Doutora**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

TESE APROVADA EM 29/02/2024

Membros da banca:

ARISTOTELES DE PAULA BERINO. Dr. UFRRJ (Orientador/Presidente da Banca).

RODRIGO TORRES DO NASCIMENTO. Dr. UERJ (Examinador Externo à Instituição).

ALDO VICTORIO FILHO. Dr. UERJ (Examinador Externo à Instituição).

ALEXANDRE PALMA DA SILVA. Dr. UFRJ (Examinador Externo à Instituição).

ANA VALÉRIA DE FIGUEIREDO DA COSTA. Dra. UERJ (Examinadora Externa à Instituição).

(Assinado digitalmente em 21/03/2024 10:31)
ARISTOTELES DE PAULA BERINO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptES (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: 1243695

(Assinado digitalmente em 02/04/2024 21:22)
ANA VALÉRIA DE FIGUEIREDO DA COSTA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 842.944.777-68

(Assinado digitalmente em 21/03/2024 14:00)
RODRIGO TORRES DO NASCIMENTO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 145.036.327-01

(Assinado digitalmente em 21/03/2024 09:09)
ALDO VICTORIO FILHO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 412.781.197-87

(Assinado digitalmente em 22/03/2024 16:11)
ALEXANDRE PALMA DA SILVA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 070.367.817-50

DEDICATÓRIA

Ao território – terreno – paisagem – paragem
do Rio das Pedras, lugar que acolheu os meus
pés.

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço aos pedaços. Gratidão que não se situa em grandes acontecimentos, só nesses retalhos que recomponho aqui.

Da minha mãe eu recorro à memória enevoadada da tessitura das suas costuras, das linhas que juntavam as partes, da máquina barulhenta que batia sua agulha todo dia, dos olhos azuis que saíam pra trabalhar e voltavam com três chocolatinhos, um pra cada filho.

Do meu pai eu recolho o cheiro do xampu verde, o balanço improvisado no quintal, o bolinho de ovo cozinho na panela grande, as falas do tempo do mato, o melhor arroz do mundo.

Dos meus irmãos carrego as brincadeiras, as brigas, os pés no chão, o reconhecimento das partes e a aceitação das diferenças.

Da menina Rebeca eu agradeço por me fazer tentar ser mais nas errâncias mesmo, pra caber no tamanho dessa pessoa que me acompanha todos os dias, que cresce enquanto eu cresço também.

Sou grata ao meu orientador, Aristóteles Berino, que me recebeu depois de tantas andanças e abriu espaço pra eu inventar no medo mesmo.

Grata também aos felizes encontros com tantas pessoas, ao olhar profundo e acolhedor da amiga Samara, à calmaria esconderijo do Zeca, ao acompanhamento sincero e sensível do Sérgio, e aos amigos que fiz nas escolas e que caminham comigo enquanto o corpo e a cabeça perambulam.

Obrigada à UFRRJ e ao PPGEduc, que abriram as portas desta etapa de formação; e ao grupo de pesquisa FRECON, que juntou partes de tantos lugares num encontro diverso e cheio de sentido.

Às subidas do Vidigal eu sou grata pelas pernas fortalecidas, pela intensidade dos seus labirintos, pelo que de familiar eu reconheço em suas curvas.

Ao Rio das Pedras eu agradeço o emaranhado de gentes e coisas e percursos, que no escuro e no claro sempre foram fagulhas de vida.

O corpo, a culpa, o espaço

Que corpo é esse que já não se aguenta?

Que resiste ao limiar

Que desaba sobre si

Músculos e ossos

Poros e narinas

Olhos e joelhos

Seios, costas, cataratas

Suas torres de vigia

Que corpo é esse?

Que pulsa, escuta,

Expulsa, abraça

Comporta, contém

O corpo ocupa!

O corpo não é culpa

O corpo, a culpa, o espaço

Que corpo é esse?

Que corpo é esse?

Que protege, reage

Que é origem e passagem

Que corpo é esse que já não se aguenta?

Que se esgota

E não se resgata

Aqui

Por enquanto

É tudo ainda!

Fernando Anitelli (O teatro Mágico)

RESUMO

SANTOS, Vanessa A. L. **Micropolíticas de jovens que habitam e inventam o Rio das Pedras**. 2024. 190p. Tese de Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2024.

Este trabalho investiga os modos inventivos de habitar o território do Rio das Pedras, com e para além do planejamento ou da precarização de seu terreno. Fincado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, o Rio das Pedras carrega as marcas das memórias dos seus habitantes, as discrepâncias dos poderes e das carências que o constituem, e uma rede de elaborações que o configura enquanto espaço de resistência. O coletivo Cine & Rock, e a praça do Pinheiro, surgem como pontos de ancoragem para os deslocamentos na região. Neste sentido, pensar em como os sujeitos, sobretudo os jovens, criam maneiras de pertencer neste ponto da cidade, se apresenta como percurso para iluminar a seguinte tese: É na invenção cotidiana, humanizadora dos territórios, que os sujeitos criam para além das demandas estratégicas que reduzem seus corpos. E é na amplitude destes corpos fazedores de lugares, que os espaços são redimensionados em seus aspectos físicos e imaginados. A metodologia da cartografia é elencada nesta pesquisa como recurso para pensar e viver os lugares, ao acessar memórias e caminhar por eles, em um exercício de concomitância entre o recurso de cruzar pontos do mapa da região e conduzir uma espécie de bricolagem que relaciona narrativas, notícias e registros imagéticos mapeados em e sobre o Rio das Pedras. A pesquisa inicia-se com um resgate autobiográfico do sentido de habitar, que faz da memória o primeiro recurso de mapeamento de lugares. A seguir, compreendemos a cartografia como um modo de mergulhar, e nos apropriamos de suas ferramentas para pisar nas bordas do território do Rio das Pedras, percorrendo pontos da região até a chegada na praça do Pinheiro, berço do coletivo Cine & Rock. A relação entre juventudes e cidade se desdobra como ponto focal deste lugar de encontro, que afunila a pesquisa na ação de limpeza da praça. A partir deste cruzamento no mapa, que se assenta em um local de encontro da região, conduzimos nossa reflexão no diálogo com autores que se afinam em direção à dimensão estética das territorialidades, sempre indissociável das micropolíticas que a definem. No tensionamento entre conformidade e resistência, o espaço relacional da cidade é reelaborado sem cessar como prática educativa. Ainda que as fomes se relativizem com as necessidades implicadas em sobreviver, e para além do descarte de coisas e de experiências, a dimensão estética dos cotidianos precarizados se apresenta como “mundos que se negam e existem, também, em virtude dessa negação” (HISSA, 2010, p.85). É na incapacidade de manutenção das obviedades programadas que a inventividade de todos os dias acontece, nos tempos interiores dos sujeitos em diálogo criativo com os seus lugares.

Palavras-Chave: Rio das Pedras, Micropolíticas, Juventudes

ABSTRACT

SANTOS, Vanessa A. L. **Micropolitics of young people who inhabit and invent Rio das Pedras**. 2024. 190p. PhD thesis in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands. Institute of Education / Multidisciplinary Institute. Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2024.

This work investigates the inventive ways of inhabiting the territory of Rio das Pedras, with and beyond the planning or precariousness of its terrain. Located in the West Zone of Rio de Janeiro, Rio das Pedras bears the marks of its inhabitants' memories, the discrepancies of the powers and shortages that constitute it, and a network of elaborations that configure it as a space of resistance. The Cine & Rock collective and the Pinheiro square appear as anchor points for displacement in the region. In this sense, thinking about how people, especially young people, create ways of belonging in this part of the city is a way of illuminating the following thesis: It is in the daily invention, humanizing territories, that people create beyond the strategic demands that reduce their bodies. It is in the breadth of these place-making bodies that spaces are resized in their physical and imagined aspects. The methodology of cartography is listed in this research as a resource for thinking about and experiencing places, by accessing memories and walking through them, in an exercise of concomitance between the resource of crossing out points on the map of the region and conducting a kind of bricolage that relates narratives, news and imagery mapped in and about Rio das Pedras. The research begins with an autobiographical recovery of the meaning of inhabiting, which makes memory the first resource for mapping places. Next, we understand cartography as a way of diving, and we use its tools to tread the edges of the Rio das Pedras territory, visiting points in the region until we arrive at Praça do Pinheiro, the birthplace of the Cine & Rock collective. The relationship between young people and the city unfolds as the focal point of this meeting place, which brings the research together in the action of cleaning up the square. From this intersection on the map, which is based on a meeting place in the region, we conduct our reflection in dialog with authors who are in tune with the aesthetic dimension of territoriality, which is always inseparable from the micro-politics that define it. In the tension between conformity and resistance, the relational space of the city is endlessly reworked as an educational practice. Even though hunger is relativized by the needs involved in surviving, and beyond the discarding of things and experiences, the aesthetic dimension of precarious daily life presents itself as "worlds that deny themselves and also exist by virtue of this denial" (HISSA. p.85, 2010). It is in the inability to maintain programmed obviousness that the inventiveness of every day happens, in the inner times of subjects in creative dialogue with their places.

Keywords: Rio das Pedras, Micropolitics, Youth

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Percurso riscado no mapa: Vidigal – Rio das Pedras	p.24
Imagem 2 - A árvore hoje na visita ao meu quintal – terreiro	p.27
Imagem 3 - Vidigal da minha janela	p.30
Imagem 4 - Itinerário formativo riscado no mapa	p.33
Imagem 5 - Registro de caderno: Tenha dedos. Tenha um anel	p.38
Imagem 6 - Registro de caderno – Fé e Glock de luneta	p.39
Imagem 7 - Territórios que se cruzam em RP	p.40
Imagem 8 - Fragmentos para Mapa-Muro do Rio das Pedras	p.41
Imagem 9 - Base picotada para Mapa-Muro do Rio das Pedras	p.42
Imagem 10 - Registro de mural em RP	p.46
Imagem 11 - Sem título	p.49
Imagem 12 - Brincando na praça do Pinheiro	p.52
Imagem 13 - Bacia hidrográfica do Rio das Pedras	p.58
Imagem 14 - Mapeamento das divisões de RP em subáreas	p.59
Imagem 15 - Recorte do contraste de ordenamento das vias no Rio das Pedras	p.61
Imagens 16 e 17 - Conjunto Residencial Delfin Imobiliária (desabitado) e detalhe	p.62
Imagem 18 - Ocupação do Conjunto Residencial Delfin Imobiliária	p.63
Imagem 19 – Tabela: acontecimentos do Rio das Pedras, de 1969 até 2020	p.64
Imagem 20 - Rio das Pedras: Evolução da ocupação territorial	p.64
Imagem 21 - Projeto Favela-Bairro, região do Pinheiro	p.65
Imagem 22 - Captura de tela do Google Maps da região do Pinheiro	p.65
Imagem 23 - Intervenção – pontos mapeados em RP	p.67
Imagem 24 - Barraca de temperos e frutos	p.71
Imagens 25 e 26 - Registro não programado da entrada de mercado no Rio das Pedras e mapa para localização do terreno (Google Maps)	p.71

Imagens 27, 28, 29 e 30 - Demolição do Estação Berlin	p.72
Imagem 31 - Espaço onde existia o Estação Berlin	p.74
Imagens 32 e 33 - Manifestação após demolição de imóveis	p.75
Imagem 34 - Entrada do Condomínio Moradas do Itanhangá	p.78
Imagem 35 - Ruínas do Castelo das Pedras	p.82
Imagem 36 - “Baile funk do Castelo das Pedras acaba, depois de 25 anos”	p.82
Imagem 37 - Comentários da reportagem sobre o fim do Castelo das Pedras	p.84
Imagem 38 - Cadastro de Rodas Culturais do Rio	p.86
Imagem 39 - Roda Cultural do Rio das Pedras	p.88
Imagem 40 - Carne na feira de RP	p.94
Imagem 41 - Peixes na feira	p.96
Imagem 42 - Pintando a praça do Pinheiro	p.98
Imagens 43, 44, 45 e 46 - Mapeamento do LabIT	p.103/104
Imagem 47 - Tatuagem Cine & Rock	p.106
Imagem 48 - Atividade cultural na praça do Pinheiro - aula de saltos, instrumentos musicais e maculelê	p.108
Imagens 49, 50 e 51 - Registros de saltos na praça	p.112/113
Imagens 52 e 53 - Registros da praça do Pinheiro	p.117
Imagens 54, 55 e 56 - Ação de limpeza da praça do Pinheiro	p.119/120
Imagem 57 – “Depois caiu um temporal e a gente tomou banho de chuva”	p.123
Imagem 58 - Jovens rockeiros do Rio das Pedras	p.124
Imagem 59 - Cinema na praça do Pinheiro	p.128
Imagens 60 e 61 - Recortes do documentário: “Cine & Rock uma ideia que deu certo”... ..	p.129
Imagem 62 - Primeira edição Cine & Rock (19/04/2013)	p.134
Imagem 63 – Cine &Rock, evento na praça do Pinheiro	p.135
Imagens 64, 65 e 66 - Cine & Rock – 15 de junho de 2013	p.137

Imagem 67 - Cine & Rock – atividade da praça do Pinheiro	p.139
Imagem 68 - Cine & Rock – atividade da praça do Pinheiro 2	p.141
Imagem 69 - Roda de capoeira na praça do Pinheiro	p.146
Imagem 70 - Rua estreita de RP	p.149
Imagem 71 - Atividade na praça do Pinheiro	p.151
Imagem 72 - Fugindo da lama	p.160
Imagem 73 - Objetos na feira	p.162
Imagem 74 - Cine & Rock no Festival Internacional da Utopia	p.165
Imagem 75 - Banho de mangueira na praça do Pinheiro	p.172
Imagem 76 - Perna de pau na praça do Pinheiro	p.175
Imagem 77 - Detalhe de registro - sem título 2	p.180

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANF	Agência de Notícias das Favelas
CCRP	Circuito Carioca de Ritmo e Poesia
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
FAETEC	Fundação de Apoio à Escola Técnica (Secretaria de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro)
LabIT	Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático
RCRP	Roda Cultural do Rio das Pedras
RP	Rio das Pedras
SEEDUC	Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro
SME	Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p.15
Sobre investigar andando nos lugares	p.15
Pesquisa em tempos de pandemia	p.17
Alinhando as pontas soltas	p.22
Perambulações de retorno	p.24
 1 DAS DOBRAS QUE FICAM DEPOIS DE HABITAR	p.27
1.1 Memórias do quintal - terreiro	p.28
1.2 Sobre a cor - pele dos tijolos	p.30
1.3 Itinerário formativo riscado no mapa	p.31
1.4 A escola da noite me lançou pra fora dela – ou sobre territorialidades partilhadas	p.36
 2 CARTOGRAFIAS DE PERCURSOS DE PESQUISA	p.43
2.1 Cartografia ou modos de mergulhar	p.43
2.2 Imagens - pistas: Registros costurados no percurso	p.49
2.3 Juventude e cidade	p.52
2.4 Rio das Pedras	p.58
 3 NARRATIVAS DE PRESENÇA E MEMÓRIAS REVISITADAS EM RP	p.67
3.1 Andanças em RP	p.69
3.2 O tempo outro de brincar no pistão	p.77
3.3 Os escombros do Castelo das Pedras	p.81
3.4 RCRP - Roda Cultural do Rio das Pedras	p.85
3.4.1 Rodas: circuito de resistência	p.85
3.4.2 Batalha de sangue em RP	p.87
3.4.3 Sobre falar e estar junto	p.89
3.5 O Nordeste em RP – passagem na Feira do canal	p.93
3.6 Praça do Pinheiro	p.97
 4 CINE & ROCK: CORPOS QUE SONHAM SEU LUGAR	p.102
4.1 Cine & Rock desdobrado em narrativas e imagens	p.102
4.2 Utopias de ser jovem: linhas que amarram sonhar e viver	p.106

4.3 Entre movimentar e projetar	p.114
4.3.1 Dilatando os cantos da praça	p.116
4.3.2 Estéticas de estar junto: ação de limpeza da praça do Pinheiro	p.118
4.4 Pensar cinema entre vestígios e ausências	p.126
4.5 Rock e territorialidade na praça do Pinheiro	p.135
4.6 Sobre decência de mãos dadas com boniteza	p.138

5 CORPO E CIDADE	p.143
5.1 Cidade que corre e ritmos de existência	p.142
5.1.1 Olhar para o horizonte, vislumbrar concreto	p.144
5.1.2 Corpo que habita e é habitado	p.147
5.1.3 Corpos que vagam e o princípio da rua	p.151
5.1.4 Corpo e cidade, camadas de existência	p.155
5.2 Micropolíticas de um território dilatado	p.157
5.2.1 Zonas opacas e luminosas	p.157
5.2.2 Ausências e emergências de coexistências precárias.....	p.160
5.2.3 Táticas de fabricar o cotidiano	p.162
5.3 Inventar no exercício das bordas	p.165
5.3.1 A criatividade experimentada	p.166
5.3.2 Corpos que vibram no chão da cidade	p.167
5.3.3 Desaninhar e recalcar: táticas de aprimoramento	p.171
5.3.4 O inesperado do incremental	p.173

CONSIDERAÇÕES OU SOBRE O QUE VEM AGORA E DEPOIS	p.177
--	--------------

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p.181
---	--------------

INTRODUÇÃO

Sobre investigar andando nos lugares

Coloquei três pedacinhos de casca de árvore sobre uma folha de papel. Olhei. Olhei, julgando que olhar talvez me ajudasse a ler algo jamais escrito. Olhei as três lascas como as três letras de uma escrita prévia a qualquer alfabeto. Ou, talvez, como o início de uma carta a ser escrita, mas para quem? Percebo que as dispus sobre o papel branco involuntariamente na mesma direção que segue minha língua escrita: toda “carta” começa à esquerda, ali onde enfiei minhas unhas no tronco da árvore para arrancar a casca (DIDI-HUBERMAN, 2017, p.9).

Narrativa travada por Didi-Huberman, em visita a Auschwitz¹, terra das memórias do Holocausto. Não podemos mensurar a intensidade de sua visita, nem desconjuntar o poder de sua fala articulada às memórias cruéis daquele lugar. Mas, guardando as proporções próprias dos acontecimentos implicados no tempo, o “enfiar minhas unhas no tronco” carrega as sujidades e o comprometimento de estar fincado em um lugar. Ainda assim, as sobras de vida, esses retalhos do que um dia foi árvore, foram enfileiradas na métrica de nossa leitura ocidental, por onde desfilam os olhos. Pedacos esquartejados do que era quase agora, e a memória configurada para ser ficção de uma realidade outra. Criação do lugar do lugar, ainda que ligada a um mesmo: é o que fazemos aqui ao escrever. Também o que Didi-Huberman fez, e o que é do labor próprio de produzir um Outro, no contato repetitivo e diferente com as tramas alongadas ou microscópicas das realidades, que se banham no tempo na medida mesma em que fogem dele.

Com o tempo, percebi que uma certa configuração de meu próprio corpo – baixa estatura, olhos teimosamente míopes a despeito de todos os óculos, um certo medo fundamental – incitava-me a privilegiar as coisas que estão embaixo. Tenho costume de andar olhando para o chão. Alguma coisa deve ter restado de um antiquíssimo – mais valeria dizer infantil – medo de cair (DIDI-HUBERMAN, 2017, p.28).

O meu corpo, esse que carrego inteiro graças às funções ajustadas de se deslocar, não se isenta – ainda que fosse de minha vontade – do que ele é enquanto percorre as pistas, e do que ele foi ainda sendo, dos outros caminhos já dissipados. Dissimulado, ele por vezes falha, e vê mais ou menos na medida em que é confrontado exatamente por ser carne, essa matéria

¹ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. Tradução de André Telles. São Paulo: Editora 34, primeira edição, 2017.

que por vezes inclui “olhos teimosamente míopes”. Mas se “conheço com meu corpo todo” (FREIRE, 2019, p.28), incluo no exercício de pesquisar as minhas miopias de todos os dias, e a vulnerabilidade que elas despertam nas outras partes do que eu sou, junto com as realidades que me cercam e me passam (LARROSA, 2019).

Dos retalhos de que é feita a pesquisa, dos tempos que dimensionam os pedaços, e das imagens que não querem ser para além delas mesmas – mas que apontam mesmo sem querer -, começo esta tarefa de um marco que nunca é o zero. Entender o que de fato precisa ser descrito, e o que se resgata na superfície das descrições, e, sobretudo, o que sobra do que foi dito quando se tiram as mil conjecturas sobre ele, é tarefa que depreende infinitas aberturas. E sabendo da inevitável escolha implicada nas demandas do tempo nosso e dos outros, compreendo finalmente que trabalharei pisando no campo minado das pistas.

Como terreno eu finco os pés no Rio das Pedras, mas preciso explicar o caminho que me fez chegar neste lugar. E por onde se começa uma pesquisa quando supostamente se inverte o fluxo dela? No meu percurso, no campo da prática, nos espaços escolares e nos territórios que circulam e que se abrem ao redor das escolas, enquanto professora de Artes Visuais, que exercita seu ofício com alunos do ensino fundamental e médio, e que desperta nas vontades de pensar o que me olha todos os dias, dentro e fora das salas de aula, iniciei a lógica do que pesquisava mesmo antes de pesquisar. Foi nesse desejo que ingressei no mestrado, depois de dez anos me deslocando por escolas de todas as partes do Rio de Janeiro. Dos tantos bairros e das tantas gentes que cruzei e que me cruzaram ao longo desse caminho, nas práticas cotidianas eu pensava um mundo todos os dias. Algo me incomodava todos os dias, apontando a necessidade de falar e ler e partilhar aquelas coisas e o que reverberava delas. Muito do que eu via e do que me olhava cobrava mais do que uma interpretação que pudesse se apagar no dia seguinte, quando o despertador tocasse marcando o tempo de começar com urgência. No mestrado ensaiei essa vontade. Falei e pensei com pessoas e com imagens, olhei e reolhei a escola e o entorno, e o que cabia nos percursos e nas paragens dos dias. E cada vez que eu olhava e pensava novamente, me dava conta da inesgotável fonte por onde me enveredei já mergulhada: os espaços ocupados dentro e fora da escola, espaços sobretudo periferizados da cidade do Rio de Janeiro.

No doutorado eu seguiria a partir deste emaranhado que havia me metido, com menos certezas do que eu previa. Porque a vida acontece e costuma desfazer e refazer esse monte de expectativas que criamos para viver. Eu acreditava em uma única forma possível de pesquisa, para mim, desejante de investigar os acontecimentos cotidianos de dentro e de fora da escola. Achava só ser possível trilhar este caminho partindo do que os encontros me indiciavam, seja

de que formas fosse. Dependia da vida correndo para me entregar as setas que me levariam aos lugares certos. Sabe aquele rebuliço que sacode quando algo acontece dentro e fora ao mesmo tempo? Eu sempre queria partir disso, do desenho, do barulho, do deslocamento, das frases nos encontros, do que atravessa e que não se quer deixar escapar.

Parei em RP², como é chamado o Rio das Pedras para caber tanta coisa dentro de pouco. E da escola, que previ ancoragem, me desloquei para as ruas. Elas falavam para mim numa frequência tão confusa, e ao mesmo tempo tão familiar, que me tiraram de um ponto fixo – nem tão fixo assim. No movimento, ainda tímido, de saída, ao pensar e viver os deslocamentos no Rio das Pedras, encontramos as memórias do movimento Cine & Rock como via que permitiu pisar fisicamente em um local de paragem da região, a praça do Pinheiro. Cabe ressaltar que este movimento chegou até nós a partir da rememoração de conversas travadas dentro da escola, nas manifestações juvenis sobre seus lugares de encontros. Nas conversas com o principal fundador do ponto de cultura, e nos registros imagéticos espalhados em redes e em veículos de comunicação, que guardaram a história do Cine & Rock, iniciamos nossa reflexão sobre as micropolíticas inventadas nos saberes dos corpos jovens ativos neste território. Da praça do Pinheiro os pés desbravaram outros percursos físicos, que permitiram passar por vias múltiplas em RP, e compreender as andanças como um aspecto metodológico primordial em nossa investigação.

Articulações iniciais feitas, aquela sensação de encaminhamentos como setas, os pés aquecendo nos ensaios das pistas do Rio das Pedras, a cabeça desdobrando as vias possíveis, um mundo de caminhadas e gentes e passagens e paragens. E acontece uma pandemia.

Pesquisa em tempos de pandemia

Depois da conclusão do primeiro ano de doutorado, do primeiro contato com a instituição do programa, dos ajustes de cronograma e de vida implicados na escolha de se formar enquanto pesquisador (formação que se desdobra dentro e fora da academia, sem cessar), desponta 2020. Desponta com ele todos aqueles planos que inscrevemos dentro de nós, com o desejo de que sejam executáveis ao longo do novo tempo do calendário. Aquela sensação de que fizemos menos do que deveríamos no ano anterior, e de que é preciso tirar o ‘atraso’ no ano que se inicia.

² Usaremos RP muitas vezes em nossa pesquisa, como uma abreviação para o nome da localidade, Rio das Pedras, utilizada pelos moradores e por quem circula cotidianamente pela localidade.

O tempo, primeira e fundamental variável do que é possível acontecer. Este que ordenamos no cronograma e que desejamos assim possuir de alguma forma, na suposta zona de conforto do que achamos controlar. Porque depois de cada ‘checklist’, vem uma satisfação interior de ser útil, de preencher o tempo de utilidades, de trazer valor à própria existência no mundo. Tudo parece dentro da perspectiva da previsibilidade. O caos cotidiano segue invariavelmente ocupando o mundo, enquanto cada um de nós se ocupa com o que considera relevante e formador de nossos percursos nele.

Calor de janeiro, retorno de atividades presenciais acadêmicas em fevereiro, aquelas primeiras dúvidas sobre o que seria possível desenvolver no tempo que urge em 2020. Parecia um aquecimento de motores, uma demarcação de retomada das lutas que travamos e que deixamos de molho em 2019. Em março o susto: uma epidemia começa a se desdobrar mundialmente, uma pandemia. Eu nunca havia sequer pensado na palavra pandemia, devo confessar. Ela jamais fez parte do vocabulário dessas gerações que se cruzam por aqui, na minha faixa etária ou nas gerações que vieram posteriormente. É uma palavra para nós engavetada no dicionário. Era até este momento.

A palavra pandemia precisou sair do dicionário. A identificação de sua existência já se dá como uma sensação quase ficcional. Foi preciso retirá-la dali, daquele lugar empoeirado e imóvel, da sua natureza, pelo menos para estas gerações, inerte ao ser somente na teoria. Este despertar nos fez sacudi-la e conferir a ela o seu lugar em outros períodos da história, mas isso só poderia acontecer depois das tantas constatações atualizadas que ela gerou. Antes disso ela é acima de tudo repovoada de significações deste tempo, com conjecturas jamais desdobradas fora deste lugar de agora.

O susto inicial é inevitável. A possibilidade deste acontecimento global estava fora do meu e de muitos tantos cronogramas formulados para permitir o funcionamento de um 2020 provável. Mas o improvável aconteceu. E me vi, junto com tantos pesquisadores e amigos e desconhecidos, presa em um tempo de dúvidas e descobertas, da constatação inicial da impossibilidade de prever todos os roteiros, e de estar à deriva do que se pensa enquanto algo novo acontece. Foram tantas as perguntas que não caberiam nestas linhas, mas talvez a primeira delas se dê na esfera mesma do tempo: o que fazemos do nosso tempo enquanto uma variedade de coisas acontece fora e dentro dele, que supomos, na nossa pequenez, serem impossíveis de se tornarem reais?

Sabemos que muitas coisas acontecem sem cessar em esfera local e global. Na teoria geral sabemos bem. Sabemos menos do que deveríamos na esfera local e muito menos dos acontecimentos a nível mundial. Ironicamente, neste tempo de intensa circulação de

informações, sabemos sempre menos do que deveríamos saber. A informação circula numa velocidade de causar vertigem, e ainda assim sentimos como se nada soubéssemos agora. Assim se desdobra uma corrida sem precedentes para descobrir um amontoado de coisas, para se sentir pertencentes aos acontecimentos que parecem correr bem na frente de nós. Aos tropeços sentimos enquanto pensamos as coisas, mais rápido do que as nossas pernas débeis parecem alcançar.

Depois do susto inicial (que seguirá se reconfigurando ao longo do ano) chega o confinamento. Tudo que prevemos vestir, todos os deslocamentos projetados para acontecer cotidianamente, e os encontros incluídos nesses percursos, se esvaem. Se esvai a ideia do que eles seriam e a realidade de sua presença. Estamos, ou deveríamos estar, todos em seus espaços privados, cada um no seu quadrado. As horas do dia precisam ser novamente pensadas, sem os descontos do tempo gasto para chegar e sair dos tantos lugares, sem o trânsito das avenidas, sem a parada nas esquinas para os cafês.

Como viver e como pesquisar estando somente aqui? Chega a parecer tolo pensar nestas questões ao receber a toda instante mais informações sobre os acometidos pelo vírus gerador desta pandemia, nas contabilizações de mortes e de misérias geradas e, sobretudo, escancaradas por ele. Repensar a pesquisa neste momento implica repensar o próprio viver. Significa repensar os lugares que supomos ocupar na sociedade e nas cidades, tanto os lugares físicos, onde partilhamos o nosso tempo na suposta normalidade dos dias, quanto os espaços invisibilizados pelo ritmo de cumprir as nossas metas cotidianas.

Em casa, recebendo notícias e pensando sobre elas, eu preciso agora entender a própria dinâmica dos dias quando os atravessamentos que os cortam passam a ser outros, e ao mesmo tempo parecem tão estranhamente familiares. As coisas que já aconteciam por toda parte, em especial as coisas que geram ausências e escassez, estão agora escancaradas para quem deseja ou precisa ver. Enquanto isso eu estou aqui dentro, e preciso continuar existindo nessas horas que agora duram diferente. As redes virtuais, que já eram nossas companheiras diárias, passam a ter o seu valor ampliado e multiplicado, e viram as nossas vias principais de contatos. Discussões em grupos de pesquisa, aulas online, materiais recebidos e partilhados, e um amontoado de lives passam a compor essas horas ainda desajustadas dos nossos dias.

Na dimensão relacional de pesquisar, e nas novas e necessárias formas de olhar para os acontecimentos de um outro lugar, sem o toque da materialidade deste mundo e, ao mesmo tempo, diariamente e profundamente sendo tocados por ela, se faz agora o sentido do pesquisador. Os campos práticos, tão caros aos pesquisadores ligados a eles e aos seus cotidianos, cedem lugar às memórias que os redesenham, ao observar sem estar com os pés

fincados nestes tantos lugares. E é neste cenário perturbador e gerador de frustrações que, ao nos abirmos para reconhecer as vias possíveis de contato, somos capazes de redescobrir o território virtual como espaço também de resistência. De resistir fazendo, ainda que embaraçados pelas consequências locais e globais de uma pandemia, um movimento intelectual e sensível diante da vida.

Ainda que confinados em nossos quadrados, não estamos sós neles. Unindo nossas habilidades de nos deslocarmos às ferramentas das redes, somos capazes, ainda que de forma diferente, de visitar e receber a visita de outros lugares. No texto “Judith Butler: O luto é um ato político dentre a pandemia e suas disparidades”, de George Yancy, temos acesso a uma entrevista com Butler, e partilhamos aqui um fragmento que demonstra, como ela mesma diz, a porosidade que define nossa vida social:

Aquilo que outro expira, eu posso inspirar, e algo do meu fôlego pode encontrar o seu caminho para outra pessoa. O traço humano que alguém deixa num objeto pode muito bem ser aquilo em que eu toco, transmito em outra superfície ou absorvo para o meu próprio corpo. Os seres humanos partilham o ar uns com os outros e com os animais; eles partilham as superfícies do mundo. Eles tocam o que os outros tocaram e tocam-se uns aos outros. Estes modos de partilha recíproca e material descrevem uma dimensão crucial da nossa vulnerabilidade, das interligações e da interdependência da nossa vida social materializada (YANCY, 2020, p.37).

Reconhecemos com a intensidade deste tempo toda a vulnerabilidade própria de ser gente, e de produzir coisas e espaços que se ligam a outras gentes, coisas que retornam de alguma forma para nós mesmos. Esta interdependência é com certeza evidenciada em tempos de pandemia. Todavia, esta enfermidade escancara também os tantos outros modos de vulnerabilidade presentes em nossa sociedade, que desvelam as urgências de se pensar o campo das práticas e da própria relevância do pesquisar. Butler, ao falar de seus alunos, e de todos os questionamentos reelaborados nestes tempos de covid -19, apresenta esta espécie de desconforto em refletir sobre o seu próprio papel nos meios em que se insere: “Não é de se admirar que as pessoas se voltem para a poesia e o canto, a escrita e as artes visuais, a história e a teoria para dar sentido ao seu mundo pandêmico, para refletir sobre a questão: O que acontece quando o mundo, tal como o conhecemos, se desmorona?” (YANCY, 2020, p.40).

Sabemos bem que muitos dos nossos questionamentos enquanto pesquisadores, enquanto quem precisa continuar a se movimentar intelectualmente diante e com o que ocorre ao nosso redor, são alimentados pela maior ou menor distância entre quem observa e os acontecimentos. Acontece que, se estamos de fato atentos ao real, não temos agora distância

possível para um olhar menos comprometido com e pelo visto. Não me refiro ao sentido estrito de comprometimento enquanto consciência de fazer parte do vivido, mas no que se refere à abrangência de quem tem as vistas afetadas pela névoa do que se vê. Como Schunack define: “É pensar no olho do furacão, o que não é o mesmo que pensar o olho do furacão. Isso significa que o pensamento se vê privado de uma de suas condições de há muito considerada básica que é o distanciamento” (2020, p.131). E como ela mesmo continua: “Afinal como ver um objeto quando se tem os olhos nele colados?” (SCHUNACK, 2020, p.132).

Os meses iniciais, aqueles próprios do primeiro susto, se esvaem, mas a pandemia não. Uma corrida no campo científico se ergue e se multiplica, na busca por formas de conter as consequências da doença, e se amplia para a produção não de uma, mas de algumas vacinas em diversas regiões do globo. E o segundo choque se dá: o de não se tratar de algo resolvível em alguns meses, mas de se erguer sobre nós uma condição que será nossa companheira por um tempo ainda indeterminado. As relações virtuais terão de continuar, as salas de aula seguirão sem as carteiras e sem o cheiro dos cafés compartilhados. Agora precisamos nos acostumar ao real da tela, aos intervalos em off, aos vídeos e áudios ligados e desligados, que permitem ou não ver os rostos que falam e ouvir as vozes que pensam. É uma ocupação diferente de um espaço diferente, que contém corpos que seguem realojando os sentidos de refletir e pesquisar neste agora.

Chega dezembro³. Um ano se fecha para que um novo desponte. E nunca foi tão diferente se pensar um ano que finaliza e outro que precisa iniciar. A memória não nos permite voltar ao que considerávamos normal até aqui, e se mistura ao que seremos capazes de pensar e de planejar enquanto futuro. A esta altura, as novas estratégias de analisar e refletir sobre os temas que nos tocam já estão postas, ainda que em constante renegociação com a realidade. De alguma forma, a materialidade de nossos corpos foi se realinhando aos espaços de confinamento e aos novos deslocamentos possíveis, ainda que sintamos que algumas peças se desencaixaram e outras foram deixadas nas esquinas das visitas possíveis. E aquele cronograma, lá no início de 2020, contendo as metas em letras coloridas, com os espaços dos oks das metas alcançadas, se desfaz e precisa ser reconfigurado para este novo começo. Planos mais abertos, mais fluidos, com mais linhas vazias, com menos preenchimentos preliminares.

³ Necessário esclarecer que a pandemia ultrapassou e muito a data de finalização desta narrativa, avançando pelo ano de 2021, e sendo controlada a partir do uso da vacina.

Alinhavando as pontas soltas

Nas relações entre os corpos dos sujeitos - na integralidade que é a natureza própria do que elaboraremos aqui enquanto corpo⁴-, e nos espaços onde eles conduzem e produzem os seus modos de viver, maneiras próprias de inventar os lugares retroalimentam tanto os territórios quanto quem os significa. Neste sentido, os espaços são inventados na dinâmica de suas ocupações e, ao mesmo tempo, atravessam os sujeitos que preenchem de significados os seus lugares todos os dias. Os sujeitos, sempre fazedores de lugares, se constituem ao constituírem os espaços que compõem suas relações, e o contexto de suas zonas de encontros é inscrito nas bordas produzidas por ausências e resistências cotidianas.

Mais do que falar de cidades e corpos que a ocupam, o que dispensaria uma energia de multiplicidade que ocuparia uma amplitude dificultadora de mergulhos, falaremos aqui de sujeitos implicados das incidências de um território: o do Rio das Pedras. Com suas particularidades e demandas, seu terreno, fincado na zona oeste do Rio de Janeiro, carrega as marcas das memórias dos passantes, as discrepâncias de uma variedade de poderes e de carências que o constituem, e uma rede de culturas que desemboca e se elabora neste lugar. A juventude, na forma de atualização que a palavra carrega, se apresenta como índice nos modos de ocupar o terreno do Rio das Pedras.

A partir de uma espécie de “bricolagem”⁵, entre as dobras dos pequenos acontecimentos de todos os dias, e o que há de permeável na constituição dos lugares e dos sujeitos que os inventam, à relativa revelia das suas limitações materiais, buscaremos pistas que incidem na tese de que: É na invenção cotidiana, que humaniza os territórios, que os sujeitos criam para além das demandas estratégicas de subsistência de seus corpos. E é na amplitude destes corpos configuradores de lugares, que os espaços são ampliados e realojados em uma lógica que humaniza, ainda que nas bordas, os limites de seu terreno físico e imaginado.

As ferramentas de investigação incluem fragmentos, como os “pedacinhos de casca de árvore” de Didi-Huberman (2017), nos indícios de pontos de paragem e passagem do Rio das Pedras. Os pedaços, que silenciosos estariam somente ali, nos encaminham ao nos afetarem

⁴ O sentido de corpo aqui citado parte da investigação de Le Breton e das variações de leitura ao compreendê-lo em ordens históricas e sociais diferentes, que imbricadas, geram camadas de compreensão para além de leituras estritamente fisiológicas ou contextualizadas a partir de leituras que não se cruzam no entendimento de sua multiplicidade.

⁵ A palavra *bricolagem* é originada do termo francês *bricolage*, que caracteriza uma operação a partir de fragmentos, sobras de recursos reinventados por procedimentos que não implicam no segmento de normas técnicas fixas para se realizarem, dependendo de um movimento artesanal de produção.

enquanto percorremos farejando o território - que é terreno, paisagem, espaço e lugar, tudo ao mesmo tempo. Das pistas – miragens, narrativas e registros imagéticos mapeados em e sobre RP – conduziremos nossa reflexão no diálogo com autores que se debruçaram sobre os corpos que se expandem, os cotidianos que se dilatam, os territórios que se constituem entre luzes e opacidades, e os processos inventivos que se desdobram neste caldo fermentado onde fincamos nossos pés.

No capítulo 1, “Das dobras que ficam depois de habitar”, reunimos as pistas iniciais, que justificam os encaminhamentos e conduzem aos modos próprios de percorrer da pesquisa. Visitamos memórias pessoais para compreendermos de onde viemos e os motivos das setas indicativas de continuidades de análise.

A partir deste primeiro passo chegamos ao segundo capítulo, “Cartografias de percurso de pesquisa”, quando definimos a metodologia da cartografia como um modo privilegiado que contribui para pensarmos e vivermos os lugares enquanto caminhamos por eles. Indicamos a seguir nosso território de pesquisa, o Rio das Pedras, situando as especificidades da região, nosso lugar de partida para a investigação.

Elaboramos o capítulo 3, “Narrativas de presença e memórias revisitadas em RP”, como um mapeamento narrativo de pontos do Rio das Pedras, lugares repletos de memórias, que oferecem fagulhas para exercitar uma análise caminhante, com passagens que nos conduzirão – nunca em linha reta – até a praça do Pinheiro, nosso ponto de paragem que culmina no capítulo a seguir.

O capítulo 4, “Cine & Rock: corpos que sonham seu lugar”, nos conduz para uma espécie de voo rasante, ao partirmos de uma narrativa sobre o movimento para pensar os sentidos de utopias e estéticas despertadas no exercício coletivo, que extrapola os limites significantes do território da praça do Pinheiro, o lugar onde o acontecimento se constitui e se expande para além dos limites da paisagem.

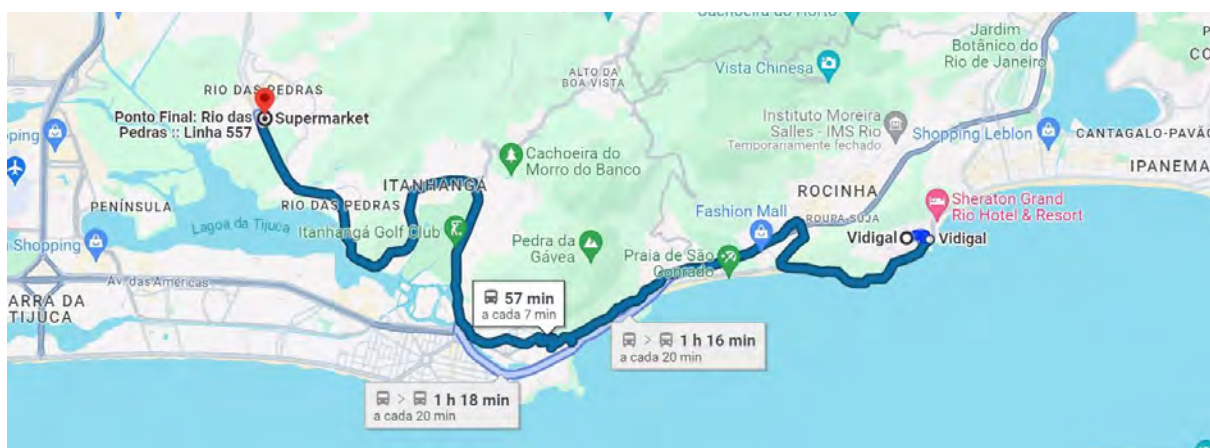
No quinto capítulo, tratamos da relação entre corpo e cidade, e de como os sujeitos e suas múltiplas formas de criar em seu território extrapolam as lógicas determinadas pelas zonas mais ou menos luminosas do mapa. Entre estratégias de manutenção e táticas de existir, os corpos e seus modos integrais de operar esgarçam os limites de um mapeamento definido pelas qualidades ou precariedades dos territórios sempre em disputa.

Perambulações de retorno

Perambular por memórias se fez necessário neste tempo outro, onde o cotidiano e seus deslocamentos precisaram ser refeitos em um lugar que é também de imaginar. Agora, colocando os pés novamente nos deslocamentos das ruas, misturo cotidiano, memória e invenção, na tentativa de realocar os meus sentidos de pesquisa. O retorno tímido para a vida do trânsito e dos movimentos da cidade, junto com os medos e incertezas, e com as máscaras deste tempo, exigem de mim um exercício estético de pesquisar.

O desenho revisita os meus pensamentos inúmeras vezes. Enquanto pesquiso, nas idas e vindas entre os papéis, os livros, os textos em pdf, as fugidas até a cozinha para o café, os voos dirigidos às sugestões de tudo que ocorre ao meu redor. É quando chega a hora de largar a caneta e correr para escola, cruzando a cidade no ônibus lotado. Cruzando os corredores da escola, com uma ocupação rarefeita de um tempo pandêmico.

Imagem 1: Percurso riscado no mapa: Vidigal – Rio das Pedras



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Corto a cidade outra vez, agora na volta, na noite, sem trânsito. O ônibus correndo, riscando o caminho esburacado do Rio das Pedras, da Muzema e da Tijuquinha. O desenho sempre me aparece, numa insistência de fazer sentido. Não se trata de um desenho linear, que começa e termina dentro dos limites da superfície bidimensional de supostas certezas. O que me revisita é o desenho como uma espécie de método estético de investigação, que me permite ir e voltar de pontos dispersos. São instâncias diferentes costuradas na mesma vida, e todas elas rabiscam, em frequências que se tocam em certos momentos, depois correm em linhas paralelas.

Eu começo pela pesquisa, essa reflexão que rabisca, estende e retorna ligando os pontos. Se desenha nas linhas do discurso, nos pontos selecionados, e em apagamentos

gerados no caminho. Aí vem o corte do cotidiano. O despertador toca, a comida no fogo pede a urgência de parar e se deslocar para outra frequência. Me desloco pra cozinha, desenhando o percurso e redesenhando a pesquisa dentro, porque ela não para de se movimentar e não obedece às exigências e paragens das circunstâncias banais: da panela, do fogo e da pressa para chegar em outro lugar.

Enquanto eu me preparo, as camadas vão se acumulando. As demandas cobrando, a pesquisa ainda se desdobrando internamente e o ônibus prestes a passar. Saio de casa. Levo o caderno, que não cabe a pesquisa dentro, o fone que eu desembolo pra produzir mais uma camada sonora, e a pressa de chegar. Pego o 557, Copacabana/Rio das Pedras, no meio do caminho, por isso lotado. Ele vai lentamente desenhando pelo caminho, enquanto as paisagens se modificam. Todas. A do trajeto e dos sons que agora interferem nas reflexões, que desenrolam dentro, e a do fone, que agora solicita um volume maior. E o desenho retoma o seu lugar, como uma espécie de movimento simultâneo.

Já na escola, eu recebo um amontoado de papeis, trabalhos práticos feitos na pandemia e devolvidos agora (18 de dezembro de 2020). Metade amarelado, meio amassado, com todos os tipos de linhas e papéis possíveis (são poucos os possíveis). E eu volto ao risco de pensar no desenho como uma espécie de método, que carrega as manchas e as marcas do seu tempo de existência.

Desenhos constituem narrativas. Não no entendimento literário, nem como pressuposto para algum tipo de linearidade, mas propriamente no ato de sua feitura, e no olhar posterior lançado a eles. Pensamos aqui no sentido artesanal do narrar. Uma linha depois da outra, depois a dúvida, o apagamento, a refeitura, resultado do processo que se deve decidir como sentido final (o final é só uma decisão de interrupção). Linhas, que cruzando e traçando o espaço do papel se embolam com os pensamentos, traduzem de forma mais ou menos torta o movimento das mãos de quem conduz. É produção sempre parcial, registro só de um pedaço do que se pensa por conta desse caminho, mais ou menos distante, entre o pensamento e os sentidos, a tarefa, o instrumento e o papel.

O desenho costuma estar atrelado ao universo de ser criança. De poder brincar com o que não tem importância. Brincar com o que não é limpo nem filtrado antes de ser ou não exposto. Se não for produzido pelo artista, ou pelo técnico, é brinquedo sem tarefa final. Como ferramenta que não morre ao ser consumida, desejamos pensar nos seus começos. Uma espécie de iniciação que tem a ver com o artesanal, com o primitivo no sentido de primeiro. Esta habilidade de dizer com pouco. Com algo que marca e com o que é marcado. Com o lápis e o papel. Ferramenta simples e superfície barata.

O registro do gesto inacabado, ou por falta de habilidades para lidar com o que marca, ou por falta de intimidade com o que é marcado. Nas tentativas de registrar o que ainda se constitui como mistura de pensar e se afetar, e das vias que limitam ou reduzem o caminho da feitura. Mais ou menos regular, o caminho se dá no processo do gesto, torto ou não. O que ele diz é um pedaço de uma atenção que se estende no tempo. E esse tempo, que se amplia ou se economiza, fica impresso no percurso da linha no papel. O resultado só fala de uma fração, mas o caminho do desenho demarca um tempo de fazer, algum tipo de esforço do gesto que aceita se dissipar. De um ponto a outro, assim sucessivamente, até onde se presume dever chegar. Como uma ‘economia do tempo’, onde tudo é importante, e onde cada ação deve caber numa fração, porque ele gasta. Como uma prática que nos religa à relativização do tempo, que redimensiona o fazer, e que teima em desacelerar.

Processar desaceleração é alimentar o perigo de ver, rever, desver e transver⁶. Olhar outra vez é sentir e pensar outra vez. Essa repetição sempre gera novas coisas, que se religam às velhas, que revisitam memórias, que as reinventam, que recompõem o ritmo, que permitem ver e rever o que passa correndo. O tempo de olhar fora e dentro ao mesmo tempo. O que se pensa, o que se sente, o que se pode fazer com essa mão que aponta para o metáfora do papel, neste caminho de idas e vindas. A próxima chance de olhar nunca é igual à primeira. Se algumas próximas vezes couberem dentro do desenho, já podemos considerá-lo como experiência radical. Retornar esse caminhar, de brincar com as ferramentas para sorrir depois, pode nos religar ao que somos.

⁶ “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê” (BARROS, 1996, p.75).

1 DAS DOBRAS⁷ QUE FICAM DEPOIS DE HABITAR

(...) todo animal é duplo, mas de modo heterogêneo, de modo heteromórfico, como a borboleta dobrada na lagarta e que se desdobra (DELEUZE, 1991, p.23)

Imagem 2: A árvore hoje na visita ao meu quintal - terreiro



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

⁷ “Dobrar-desdobrar não significa simplesmente tender-distender, contrair-dilatar, mas envolver-desenvolver, involuir-evoluir. O organismo define-se pela sua capacidade de dobrar suas próprias partes ao infinito e de desdobrá-las não ao infinito, mas até o grau de desenvolvimento consignado à espécie. Desse modo, um organismo está envolvido na semente (pré-formação dos órgãos), e as sementes, como bonecas russas, estão envolvidas umas nas outras até o infinito (encaixe de germes): é a primeira mosca que contém todas as moscas futuras, destinando-se cada uma delas, por sua vez, chegando o momento, a desdobrar suas próprias partes” (DELEUZE, 1991, p.22).

1.1 Memórias do quintal – terreiro

Quando revivo dinamicamente o caminho que “percorria penosamente” a colina, estou certo de que aquele caminho tinha músculos e contra músculos (BACHELARD, 1978, p.204).

Pensar o espaço, e pensar com ele o corpo, esse exercício que faço no caminho da pesquisa, me levou de volta ao lugar da infância. Talvez eu não tivesse clareza até aqui do quanto de memória física implicaria este exercício diário de pensar os lugares. Gosto de mexer o corpo, de subir ladeiras e me equilibrar nas beiradas dos meios-fios. Ainda tenho uma ponta de ladeira no lugar onde moro, nada perto da montanha que subia todos os dias da minha infância.

Lá no início, aqui no Vidigal⁸, de onde escrevo agora, a condução ia só até metade do percurso. Dali se largavam os corpos pra catarem suas disposições variadas, e se prepararem pra subir até onde era preciso. Eu morava lá no topo, e fazer esse caminho não me doía como hoje. Ia acompanhada dos meus pares e de um pacote de biscoito do tipo meio isopor, numa embalagem transparente, sem marca mesmo. Acho que compravam sacos gigantes daquilo, dividiam em porções nos pacotinhos e amarravam a ponta pra revender pertinho da escola. Não dava pra subir sem ele.

A metade mais alta da pista se estreitava e era de terra batida, o que passava fazia subir poeira, e se chovia eram quase certos os escorregões nas poças de lama. Quando eu descia cedinho com mamãe, ouvia repetidamente onde não pisar. Descer fazia forçar os joelhos e subir acho que cansava um pouco a alma. Os colegas paravam no caminho e pediam água de torneira pra beber nas biroschas - era o nome que a gente dava ao que hoje chamam de bares. Era um improvisado, um arremedo de lugar nos cantos que cabia. Lembrar agora faz ficar feito tinta fresca.

Na frente da minha casa, que tinha quintal e também rua de terra, amarrávamos uma linha grossa, tipo fio de luz, de uma ponta da parede até uma árvore não frutífera – que mesmo sem frutos me lembra a mangueira⁹ das memórias de Freire (2019). Era nossa rede de vôlei, e nós – três irmãos –, juntos com os vizinhos, jogávamos até a noite começar. A gente só parava por não ter luz artificial no quintal, e quando a noite caía não dava pra ver quase nada. Na mesma árvore, que hoje é gigante e tem quase a minha idade, meu pai colocou uma

⁸ A comunidade do Vidigal se encontra entre os bairros de São Conrado e do Leblon, com entrada pela Avenida Niemeyer, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

⁹ Em “A sombra desta mangueira”, Freire trazia suas memórias de infância para as análises atualizadas dos sujeitos e suas relações com os seus território de atuação.

cesta de basquete, que ganhou usada no trabalho. Metade da cesta foi literalmente engolida pelo tronco, e agora só resta um pedaço dela aparecendo nas beiradas.

Deitada no quarto, eu olhava o teto de concreto com marcas de improviso, e pensava o que seria ter aqueles bem lisinhos, tipo os que apareciam nas novelas da tv meio ‘chuviscada’. Meu pai subia na laje pra mexer na antena velha, enquanto a gente gritava lá de baixo avisando quando a tela melhorava. A laje era uma extensão fundamental da casa, lá as roupas secavam, as caixas eram acompanhadas até encherem, meu irmão soltava pipa e os gatos circulavam e tomavam banho de sol.

O próprio sonhador sonha racionalmente; para ele, o telhado pontiagudo corta as nuvens. Todos os pensamentos que se ligam ao telhado são claros. No sótão, vê-se, com prazer, a forte ossatura dos vigamentos. Participa-se da sólida geometria do carpinteiro (BACHELARD, 1978, p.209).

Antes da laje a gente viveu a instabilidade das telhas. A geometria de lá ainda não era sólida como a do carpinteiro de Bachelard, mas endureceu por dentro. Lembro de um dia tudo querer voar. No ponto mais alto do Vidigal as ventanias ganhavam proporção e levavam o que bambeava. Nesse dia uma parte do telhado da sala voou. Minha mãe correu com os três pequenos pra garagem do vizinho, e ficamos lá até tudo passar. E eu juro que ainda tenho a memória nevoadada da telha desprendendo, e da aventura estranha que foi cruzar a rua até a garagem desconhecida. Minha mãe tem pavor de vento até hoje. Eu amo secretamente quando a tempestade chega arrastando tudo.

Antes da ideia de mototáxi acontecer, e da escassez de veículos pela impossibilidade de tê-los, a rua principal era tomada por crianças. A rua era meu segundo quintal, pra jogar bola e correr até esfolar o pé. No início da noite, quando não tinha mais luz pras brincadeiras, a gente se sentava no meio-fio e comia aquelas balas e chicletes com frases e tatuagens dentro. Era o lugar do encontro quando as redes nem existiam. Quase todos nós tínhamos uma agenda pra guardar esses pedaços de embalagens e matos e conchas e restos dos dias, com clips coloridos de plástico. Quando o ano terminava, ela tinha de estar lotada de sobras e sem conseguir fechar. Nossa outra tecnologia era a pasta de papéis de carta. Coloridos, grandes ou pequenos, eram trocados por um valor inventado, e os amassados eram passados a ferro para parecerem novos.

Voltando para o quintal, tinha um balanço feito de madeira que era um acontecimento. Quem poderia ter um balanço artesanal pra brincar no terreiro de casa? Quintal é um nome bonito que dou aqui enquanto escrevo, mas pra gente sempre foi terreiro. Quando eu

balançava tinha um cheiro cítrico de xampu verde que não lembro o nome, era uma rotina de tardinha depois do banho. No terreno em ladeira atrás de casa a gente escorregava com um resto de fórmica de cadeira velha, com a parte escorregadia pra baixo.

Na exata medida em que caminhamos, caminham também as nossas memórias. Ainda que pareçam paradas em um outro tempo, ao visitá-las as modificamos, visto que olhamos com outros olhos e sentimos com outros corpos (com o nosso corpo modificado, e com os corpos que agora nos acompanham) (BERINO; SANTOS, 2022, p.95).

Ainda tenho as cicatrizes na perna, de quando errava o percurso e ia parar na cerca de arame farpado que limitava o que era nosso. E eu sei que embora essas marcas ainda me remetam à casa antiga, elas não são mais só o que ficou fixado na pele - minha e daquele lugar.

1.2 Sobre a cor-pele dos tijolos

Notemos que há poucos sonhadores de ninhos que amem os ninhos de andorinha feitos, dizem eles, de saliva e de lama (BACHELARD, 1978, p.263).

Imagem 3: Vidigal da minha janela



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Lembro do poder que os tijolos aparentes exerciam em mim quando olho para eles ainda hoje. É uma espécie de constrangimento de estar nu. Assim como em RP, na comunidade do Vidigal, boa parte das construções param no percurso, antes das camadas do reboco, do emboço e da tinta. Ou continuam, anos depois, nos trocados guardados, dilatando em puxadinhos os espaços que cabem de improviso. Na minha infância era mais visível, porque a camada essencial dos tijolos invadia os espaços dentro das casas, e fazia lembrar todos os dias o que faltava. Embora a matéria das edificações pareça só coisa de construir, ela invade os corpos e suas formas de ser e de ver o que é real e o que poderia ser.

Estudar no asfalto, na zona sul do Rio de Janeiro, fazia o vermelho dos tijolos parecer mais vermelho. Os prédios de superfícies apuradas ocupavam uma geometria perfeita, como se não tivesse gente dentro. Parecia miragem no contraste com o mar do Leblon. E andar nas ruas retas afrouxava as partes do corpo e comprimia o direito da presença. Ao meio-dia eu voltava pra ladeira, e na intensidade da subida os tijolos confundiam uma casa na outra, sem a amenidade dos fins e dos começos. Como um secreto invadido – o secreto das estruturas –, faltava a roupa das casas. A gente brincava muito nas ruas, a falta da roupa das casas encolhia seus espaços de abertura e ampliava a dimensão do resto. A dimensão varia de acordo com o que se olha de perto.

Como “a concha do caracol, a casa que cresce na mesma medida de seu hóspede” (BACHELARD, 1978, p.274), as casas, feitas aos pedaços, eram aprimoradas nas extensões possíveis do tempo. E cada pequena parte, que passasse a se assemelhar, ainda como um arremedo, às paredes lisas dos prédios do asfalto, virava modelo do que deveria ser. Mas não dava para apagar o vermelho dos tijolos, ainda que camuflado numa mistura de água e cal.

Na vizinhança a gente juntou tijolos que sobraram de construções, eles viraram as cadeiras do clubinho “Café com leite”. Espalhávamos os blocos no quintal de uma grande amiga, e fazíamos reuniões de temas que não lembro agora. Mas lembro da festa de aniversário de alguma boneca ou bicho, com bolos e bebidas de verdade.

1.3 Itinerário formativo riscado no mapa

Parece então que é por sua "imensidão" que os dois espaços: o espaço da intimidade e o espaço do mundo se tornam consoantes. Quando se aprofunda a grande solidão do homem, as duas imensidões se tocam, se confundem (BACHELARD, 1978, p.329).

Nos anos de minhas andanças de estudos e trabalho - incluo os dois movimentos no que considero meu itinerário formativo - me apropriei de tantos lugares que hoje parecem um emaranhado de memórias. Busquei uma forma de planificar os pensamentos em marcações no mapa. Sempre adorei os mapas, mas nunca fui boa em decorar nomes ou dispor de forma ordenada na memória os lugares por onde circulei desde que iniciei a graduação. Pensei nesta tarefa como um exercício de revisita dos desafios e dos afetos que vivi cotidianamente ao circular pelo estado do Rio de Janeiro. O perto quase nunca foi o que se apresentou como opção no breve arsenal de escolhas que minha vista era capaz de alcançar.

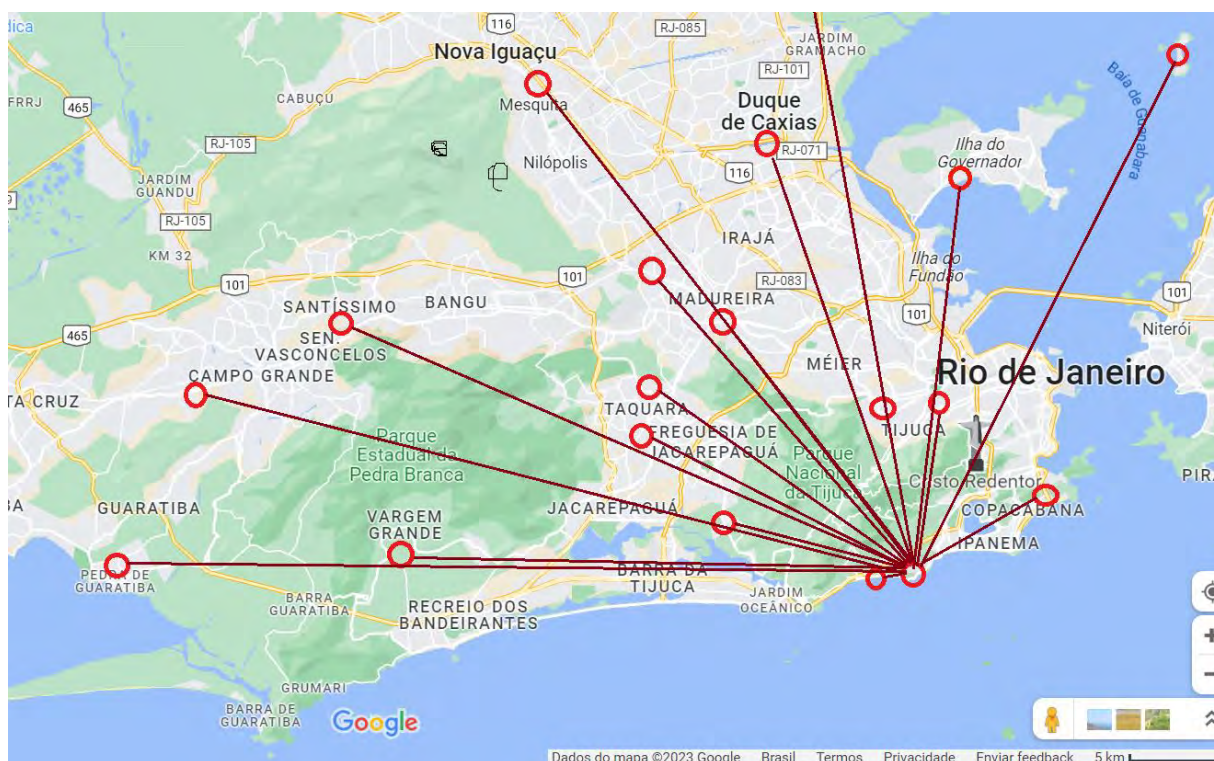
Moradora do Vidigal desde sempre, estudante da rede pública até o antigo oitavo ano do ensino fundamental, me agarrei em uma oportunidade de bolsa de estudos em uma escola particular do ensino médio, ainda perto de casa. Quem me apresentou a chance foi uma professora de Artes da rede municipal. Eu era aquela aluna apaixonada, que fazia perguntas e lavava todos os pincéis no fim das aulas. Em troca estagiei na mesma escola ao longo dos três anos, e me vi envolvida em tarefas que iam além das que uma estudante de uma escola de bairro nobre normalmente teria. Acho que foi a primeira sensação de desencaixe que meus afetos registraram sem apagar até aqui: chegar de uma escola pública, com as marcas de moradora de uma comunidade no Rio, em uma escola com hábitos tão diferentes dos que havia vivenciado até aquele momento. Me “misturei” ao longo do ensino médio e medieei minhas demandas internas. Posso dizer que convenci o coletivo de que fazia parte daquele espaço, ainda que internamente me sentisse sempre como devedora não sei bem de que. Fiz bons amigos, mas me reduzi muitas vezes para caber naquele lugar que pedia por roupas e bens das mais variadas ordens, coisas que eu não tinha.

Ingressei na UERJ em 2002, para cursar Artes Plásticas. Foi meu primeiro grande voo pelo mapa, acreditava realmente que meu deslocamento cotidiano era enorme. Me mantive na escola de origem no período da tarde, agora como funcionária, e partia cedinho todos os dias para o Maracanã. O pouco dinheiro que recebia garantia o deslocamento, as cópias semanais, os lanches necessários para me manter de pé, e alguns materiais que gastava nas disciplinas práticas. Ainda que não me sobrasse o tempo pós aula, quando a galera permanecia na faculdade para aproveitar as atividades que desenrolavam pela tarde, senti um campo de reconhecimento se abrir. Na correria entre um tempo e outro cruzava e conversava com gente de muitas partes da cidade e até mesmo do estado, presenciava gostos e formas de comunicação diferentes, e senti que a vida era maior do que as descidas e subidas do morro do Vidigal.

Em 2007, já licenciada e bacharel em Artes Plásticas, e ainda trabalhando perto de casa, participei de um processo seletivo e fui lecionar em uma escola privada em Vargem Grande, começando a entender qual era o tamanho da nossa cidade. Nos anos seguintes, a ainda em escolas particulares, circulei por Madureira, Tijuca e Vila Valqueire. Os meios de transporte começaram a variar, como possibilidades na cidade e como necessidades minhas. Fui constatando na prática o que já sabia na teoria: as pessoas são diversas e as formas de viver e de manifestar vontades são múltiplas, e os desafios de todos os dias imprimem modos de operar nas – e apesar das – vias que nem sempre facilitavam os caminhos.

A seguir exponho o meu mapa itinerário riscado, marcando os pontos de paragem e as linhas de passagem que me constituíram e me formam como professora e estudante da cidade.

Imagem 3: Itinerário formativo riscado no mapa



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

As marcações retas não definem a quantidade de curvas que os percursos me custaram e ainda me custam, já que no meio dos caminhos tem coisas e gentes que alteram o plano dos mapas todos os dias. Ainda assim me servem nessa tentativa de mapeamento mental que faço agora.

Em 2010, ingresso na rede Estadual¹⁰ do Rio de Janeiro, e experimento estar no ensino público pela primeira vez do outro lado da história. Sou alocada em um Ciep em Santíssimo, região de Campo Grande. Lembro do susto do primeiro dia de aula, ao entrar em uma turma de sexto ano com uma média de 45 alunos. Me senti uma adolescente outra vez, buscando formas de demonstrar que tinha controle sobre meu atos, agora somados ao conhecimento teórico que supunha ser garantia de sucesso nas práticas do magistério. A essa altura já estava em escolas diferentes, em bairros de regiões opostas do mapa, criando formas de chegar de uma direção a outra no tempo mais curto possível.

Juntando as escolas por onde lecionava, com os cuidados de uma filha de quase cinco anos, considerei o momento oportuno para retomar os estudos e iniciar uma especialização em Ensino da Arte aos sábados. Estudar me fazia olhar diferente para as escolas, e estar nelas criava em mim perspectivas do que gostaria de transformar em pesquisa. Compreendi que já pesquisava todos os dias, nas longas idas e vindas, que gastava pensando e cruzando acontecimentos cotidianos com textos e discussões que travava aos sábados em uma universidade¹¹ particular na Tijuca.

Segui fazendo concursos e em 2012 ingressei na rede municipal¹² do Rio. A partir de então já havia entendido que meu lugar de reconhecimento enquanto professora era a rede pública, onde via sentido em lidar com os desafios que tinha de travar todos os dias. Pedi demissão das escolas particulares em que ainda trabalhava e conciliei as redes estadual e municipal. Considerei, erroneamente, que garantiria uma rotina mais tranquila a partir de então, mas me deparei com novos deslocamentos toda vez que faltavam tempos para fechar minha grade nas mesmas escolas. Em 2014 fui convocada na FAETEC¹³, e troquei a escola municipal a 15 minutos de casa por idas e vindas para Marechal Hermes. Ainda desbravei alguns bairros nos anos seguintes de rede estadual, conseguindo alocar alguns anos depois meus tempos em uma escola no Rio das Pedras.

Em 2014 ingressei no mestrado em uma universidade em Petrópolis¹⁴, subindo a serra toda semana para cursar disciplinas e retornar a tempo de pegar o horário da noite na escola. Retomando o desencaixe que insistia em me assombrar, e considerando impossível manter os gastos de tal empreitada, me preparei para as seleções públicas, iniciando o mestrado na UERJ em 2015, em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, no campus de

¹⁰ SEEDUC – Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro.

¹¹ Curso de Especialização em Ensino da Arte, realizado na Universidade Veiga de Almeida, no bairro da Tijuca.

¹² SME – Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

¹³ FAETEC – Fundação de Apoio à Escola Técnica/ Secretaria de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.

¹⁴ UCP – Universidade Católica de Petrópolis.

Duque de Caxias. Foi um momento importante de formação, e encarar o desafio do deslocamento semanal para Baixada Fluminense foi parte crucial do entendimento de pesquisa, vinculado ao meu interesse pelas relações travadas entre os sujeitos e seus cotidianos em áreas diferentes do mapa do estado, sobretudo em lugares periferizados por onde circulei ao longo desses anos. De alguma forma retornava ao Vidigal mentalmente, mesmo antes de todas as tarefas de cada dia findarem. Pontos de convergência saltavam nesses lugares, como se eu me visse em casa a cada expansão que os deslocamentos e desvios me forçassem a fazer todos os dias. O meu entendimento de ser e de viver, que cruzava de ônibus, de trem, de BRT e de metrô, riscando o mapa todos os dias, era modificado e ao mesmo tempo familiarizado com a diversidade que me afetava nos lugares de passagem e de paragem.

Ainda no mestrado vislumbrei essa espécie de mistura entre gentes e lugares, que se manifestava para mim como alguma coisa ainda sem nome. O não nomeável me parecia estar no campo de uma certa poética dos espaços de circulação, quando coisas a princípio rotineiras eram atravessadas por sensibilidades que saltavam da relação entre as pessoas e os lugares cruzados e ocupados por elas. Na pesquisa me debrucei em narrativas que desenrolavam-se partindo das duas regiões onde lecionava todos os dias: Marechal Hermes¹⁵ e Rio das Pedras, posicionadas em pontos bem diferentes do meu itinerário cotidiano. Não tentei descrever similaridades e diferenças entre os bairros e os sujeitos que fizeram parte desta empreitada, mas me sentia de alguma forma comovida pelas vivências das duas vias, e não conseguia neutralizar o desejo de abarcar os territórios como um polvo, postura que por vezes me custava um foco mais realista sobre os modos e os tempos próprios de qualquer investigação.

Em 2019 iniciei o doutorado no PPGEduc/UFRRJ e segui lecionando nas redes SEEDUC e FAETEC. Ao longo do doutorado, guiada pela mistura de uma necessidade de expansão com as fatalidades dos anos que se seguiram, minha investigação saio dos muros da escola. Com a pandemia, que se estendeu por quase 3 anos, até as formas de encarar a realidade e os seus desvios foram ampliadas. Nas escolas, nos mantivemos por boa parte deste tempo amparados pelos estudos a distância, tendo que aprender formas de trabalhar e de pesquisar sob outra perspectiva. A rua que já me olhava com sua gente, e me gerava uma curiosidade difícil de nomear, virou também saudade, e se misturou com memória e ficção. Minha pesquisa pisou nas ruas antes de eu poder voltar a caminhar por elas. O Rio das Pedras

¹⁵ Bairro localizado na zona norte do Rio de Janeiro.

se intensificou como este lugar de investigação, me fazendo buscar paragens nos movimentos que projetavam em mim tantos afetos.

1.4 A escola da noite me lançou pra fora dela – ou sobre territorialidades partilhadas

Primeiro dia de aula. Turma lotada, quase 40. Alguns conversam animados, outros olham ao redor, suspiram, arrumam os cabelos, apelam para os celulares. Primeira proposta geral da escola: um ‘texto sondagem’, pede-se para que os alunos falem resumidamente sobre suas origens, suas dúvidas e seus planos.

Uns começam, outros gargalham e procuram canetas, papéis, a postura ideal na cadeira. Lá no canto alguém olha para o lado, examina o início de texto do colega. Mas como repetir a mesma narrativa?

Não se trata de um tema com conteúdo esmiuçado no currículo mínimo. É para escrever a partir de suas memórias, ou de como organizam os pedaços do que já viveram, tudo em pouquíssimas linhas. Um deles pergunta: “Só 15 linhas?” O outro grita: “Faz o meu também, então!”

Uma das regras é utilizar o rascunho. Uma jovem ao fundo se zanga: “Não preciso de rascunho pra escrever sobre isso, faço como vier na memória!” A menina ao lado retruca: “Mas na minha memória tá tudo misturado!” Alguns outros riem. Um momento de silêncio. Todos concentrados.

O que escrevem? Eu me pergunto calada. Um jovem fala: “Não dá pra escrever tudo numa folha!” O colega ao lado diz: “Faz um resumo. Mas como vou fazer um resumo da minha vida?” Risos e depois silêncio.

Quando eles conversam o tempo voa, quando silenciam é uma eternidade. Um olha pro teto, parece tentar organizar o pensamento. Traduzir um turbilhão em 15 linhas. Lá no canto um jovem diz: “O que posso escrever aqui? Tem coisa que não dá pra escrever, né fessora?” Risadas. E eu penso sobre o que pode ou não escrever na escola. Guardo a pergunta pra mim.

Uma aluna olha o seu reflexo no celular e arruma os cabelos. Olha pra trás pra ver se a colega acabou. A gente olha e tende a questionar, tentando entender o que se passa por trás de cada gesto. Como se tudo devesse ter um ‘por trás’. Me pego mais uma vez curiosa, querendo ler o que foi escrito em cada papel, como se fosse possível desvendar um pouquinho de cada um ali. Porque cada um nessa multidão de alunos, hoje na escola, traz consigo tantas coisas. As memórias não se repetem, se cruzam mas não se repetem.

Alguns já começam a se mexer nas carteiras. Complicado se manter atento num calor de quase 40 graus, numa sala com ventiladores que fraquejam. “A gente começa achando que não tem nada pra dizer- comenta um aluno- e já se foram 40 linhas. Tenho que transformar em 15”.

Segundo dia de aula. Mais uma atividade inicial: ‘sondagem de matemática’. As provas demoraram pra chegar, os alunos não. Eram muitos na sala, bem mais que trinta. Nos minutos de espera eles conversavam e buscavam os lugares mais confortáveis, dentro das possibilidades do nosso espaço. O ventilador barulhento grita nos ouvidos, sacode os cabelos, mas só vento quente.

As provas chegam e são distribuídas, 5 páginas de matemática. Um deles suspira aliviado: “Ainda bem que é múltipla escola! Nem lembro mais o que é matemática”. O grupo de trás, uns oito alunos, recebe a prova e devolve em 5 minutos. “Mas já?”—A galera diz em coro. Eles respondem

sorridentes, alguns arrumando seus bonés, outros guardando as canetas: “Chefe é chefe, né pai!” Algumas risadas e retorno ao silêncio inicial.

Um quarto da turma se foi nos primeiros minutos, restam três quartos resistentes alunos. Olhos para o teto, sorriso pro colega ao lado, reorganização dos corpos nas carteiras. Uma aluna, lá no cantinho direito, se prepara pra levantar e diz: “Minhas costas estão doendo! Como se concentrar nessa cadeira desconfortável? Guentomais não, vou entregar”. Outra entrega em seguida. Mais da metade da turma se mantém firme.

Uma aluna, sentada bem na frente, comenta baixinho: “eu que não quero ficar na última turma do segundo ano, vou ficar até o fim!”. Alguns comentam acreditar que a prova serviria para organizar os alunos nas turmas, dos mais bem colocados para os de maior dificuldade nas disciplinas. Um de trás grita que isso não faz sentido, que todos estão viajando.

Restam 16. Concentrados, dois deles fazem contas nos dedos. Um boceja e aperta a testa, outro apoia o queixo com uma das mãos. A menina sentada em uma das carteiras do meio sorri e confessa: “Ainda pensei em faltar hoje... o que tô fazendo aqui?”. Vários alunos entregam e se vão. Restam 4. Silêncio. Um coça a cabeça e sacode a caneta, depois remarca com ela o que tinha feito à lápis. Os outros 3 permanecem em silêncio. Eles foram até o fim.

Aos poucos os jovens vão descendo a rampa da escola. Alguns comentam questões nesse trajeto. No final do caminho, quase nos portões da escola, um grupo de rapazes comenta alto e brevemente o desempenho na prova: “Pô, vou ficar na turma de repetentes outra vez esse ano...”. Seu colega ironiza: “Mas tu é repetente, cara! Tem que ficar na turma de bicho solto mesmo!” Risadas. Um terceiro jovem comemora: “Eu sou padrão!”¹⁶

A temperatura da escola me afronta todos os dias. Já não sou a professora de 2017, mas muito dela sobrevive dentro de mim. Em Rio das Pedras eu achei essa espécie de lugar familiar, no fim de 2016, quando cheguei nessa escola da rede pública, depois de rodar por tantas outras. Ao longo dos últimos sete anos ela foi se transformando, por dentro e por fora. Fomos atropelados pela pandemia, por implicações políticas dos últimos anos, pelos poderes paralelos que pairam e fincam os pés em diferentes áreas da Zona Oeste, pelas impossibilidades diversas e pelas transformações que acontecem sem cessar.

A escola me lançou para fora dela. Não me expulsou, não me impediu de vivê-la. Com tudo de turvo e de risco, que agita vários pontos da Zona Oeste do Rio, eu subo todos os dias a rampa de sua arquitetura de Ciep sabendo exatamente o que estou fazendo ali, e é exatamente onde eu deveria estar. Mas todas as pistas, algumas supostamente pequeninas, como as que narrei nesses dois dias de 2017, outras maiores, que me levaram a capítulos neste trabalho, encaminham a vista para a amplitude física do território do Rio das Pedras.

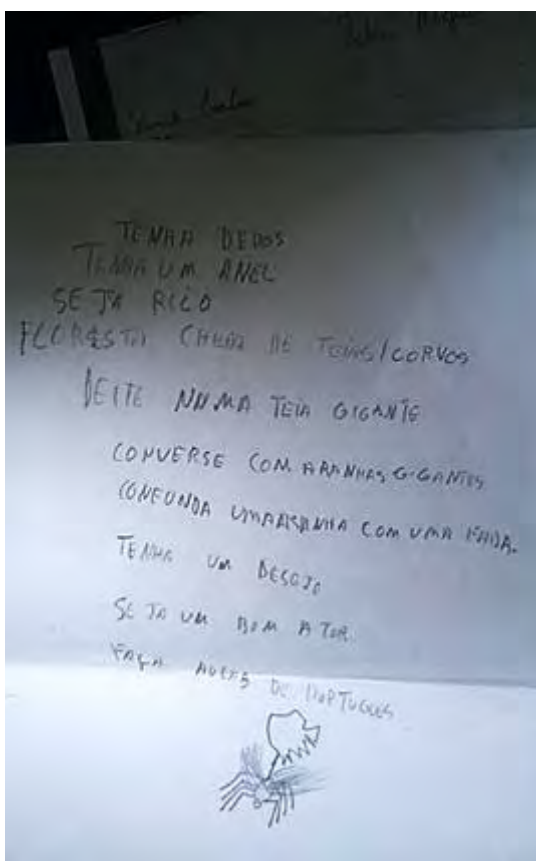
A escola me lançou fora dela, levando-a por dentro. Nunca saí por inteiro da escola, ainda que meu corpo tenha escolhido circular por fora de seus muros. As setas que me

¹⁶ Narrativas pessoais dos dois primeiros dias letivos de 2017, na escola do Rio das Pedras.

levaram aos deslocamentos foram traçadas dentro dela, e os modos de fitar os saberes de todas as partes não poderia existir fora do meu corpo também de professora. Nessa profusão, de tantos modos de saber, que já acontecem todos os dias dentro do cotidiano escolar, a rua me trouxe uma arquitetura de urgência.

Rememoro aqui dois pedaços estilhaçados da amplitude escola, de tempos outros, numa tentativa de costurar imagens que flertaram comigo ainda em 2017, quando minha experiência de pesquisadora iniciante se dissipava no eixo em que me deslocava todos os dias. Duas imagens de escolas diferentes, a primeira de Marechal Hermes e a segunda do Rio das Pedras. Dois registros de caderno, que não foram feitos para servir a tarefa escolar alguma. Eles me fitaram na intimidade travada nas salas de aula, na olhada bem de perto enquanto se faziam outras coisas que deveriam ser feitas.

Imagem 5: Registro de caderno: Tenha dedos. Tenha um anel.¹⁷



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Tenha dedos
Tenha um anel

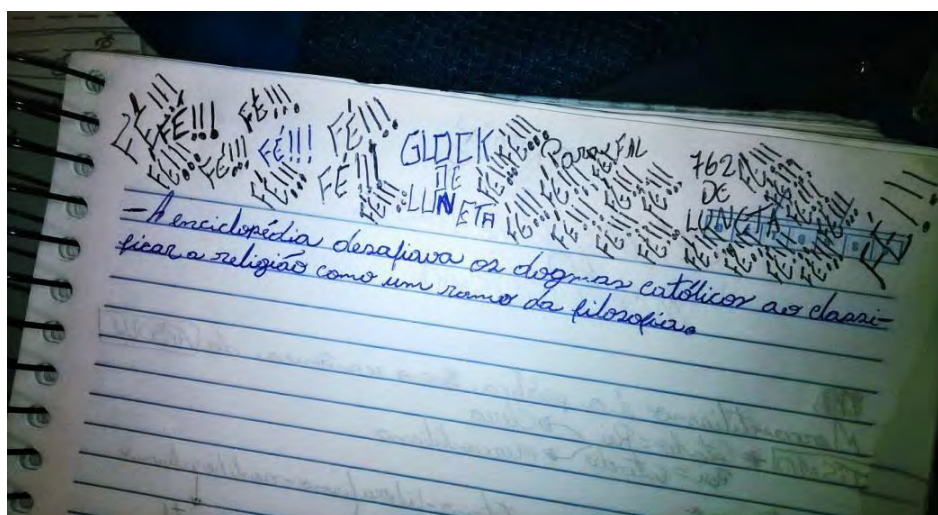
¹⁷ Registro de caderno (em turma de nono ano do ensino fundamental) em uma escola pública de Marechal Hermes.

Seja rico
 Floresta cheia de teias/corvos
 Deite numa teia gigante
 Converse com aranhas gigantes
 Confunda uma aranha com uma fada
 Tenha um desejo
 Seja um bom ator
 Faça aulas de português

As prescrições, segundo o aluno, serviriam como um rascunho de roteiro para a produção de uma “Fanfic”¹⁸ - uma narrativa ficcional. O desejo de ampliação aqui se dá na espera do ficcional, na preparação para preenchimentos de outros territórios, nas suas vias de virtualidade. A produção se expande para além dela mesma, mas só depois do exercício de rascunhar. Ainda em 2017 eu me vi rascunhando essa espécie de saída ainda estando dentro. As rasuras que antecedem a prática das prescrições necessitam de idas e vindas. E criar esta espécie de mapeamento do caminho, antes dos deslocamentos – tanto físicos quanto virtuais – se engendrava a partir destas pistas de vazamento. O texto e o que ele é capaz de evocar amplia seus sentidos depois de passar pela plasticidade da dúvida.

Na escola - aos solavancos -, me atravessava tanto o poético e solar desses micro registros feitos nem sempre para serem vistos, quando os sustos das palavras cruzadas violentas nos cantos dos cadernos.

Imagem 6: Registro de caderno – Fé e Glock de luneta¹⁹



Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

¹⁸ Fanfic, grafada também como *fanfiction*, ou abreviada como *fic*, se configura como narrativa ficcional, produzida e veiculada por fãs das mais diversas variações de mídias. Já foram referenciadas como fanzines, quando ainda se caracterizava como material impresso. Atualmente as produções são publicadas em redes virtuais diversas, consumidas e apropriadas por seus usuários.

¹⁹ Registro de caderno (em turma de segunda série do ensino médio) em uma escola pública do Rio das Pedras.

Nas bordas dos cadernos eu acessei a memória do território usado, desestabilizado nas fronteiras da linguagem. O aparentemente inusitado se encontrava numa estranha harmonia de possíveis opostos. O território usado, ou como diz Paulo Carrano, “o pedaço”, desestabiliza as expectativas de oposições do que deve ser dito ou preenchido.

Neste sentido, o território usado ou o “pedaço” pode transbordar limites definidos ao território, no espaço físico, ou pode encolher esses limites recortados, que estamos chamando de território como recorte do espaço físico. O território usado transborda ou encolhe, o “pedaço” cresce ou diminui, não é um fixo, é um mix de fixo e fluxo, de técnica com ação, de objetos com práticas sociais (CARRANO, 2014, p.22).

Neste misto de fixo e fluxo, os territórios imaginados, o escolar e o da rua, se encontram sempre, nas variações e limitações demandadas por cada esfera que se fite, recortada ou justaposta. E a escolha de que terreno privilegiar, ainda que um esteja dentro do outro, é feita aos pedaços. Nos anos seguintes, aos pinçados nos registros de cadernos, o movimento de investigação saiu dos muros da escola com ela mesma na bagagem. A mirada do mapa realocou as engrenagens, e a imagem abaixo virou uma memória atualizada nos motivos que as linhas cruzadas retomam como índice.

Imagem 7: Territórios que se cruzam em RP



Fonte: Arquivo pessoal, 03/12/2022.

O registro de atividade, desenvolvida em dezembro de 2022, pela professora de Química das turmas de ensino médio do Rio das Pedras, se dá como índice de nossas conversas sobre os lugares que se cruzam na região a partir da migração de outras partes do país. Sobretudo nordestinos, lutando por condições mais dignas de vida, realocam suas histórias no Rio das Pedras, e redefinem as lógicas do território.

É nesta vastidão que a pesquisa se alimenta das micropolíticas das ruas, que estão dentro da escola e fora dela. Como uma escolha, mais do que pensada, vivida nos caminhos percorridos nas idas e vindas, os fragmentos recortados aqui me lançaram para fora dos muros que guardam um pedaço meu dentro.

Imagem 8: Fragmentos para Mapa-Muro do Rio das Pedras



Fonte: LabIT – Intervenções Temporárias²⁰. Acesso em 22/11/2022.

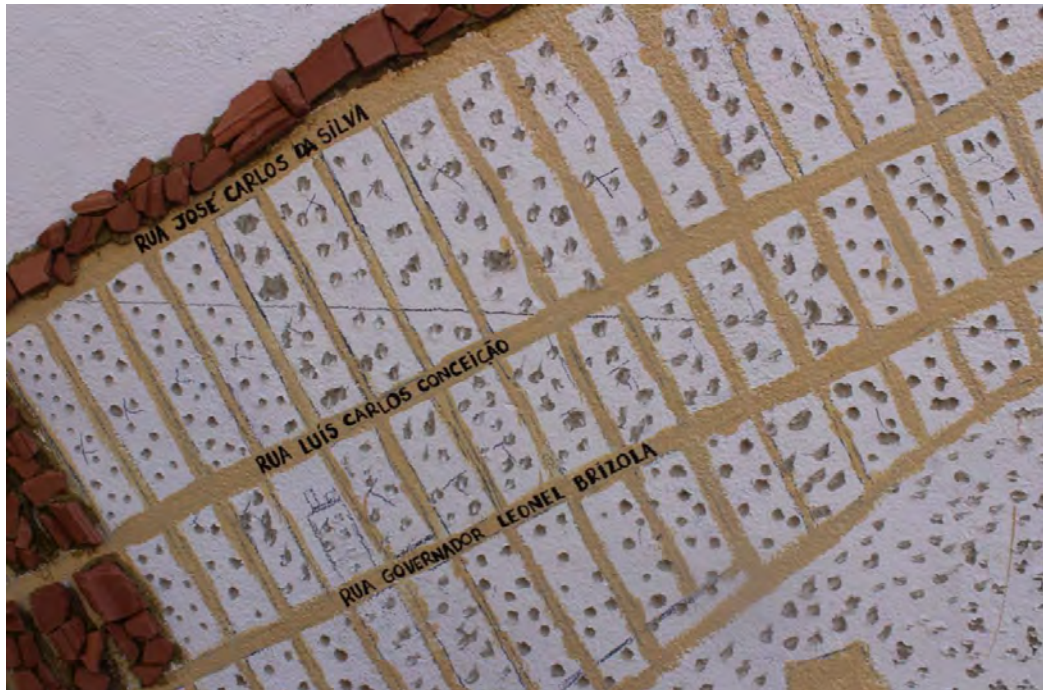
As microperecepções, ou representantes do mundo, são essas pequenas dobras em todos os sentidos, dobras em dobras, sobre dobras, conforme dobras, um quadro de Hantai ou uma alucinação tóxica de Clérambault. São essas pequenas percepções obscuras, confusas, que compõem nossas macroperecepções, nossas aperecepções conscientes, claras e distintas: uma percepção consciente jamais aconteceria se ela não integrasse um conjunto infinito de pequenas percepções que desequilibram a macroperecepção precedente e preparam a seguinte. Como uma dor sucederia a um prazer, se mil pequenas dores, ou melhor, semidores que vão reunir-se na dor consciente, já não estivessem dispersas no prazer? (DELEUZE, 1991, p.131).

²⁰ LabIT – Intervenções Temporárias²⁰ <https://intervencoestemporarias.com.br/intervencao/mapa-muro/> Acesso em 22/11/2022.

Na mirada quase infantil para as minhas memórias de tijolo, reencontrei nos pedaços espalhados pelas ruas uma espécie de modo de operar pisando de dobra em dobra. Das pequenas percepções, desestabilizadoras das representações estáveis de aprender, busquei desdobrar o caminho considerando cada pequeno ponto pisado como um índice para modos variáveis de saberes no território partilhado.

Os mapas não devem ser compreendidos só em extensão, em relação a um espaço constituído por trajetos. Existem também mapas de intensidade, de densidade, que dizem respeito ao que preenche o espaço, ao que subtece o trajeto. (Deleuze, 1997, p.86).

Imagem 9: Base picotada para Mapa-Muro do Rio das Pedras



Fonte: LabIT – Intervenções Temporárias²¹

Tomamos de empréstimo a afirmação de Carrano, para terminar de fincar os nossos pés nos saberes das ruas: “As cidades não são educativas em abstrato. O potencial educativo de uma cidade corresponde tanto ao que se refere à oferta e à organização das estruturas sociais e culturais urbanas, como quanto à quantidade e à qualidade dos relacionamentos que os sujeitos estabelecem (CARRANO, 2001, p.19). No tensionamento entre conformidade e resistência, o espaço relacional da cidade é reelaborado sem cessar como prática educativa.

²¹ LabIT – Intervenções Temporárias <https://intervencoestemporarias.com.br/intervencao/mapa-muro/> Acesso em 22/11/2022.

2 CARTOGRAFIAS DE PERCURSOS DE PESQUISA

2.1 Cartografia ou modos de mergulhar

As proposições possíveis são pistas, que convertem em pontos centrais de toda pesquisa, na tentativa de compreender os traçados dos jovens que inventam e resistem nos espaços que habitam. É preciso compreender que pensar e experienciar não são simples complementaridades, mas partes de um mesmo sistema, que converte em dados dizíveis o próprio mergulho na dinâmica real, assumindo o pensar e o agir como atos que carregam em si vestígios de uma rede de vivências e afetos. As pistas vão sendo levantadas numa relação direta com a atenção envolvida nos atos em constante variação. Como nos aponta Kastrup, a atenção pousa em um fato, ou em um ato, que carrega em si significações sensíveis ao que se busca enquanto questão no campo.

O que fazemos quando somos atraídos por algo que obriga o pouso da atenção e exige a reconfiguração do território da observação? Se perguntamos "o que é isto?" saímos da suspensão e retornamos ao regime da reconhecimento. A atitude investigativa do cartógrafo seria mais adequadamente formulada como um "vamos ver o que está acontecendo", pois o que está em jogo é acompanhar um processo, e não representar um objeto (KASTRUP, 2009, p.44).

Nos terrenos acidentados desta experimentação cartográfica, se vai explorando e desdobrando significados, e é nesta constante desterritorialização que pontos de atenção são potencializados na plasticidade das experiências. Recorrendo a Maffesoli, quando ele entende o saber como, de certa forma, iniciático (2001, p.27), nos diz que o potencial do pensamento e da produção de saberes inclui, também e com força desbravadora, experiências que alcançam graus de refinamento tal que chegam a emanar uma força quase ritualística em relação à vida e seus fluxos. Ele referencia a fogueira como sendo mais do que madeira e cinza, e esta metáfora nos permite perceber a força da junção dos tantos elementos que compõem as experiências, e a possibilidade do surgimento de novos elementos a partir destas conjunções. Separando os elementos de maneira sistemática, estes perdem suas potencialidades enquanto partes de um processo de energias em consonância, e viram fragmentos inertes. Juntos possibilitam trocas físicas e energéticas que dão luz à novos acontecimentos. Maffesoli nos apresenta "aquilo que introduz a um pensamento acariciante, que pouco se importa com a ilusão da verdade, que

não propõe um sentido definitivo das coisas e das pessoas, mas que se empenha sempre em manter-se a caminho” (2001, p.166).

Partindo do princípio de rizoma²², de Deleuze e Guattari, a cartografia se dá como um mapa de vias múltiplas, onde as entradas e saídas se dão em muitas camadas no engendramento de uma investigação. Então, a noção de unidade, de um modo compartimentado, que se distingue invariavelmente por elementos dispostos um após o outro, é substituído por uma variabilidade processual de entradas que permite leituras diversas de uma determinada realidade. O ponto focal desse entendimento é a impossibilidade e a incompatibilidade de se definir um centro onde gravitariam todas as definições tratadas como verdades.

A rigorosidade de um exercício de pesquisa não se dá aqui a partir de uma verticalidade de pontos que são ligados uns aos outros a partir de uma referência comum. O rigor está no percurso, na maneira genuína de se deslocar pelo caminho e no movimento próprio da vida.

Um princípio inicial para o exercício do cartógrafo é partir da ideia de pistas, e não de regras fixas. Na obra “O método da cartografia”, se fala em “calibragem do caminhar” (KASTRUP E OUTROS, 2009, p.13). A tarefa de imprimir mais ou menos pressão, ou a contensão e a dispersão das forças que regem o deslocar cartográfico, se faz de acordo com o campo onde se desdobra o movimento.

Numa perspectiva atencional, partimos das elaborações de Kastrup para compreender as etapas da atenção no exercício cartográfico. O tatear da atenção se desenrola sem um fechamento imediato. Ao tatear, forças são mobilizadas, tanto as da imaginação quanto as das memórias e das práticas dos lugares, como uma etapa do processo de cartografar. Kastrup, ao tratar do funcionamento da atenção para o cartógrafo, elabora a variabilidade da atenção, no sentido de facilitação de entendimento, e não de cristalização dessas etapas. Ela diz que, em um primeiro momento: “o rastreio é de um gesto de varredura do campo” (KASTRUP, 2009, p.40). Não se busca um alvo de forma objetiva, mas uma abertura para que as pistas se configurem na sensibilidade do percurso. O rastreio necessita de uma atitude receptiva e ativa diante do percurso, para que pontos de interesse sejam acionados, ainda que de modo não registrável.

²² Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 35).

A partir do toque, que gera essa zona de interesse da atenção, que ainda não é delimitável, o pouso se dá como um movimento em que a percepção realiza uma espécie de paragem em movimento. A autora deixa claro que o pouso não é uma parada, no sentido de ausência do exercício atencional, ele se dá como um modo outro de atenção, como uma espécie de zoom que se molda nesta etapa da cartografia.

Ao narrar a enumeração das cinco janelas de Vermersch²³, que subdivide o exercício da atenção em dispositivos de entendimento: “ (...) a joia, a página do livro, a sala, o pátio e a paisagem” (KASTRUP, 2009, p.43), se observa suas diferentes modulações envolvidas nas práticas. É possível vislumbrar a potência da atenção através destes recortes, com centros e margens provisórias, que ampliam ou reduzem suas zonas, numa compreensão pontual dos acontecimentos. Mas este fluxo de entrada nesse experimental provisório, e sua saída para um olhar panorâmico da janela-paisagem, é o gerador das vias múltiplas da cartografia. Neste sentido, não se dissipa a necessidade da variabilidade do exercício da atenção, visto que só o múltiplo dá conta das formas que as realidades nos tocam e que participamos dialogicamente delas. Segundo Kastrup:

O reconhecimento atento é o quarto gesto ou variedade atencional. O que fazemos quando somos atraídos por algo que obriga o pouso da atenção e exige a reconfiguração do território da observação? Se perguntamos "o que é isto?" saímos da suspensão e retornamos ao regime da reconhecimento. A atitude investigativa do cartógrafo seria mais adequadamente formulada como um "vamos ver o que está acontecendo", pois o que está em jogo é acompanhar um processo, e não representar um objeto. É preciso então calibrar novamente o funcionamento da atenção, repetindo mais uma vez o gesto de suspensão (KASTRUP, 2009, p.44/45).

²³ “Vermersch enumera cinco janelas-tipo, pautadas em suportes historicamente relacionados a práticas cognitivas, técnicas e culturais. São elas a joia, a página do livro, a sala, o pátio e a paisagem. A primeira é uma janela micro, que funciona na escala da atividade do joalheiro, da bordadeira e do leitor minucioso. É uma atenção que se caracteriza por uma atividade eminentemente focal. Sem se distribuir e percorrer outros espaços além daquele visado, ela aumenta a magnitude do enquadramento e inibe as bordas do campo perceptivo. Sua tradução comportamental é a cessação dos movimentos. Um de seus traços característicos é que ela é capaz de produzir o fenômeno de cegueira atencional (Mack e Rock, 1998), que consiste na eliminação absoluta do entorno, ou seja, do que está fora do foco. A segunda é a janela, através da qual se faz uma entrada no campo perceptivo, seguida de movimentos de orientação, comportando já indícios de distribuição da atenção. A terceira é a janela-sala, que já permite a atenção dividida. Comporta focalização, mas também assimila uma multiplicidade de partes com graus de nitidez diferenciados. Aparece como ponto novo o movimento da cabeça e do próprio corpo no espaço. A janela-pátio é típica das atividades de deslocamento e orientação. Envolve detecção e é preponderante na atividade do caçador. A janela-paisagem é uma janela panorâmica, capaz de detectar elementos próximos e distantes e conectá-los através de movimentos rápidos” (KASTRUP, 2009, p. 43/44).

O que observamos nesta espécie de percurso da atenção, é que ela vibra a partir da sua própria movimentação diante, e dentro, dos acontecimentos. As quatro variantes descritas por Kastrup não se fecham em si mesmas. No desenrolar deste exercício, que culmina no gesto de reconhecimento atento do cartografar, a própria culminância em si já apresenta a necessidade de um novo gesto de suspensão, que inviabiliza as certezas cristalizadas. O retorno não se dá para o ponto inicial, se configura na direção de um ponto outro, no entendimento rizomático que abre novas linhas de deslocamento a partir da maturação elaborada no próprio deslocamento.

Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quando de uma conversa ou de um tratado de filosofia. O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado (ROLNIK, 2011, p.65).

Imagem 10: Registro de mural²⁴ em RP



Fonte: Fonte: LabIT – Intervenções Temporárias

Iniciando a leitura de Ítalo Calvino, “As Cidades Invisíveis”²⁵, enveredei na busca de referências objetivas, das frases de efeito, de algo que me trouxesse algum grau de exatidão ao tratar deste mergulho cartográfico nos sentidos de cidades. Antes mesmo da leitura eu criei

²⁴ LabIT – Intervenções Temporárias <https://intervencoestemporarias.com.br/intervencao/mapa-muro/> Acesso em 22/11/2022.

²⁵ CALVINO, Ítalo. As cidades invisíveis. São Paulo: Biblioteca Folha. 2003.

internamente um sentido para as cidades invisíveis, com um olhar mergulhado e contaminado de pesquisa. Procurava nas frestas do textos setas que conversassem com o campo onde eu me debatia. Considerando a distância histórica e de contexto, sabíamos que a correlação absoluta seria impossível, a aproximação só ocorreria no campo das implicações particulares, do campo e dos dispositivos pessoais e coletivos de pesquisa.

Ao iniciar a leitura me deparei com narrativas de um caminhante na cidade, e no conteúdo concreto ou imaginário dos diálogos travados. O que percebemos, para frustração presente e posterior satisfação, é que a forma de narrar os lugares trazia muito do sentido de cidade e de pensá-la estando dentro dela. Cada narrativa se entrelaçava com uma experimentação afetiva dos lugares e das ferramentas oferecidas por eles, e de como o nosso olhar faz com que sonhemos, desejemos e inventemos lugares, com tudo que reverbera de presença e de memória nos contatos. A partir desse entendimento, não foram as cidades em si que chamaram atenção na retórica do trabalho, mas as formas de senti-las e interpretá-las, como quem fala de dentro. De fora parece haver uma espécie de tentativa conclusiva de compreensão textual, mas as narrativas de Calvino passeiam elas mesma na teia do texto, como se as palavras se deslocassem embebidas no percurso das frases, como quem habita e visita os lugares que sempre mudam.

Passa uma moça balançando uma sombrinha apoiada no ombro, e um pouco das ancas, também. Passa uma mulher vestida de preto que demonstra toda a sua idade, com os olhos inquietos debaixo do véu e os lábios tremulantes. Passa um gigante tatuado; um homem jovem com os cabelos brancos; uma anã; duas gêmeas vestidas de coral. Corre alguma coisa entre eles, uma troca de olhares como se fossem linhas que ligam uma figura à outra e desenham flechas, estrelas, triângulos, até esgotar num instante todas as combinações possíveis, e outras personagens entram em cena: um cego com um guepardo na coleira, uma cortesã com um leque de penas de avestruz, um efebo, uma mulher-canhão. Assim, entre aqueles que por acaso procuram abrigo da chuva sob o pórtico, ou aglomeram-se sob uma tenda do bazar, ou param para ouvir a banda da praça, consumam-se encontros, sedução, abraços, orgias, sem que se troque uma palavra, sem que se toque um dedo, quase sem levantar os olhos (CALVINO, 2003, p.29).

Desenhos de segundos de histórias que só acontecem porque alguém observa. Uma parte do que acontece está de fato na fração de segundos, e a outra acontece porque alguém olha. “Algo na narração escapa a ordem daquilo que é suficiente ou necessário saber, e por seus traços está subordinado ao estilo das táticas” (CERTEAU, 1998, p.154).

É o humor de quem a olha que dá forma à cidade de Zembrude. Quem passa assobiando, com o nariz empinado por causa do assobio, conhece-a de baixo para cima: parapeitos, cortinas ao vento, esguichos. Quem caminha com o queixo no peito, com as unhas fincadas nas palmas das mãos, cravará os olhos à altura do chão, dos córregos, das fossas, das redes de pesca, da papelada. Não se pode dizer que um aspecto da cidade seja mais verdadeiro do que o outro, porém ouve-se falar de Zembrude de cima sobretudo por parte de quem se recorda dela ao penetrar na Zembrude de baixo, percorrendo todos os dias as mesmas ruas e reencontrando de manhã o mau humor do dia anterior incrustado ao pé dos muros. Cedo ou tarde chega o dia que abaixamos o olhar para os tubos dos beirais e não conseguimos mais distingui-los da calçada. O caso inverso não é impossível, mas é mais raro: por isso, continuamos a andar pelas ruas de Zembrude com os olhos que agora escavam até as adegas, os alicerces, os poços (CALVINO, 2003, p.29).

O que é texto, o que é discussão sobre texto, e o que são as reflexões sobre essas discussões, são como camadas, que se sobrepõem e se cruzam, através do peso ou da leveza de determinada situação, uma camada sobre outra. A configuração dessas camadas não é definitiva, na medida em que a valoração de uma sobre a outra se refaz a cada passo. O exercício da pesquisa em cada passo faz com que algumas camadas se tornem primordiais em determinados momentos do percurso. E quando eu penso que a discussão sobre a teoria definitivamente responde a todas as perguntas, eu caminho pela cidade e me perco outra vez no mapa, no físico e do discursivo. Como diz Certeau: “Tal como o dos poetas ou pintores, o saber fazer das práticas cotidianas não seria conhecido se não pelo intérprete que o esclarece no seu espelho discursivo, mas que não o possui tampouco” (CERTEAU, 1998, p.143). Rememoração como acontecimento que se vincula ao ato: “O modo da rememoração é conforme ao modo da inscrição. Talvez a memória seja ali apenas essa rememoração, ou chamamento pelo outro, cuja impressão se traçaria como em sobrecarga sobre um corpo a muito tempo alterado já, mas sem o saber” (CERTEAU, 1998, p.163). O que seria esse corpo que já foi modificado mas ainda não se sabe – e que, na presença das práticas se descobre?

De um quadro, há somente, deliciosa ferida, esse azul profundo. De um corpo, esse brilho de um olhar, ou esse granulado de uma brancura que apareceu no entreabrir-se de uma encrespadora. Essas particularidades têm a força de demonstrativos: aquele sujeito ao longe que passava inclinado...aquele odor que nem se sabe de onde subia...Detalhes cinzelados, singularidades intensas funcionam já na memória quando intervêm na ocasião (CERTEAU, 1998, p.164).

2.2 Imagens – pistas: Registros costurados no percurso

Imagem 11: Sem título



Fonte: Facebook – Ponto de Cultura Cine & Rock²⁶

Decidi então tomar como guia de minha nova análise a atração que eu sentia por certas fotos. Pois pelo menos dessa atração eu estava certo. Como chamá-la? Fascinação? Não, tal fotografia que destaco e de que gosto não tem nada do ponto brilhante que balança diante dos olhos e que faz a cabeça oscilar; o que ela produz em mim é exatamente o contrário do estupor; antes da agitação interior, uma festa, um trabalho também, a pressão do indizível que quer se dizer. Então? Interesse? Isso é insuficiente; não tenho interesse de interrogar minha comoção para enumerar as diferentes razões que temos para nos interessarmos por uma foto; podemos: seja desejar o objeto, a paisagem, o corpo que ela representa; seja amar ou ter amado o ser que ela nos dá a reconhecer; seja espantarmo-nos com o que vemos; seja admirar ou discutir o desempenho do fotógrafo, etc.; mas esses interesses são frouxos, heterogêneos; tal foto pode satisfazer a um deles e me interessar pouco; e se tal outra me interessa muito, eu gostaria de saber o que, nessa foto, me dá o estalo. Assim, parecia-me que a palavra mais adequada para designar (provisoriamente) a atração que sobre mim exercem certas fotos era a aventura. Tal foto me advém, tal outra não (BARTHES, 1984, p.35/36).

²⁶ <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2993744423971164&set=a.2993744067304533> Acesso em 07/05/2023.

O início é sempre um atropelamento. De memórias e reconhecimentos, embora só o tempo desvele as camadas sobrepostas, que não findam na crença de ter desvendado uma pele. Sempre abaixo dela temos outra, e outra e outra... As finas camadas, retiradas de sua condição vital, da organicidade das estruturas vivas, secariam como casca de árvore velha, e se deitariam no terreno que já é outra coisa. Mas pensar sobre as peles, enquanto experimentamos a sua atuação, nas organizações fluídas ou rígidas, faz delas matéria em constante regeneração. Não abandonaremos portanto as peles, que arrancamos enquanto investigamos de corpo inteiro, aceitemos elas coladas umas às outras, ou soltas provisoriamente por aqui.

As peles soltas, indícios da investigação que caminha – numa direção nem sempre progressiva -, são nossos guias na honestidade do seu tempo. Então, como na decisão de Barthes, tomaremos os registros como fios condutores, na tentativa de entender o uso das imagens presentes no trabalho como pistas para uma aventura. Eu poderia escolher uma infinidade de caminhos, percorridos pelas imagens compreendidas como índices, que dizem dentro de si e para além delas mesmas. E se eu fizesse este mesmo caminho pela segunda vez, possivelmente as imagens elencadas seriam outras, porque neste empreendimento cartográfico as pedras ou pontes do caminho não permanecem todas nos mesmos lugares. Ainda que os muros estejam lá – antes de serem derrubados por uma empreitada qualquer -, as pedras eu e outros pisamos e chutamos, ou a chuva leva escoadas nos pavimentos mais ou menos inclinados.

Então partimos ancorados na perspectiva da aventura. As imagens pistas, elencadas em camadas, por vezes sobrepostas, foram sendo articuladas a partir das ferramentas de busca e de susto que nortearam a investigação: registros das redes sociais dos movimentos desdobrados no Rio das Pedras; reportagens e notícias divulgadas virtualmente; Google Maps como acesso de vista aérea e de marcação de pontos (convergentes ou não); e alguns registros autorais. Cada tópico de pesquisa, pensado individualmente e, ao mesmo tempo, na sua condição de parte de um todo, chamava o passo a seguir, ou exigia um recuo para pontos que surgiam dos embates cotidianos, e que pareciam fazer parte de uma estrutura anterior a ele mesmo. Neste sentido, tanto as idas e vindas no território de RP, quanto os retornos aos indícios da memória, se vinculam ao movimento próprio da investigação, que simula roteiros para desarticulá-los depois. Desdobrar as peles da pesquisa se deu assim: no campo das andanças diárias; no desenvolvimento textual quase nunca linear; e na tarefa de encontrar ou ser encontrada pelas imagens – textos de outra ordem.

Não tratamos aqui da esfera do fantástico, de imagens que surgiram descompromissadas e pousaram na pesquisa, e como diz Barthes: “(...) uma foto é sempre invisível, não é ela que vemos (1984, p.16)”. No fatal de seu enunciado, não devemos lê-lo de modo derradeiro. O que ele nos aponta é que o registro é, ao mesmo tempo: o sistema de signos implicado em sua configuração; o encaminhamento de leitura e a aparelhagem utilizada para tal tarefa; um empreendimento que depura culturas e memórias associadas a ele; e, ao mesmo tempo, o “punctum”²⁷, “como uma flecha, e vem me transpassar” (1984, p.46).

Como na aventura de Barthes, “(...) eu só via o referente, o objeto desejado, o corpo prezado; mas uma voz importuna (a voz da ciência) então me dizia em tom severo: “Volte à Fotografia (...)” (1984, p.17). Feridas de ordens diferentes: as que as imagens cortavam em mim; e as que a voz da ciência insistia em me fazer lembrar. Voltar do subsolo do espanto para o encadeamento próprio de uma pesquisa, seja de que campo for, é tarefa dolorida e necessária para ver duas vezes – ou quantas vezes forem necessárias. Depois da primeira “picada” (p.46) é preciso enxergar outra vez. As prescrições só podem ser fraturadas em um exercício de incansável retorno. Como o olhar na perspectiva do mapa, que veremos tanto ao longo desta investigação, pisar nas fissuras do terreno implica não só um corpo em movimento, mas ângulos e pontos de vista ajustados no exercício de focar e tomar distância. Reconhecendo a ferida primeira, a etapa seguinte – que pode acontecer inúmeras vezes -, escurece e clareia na medida entre o jogo de lançar luz e espreitar. E cada imagem, vista primeiro como ponto solitário, ou como pista amarrada a um conjunto operado nos diferentes veículos que a fizeram convergir na pesquisa, vira agora parte de um mapeamento que a ressignifica, como parte de um conjunto que presume coesão. Ainda que no primeiro olhar eu me desejasse “selvagem, sem cultura”(1984, p.17), como sonhou Barthes, as imagens existiam em mim por uma espécie de conexão – que carrega também em si as dobras sociais e culturais vividas -, virando elas mesmas cola de ligação das peles da pesquisa, mantendo-as irrigadas exatamente pela tarefa árdua do repetitivo retorno.

Partindo da “consciência de minha comoção” (1984, p.22), foi necessário olhar na distância da ligadura entre as camadas, porque o depois do partir sempre vem. E a cada tópico desenvolvido, em suas cobranças de seguir em frente ou recuar, eu mirava mais uma vez o grupo de imagens que vinha se firmando como índice. Cada imagem, uma após ou antes da outra, virava mais do que ela mesma, ainda que conservasse em si o movimento iniciático do espanto. Cada uma ganhava consistência no diálogo que ia se formando, passo a passo, no

²⁷ “O punctum de uma foto é esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere)” (BARTHES, 1984, p.46).

corpo da pesquisa. E nas reflexões desenroladas nas andanças, buscar as imagens passou a contar também com o que foi encontrado antes, numa espécie de encadeamento que se justificava pela interdependência de imagens únicas.

2.3 Juventudes e cidade

Imagem 12: Brincando na praça do Pinheiro



Fonte: Facebook – Cine & Rock²⁸

Tomando de empréstimo as palavras de Certeau, percebemos no caminhar dos passantes “sistemas reais cuja existência faz efetivamente a cidade” (1998, p.176) É neste processo transitório que se molda significativamente a cidade, e as imagens presentes na cidade são apenas indícios dessas andanças que não findam no tempo de passagem, mas que permanecem ecoando através destes registros enquanto durar a materialidade que lhes

²⁸ <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2393849933960619&set=a.2393849520627327>
07/05/2023 Sessão CineClub - 13/04/2019

forneceu corpo. Mais do que simplesmente infringir normas da urbanidade planejada, criam diferentes maneiras de se fazerem presentes após sua passagem, numa tentativa de permanecerem vivos em seus espaços significantes, como quem tenta abarcar o tempo da trajetória no instante da produção. E como nos aponta Certeau, as formas de reconhecer espaços são proporcionais aos próprios processos implicados no caminhar:

Certamente, os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de maneira a transcrever-lhes os traços (aqui densos, ali mais leves) e as trajetórias (passando por aqui e não por lá). Mas essas curvas em cheios ou em vazios remetem somente, como palavras, à ausência daquilo que passou (CERTEAU, 1998, p.176).

A cidade e suas tantas formas de circulação nos remete a um discurso não linear que permite caminhos e desvios, e o próprio pensamento se reconfigura na cidade e assume seu caráter transitório. O traçado urbano se torna efetivamente visível quando encarado como um composto orgânico das práticas concretas de seus habitantes. As fronteiras estrategicamente desenhadas pelo projeto do que viria a ser, são reestruturadas pelas táticas das experiências cotidianas. A cidade mapa se apresenta como cenário inacabado, e as ações humanas dotam de vitalidade suas fronteiras. Novas maneiras de ver a cidade fundam novas formas de ocupação.

Pais (2016, p.75) nos serve como referência: “Se o tempo segue as rotas de uma linha contínua (a flecha do tempo), basta medir a sua orientação para que conheçamos a sua trajetória. Mas o futuro dos jovens parece esgueirar-se da flecha do tempo”. O tempo segue inegavelmente e, cedo ou tarde, as novas necessidades de cada etapa cobram a sua cota, mas sua forma e intensidade modificam-se constantemente, e não existe mais nessa via acelerada o detentor de todas as fórmulas que desembocam no futuro.

Inseridos na conjuntura múltipla e complexa da contemporaneidade, os jovens engendram formas de ser e de estar no cotidiano, visto que o movimento é externo e interno. As experiências no mundo seguem uma lógica dupla no embate entre as emoções internas e as formas como essas vivências acontecem no exterior. Assim Melucci aponta:

Existe particularmente uma clara separação entre os tempos interiores (tempos que cada indivíduo vive sua experiência interna, afeições, emoções) e tempos exteriores marcados por ritmos diferentes e regulado pelas múltiplas esferas de pertencimento de cada indivíduo (MELLUCI, 2007, p.33).

Nunca teremos total acesso à intensidade de seus tempos interiores, já que sua manifestação é sempre parcial e recortada pelas incertezas dos tempos do mundo. As formas de ser jovem não se limitam às suas reações presenciadas entre os agenciamentos cotidianos, podemos apenas tatear suas experiências de mundo e supor formas de ampliar suas expectativas de viver e suas maneiras de reinventar os espaços que circulam.

O esgarçamento ou a compressão das dimensões do tempo é um exercício reflexivo, que se refina enquanto é experimentado, e grande parte dessa tarefa está contida nas vias que são detectadas no hoje. Leccardi aponta a imprevisibilidade dos acontecimentos do presente como oportunidades de se inventar enquanto caminha:

Concluindo: em uma época na qual o futuro a médio e longo prazos não pode ser discutido sem suscitar preocupações e, com frequência, um sentimento de verdadeiro temor, um método de ação baseado no “avaliar a cada vez”, no “quando as portas se abrem para mim devo procurar não fechá-las”, no “aproveitar as oportunidades no momento em que aparecem”, pode representar uma estratégia racional para transformar a imprevisibilidade em uma chance de vida, para transformar a opacidade do futuro em uma oportunidade para o presente, para dispor-se positivamente diante do futuro (LECCARDI, 2005, p.53).

As preocupações em relação ao futuro não estão todas contidas nas fórmulas preparadas pelas gerações anteriores às de nossos jovens, visto que os próprios desafios do seu presente se vestem com outras roupagens. As possibilidades ou limitações do presente passam a achatar as distâncias temporais, e isso não se define como algo necessariamente negativo, estamos diante das múltiplas formas de encarar o que vem depois. A juventude como um ‘lapso de tempo’, um período de pura preparação para o futuro, não cabe mais nessa determinação

A partir dos seus encontros, os jovens reconfiguram possibilidades de existência na comunidade do Rio das Pedras. Ressignificam os espaços que ocupam a partir de suas manifestações estéticas. Nesta perspectiva, a região é redefinida a partir de sua circulação e atuação coletiva, ao ocupar e inventar nos seus espaços. Através dos seus encontros, os jovens criam para além da escassez, e inventam os seus lugares, esteticamente preenchidos por possibilidades que ampliam suas formas de atuação. Em seu exercício, de certa forma “poetizam” o Rio das Pedras, reconfiguram suas formas de pensar sobre o seu território, e consequentemente sobre si mesmos. Criar o espaço imaginado, que é também um espaço sonhado, permite reelaborar as próprias formas de produzir nestes lugares e de compreendê-

los. Corpos que criam para além das lógicas supostamente instauradas, do que é ou não correto ser, das formas presumidas de existir e de pertencer aos lugares.

Quando os jovens inventam no exercício de ocupação de seu próprio território, reduzem, também interna e externamente a precariedade de só sobreviver. Experimentar repetidamente seus corpos ocupantes de lugares, significa esgarçar os limites de ocupação que suas manifestações inventam. O espaço esgarçado reduz outros espaços limitantes, em seu território, nas suas formulações coletivas e no interior de cada jovem implicado nos eventos. Quando este corpo cria, no espaço de expansão do que estava ocupado pela precariedade, ele “empurra” as limitações no seu exercício estético deste território. Ao ampliar os espaços de liberdade, reduz, ainda que no exercício do sonhar, os sentidos de precariedade dos lugares e dos corpos. Ampliar a lista do que é considerado primordial para viver é um exercício próprio dos corpos, e na atuação discutem também o que se dá enquanto precariedade dos seus lugares de deslocamento.

Pela juventude se constituir sobretudo a partir dos encontros, como uma necessidade intensificada dessa faixa etária, esse embate constitui e afeta simultaneamente suas formas de existência. O corpo se manifesta no espaço, ao fazê-lo no coletivo, interfere na constituição do corpo outro. E quando ele cria neste espaço de expansão, que é o que chamados aqui de “criador de beleza”, que vai além do que poderíamos chamar de necessidades de subsistência, ele modifica o outro, e ao modificar o outro ele é também modificado. Nesse sentido, esses encontros estão nas instâncias políticas de viver esses lugares.

E tratando de lugares, pensando nos lugares, o corpo só pode criar ao manifestar e reverberar as possibilidades geradas neles. O corpo não se expande no vazio. E o corpo jovem não se constitui plenamente na solidão. Os encontros só acontecem em lugares, mas reverberam, durante e depois dos acontecimentos, na invenção de possibilidades de realidade. E pensando nos lugares existentes também como lugares imaginados, refletimos sobre os jovens que vivem e que também sonham no exercício dos encontros.

Como aponta Paulo Freire, “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo” (FREIRE, 1994, p.45). Os jovens, que ocupam e ressignificam os seus lugares de circulação, potencialmente dialogam ao forjarem os seus encontros, se constituem e constituem o mundo em relação. Mediatizado pelo mundo recebe uma variedade de estímulos, de todas as direções. Superficiais, a princípio desconexos ou profundos, essa ressonância ecoa do/no mundo e entre os sujeitos, e estes ‘colhem’, com mais ou menos clareza, o que lhe é ofertado, o que ele se põe a acolher, e o que inventa nos desdobramentos dos encontros.

Através dos retalhos recortados de uma dada realidade, e dos sentidos dados aos pedaços organizados, os jovens também pronunciam o mundo e, inevitavelmente, a si mesmos. Pronunciar o mundo não pode se confundir com um dizer que manifesta hierarquização de quem fala e de quem ouve, já que a relação se dá com o mundo, anterior à própria externalização dos achados, e com o outro, que também fala e pronuncia. Uma comunicação verticalizada não é diálogo para Freire. Como ele mesmo esclarece: “A conquista implícita do diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro” (FREIRE, 1994, p.45).

Freire nos convida a pensar nas pessoas como agentes de suas relações, e na empreitada joga luz sobre as escolhas e as omissões nem sempre explícitas nestas dinâmicas. Ao falar sobre ensinar e aprender ele afirma que ambos “não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 1996, p.90). Liga boniteza, procura e alegria, não permitindo que pensemos no ‘bonito’ fora de seus campos de disputa, visto que ele não é desconectado do que se investiga e das reações sensíveis que se dão nesta pesquisa ativa e contínua diante e na vida.

Na busca pelo que de estético se apresenta nas elaborações dos encontros jovens, e em como esta procura se faz no campo do entendimento da integralidade dos corpos que partilham territórios, chegamos em um pensamento de Paulo Freire. O que compreende como “solidariedade entre mentes e mãos” (FREIRE, 1996, p.58), implica em uma compreensão de corpos que desenvolvem o seu potencial criador e transformador no exercício da partilha. Ao desvendar as próprias dúvidas e dores, os jovens reconhecem no outro suas qualidades e suas diferenças. São capazes de elaborar formas de intervir inventivamente no mundo ao identificar as possibilidades plurais de representar seus anseios, como parte de uma busca coletiva.

Neste sentido, o movimento de humanização proposto por Freire se faz não por corpos preenchidos apenas de sensações e frustrações, ou encerrados apenas na forma fragmentária e limitada de olhar para si, apenas considerando seus recursos individuais, ou ainda, recipientes que se reduzem e se coisificam ao serem esgotados. A compreensão plena de ser gente se alcança no entendimento entre corpos que se sabem corpos, que reconhecem a pluralidade de sua expressividade, e que forjam suas inteligências próprias ao se reconhecerem na formação de integrar a vida social. O corpo, que se manifesta no espaço, ao fazê-lo no coletivo, interfere na constituição do corpo outro. Neste sentido, esses encontros estão nas instâncias políticas de viver os lugares. E tratando de lugares, pensando nos lugares, o corpo só pode criar ao manifestar e reverberar as possibilidades geradas neles.

As necessidades dos corpos jovens incluem o sonhar. Quando pensamos em subsistência neste lugar, e nas necessidades primordiais elaboradas nele, tratamos do viver. Mas incluímos sonhar como a necessidade de um certo alimento, que é gerado no choque e no encontro destes corpos. E este alimento sonhar, que é diferente do alimento da subsistência, também permite continuidade, passando a ser também uma necessidade primordial.

Quando os jovens se encontram na praça, se encontram na escola, no Rio das Pedras, se deslocam em seu território e se chocam nesse espaço, ainda que o seu movimento inicial seja cobrado enquanto movimento de atendimento às necessidades primeiras de manutenção das suas vidas, esses corpos não vivem sem sonhar. Os corpos que não sonham sobrevivem. Neste sentido, viver inclui o sonho como uma necessidade de manutenção do corpo criador.

Como aponta Freire: “minimizado e cerceado, acomodado a ajustamentos que lhe sejam impostos, sem o direito de discuti-los, o homem sacrifica imediatamente a sua capacidade criadora” (FREIRE, 1967, p.42). Em “Educação como prática da liberdade”²⁹ encontramos o uso radical do sentido de liberdade, ao compreendermos o seu sentido ligado intimamente ao entendimento de capacidade criadora. Os ajustamentos impostos, de maneira mais ou menos implícita, vão reduzindo não só o combustível necessário para as atividades criadores, mas o espaço temporal e relacional necessário para que essas atividades sejam gestadas.

A cidade deixa de ser apenas a conjugação de espaços e territórios e passa a ser compreendida como uma teia de relacionamentos. A cidade ganha, na sua natureza de espaço de circulação e de encontro, um caráter orgânico, e suas vias de acesso e de passagem, planejadas ou improvisadas, simulam veias dessa grande estrutura que, na presença, pulsa. A cidade nem sempre vista pela cidade planejada, carrega em si uma “desordem organizada”, e seus fluxos seguem os percursos não lineares produzidos nos vãos de suas construções. O pensamento a priori – planejamento urbano e ordenamento espacial em prol de uma circulação previsível – cede lugar aos encaminhamentos das necessidades, que acontecem no ato da construção e que devolvem, como sobras humanas das espacialidades usadas, novos traçados para circulação, vias que chegam a lugares diversos e de formas variadas.

Os projetos e ordenamentos típicos das construções preestabelecidas cedem lugar ao ato de constituir lugares, que não finda após uma primeira necessidade, mas que se “reorganiza” na medida em que novas necessidades se instalam. Diversos itinerários são estabelecidos, maneiras sempre novas de se chegar aos mesmos lugares, que em seu ritmo

²⁹ FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

frenético não serão mais os mesmos. Chegamos em um denominador comum entre as experiências juvenis e a cidade: o trânsito. Circular por entre as vias da cidade em constante movimento está para o transitar juvenil, percorrer externo e em rede e percorrer interno e latente.

2.4 Rio das Pedras, vias de passagem e paragem

Localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, a comunidade do Rio das Pedras teve suas primeiras residências erguidas por migrantes da região nordeste do país, através de uma ocupação desordenada iniciada em meados dos anos 60. Tendo como limites a comunidade denominada Muzema e, em seu outro extremo, o bairro do Anil, está localizada em Jacarepaguá e foi nomeada tendo como referência um rio que corta esta região. É delimitada pelo Parque Nacional da Tijuca, a Lagoa da Tijuca e um terreno particular reservado à ampliação da Barra da Tijuca. O mapa abaixo, que nos apresenta a bacia hidrográfica que escoa da floresta e atravessa o território investigado, justifica o seu nome e ajuda a compreender a própria formação geográfica do terreno.

Imagem 13: : Bacia hidrográfica do Rio das Pedras

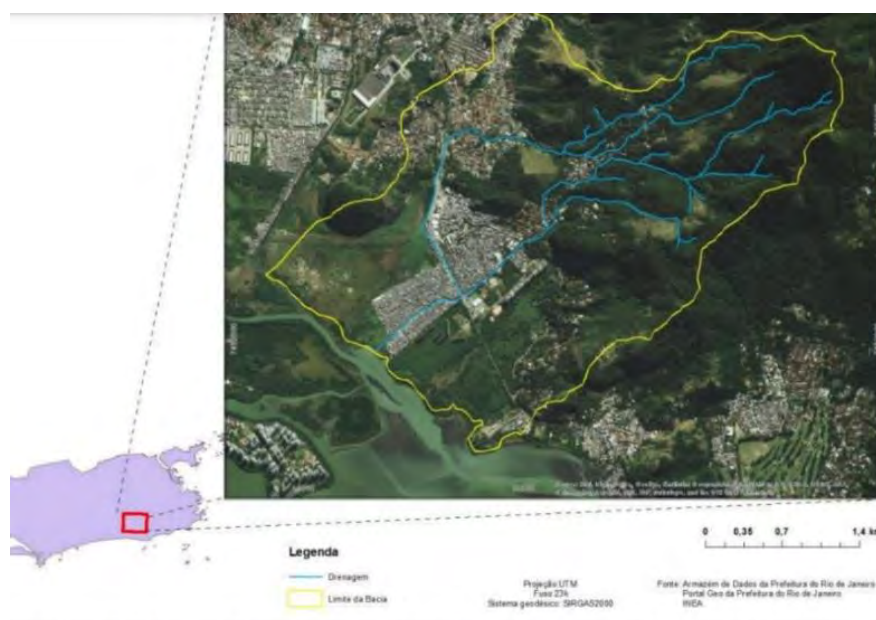


Figura 1: Mapa de localização da bacia hidrográfica do rio Das Pedras

Fonte: Estudo da bacia hidrográfica do Rio das Pedras. Acesso em 21/05/2022 ³⁰

³⁰ CASTRO, Adão O.; DIAS, Lucas Rodrigues. Urbanização e a problemática socioambiental na baixada de Jacarepaguá: Estudo da bacia hidrográfica do Rio das Pedras. XV Simpósio, Brasileiro de Geografia Física Aplicada. I Congresso nacional de Geografia física. Campinas – SP, 2017.

O Rio das Pedras é uma região ocupada fortemente por nordestinos, e seus costumes e crenças chegaram junto com suas bagagens ao Rio de Janeiro. Por ser um território com um contingente grande de pessoas, é possível perceber as influências da região de origem em cada rua por onde circulados. Forró ouvido em bom som em cada esquina, bares cheios e sorrisos largos, venda de frangos ainda vivos para o abate, sotaque evidente por onde se passa. Por sua localização próxima à Barra da Tijuca, se desenvolveu inicialmente considerando as possibilidades de emprego desta região, que explodia em construções na década de 1970. Atualmente, ao nos deslocarmos nos ônibus que saem, chegam e atravessam seus limites, é possível acompanhar os trajetos longos dos moradores, que se deslocam para trabalhar em várias regiões da cidade.

Ao longo das últimas décadas, o crescimento populacional da região implicou em uma ampliação desordenada de moradias, nem sempre contando com condições adequadas para o exercício pleno das atividades básicas dos moradores. Além disso, com a presença das milícias, que domina muitos serviços prestados à comunidade, os moradores ficam limitados ao que é imposto pelo poder dessas organizações criminosas, que expandem sua dominação e muitas vezes entram em disputa diante das vantagens econômicas visíveis em um espaço tão populoso e dependente de serviços das mais variadas ordens.

Imagem 14: Mapeamento das divisões de RP em subáreas³¹



Fonte: RioOnWatch

A desapropriação do terreno que dá lugar ao núcleo original da favela foi conseguida em 1969, junto ao então governador do estado, Negrão de Lima.

³¹ <https://rioonwatch.org.br/?p=39170> Acesso em 21/05/2022.

Em contrapartida os moradores deveriam obedecer os limites da área demarcada, condição que começa a ser desrespeitada ao longo da década de 70. Em 1983, de forma planejada, ocorre a invasão da Vila dos Caranguejos. Já em 1989, se dá a ocupação do Areal I e, a partir daí até meados da década de 90, invasões, conflitos com os proprietários das terras, negociações e acordos com o governo estadual e com a prefeitura, marcam o processo de ocupação das subáreas Areal II, Areinha e Pinheiro. A região denominada Pantanal (área localizada às margens da Lagoa do Camorim e muitas vezes invadida pela maré) começa a ser ocupada no final da década de 90, através de um processo pouco controlado, o que contribui para que se torne a “favela da favela” (AGUIÃO, 2007, p. 37).

No fim da década de 90, algumas regiões do Rio das Pedras foram elencadas para receber as obras do projeto Favela-Bairro, além de muitas outras comunidades do Rio de Janeiro. O objetivo de tal projeto era implementar, através de investimento público, um processo de urbanização nas favelas, de ordenamento de suas vias. Considerando que planejamento e execução nem sempre convergem na concretização de muitas propostas, o processo de remoção necessária para tal feito gerou resistência de moradores da região.

No portal do Holanda³², uma página vinculada ao jornal O Globo, uma reportagem de 2017 trata do desejo de urbanizar o Rio das Pedras para combater a desordem do território. O projeto, ainda da gestão do prefeito Marcelo Crivella³³, usava o termo “verticalizar” a favela, no sentido de buscar a ocupação de imóveis sobrepostos para se abrir o espaço das ruas e das praças, para ordenar a circulação na comunidade.

Em fevereiro de 2018, uma reportagem no site Observatório das Metrópoles³⁴, apresenta as ameaças de remoção no Rio das Pedras. A intimidação vem antes mesmo da possibilidade prática da remoção, quando as demandas de sobrevivência na comunidade são ampliadas por conta do desejo de verticalização do processo de urbanização. A pressão inicial é relativa aos serviços públicos urbanos, e um exemplo é a cobrança descabida no fornecimento de energia elétrica. Com a justificativa de uma rede eficiente de energia, as taxas cobradas na região aumentaram de forma exorbitante. Moradores relataram nesta ocasião que algumas contas de luz vinham mais caras do que os aluguéis pagos para viver na localidade. A luta por melhores condições de vida e de circulação na comunidade de RP é interesse de seus habitantes, mas a relação entre mudanças e custos não é compatível com o

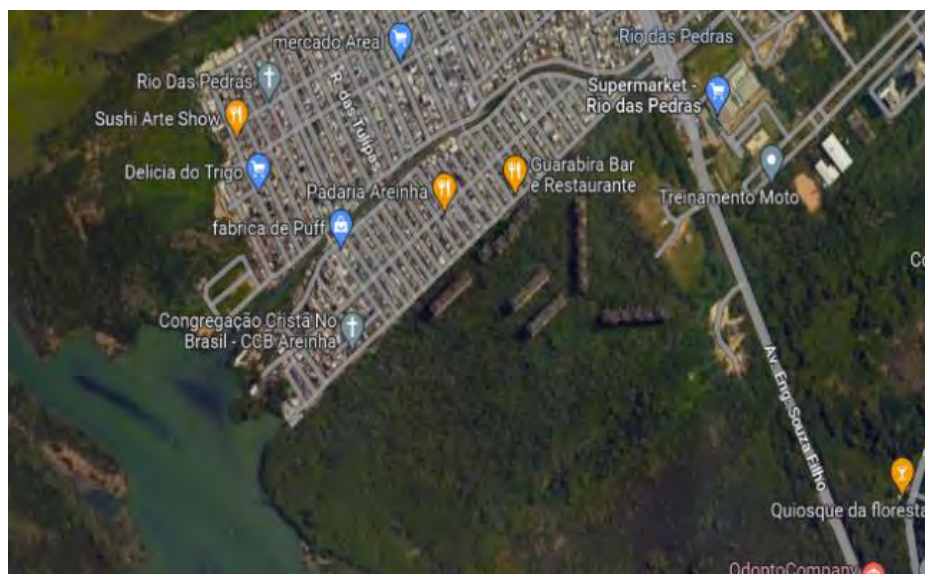
³² <https://www.portaldoholanda.com.br/rio-de-janeiro/para-combater-desordem-prefeitura-pretende-urbanizar-rio-das-pedras> Acesso em 08/03/2023.

³³ Eleito prefeito da cidade do Rio de Janeiro, exercendo a função de janeiro de 2017 até janeiro de 2021.

³⁴ <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/ameaca-de-remocao-em-rio-das-pedras-rj/> Acesso em 08/03/2023.

“Residencial Delfin Imobiliária”³⁵ foi um projeto de 1977, e se mostrou impróprio para habitação por ter sido construído em terreno pantanoso.

Imagens 16 e 17: Imagens: Conjunto Residencial Delfin Imobiliária (desabitado) e detalhe



Fonte: Agenda Bafafá, notícia postada em 21/05/2022.

Imagem 18: Ocupação do Conjunto Residencial Delfin Moreira³⁶

³⁵ <https://bafafa.com.br/turismo/bairros/conjunto-residencial-delfin-imobiliaria-cenario-apocaliptico-em-jacarepagua> Acesso em 02/03/2023.

³⁶ <https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/intervencao-no-grupo-delfin-22303531> Acesso em 02/03/2023.



Fonte: O Globo, acesso em 02/03/2023.

A linha do tempo apresentada a seguir, somada à ocupação territorial representada através dos mapas das últimas décadas de crescimento do Rio das Pedras, aponta marcos do processo de disputas travado na região, e nos aponta as forças que convergiam ou divergiam em direção aos interesses da população, do poder público ou dos investidores do setor privado. Não nos interessa adentrar nas especificidades históricas das tantas décadas de tentativas de ocupação ou desmonte deste terreno, cabe aqui um olhar que evidencia este jogo de esticar e romper de um território tão vasto e diverso. Características geográficas e urbanísticas são bases para uma disputa em camadas, que se aprofunda a medida em que compreendemos as formas de ocupar e significar dos sujeitos ativos ou subalternizados nesta relação.

Imagem 19: Tabela com os principais acontecimentos do Rio das Pedras, de 1969 até 2020³⁷

³⁷ ALVES, Ana Beatriz Jardim , OLIVEIRA, José Roberto de, COSTA, Lilian Silva. Rio das Pedras e sua segregação espacial: Cenários do passado, presente e para o futuro. VI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. UNB, Brasília, 2020.

ANO/ PERÍODO	ACONTECIMENTOS
Década de 50	Primeiras ocupações na área conhecida como Pinheiros
1969	Publicação do Plano Piloto da Baixada de Jacarepaguá no Diário Oficial da Guanabara
1970	Consolidação do núcleo central e decreto do Estado da Guanabara pelo prefeito Negrão de Lima define a área como de utilidade pública
1977	Execução pela DER do Plano de alinhamento da atual Avenida Engenheiro Souza Filho - PA 8484 (1967), responsável pela segmentação da favela, modificado posteriormente por outros planos.
1981	Aprovação dos PAL 37599, 38766 e 29093 que tratavam da Curva do Pinheiro e do entorno da Pedra da Panela, bem tombado.
1983	Ocupação da área da Vila do Caranguejo, atualmente conhecida como Vila Darcy sob orientação do loteamento pela Associação e faixa de recuo de 20 metros a partir da Avenida Engenheiro Souza Filho, via que divide a favela e leva aos bairros vizinhos
1983	Programa "Cada Família um lote" no qual foi feito um aterro hidráulico em parte da área em função das enchentes
1986	Programa Proface da Cedae implanta sistema de esgotamento sanitário e água, porém a distribuição interna é feita pelos moradores
1988-1989	Inicia-se a ocupação do Areal I no terreno doado pela Prefeitura, todavia este terreno veio a ser requerido pela Grupo Delfim
1990	O terreno doado seria dividido entre a Associação e o grupo Delfim, porém isso não aconteceu e a população invadiu o conjunto de edifícios que se encontravam praticamente finalizados
1990	Os invasores vão provisoriamente para a área do Areal II esperando a construção de casas, o que não ocorre
1991-1993	Processo de Ocupação da Areinha e Curva do Pinheiro, doadas pela Prefeitura junto com Areal II
1999	Fica definida a área de Especial Interesse Social da Favela de Rio das Pedras - Vila Pinheiro, Vila Caranguejo, Areal 1 e Areal 2 (Lei nº 2818/1999)
1998-2002	Programa Favela-Bairro que interviu implantando unidades habitacionais, praça e quadra no núcleo original.
2011	Decreto estabelece "novos" limites para ZEIS (Zonas de Especial Interesse Social) de Rio das Pedras (Lei nº 5.359/2011)
2017	Operação Urbana Consorciada de Rio das Pedras por meio de um PMI (Procedimento de Manifestação de Interesse)
2020	Projeto de lei que busca alterar limites da AEIS de Rio das Pedras, acrescentando 6 polígonos a sua área

Figura 1: Tabela com principais acontecimentos na favela de Rio das Pedras. Fonte: Mendes (2006,p.154-166), Burgos (2002, p.36-45) e Lei nº 1418/2002 (Rio de Janeiro, RJ).

Fonte: "Rio das Pedras e sua segregação espacial: Cenários do passado, presente para um futuro". Acesso em 08/03/2023.

Imagem 20: Rio das Pedras: Evolução da ocupação territorial³⁸

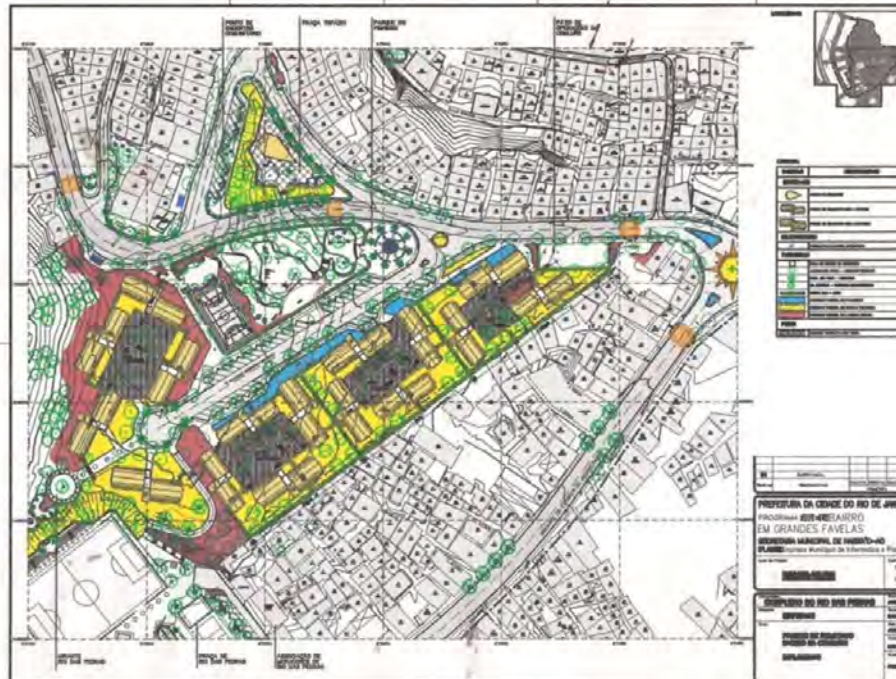


Fonte: Wikifavelas, acesso em 02/03/2023.

³⁸ https://wikifavelas.com.br/index.php/Rio_das_Pedras (Fonte SABREN-PCRJ-IPP..png). Acesso em 02/03/2023.

O mapeamento abaixo se trata do projeto desenvolvido para a região do Pinheiro, em RP. Podemos observar a impossibilidade de acessar as informações de forma precisa, pelo desfoque da imagem veiculada em uma página sem desenvolvimento textual.³⁹

Imagem 21: Projeto Favela-Bairro, região do Pinheiro



Fonte: Portfólio imagético - Projeto Favela-Bairro - Mostra internacional de arquitetura. Acesso em 03/01/2023.

Imagem 22: Captura de tela do Google Maps da região do Pinheiro



Fonte: Google Maps, acesso em 03/01/2023.

³⁹ Mapeamento encontrado em <http://www.jauregui.arq.br/favelas-rio-das-pedras.html>, incluído em um portfólio imagético de apresentação o projeto Favela-Bairro para uma mostra internacional de arquitetura. Acesso em 03/01/2023.

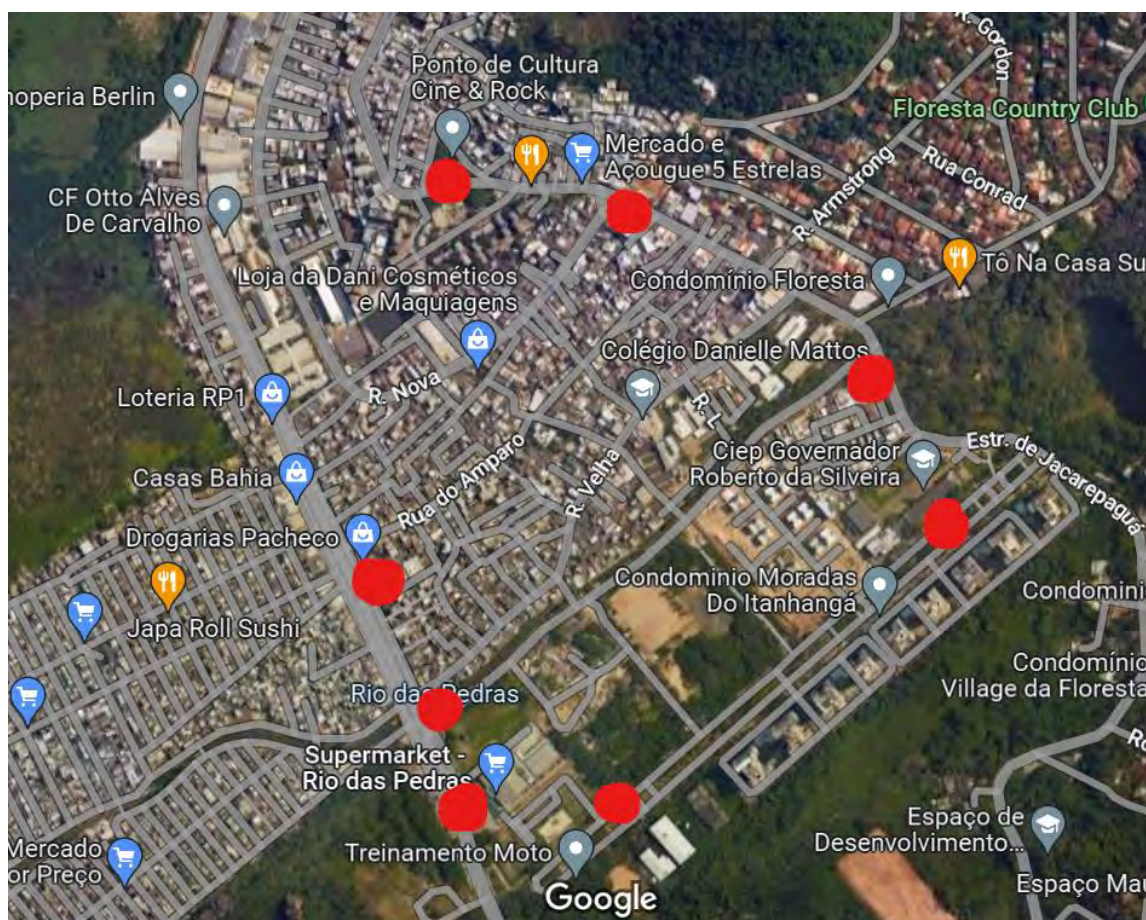
Em uma aproximação máxima da imagem, foi possível observar que a localidade que chamamos atualmente de Praça do Pinheiro era denominada “Praça Topázio”. Esta região, que hoje cedia o Ponto de Cultura do Cine & Rock, era chamado de “Ponto de encontro comunitário”, segundo o projeto. A captura de tela realizada ao acessar o Google Maps, se refere a região do Pinheiro referendada no projeto citado.

Ao cruzar uma variedade de informações, lógicas ou desconectadas e espalhadas em rede, recompomos peças de um quebra cabeça com muitos fragmentos invisibilizados pela realidade precarizada da localidade. Regiões periferizadas da cidade recebem um tratamento inconsistente, tanto pelo poder público quanto pelos veículos de informação disponibilizados como domínio público. Utilizando o mapa como bússola inicial distanciada do solo, reconhecemos marcas e fraturas das disputas que se explicitam no território. No entanto, descer ao solo com as ferramentas disponíveis para regiões favorecidas da cidade não é tarefa possível na distância das ferramentas tecnológicas. Ao testar os recursos de visualização diversas, oferecidos pelo próprio Google Maps, nos deparamos com uma infinidade de vias não mapeadas não só no Rio das Pedras, mas em grande parte das comunidades da cidade. O tracejado azul, que no mapa representa os lugares possíveis de pisar e percorrer com certo grau de precisão, simplesmente não existe na maioria das ruas da região. Zonas invisíveis e percorridas somente com os pés fincados no chão, aos solavancos dos buracos e da multidão. Vias transparentes, retiradas do direito de serem vistas por quem não caminha por seus percalços. Fora do campo do mapa, as notícias divulgadas sobre o Rio das Pedras orbitam entre a violência de atos que colocam seus moradores sob a mira de constante suspeita, e informes performatizados de desastres e tombamentos de prédios, que se multiplicam com os empreendimentos desordenados e calculados para o lucro de uma fatia detentora de poder – legitimado ou imposto. Mas a despeito de todos os revezes que cruzam os seus caminhos, quem viva nas vias de RP inventa e ressignifica seus modos de existir e resistir todos os dias.

3 NARRATIVAS DE PRESENÇA E MEMÓRIAS REVISITADAS EM RP

(...) saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Neste caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro (BENJAMIN, 1993, p. 73).

Imagem 23: Intervenção – pontos mapeados em RP



Fonte: Arquivo pessoal.

Esses vermelhos são alguns pontos pisados por aqui. Não uma vez só, nem numa sequência lógica, nem nos traçados das linhas retas. Dias diferentes, horários diferentes, quando chovia ou fazia calor. Com a cabeça equilibrada, nos ruídos de todos os dias, nas horas de exaustão. O mapa carrega muitas pistas, mas não sustenta as camadas da vida de todos os dias. Ver as pistas mapeadas assim, em um conjunto uniforme de marcações vermelhas, até acalma os ânimos, faz parecer que tudo está resolvido e aprumado na medida das vias, tudo em seu devido lugar.

Estando sempre dentro dos lugares, o sujeito recebe os estímulos deles, sente dores ou se agita neles, responde aos afetos gerados pelos eventos. Ele olha porque a luz reflete nos objetos e retorna à sua retina, e sente os efeitos desses raios que invadem sua percepção. Exercita aí um fragmento de sua humanidade. Agora pensemos em um olhar “neutro” de fora: este só pode acontecer neste campo hipotético do mapa, porque a limpeza não residiria na natureza própria do movimento, que implica sempre em fragmentos residuais do que é dinâmico. Mas, se isso fosse possível, o sujeito olharia, lá do alto ou na distância, para uma massa disforme de coisas, e não teria dentro de si ferramentas para decodificar as formas que não teve acesso anterior.

No passo seguinte teremos um problema de execução de nossa análise, pois tocaremos na radicalidade de não poder determinar um movimento sem implicar dentro dele mesmo o outro. Aqui reside o movimento que nos retira de um eixo confortável, onde cada coisa parece ocupar o seu lugar. Teremos de imaginar o sujeito que, ao lançar um olhar participativo de fora, torna crítico seu olhar de dentro, e, ao mesmo tempo, participa de fora por ser presença do e no que olha. Relação que expressa interdependência fora do prumo de sucessivos determinados, que nem sempre ocorrem um após o outro no tempo e no espaço. Estamos diante do estático e do dinâmico, que não podem ser apreendidos definitivamente ou isoladamente ao serem elaborados do mundo. Retomando o pensamento, que gerou nossa analogia sobre o olhar: pessoas conhecem enquanto intervêm na realidade, e em suas manobras diversas elaboram novas realidades, que demandarão novas manobras neste duplo e uno que se situa ao redor e dentro.

A memória pede licença e visita outro lugar. É que as teias que costuramos dão uns saltos onde parece não fazer sentido, e encontram semelhanças nas diferenças. Pensando nas andanças por RP, e juntando “o estalar do graveto seco ao ser pisado”, pulou a memória física ainda fresca de um deslocamento úmido que fiz esses dias.

Fui sozinha em Ilha Grande. Queria fazer os caminhos no mato sem o amparo de um rosto familiar, e sem o barulho das conversas de estar acolhida. Acordei cedo, preparei uma mochila leve, e saí para escolher o início da caminhada no percurso. Escolhi não levar o fone que me acompanha quase como órgão do corpo, preferi o desconforto de ouvir o barulho de dentro.

Quem conhece a região sabe que ela é cortada por muitas trilhas que se estendem por horas capilarizando o terreno da ilha. São diferentes modos de entrar e circular com mais ou menos segurança por sua vegetação exuberante. Fora de temporada os caminhos mais longos se esvaziam de gente.

Fui na direção de uma trilha relativamente grande, chamada de T10. Saindo da Vila do Abraão, deveria durar em médio três horas até a praia de Lopes Mendes, que fica do lado oposta da ilha. Nunca havia feito o percurso, nem mesmo acompanhada, então os primeiros passos já soaram como novidade.

Depois de uns cinquenta minutos caminhando, e ainda que a trilha fosse bem demarcada, foi batendo uma sensação de medo do desconhecido com solidão, junto com uma espécie de perda de referência de horário do dia, como um estado de suspensão. Não tinha os meus fones, escolhi não levar o celular, e ao olhar para trás via mato na mesma proporção do que via para frente. Caminhei por duas horas embolada em pensamentos intrusos, que nada tinham de experimentação fresca e fluída da natureza. Se me perguntassem ali, naquele momento, quais as variações da vegetação por onde pisei, e quais os sons dos bichos que ouvi, eu não saberia responder nada. Perdi as referências e só ouvia baixinho o barulho dos pés pisando nos galhos e nas pedras, e bem alto os ruídos de pensamentos aleatórios e sombrios que povoavam a minha cabeça. Crescia um mato estranho dentro e encobria tudo.

Parei pra comer um biscoito, porque comer sempre me pareceu uma similitude entre as tantas humanidades que se manifestam em ser gente. Três goles de água e já tinha aceitado minha situação: seguir caminhando até alguma coisa parecer diferente dos mesmos arbustos que passavam como um filme arranhando as minhas pernas.

Cumpri duas horas e alguns minutos do desafio da ida, chegando na praia de Pouso. Agora estava mais perto do ponto final do caminho. Boiei uns 20 minutos no mar, para ver se a cabeça reorientava, e resolvi não seguir até o fim. Tinha duas horas de retorno e já não conseguia calcular se valia ir para frente ou para trás. Perdi a referência de ida e de volta, parecia caminhar eternamente para o mesmo lugar. Descobri que a gente caminha com tantos outros, ainda que não tenha ninguém ao lado. E que o que vemos é maior ou menor na medida em que somos.

3.1 Andanças em RP

Catando nos intervalos do trabalho tempo para andar. Sentindo ser inútil chegar duas horas antes da escola (o que é perder tempo?). Mais do que inútil, sentir dificuldade de estabelecer uma rota. Porque tudo parece um amontoado de mesmas coisas.

Depois um certo receio de ser vista sozinha, caminhando sem rumo, ser descoberta sem rumo. Parece um crime não o ter.

Insegurança sobre a ferramenta além dos pés e do olhar atento, e sobre como reter na memória, que deixa esvaír mais rápido que o tempo entre olhar e escrever. Escrever demanda algum filtro, e eu queria que limpasse mesmo o que eu via já contaminado.

O registro fotográfico parece um perigo em uma região de cruzamentos de diferentes forças paralelas e sobrepostas. Talvez ele apareça borrado, fora de foco, como o registro de um foragido em movimento.

Guardar em áudio, no próprio deslocamento, sendo tomada pelas sensações ali na hora, me pareceu razoável. Mas sem algum tipo de método, me senti meio boba só de pensar na ideia. Um certo constrangimento me toma ao pensar no quão ridícula eu poderia parecer falando sozinha pela rua. Mas o celular, essa arma poderosa, está nas mãos de todos pelo caminho, o que me confere um aspecto de normalidade para falar sozinha sem parecer louca.

Nas férias de janeiro resolvi que perambularia por RP, inutilidade necessária da tarefa, sem ter que ir para escola depois. Ir sem mapa era o objetivo inicial. Me dar o direito de me perder só um pouco, na medida para ter tempo de voltar da errância antes do escuro. Mas eu ainda queria riscar o mapeamento do percurso, só que depois dele acontecer. Queria o mapa borrado da memória sendo riscado silencioso, para eu pensar no desenho depois.

Escolhi um dia útil. A primeira decisão foi suportar o incômodo de andar sem rumo e não encontrar atrativos para vista. Porque sempre criamos expectativas antes dos lugares por onde circulamos, sobre o que eles devem gerar em nós, Eu queria estar disposta para recepção de não esperar nada, de voltar para casa de mãos vazias, e de sentir o tempo escorrer naquele caminho. Não sei como se narra um lugar sem parecer alegórico ou até piegas. E não sei se as palavras cabem naqueles cruzamentos. Mas ainda assim quero tentar.

Faço o percurso de sempre: o trânsito pesado que começa na Avenida Niemeyer, no pé do Vidigal, e risca São Conrado, Itanhangá, Tijuquinha, Muzema, até chegar em RP. Salto no meu marco inicial, em frente a um Supermarket gigante, o maior estabelecimento comercial da região, uma das portas de entrada para a comunidade.

Na entrada dele tem uma barraquinha de produtos naturais. Folhas, ervas, sementes de uma variedade considerável, tudo amontoado e fechando boa parte da passagem. Eu compro um punhado de tamarindos, uns bagos inteiros e outros quebrados, já expondo o fruto azedo. A vendedora disse que as vagens quebram pelo caminho, quando são transportadas do Nordeste para cá. Quem já comeu balinhas de tamarindo na infância precisa experimentar quebrar as vagens e provar o azedo que alcança os miolos, sem uma gota de açúcar. Já comprei tamarindo outra vez ali e levei pra molecada quebrar na escola. Alguns com nojo de provar, achando meio sujo o fruto saindo direto da sua casca natural.

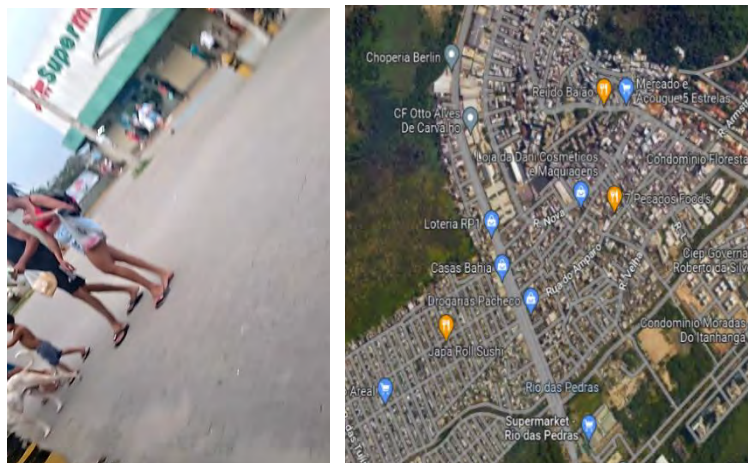
Imagem 24: Barraca de temperos e frutos



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Seguindo em frente, o caos se instala antes mesmo do primeiro atravessamento de rua. As pessoas misturam o que deveria ser calçada com a pista dos carros, tendo que intercalar os passos entre a barraca de churrasco que impede a passagem, as caixas de som que se juntam às mesas espalhadas nos vãos possíveis, e as beiras esburacadas das ruas. Neste ponto a ideia de registrar por fotos o percurso já havia caído por terra: primeira errância. Sem saber se olhava para frente, para os buracos, para os desvios que me faziam pisar no proibido da pista e sentir o vento do ônibus 550 cortando fino nos meus ombros, esqueci o celular torto nas mãos, que já não registrava nada - tão embaraçado quanto eu. A olhada para a entrada do mercado, depois da compra na barraquinha de tamarindos, foi registrada pela máquina antes do seu apagamento. Talvez a imagem não fosse digna de fazer parte da narrativa, por parecer torta e fora do quadro dos filtros de uma investigação: segunda errância.

Imagens 25 e 26: Registro não programado da entrada de mercado no Rio das Pedras e mapa para localização do terreno (google maps), 25/02/2023.



Fonte: Arquivo pessoal.

Sem nada que uma foto intencional deveria ter. A máquina registrou sem a mira da visão, sem eu saber o que sairia do aperto “despropositado” do botão e da lente torta escorregando por entre os dedos. A entrada do mercado é um dos grandes terrenos vazios da região, que antecedem e contrastam com o território super ocupado da comunidade.

Atravesso uma das esquinas mais importantes da região: Via Light Rio das Pedras com Avenida Engenheiro Souza Filho. Ali havia um restaurante bem popular da localidade, o Estação Berlin. Palco de muitos eventos e ponto de encontro de quem vivia ou visitava RP. Hoje me deparei com o terreno vazio, o que me fez resgatar a demolição do local, que ocorreu pela ação da prefeitura em 2022.

Imagens 27, 28, 29 e 30: Demolição do Estação Berlin⁴⁰



⁴⁰ <https://www.anf.org.br/restaurante-e-demolido-em-rio-das-pedras-pela-prefeitura/> Acesso em 25/02/2023.



Fonte: Agência de Notícias das Favelas, acesso em 25/02/2023.

Hoje o espaço é um terreno vazio, sem uma função definida pela prefeitura ou pelos moradores locais. Contrasta com a infinidade de barracas e lojas que ocupam todos os espaços possíveis da avenida. Lembro-me de cruzar este terreno logo após a demolição, no fim de uma noite de aulas na escola. Havia todo esse amontoado de escombros e muita gente caminhando sobre ele, retirando pedaços de coisas e garimpando objetos de valor que foram soterrados após a ação. Agora, observando as imagens do acontecimento, relembro a noite após a demolição, e mirando o terreno hoje desocupado, montei como quebra cabeça uma espécie de “derretimento”- sempre provisório - do lugar, junto com a transformação da construção em restos, e da desarticulação do que foi elaborado em camadas neste terreno, camadas de coisas, de memórias e sentidos de ser de um lugar.

Cada espaço, ainda que interligado a uma totalidade que se auto-constrói ao longo da história, tem sua especificidade vinculada ao entrecruzamento de tempos diferenciados. Nosso ponto de partida será o tempo presente, impresso na morfologia urbana da metrópole - uma morfologia que revela o entrecruzamento de momentos e, com isso, uma história humana como realização da vida no espaço e através dele. Por outro lado, a morfologia urbana não revela a gênese do espaço, mas aparece como um caminho seguro para a análise do modo como passado e presente se fundem nas formas, revelando as possibilidades abertas no presente (CARLOS, 2007, p.56).

Imagem 31: Espaço onde existia o Estação Berlin⁴¹



Fonte: Agência Lume, acesso em 25/05/2023.

Destituição parcial das dobras do tempo. A matéria justapõe tempos. Ainda que essas camadas sejam subjetivas, alavancadas pelas memórias e os acontecimentos sempre atualizados, e não retidas nas paredes de concreto que mantém um prédio de pé, o seu tombamento inscreve uma espécie de apagamento de sua estrutura marcadora desses cruzamentos. A Estação Azul não comportava em si tudo que foi vivido no seu interior e em seu entorno, no período de sua existência. Mas sua natureza concreta servia como um marcador dessas memórias, e uma abertura para as práticas cotidianas que atualizavam os seus sentidos. Diferentes gerações são capazes de lembrar de sujeitos e acontecimentos desdobrados neste “pedaço” de RP, podem inclusive entrecruzar seus modos diversos e até contraditórios de encarar a existência deste estabelecimento.

Seguindo o caminho pela Engenheiro Souza Filho, na parte da avenida que corta o Rio das Pedras, a agitação se intensifica e a vista não alcança mais do que poucos metros à frente do nariz. Impossível registrar tamanha aproximação com o recurso de qualquer máquina, a câmera mapearia apenas pedaços de corpos e coisas.

As coisas saltam em nós quando olhamos para elas. Embora existam várias coisas acontecendo na multidão, algumas saltam para mim diferente da experiência do outro. Elas se

⁴¹ <https://www.agencialume.com/post/quase-um-ano-apos-operacao-obras-no-canal-da-via-light-nao-foram-iniciadas>. Acesso em 25/02/2023.

colam, de alguma forma, aos registros internos – claros ou moradores de um subsolo. Como uma conversa de subterrâneos, que se trava nas margens das coisas pequenas.

A temperatura aumenta no abafamento entre as paredes de materiais plásticos, as lojas com caixas de som anunciando as promoções, as motos que rasgam o mercado a céu não tão aberto, as tantas pessoas que rumam em direções diferentes e se esbarram enquanto falam todas ao mesmo tempo. A bebida do senhor ao lado transborda e molha as minhas pernas, a criança logo a frente chora por algum descontentamento, a máquina de espremer cana esbraveja enquanto uma moça suspende o copo para encher outra vez de caldo pela boca. Um aluno acena atravessando a via. O corpo deixa de sustentar a ideia de continuidade da caminhada: terceira errância. A tentativa quase ingênua de ordenar no pensamento as reações produzidos por esta avenida amontoada, se esvai com as gotas de suor que a esta altura já escorriam pelas costas.

No desejo de reter aquela multidão em imagem, e no reconhecimento da impossibilidade do momento, recorro a um registro publicado na Agência Lume. Trata-se de uma manifestação ocorrida na região em 2020, após a demolição de cerca de 200 imóveis, reivindicando a construção de um camelódromo já prometido pelo prefeito da gestão anterior.

Imagens 32 e 33: Manifestação após demolição de imóveis⁴²



⁴² <https://www.agencialume.com/post/subprefeitura-de-jacarepagua-diz-nao-ter-projeto-para-construcao-de-um-camelodromo-em-riodaspedras> , acesso em 26/02/2023.



Fonte: Agência Lume, acesso em 26/02/2023

Retorno de onde parei, num passo agora apertado, em direção a um dos caminhos que me levam até a escola, ainda que não tenha aula hoje. Ele é chamado de “pistão” pelos jovens que o frequentam todos os dias. Uma via larga em frente a um condomínio que antecede o turbilhão de construções de RP. Quase não passa carro por lá, a via é ocupada cotidianamente por quem caminha e corre todas as tardes, por crianças brincando e jovens que se juntam pra jogar altinha, futebol, e andar de skate. Um espaço de lazer, onde se avista novamente o horizonte num distanciamento considerável. Uma zona de respiro na comunidade, que faz refletir sobre a necessidade desses espaços onde a visão não se contém, e onde os corpos ocupam mais metros quadrados do espaço.

No caminhar pelo Rio das Pedras busco um modo de me por à escuta. Pensando maneiras de escutar ativamente o que ecoa das realidades, observando o que se escuta e a forma própria de escutar. Narrar no processo do deslocamento implica constituir conteúdo e forma simultaneamente, ainda que essa relação possa ser aprimorada e reelaborada depois. Ao parar, algumas coisas ditas, pensadas e ouvidas passam a ter um novo significado, já que neste misto de calor e resfriamento do corpo, na relação com o espaço, forma e conteúdo se deslocam da experiência primeira. Nessa abertura atencional, o corpo passa a ser capaz de compor mais intensamente com o múltiplo das relações. O que se busca é uma conexão entre indícios de acontecimentos, os que nos afetam de alguma maneira, e se constitui uma espécie de composição desses rastros. Nesse processo a própria suposição de comando entra em jogo.

Sales elabora que “a desatenção é a primeira etapa da violência” (SALES, 2018). A violência de que trata se dá na desconsideração das partes que compõem o todo. O exercício

da atenção exige uma variação de focos, e é na disponibilidade desse processo que os sujeitos tramam formas solidárias de articulação com o mundo que se manifesta no fragmentário da vida cotidiana.

Ao se deslocar narrando e observando estas narrativas, e considerando-as de forma não meramente descritivas, como sujeitos que se manifestam também no deslocamento dos seus corpos, é possível abrir campos que reduzem a zona de isolamento que a perspectiva de comando alimenta. Ainda que estejamos todos invariavelmente entrelaçados, pensar a partir deste embate de alguma maneira gera uma intensificação do exercício atencional, como um outro corpo no mesmo. Não um corpo diferente, mas um exercício de presença aprimorada. O tempo da atenção é a mola propulsora das reelaborações necessárias para se pensar os acontecimentos para além deles mesmos.

Consideramos desta forma toda experiência como instância não replicável. Tudo que se aprende e se apreende no movente não se repete, ainda que nos prepare para exercitar de forma diferente o que vem depois. Lembrar é também esquecer, parar para reformular e cruzar registros é também esquecer uma parte deles, a parte que se dispõe antes mesmo da linguagem. O aprimoramento deste exercício de pensar as práticas exige um deslocamento, que implica lembranças e novos modos de operação geradores de linguagem. Lidamos com uma espécie de zona de transição que não se dá na linearidade do antes e após os acontecimentos, mas no próprio exercício de elaborar e ressignificar as pistas da ação de estar no mundo.

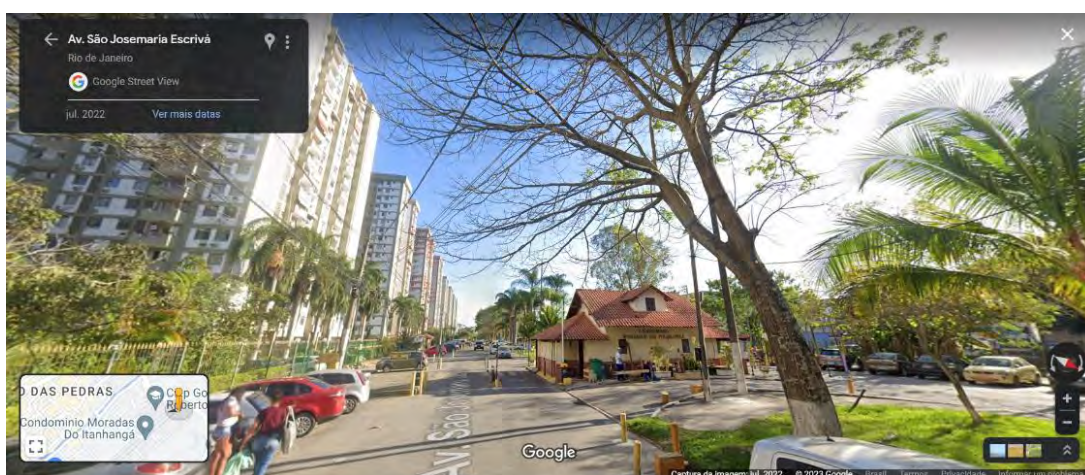
3.2 O tempo outro de brincar no pistão

“(...) o ato do habitar produz a “pequena história”, aquela construída nos lugares comuns, por sujeitos comuns, na vida cotidiana. Mas na lógica capitalista esse sentido se revela em sua dimensão “improdutiva” e é nesse sentido que ao uso produtivo - a cidade produzida dentro dos estritos limites da produção econômica, enquanto condição da produção/reprodução do capital - se impõe o uso improdutivo do espaço, centrado na vida cotidiana (CARLOS, 2007, p.96).

Meu caminho habitual, para chegar no Rio das Pedras quando parto da zona sul do Rio, é pela via Tijuquinha e Muzema. O percurso tem um trânsito pesado, uma via esburacada que não comporta o peso dos veículos que passam por ela todos os dias. Eu faço um caminho contrário, chego em um ônibus lotado de pessoas que retornam de seus trabalhos no centro e na zona sul da cidade.

Por essa ponta de RP a primeira área de habitação é o condomínio “Moradas do Itanhangá”, construção de um conjunto de prédios que nada tem de semelhança com o amontoado de casas que se espalham pela comunidade logo depois. São prédios altos, com infraestrutura e piscinas que são compartilhadas por seus moradores. O lado oposto a via de entrada para o condomínio, que se estende em frente às grades que o protegem, é larga e tomada pelos moradores da comunidade, que se reúnem para fazer atividades diversas ao ar livre todos os dias. O lado de entrada oficial para o condomínio possui guarita e controle de entrada e saída de veículos.

Imagem 34: Entrada do Condomínio Moradas do Itanhangá



Fonte: Recorte de visão frontal do Google Maps. Acesso em 11/03/2023.

Eu entro cortando caminho, pelo lado oposto, que é uma via sem saída para veículos, um corredor que beira um mato sem dono, por vezes com cavalos que descansam e comem por ali. Já faço esse caminho há cerca de sete anos, e ainda me afeta ver o clarão de atividades barulhentas que se dá depois de sair do atalho. O “Pistão”, como é chamada a localidade pelos moradores do Rio das Pedras, é largo e longo, chegando até a ponta onde se encontra a minha escola. Uns 8 ou 10 minutos de caminhada atropelada por pessoas correndo, gritos animados e bolas cruzando o céu. Muitos adultos caminham e correm por ali todos os dias, dando muitas voltas entre as idas e vindas que garantem corpos mais saudáveis. Algumas crianças e muitos jovens se ocupam jogando altinha, futebol, corte e outras atividades que não sei bem nomear. Skates e bicicletas também disputam o pistão.

Depois de sair de um ônibus lotado de gente que retorna da labuta diária, vinda de outras partes da cidade, e ainda sentindo o calor do ônibus cheio e a pressa para chegar na escola, o pistão me bate como um respiro todos os dias. É um certo frescor de corpos que

correm e que gargalham, como se algo acontecesse por fora das vias premeditadas do trabalho e das responsabilidades diárias, como se ali se desdobrasse uma vida paralela de sujeitos que “desocupam” os seus tempos cotidianos.

O preenchimento dos territórios de RP, a despeito dos objetivos para que foram construídas as fronteiras dos espaços públicos ou privados, é manifestação de expansão de possibilidades. Deslizando por sobre as regras que antecedem a ocupação, os sujeitos promovem encontros e estabelecem modos de preenchimento que ressignificam os lugares. Para a vista o que resta é a sobra do que vai se consolidando diariamente nesses lugares.

Se estivéssemos tratando aqui dos ambientes onde os moradores propõem cenários para a manutenção de suas trocas comerciais, como o comércio que se estende vertiginosamente por grandes avenidas ou pequenas vielas da região, nosso percurso de análise adentraria por outra perspectiva de compreensão dos modos de operar desses sujeitos. Mas aqui, no pistão, as coisas parecem de outra ordem, que nada tem de ganho monetário.

Estamos diante de um exercício de certa fabulação da vida diária, por isso a dificuldade de nomear os modos de existência desdobrados em atos a princípio despropositados. Trazemos para discussão não o sentido estrito do brinqueado, recurso que ainda se cola ao monetário que citamos anteriormente, mas os sentidos do corpo que brinca, que expande os espaços para além de suas objetividades.

Avenida São Josemaria Escrivá do lado de lá, enfeitada com guarita e cancela; Pistão do lado de cá, inventada no brincar. Em RP espaço vazio quase sempre deve ser preenchido por casas e empreendimentos, não se pode se dar ao luxo de sobrar muita coisa. E nesta pista larga e longa não poderia ser diferente. Pelas regras implicadas na existência de ser avenida, não se pode construir nada, os tijolos são proibidos por aqui. A abertura para o horizonte parcial se mantém, assim como o desejo de ocupar a área.

O que não se consegue fazer nas vias lotadas de carros e lojas e barracas e gente apressada, cabe aqui, nesta pista. Caminhar sem precisar chegar é uma das atividades desalojadas das tarefas do trabalho. Ainda que se busque qualidade de vida, saúde física e mental, corpos mais atraentes, ou seja lá o que for, as incontáveis voltas que tantos dão, não supõem chegar em algum lugar para consumir ou ser consumido pelas tarefas do trabalho. A esta altura, um grupo de quatro pessoas, que corre conversando e rindo, passa por mim pela segunda vez. Ele deu a volta completa na pista enquanto eu caminho e me protejo das bolas que cruzam o céu, já quase chegando na escola.

Instrumento de teu corpo é também tua pequena razão que chamas de “espírito”, meu irmão, um pequeno instrumento e brinquedo de tua grande razão.

“Eu”, dizes tu, e tens orgulho dessa palavra. A coisa maior, porém, em que não queres crer — é teu corpo e sua grande razão: essa não diz Eu, mas faz Eu (NIETZSCHE, 2011, p.32).

Os “desprezadores do corpo”, na reflexão de Nietzsche, em “Assim falou Zaratustra”⁴³, são os que criam algo além dele na tentativa de reduzir sua natureza. Os sujeitos que criam nos espaços, e que os transformam em extensão de sua corporalidade através da experiência nos territórios, não parecem o fazem para ampliar ou reduzir as suas dores. A busca é por reconhecimento da multiplicidade das forças e dos sentidos desenrolados nos acontecimentos de todos os dias. Na possibilidade também de fabular estes territórios se encontra uma das potências próprias de ser gente. Neste sentido, não consideramos este exercício de fabulação como uma fuga da realidade, mas como potencial inventor de formas ampliadas de existência. Procura-se nas bordas do possível o “ser mais”⁴⁴, caro a Paulo Freire (1996), ao intervir e inventar novos mundos no mesmo.

Na impossibilidade de esquitear o espaço com tijolos e concreto, cabe ao pistão o exercício provisório do brinquedo – não como um fixo, mas este mesmo que se dobra ao que de integral se desdobra no corpo. Este movimento de abertura, tanto dos espaços quanto dos que os ressignificam, se põe à espreita das oportunidades. Para além das necessidades de todos os dias; de morar, comer e se manter vivo e forte para o trabalho, as vontades de lugar desejam manifestação. Os corpos jovens, no seu direito nem sempre respeitado de experimentar o provisório, reconhecem nos terrenos chances de serem mais do que produtivos.

Pisamos aqui na perspectiva do encantamento. E se essa rua fosse também lugar de brincar? Os protocolos são postos de escanteio e os pés voltam para o chão. No canto esquerdo quatro chinelos saíram do seu devido lugar e foram parar na divisão das marcas de gol, agora são traves imponentes que reforçam as regras do jogo.

⁴³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Assim falou Zaratustra : um livro para todos e para ninguém; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo : Companhia das Letras, 2011. (versão digital)

⁴⁴ “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado. Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo. Seria irônico se a consciência de minha presença no mundo não implicasse já o reconhecimento da impossibilidade de minha ausência na construção da própria presença” (FREIRE, 1996, p.31).

O conflito entre utilidade e prazer é regido por um entendimento unilateral de ser sujeito no mundo, contextualizado fortemente pela produtividade. O que os sujeitos ‘produzem’ ao se reconhecerem brincantes? O utilitário pode ter características estéticas enquanto objeto palpável, que se coloca no contexto das negociações implicadas em valores capitais. Pode também gerar sensações de prazer, ao ocupar lugares de satisfação física e emocional na vida das pessoas. No entanto, a experiência que se dá na espontaneidade dos lugares ocupados pelo brincar não é tomada, nesta relação mercadológica, como condição própria de ser gente, como parte inseparável dos processos que compõem o próprio sujeito no mundo, descolada de qualquer princípio econômico.

Rubens Alves provoca: “(...) o poeta e o músico são mais importantes que o banqueiro e o fabricante de armas, o que sem dúvida provocará sorrisos tanto nos vencedores quanto nos vencidos” (1981, p. 9). Ao tratar dos “sorrisos” provocados, aproxima o lúdico e o estético como elementos participativos nas disputas. Dentro de sua afirmação desconcertante está o borbulhar que se choca com o ordenamento próprio de um posicionamento utilitário diante dos objetos do mundo. A lógica da sociedade industrial, como aponta Rubem Alves, “fez conosco o que um esquartejador faz com um corpo: desmembrou-nos, desmontou-nos numa série de funções independentes e frequentemente contraditórias” (1981, p.10).

3.3 Os escombros do Castelo das Pedras

Pesquisar sobre o Castelo das Pedras me faz enveredar por memórias do som do funk na minha história no Vidigal. Me faz lembrar do transtorno do deslocamento de quem morava no topo do morro, na ultrapassagem da barreira de gente e de som que se instalava na localidade denominada “largo do santinho”, que ficava bem no meio da comunidade. O paredão, como era chamado o encaixe das caixas de som, umas sobre as outras, e que tomavam um lado da via, tinha um som tão estridente que se ouvia do topo do morro e lá de onde eu morava. Quem chegava ou saía da comunidade em dia de baile, tinha que cruzar a pé pela região, qualquer transporte ficava impedido de passar a partir desse ponto. Ainda que eu estivesse diariamente no morro, o evento me parecia proibido, como algo misterioso e suspeito.

Acessar qualquer informação sobre baile funk me faz retomar esse lugar de mistério, e a confirmação desta espécie de atmosfera já se dá na pesquisa específica do Castelo das Pedras, e da dificuldade de encontrar registros, descrições e análises desse local, que vigorou

por quase três décadas na região, como uma espécie de “outro lugar” de acontecimentos que só se dão neste quadrado.

Passei muitas vezes pela rua do Castelo das Pedras, quando fazia o trajeto contrário ao que faço hoje, para acessar o caminho da escola. Vindo de Marechal Hermes, após dois turnos de aulas na FAETEC, eu chegava ao Rio das Pedras pelo caminho oposto ao que eu faço hoje. Eu cruzava toda região a pé, do ponto final do 861 até a ponta do “Moradas do Itanhangá”. Uma das últimas vezes em que caminhei por essa rua, em 2018, visualizei o início do seu fechamento, a retirada do letreiro e a desconfiguração do local. Essa visão me gerou um susto e uma sensação de curiosidade, diante de uma memória que não era minha, mas que de alguma maneira cruzava com o que eu vivenciei na minha adolescência.

Imagem 35: Ruínas do Castelo das Pedras



Fonte: Recorte de visão aérea, Google Maps, acesso em 29/03/2023.

Iniciei a pesquisa traçando o caminho do mapa, primeiro na memória, relembrando as minhas caminhadas pela localidade, depois no Google Maps e nas variações possíveis de observação do seu território. Na atualização da ferramenta, a localidade já consta com a denominação de “Ruína do Castelo das Pedras”. Na observação da pele da construção retirada, e no amontoado de terra que aponta para a exploração do terreno, eu busco caminhos para pinçar o que não vivi no lugar.

Imagem 36: “Baile funk do Castelo das Pedras acaba, depois de 25 anos”⁴⁵

⁴⁵ <https://extra.globo.com/noticias/rio/baile-funk-do-castelo-das-pedras-acaba-depois-de-25-anos-23148717.html>
Acesso em 20/03/2023.



Fonte: Jornal Extra, acesso em 29/03/2023

Uma reportagem de outubro de 2018 registra o fim da casa de show depois de 25 anos de funcionamento. Considerando a casa como espaço de encontro e de circulação de diferentes camadas da população do Rio de Janeiro, incluindo moradores, artistas e pessoas de zonas diferentes do mapa da cidade, a reportagem confirma a abrangência de eventos que ocorriam no local ao longo de tantos anos. A justificativa inicial do fechamento da casa se dá através de uma postagem na rede social “Twitter”, de um hoje vereador que era chamado de “Geiso do Castelo”, atual dono do local. Por questões, segundo ele, religiosas, não via mais sentido na manutenção do empreendimento. Ele relembra:

“Nos anos 1990, muitos bailes aconteciam nos Cieps, inclusive o nosso aqui do Rio das Pedras. Mas houve uma época em que isso foi proibido. Foi então que o dono do “Forró do Chico” perguntou se eu queria levar o baile para lá. E foi assim que começamos a fazer, 25 anos atrás”⁴⁶

Os dois únicos comentários registrados da reportagem apontam para um olhar antagônico sobre o sentido desta manifestação cultural na comunidade. Um deles rememora a organização do evento e o seu início, em 1996, enquanto o outro deprecia o funcionamento dos bailes nas comunidades.

Imagem 37: Comentários da reportagem sobre o fim do castelo das Pedras

⁴⁶ Narrativa apresentada na reportagem: <https://extra.globo.com/noticias/rio/baile-funk-do-castelo-das-pedras-acaba-depois-de-25-anos-23148717.html> Acesso em 20/03/2023.

extra.globo.com/noticias/rio/baile-funk-do-castelo-das-pedras-acaba-depois-de-25-anos-23148717.html



Fonte: Jornal Extra, acesso em 29/03/2023.

No campo mais explícito que o das entrelinhas, que se dá nos comentários sobre o tema, em reportagens e em redes sociais, parte das observações e dos modos de interpretar os acontecimentos, em especial dos espaços periferizados, observamos um caráter homogeneizante que marginaliza os sujeitos e suas formas de se divertir em seus territórios. É possível perceber que o campo das disputas se dá nos espaços enquanto terreno, que valoram ou reduzem acontecimentos, e nas falas e posturas dos sujeitos que vivem ou não em suas fronteiras. O funk é notoriamente considerado como um exercício cultural que afronta opiniões hegemônicas do que é ser um cidadão “de bem”.

O choque de diferentes manifestações era reforçado no próprio cotidiano da casa de festas, quando o lugar estava ativo para uma variedade de eventos. Em uma notícia veiculada bem antes do encerramento das atividades da casa, ainda em 2010, a temática religiosa e moralizante já havia sido abordada na prática. Segundo o texto, um pastor se pronunciou no início de uma madrugada de baile, pregando para mais de duas mil pessoas que frequentavam o local. A notícia relata o início da pregação:

- Desculpe interromper a festa de vocês, mas, em nome de Jesus, todo o mal vai ser expulso desta casa - gritou pastor Nino.

A galera entrou na onda e vibrou com a presença do evangélico. Gritos de "aleluia" passaram a ecoar pelo salão.⁴⁷

Embora estejamos diante de um início de descrição do que parece ter se tornado um acontecimento dentro do Castelo das Pedras, estas pistas apontam para um exercício de compartilhamento de sentidos a princípio díspares. E ainda que o discurso religioso carregue em si um forte apelo para uma postura supostamente “não mundana” das manifestações dos corpos, quem já vivenciou um culto em uma igreja, observou a intensidade dos afetos que se dão nos espaços dos templos. As falas imponentes, o tom emocional dos discursos e os gestos apontam para uma presença fortemente afetiva na significação desses lugares.

O que nos chama atenção nestas pistas iniciais é a desassociação do sentido de uniformidade dos lugares que servem para determinados eventos. O que pode haver e caber em cada lugar? Nos questionamos ao observar o cruzamento e a simultaneidade do que se dá, a princípio, de forma antagônica. O exercício da fé e o compartilhamento do espaço de diversão e aprimoramento de liberdades dos corpos.

As pessoas participam de universos de discurso múltiplos, mais ou menos discrepantes; constroem mundos diferentes, parciais e simultâneos, nos quais se movimentam. A construção cultural que fazem da realidade não surge de uma única fonte e não é monolítica (BARTH, 2000, p.122-123).

Mais do que tratar aqui de fé e de funk, e de suas possíveis zonas de entrecruzamento, estamos diante de lugares sobrepostos. Mais do que manifestações que conversam e que se tocam, analisamos aqui acontecimentos concomitantes, no exercício não só do mesmo lugar físico, mas na permeabilidade do trânsito simbólico e das subjetividades desses sujeitos, que conversam no momento previsto para ser outro. Para além de zonas fronteiriças, o que entra em jogo são os arranjos e as negociações, que em um processo de disputa e conformação se banham simultaneamente.

3.4 RCRP – Roda Cultura do Rio das Pedras

3.4.1 Rodas: Circuito de resistência

⁴⁷ <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/templo-do-funk-castelo-das-pedras-vai-virar-igreja-evangelica-293377.html>
Acesso em 29/03/2023.

“Sempre teve roda na história da humanidade, a gente só ressignificou um momento”, observa MV Hemp, de Bangu, um dos precursores do movimento no Rio. “A gente não é dono do espaço público, não é dono de nada, não é dono do planeta, não, já chega o estado vendendo essa fantasia. A gente negocia com o estado, sim, mas tem que articular e subverter. Vai lá, capta recursos pra uma ideia, mas a gente não paga imposto à toa, o dinheiro é nosso. Qual foi?”⁴⁸

As rodas culturais, ainda que se desenvolvam tendo as disputas de rima como recorte central, movimentam uma variabilidade de práticas que reinventam os espaços públicos e influenciam no fortalecimento de uma máquina inventiva que só funciona na coletividade. Como um movimento agregador, se dá na esfera dos encontros e no exercício de autoria e apropriação dos espaços de socialidade, que ao serem ocupados confrontam e afirmam diferenças. Para situar a nossa reflexão, cabe exemplificar modos de organização das rodas da cidade e o amparo legal que possibilitou este movimento de legitimação das rodas. Cabe registrar também que este processo de legitimação, bem atual, foi fruto de anos de resistência para manter a cena das rodas viva não só no Rio, mas em muitas partes do país.

O Circuito Carioca de Ritmo e Poesia (CCRP) se apresenta como uma rede independente de produção e pesquisa que contribuiu para o desenvolvimento de Rodas Culturais em diversos bairros da cidade. Visa unificar e tornar o movimento sustentável diante das dificuldades de se fortalecerem quando limitados aos seus locais de atuação, entendendo o direito à rua como palco para a diversidade de manifestações culturais na cidade.

Imagem 38: Cadastro de Rodas Culturais do Rio⁴⁹



Fonte: Facebook – Circuito Carioca de Ritmo e Poesia. Acesso em 26/09/2022.

⁴⁸ <https://projTOCOLabora.com.br/ods11/rodas-culturais-resistem-no-espaco-urbano-do-rio/> Acesso em 26/09/2022).

⁴⁹ <https://www.facebook.com/circuitocariocaderitmoepoesia/photos/a.656036621129335/5194105687322383/> Acesso em 26/09/2022 – observar data de publicação na rede.

A Liga das Rodas Culturais do estado do Rio de Janeiro teve início em 2016, na tentativa de mapear as rodas culturais da zona oeste da cidade. A principal luta do movimento é pela viabilização e manutenção das rodas nos espaços públicos da cidade, ao se comunicar com os órgãos de segurança para derrubar medidas impeditivas das atividades nas ruas e praças. Em 2017 o movimento se ampliou e passou a incluir as rodas em escala estadual.

Em 2018 foi criada a Lei 7.837/18, regulamentando o direito à ocupação de espaços públicos pelas Rodas Culturais da cidade, reduzindo assim o número de ocorrências de violação ao direito do encontro e da manifestação dos coletivos no Rio de Janeiro. Ainda neste mesmo ano, a Liga das Rodas Culturais⁵⁰ lançou a primeira edição de um circuito estadual, com a participação de 125 rodas de 23 cidades do Rio de Janeiro. Após o período de pandemia, a Liga retoma os seus trabalhos em 2022 e busca cadastrar as Rodas do estado, ativas ou inativas, para realizar a terceira edição do evento.

No fluxo deste processo legitimador, a FUNARJ lançou o edital “Prêmio FUNARJ⁵¹ Rodas Culturais de HIP HOP 2022, com premiação para 50 Rodas Culturais produzidas no estado do Rio de Janeiro, que comprovaram suas atividades nos últimos 3 anos. O resultado⁵² dos projetos elencados para possível premiação conta com mais de 60 Rodas do estado. Um dos objetivos do edital é fornecer subsídios para a obtenção de equipamentos próprios e manutenção da organização e fortalecimento das Rodas.

3.4.2 Batalha de sangue em RP

Noite de outubro de 2021. Uma galera reunida na praça, alguns adultos, crianças e muitos jovens rodeiam uma dupla batalhando no vão central. As falas se embolam, entre a voz mais grossa de jovens e adultos e os ruídos difíceis de entender, de crianças que também se arriscam com o microfone. A roda se manifesta, faz barulho e incentiva a disputa.

Existem basicamente dois tipos de batalha: de conhecimento e de sangue. A primeira se desdobra partindo de temáticas escolhidas antes de seu início, por quem intervém assistindo ou por quem organiza o evento, e o encadeamento de ideias deve seguir a lógica desta seleção. Na segunda o exercício é de ataque, no sentido de fazer com que o provisório oponente seja colocado numa situação de vulnerabilidade diante do público, e precise buscar

⁵⁰ (<https://www.ligarjoficial.com.br/circuito-rj-seletiva-nacional> Acesso em 26/09/2022.

⁵¹ (<https://www.funarj.rj.gov.br/node/30?fbclid=IwAR2-Eh0chAQR2wHt6BSjD90ZQwVItKXRLAhv2-kiZekyl650JrHj9Li3484> Acesso em 26/09/2022.

⁵² (https://www.funarj.rj.gov.br/sites/site_funarj/files/arquivos_paginas/Ata%20da%20reunia%CC%83o%20da%20Comissa%CC%83o%20de%20Selec%CC%A7a%CC%83o%20do%20Edital%20de%20Concurso%20N%C2%BA%20006_2022%20-%20FUNARJ.pdf Acesso em 26/09/2022.

argumentos que o mantenham na disputa. A batalha de sangue parece tomar conta de grande parte do tempo das rodas ocorridas em RP, considerando as que assisti e que tive acesso através de vídeos disponibilizados das redes sociais utilizadas pelo coletivo que organiza ou participa dos eventos.

Imagem 39: Roda Cultural do Rio das Pedras



Fonte: Captura de vídeo⁵³ postado em 10 de outubro de 2021. Acesso em 05/09/2022.

Frase falada em roda, agora numa batalha de 2022: “(...) menor, tu tirou o microfone, desse jeito você nunca acerta. Como assim me sem microfone, você tá dizendo pra mim que tu é um soldado sem arma na guerra?”⁵⁴ A batalha fala de si, neste enredo de palavras elencadas para afetar o outro, e fala de um lugar, ao performar fincada em uma realidade específica, histórica e social. É palavra verbo e gesto que ocupa coletivamente o espaço. O que precisa ser dito ou ouvido, neste determinado contexto, embora por vezes incompreensível para um olhar estrangeiro, fala mais do que o encadeamento de palavras.

A manifestação do público, os gritos nervosos, os curtíssimos intervalos de apreensão silenciosa, o aprimoramento dos desfechos, tudo isso é um exercício que se faz partindo dos acúmulos. E a rudeza da batalha de sangue, que soa tão agressiva aos ouvidos moralizados pelo que deve ou não fazer parte do diálogo, combina em certa medida com a própria dureza dos lugares onde os encontros acontecem. Como uma espécie de “desconstrangimento” das palavras, o encadeamento rápido de ideias é atravessado pelas palavras proibidas que soam

⁵³ https://www.instagram.com/p/CU3a_y7p8XI/ Acesso em 05/09/2022.

⁵⁴ Frase lançada numa batalha de sangue em RP, em 07/06/2022. Registros do Instagram - Roda Cultural_RP: <https://www.instagram.com/p/Cehg-g2JY6q/> Acesso em 05 de setembro de 2022.

agudas no primeiro contato. Observando uma batalha, e chegando até o final da zombaria, se configura um tipo de espaço outro ocupando o mesmo. Os mesmos oponentes, que selecionaram na rapidez do raciocínio as palavras e as combinações mais agressivas possíveis, no calor do momento, se recolocam depois do acontecimento – que se desfaz feito poeira quando finda. Eles apertam as mãos, gesticulam, caminham em direções diferentes ou paralelas, como quem desata um nó.

Ao observar as narrativas elaboradas no encontro dos jovens na roda de cultura do Rio das Pedras, quando duelam a partir de frases de efeito, que se chocam nas frases de efeito alheias, presenciamos um ritmo frenético e acelerado, mas não no campo da velocidade técnica de produtividade capitalística. O ritmo do embate do momento se dá na atenção oferecida ao reflexo dos corpos e da conexão lógica própria do acontecimento. Essa lógica se dá no estímulo da observação e da resposta entre os agentes envolvidos na roda, se dá no presente e na presença. Na medida em que as narrativas e as frases vão acontecendo, elas vão abrindo espaços de criação para as próximas. A disputa de lugar e de poder, disposta nesse embate dialógico, se dá enquanto acontece, numa dinâmica de atenção plena.

A roda cultural do Rio das Pedras, no seu exercício do improviso, ainda que tenha parte de suas referências inevitavelmente iluminadas pelos setores de consumo, não se resume ou se esgota no que lhe é precariamente oferecido como parâmetros para se pensar seus modos de existência nos lugares. Ainda que se deseje, em algum grau, replicar ou referendar manifestações estéticas que já estão no campo da visibilidade global, as suas práticas na roda de rima dependem do improviso e da disposição corporal que é acontecimento único de um lugar, que não são reproduzíveis ainda que se repitam as mesmas frases.

3.4.3 Sobre falar e estar junto

Conheço três espécies de diálogo: o autêntico - não importa se falado ou silencioso - onde cada um dos participantes tem de fato em mente o outro ou os outros na sua presença e no seu modo de ser e a eles se volta com intenção de estabelecer entre ele e si próprio uma reciprocidade viva; o diálogo técnico, que é movido unicamente pela necessidade de um entendimento objetivo; e o monólogo disfarçado de diálogo, onde dois ou mais homens, reunidos num local, falam, cada um consigo mesmo, por caminhos tortuosos estranhamente entrelaçados e creem ter escapado, contudo, ao tormento de ter que contar apenas com os próprios recursos (BUBER, 1982, p.54).

Estar junto e exercer a comunicação, física ou virtualmente, deveria significar diálogo, e pressupor a ida e o retorno de mensagens, muito mais do que uma sucessão de falas, ditas por uma ou mais pessoas. No monólogo a própria fala reverbera em si mesma, sem modificação do e no embate, por desconsiderar a existência do outro, seja este outro um lugar ou uma pessoa. A manifestação de ideias se esgota nos limites da pessoa e das suas formas de ver, não fornece mais ferramentas para um uso crítico e criativo do que se pronuncia e do que se ouve, sobre o mundo, sobre o outro e sobre si mesmo.

Buber trata do movimento monológico (que nunca o é de maneira plena) para pensar o sujeito que tende a “dobrar-se-em-si-mesmo” (1982, p.57). Apresenta este movimento como uma forma de ver o outro e, conseqüentemente, a si mesmo, como instância descolada da própria vida, que ganha dimensão desconsiderando o contexto em que se insere, ou ampliando este contexto como conceito absoluto. E Buber completa: “...na rejeição do real que nos confronta, inicia-se a desintegração da essência de toda realidade” (1982, p.58).

O diálogo técnico se enquadra como um dos fundamentos da educação bancária (FREIRE, 1994), onde se delimita claramente um objeto e se reduz a amplitude do discurso sobre ele. A necessidade determina o que é pertinente, e tende a reduzir os cruzamentos que trazem para o tema algo que o movimenta em direções não programadas. Existe aqui uma espécie de filtragem, que elimina ruídos e que elenca o que se mantém em jogo. No campo do técnico estão implicados as disputas e o juízo de valor, que hierarquizam e verticalizam a posição dos sujeitos envolvidos no processo. Pensemos em frequências desconexas, como se houvesse uma sobreposição de uma ‘sonoridade’ sobre a outra, sem nuances ou transparências sobre elas, no sentido da anulação total ou parcial da diferença.

No diálogo autêntico “cada um dos participantes tem de fato em mente o outro ou os outros na sua presença” (BUBER, 1982, p.54). Ter em mente significa internalizar, de alguma forma, parte do que o outro é, em contato direto com o que se é, em sua personalidade e sua multiplicidade. Nesta perspectiva o que se pronuncia se encontra, ainda que para isso se gere choque. As diferentes vozes são compreendidas, ainda que distintas ou opostas entre si. Elas se encontram, emanam, penetram e retornam, tudo isso ao mesmo tempo. O que não prevalece se dilui. O que se fixa é sempre fronteira provisória.

“Onde há vida, há o inacabamento” (FREIRE, 1996, p.29). O diálogo acontece verdadeiramente no reconhecimento do inacabado de ser gente e do mundo, e considerando as relações entre as pessoas, relações intrinsecamente políticas e éticas. Como aponta Berino: “A condição para “ser um ser no mundo” não é uma revolução pessoal, mas uma diligência cuja possibilidade só existe como articulação coletiva” (BERINO, 2018, p.331).

Nas relações elaboradas nos encontros cotidianos, as gradações dos aspectos dialógicos são bem mais amplas, e não se dão ancoradas em apenas uma dessas zonas. Elas por vezes se interpenetram, na medida em que variamos nossa presença nas relações com os outros. Somos afetados e afetamos através de nossas falas e de nossa presença nos lugares que ocupamos, e nas contradições que preenchem as suas vias.

Esta é a condição de que trata Paulo Freire, ao afirmar que: “Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser” (1996, p.18). Saber dos perigos de acreditar em um isolamento garantido por uma comunicação monológica, pode nos recolocar no campo do diálogo. Reconhecer a sedução lançada por uma postura finalística diante das relações, onde tudo eventualmente parece estar sobre controle e ancorado em um certo estado de poder, pode nos levar a recuar e novamente acessar a nossa atenção ao outro, o que viabiliza as relações que se articulam e transformam mapas em lugares.

A conclusão que nos fragiliza é a constatação de que nunca estaremos plenamente fincados em apenas um campo de diálogo. Ao tocarmos em pontos delicados de nossas formas de ver o mundo e de ver o outro, e ao tocarmos da mesma forma os outros, se inicia o exercício incessante de entender nossa humanidade na vida em movimento. Pensemos então nesses elementos exercendo movimentos diversos e simultâneos: mais rápidos, mais lentos, mais precisos ou mais desajustados. Esse equilíbrio sensível, que demanda doses consideráveis de vulnerabilidade e consistentes de presença, exige uma abertura para ajustes que reconciliem sem cessar os sujeitos aos seus lugares de atuação.

Se fosse possível mapear todas as variáveis resultantes das partículas que se deslocam e se chocam em um instante dialógico, certamente seria gerada uma infinidade de respostas. A intensidade do enrigecimento dos costumes, as variantes do clima que o contexto dialógico imprime, o próprio conhecimento elaborado pelos sujeitos, o grau de participação e de sensibilidade no processo; tudo seria ingrediente gerador desta alquimia que se dá no diálogo. E é justamente da impossibilidade de se repetir o mesmo acontecimento duas vezes que germinam os encontros sempre inéditos, que deslocam o que se é para ‘tudo aquilo que deve vir a ser’.

Freire, partindo de Sartre, nos apresenta o seguinte entendimento: “Numa perspectiva não objetivista mecanicista nem subjetivista mas dialética, mundo e consciência se dão, como disse Sartre, simultaneamente. A consciência do mundo engendra consciência de mim e dos outros no mundo e com o mundo” (FREIRE, 2000, p.50). Ao nos relacionarmos com os outros e com o mundo, nos relacionamos também com nossa própria forma de ser e de estar no mundo. São instâncias diferentes e, ao mesmo tempo, inseparáveis, visto que as diferenças

se relacionam no que é absorvido e no que é exposto.

Pessoas exercem sua potência própria ao serem alimentadas pelo inacabamento do mundo. E ao modificá-lo, em perspectiva relacional, se modificam também, sofrendo todos os tipos de forças geradas pelo seu contexto. Se os sujeitos reconhecem o território em que pisam, se observam a sua dinâmica, em sua existência sempre atualizada, o transformam com ferramentas sempre em processo de aprimoramento. Se encontram um contexto ainda parcialmente explorado, ou ainda estranho para si, precisam buscar na relação entre as suas experiências anteriores, zonas de aproximação com este terreno acidentado. E na ação de modificar este contexto, modificam a si mesmos, já que imprimem em suas memórias e em suas práticas instrumentos só agora reconhecidos. O que ele e os outros encontram a seguir é uma mistura entre vestígios de outras passagens e de outras paragens, que se abrem sempre para transformações possíveis.

O entendimento de receptividade diante das experiências passa pela seguinte reflexão: “seja como um lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade” (LARROSA, 2019, p.26). Esta passividade de que trata o autor é “... anterior à oposição entre ativo e passivo” (ibid., P. 26), e é permeada por uma postura atenciosa diante dos acontecimentos. Estar receptivo e disponível aqui nada tem a ver com um descompromisso diante das experiências do/no mundo, mas com uma indefinição provisória, que desarma os limites sobre o que deve ou não ser considerado como acontecimento relevante ou digno de se transformar em base para novos saberes.

Freire aponta para “(...) a necessidade da experiência relacional no nível da existência e dos contatos, no nível da vida” (1995, p.76). Estes contatos, de que trata Freire, são possibilitados a partir do que ele chama de “corpo consciente”⁵⁵ (1995), presença que depende do que Larrosa chama de “uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo” (LARROSA, 2019, p. 26), talvez a manobra mais difícil de se compreender ao analisar o campo das experiências. Ao tratar de uma “receptividade primeira” (LARROSA, 2019, p. 26), o autor aponta não para um contato apenas no nível dos sentidos, mas para a recepção atenciosa aos acontecimentos, que permite olhar para a vida como um ato inaugural.

⁵⁵ “A consciência de a intencionalidade da consciência, não se esgota na racionalidade. A consciência do mundo que implica a consciência de mim no mundo, com ele e com os outros, que implica também a nossa capacidade de perceber o mundo, de compreendê-lo, não se reduz a uma experiência racionalista. É como uma totalidade – razão, sentimentos, emoções, desejos -, que meu corpo consciente do mundo e de mim capta o mundo a quem se intenciona” (FREIRE, 1995, p.75/76).

3.5 O Nordeste em RP – passagem na Feira do Canal

Meu pai é a presença e memória mais profunda que eu tenho do Nordeste, ainda que eu nunca tenha vivido em suas terras. A existência dele enche o lugar de um cheiro de mato molhado - meu pai planta e tudo nasce -, e de um aroma quente de café no copo de vidro, na soleira gasta da porta. Coisas de uma existência tão primeira que me ensinaram a pensar por imagens, esses saberes que não situamos a origem regular de sua fixação, mas que estão ali como impressões a tinta. O gosto dos pés descalços, a vassoura dura passando firme de manhã no terreiro, arrastando terra e restos de chão batido, um sol batendo empoeirado pra lembrar que o dia começou. Imagens primordiais presas não sei bem onde, que pulam das camadas de dentro toda vez que viver recalcula sem números a matéria fina⁵⁶ de existir nos lugares de afeto.

Essas imagens, memórias latentes que colam umas nas outras, numa atração de reconhecimento, me fizeram encontrar no Rio das Pedras a familiaridade dos modos de viver de uma terra e de seus viajantes, nordestinos que transpiram todos os dias para sustentar suas vidas na medida em que constroem e constituem parte importante do que é hoje a cidade do Rio de Janeiro. A cidade, lugar de encontro de pessoas vindas de tantas regiões do país, foi e ainda é construída e reconstituída pelas forças de uma parcela considerável de migrantes da região Nordeste. Sua força física, estreitada e posta à prova diariamente nos aglomerados que representam muitas comunidades da cidade, é solicitada pela máquina que capitaliza tudo, que moe esta energia na construção de condomínios e empreendimentos em áreas nobres, ou rasga clarões na beira das florestas⁵⁷ que contornam a cidade. Sua força cultural se manifesta nos seus modos de viver, nos hábitos e costumes que trazem para além de suas bagagens, e nas formas de empreender, negociar e produzir sua existência na partilha nem sempre justa de seus territórios.

⁵⁶ “Tampouco turva-se a lágrima nordestina
Apenas a matéria vida era tão fina
E éramos olharmo-nos, intacta retina
A cajuína cristalina em Teresina”

<https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44704/> Acesso em 17/05/2023.

⁵⁷ “— O Maciço da Tijuca hoje é o Maciço da Pedra Branca em dez anos — prevê Rita Montezuma, professora da UFF, especialista em microclimas. Entre 2003 e 2011, a Defesa Civil registrou 629 casos de deslizamento ou enchentes nos bairros da AP4 (Barra, Recreio, Camorim, Vargens e Jacarepaguá). Pesquisadores e ambientalistas chamam a atenção para o aumento da ocupação indevida no entorno do Maciço da Pedra Branca. Além do perigo a que se expõem os moradores dos imóveis localizados em área de risco — muitos deles regularizados —, o avanço sobre uma unidade de conservação causa desequilíbrio que se reflete em toda a cidade.” <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/macico-da-pedra-branca-especialistas-alertam-para-risco-de-desabamento-19229105> Acesso em 17/05/2023.

Recorrendo aos aspectos históricos e econômicos de formação do próprio país, reconhecemos os eixos de atração ou dispersão de bens e de poder de barganha, que pulverizaram as populações do Nordeste para outras regiões do mapa. O movimento não foi acolhedor, a produção de “uma modernidade compulsória”⁵⁸ no país ao longo do século XX⁵⁹, sinalizou para um futuro que segregou regiões do mapa. Como apontam Tomaz e Barbosa: “Passam a viver, sobretudo, em territórios excluídos (e de excluídos), transformando-se em moradores que saíram da periferia do Brasil - o Nordeste - para a periferia dos grandes centros. Constrói-se, então, a periferia da periferia” (TOMAZ; BARBOSA, 2021, p.215). Com tudo de segregador que nos deparamos no Rio das Pedras, os saberes entrelaçados em seu território, ainda que comprimidos nas demandas de manutenção da vida de seus sujeitos, insistem em resistir ao esfacelamento dos tombamentos de todos os dias.

Com a vista precisando do chão eu caminhei pela feira de RP, na Via Light, beirando o canal que já foi rio. O jogo das forças é também físico. Numa estética em consonância com a falta, alguém apoia a madeira num banquinho, o alface extrapola o seu espaço e cai por cima dos queijos e pimentas vermelhas da madeira seguinte. Se o produto é grande e pontiagudo, ele ultrapassa o limite da mesa e arranha a perna de quem esbarra.

Imagem 40: Carne na feira de RP



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

⁵⁸ TOMAZ, M. de F.; BARBOSA, M. C. Periferia da Periferia: migrantes nordestinos na Favela da Maré em três atos. *Revista Alterjor*, 23(1), 208-229. 2021. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-1507.v23i1p208-229> Acesso em 17/05/2023.

⁵⁹ Devido à conjuntura econômica no Brasil, a região Nordeste ficou sendo apontada como um espaço geográfico em estado de crise e subdesenvolvimento (Silveira, 1984). Os investimentos e a entrada de capital europeu no Brasil causaram mudanças na área de comércio. Com isso, o eixo de acumulação capitalista inclinava-se, decisivamente para a região Sul e o Nordeste sofria com a desvalorização de seus produtos no mercado, precisamente no caso da economia açucareira, levando-a à condição de região subalterna e atrasada (TOMAZ; BARBOSA, 2021, p.211).

O jogo de forças é insistente e produz combinações das mais variadas. Nos obstáculos e barulhos e gestos concomitantes a vista pula. Numa espécie de iniciativa combinatória as conciliações acontecem, doendo ou não. Uma barraca me para. São uns pedaços grandes de carnes e ossos, com um homem sacudindo um papel firme perto, pra espantar as moscas que insistem em sentar nas dobras do produto.

A moça diz que a carne da feira é sempre mais gostosa do que a do mercado, congelada sei lá por quanto tempo. Ela falou que a do mercado não tem gosto de nada. O perecível fresco é pra ser cozido na hora, na volta da feira de domingo. Talvez não se trate de uma resistência ao que de inovador se encontre no mercado, na conservação de uma condição para além da sua degradação natural. Pode não ser também a transformação definitiva, ao desejar ignorar um método configurado para ser regra de mercado. A iniciativa, que presencio quando as falas são atravessadas, quando as mesas extrapolam seus limites, e quando a beirada de uma delas arranha as pernas do passante, é como um diálogo tenso entre as ferramentas da modernidade e as memórias e modos de costurar tempos outros.

Por exemplo, superficialmente, pode ser impossível traçar linhas plausíveis de relação entre a discussão que um açougueiro e um cliente têm sobre o preço de um determinado corte de carne, a discussão que uma mãe a dez quarteirões de distância está tendo com uma filha pequena sobre como até onde ela e um amigo podem se aventurar longe de casa, e argumentos de autoridades locais, que se reuniram a mais dez quarteirões de distância, sobre novos regulamentos a serem adotados para o mercado onde nosso açougueiro agora está discutindo. No entanto, essas simultaneidades podem de fato estar conectadas por um quadro matizado que erode sua aparente insularidade e vincula eventos e processos por meio do reconhecimento de estruturas que os englobam (SIMONE, 2021, p.1342).⁶⁰

Ainda que os arranjos tramados na feira pareçam ajustes adequados para um agora que convoca respostas, de algum modo se referem também a relações de predominantes, do que se repete como desafio diário para suas vidas e para outras nesta consonância em trama. Não criaremos aqui uma visão fatalística dos acontecimentos, nem uma dependência de um aspecto da realidade sobre o outro. Na mesma medida em que as soluções cotidianas produzidas com o que é possível dependem de modos de imaginar com o possível, a própria disposição de suas partes desestabiliza as relações predominantes. Nas gradações desta condição de instabilidade inventora: “Sempre beirando o caos, uma proficiência de coreografia coletiva cria uma sensação ampliada de amplitude. Essa amplidão atesta a

⁶⁰ Tradução própria.

capacidade dos corpos de serem simultaneamente mais e menos do que são – uma infraestrutura dinâmica (SIMONE, 2021, 1344).

Imagem 41: Peixes na feira



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

A feira foi ficando mais cheia, e talvez a fome tenha afetado os meus olhos. Tudo parecia estranhamente gostoso, e enquanto um vendedor gritava e oferecia provinhas de uma fruta que não reconheci, eu bati a cabeça na ponta de alguma coisa pendurada. Um cheiro de sal escorreu na minha testa e ajustei o corpo pra enxergar o que era. Uns peixinhos pendurados em cordas disputavam espaço com os passantes. Eram secos e balançavam na agitação. O vendedor disse que não estragavam nunca, eram feitos para durar⁶¹.

Dos peixes secos ao sol, habituais dos sertões, seguindo a lógica da “nossa carne-do-sertão, carne-de-vento, carne-de-sol” (CASCUDO, 1967, p.33), retemos a nossa vivência solar, tão viva quanto dura nos sertões do território brasileiro. Saindo das orlas das águas, os pescadores secavam o pescado para garantir a conservação necessária aos deslocamentos para o interior mais seco.

Ainda com o sal na testa, memória do peixe pendurado nos ares e fora do seu lugar, eu lembrei da história dos peixes que pareciam voar na Caatinga, bioma exclusivamente

⁶¹ “Durante o período colonial, a ideia de secar o peixe para depois comê-lo atendia, principalmente, a uma necessidade de conservação do alimento. O peixe apenas seco ou salgado durava aproximadamente um ano para o consumo. A técnica pressupunha abrir o peixe, remover o feto (as entranhas), desossar, retirando a cabeça, a espinha e as escamas, e, posteriormente, secá-lo ao sol, nos telhados ou nos terreiros, sobre um jirau – armação de madeira, semelhante a uma grelha. Deixa-se no mínimo dois dias no sol, retirando-se à noite, e depois de seco, guarda-se em um paneiro (cesto de palha), ou em sacos de algodão em caixas.” http://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5863&catid=2084&Itemid=496 Postagem de 15/11/2021. Acesso em 21/05/2023.

brasileiro. Em algumas regiões do semiárido, uma espécie de peixe surgia apenas na ocorrência de grandes chuvas, quando o solo retomava a umidade e as poças de lama. Com a descoberta de pesquisadores⁶², sobre o fenômeno que justifica a existência dos peixinhos que supostamente voam com as chuvas, desfez-se um mistério de sobrevivência, mas os modos de conservar a cultura de resistência de um lugar, que se desloca com os saberes que ultrapassam fronteiras geográficas, elaboram táticas que fincadas no chão subvertem “simultaneamente empurrando e puxando contra os invólucros, mas também sustentando-os” (SIMONE, 2021, p.1344).

3.6 Praça: arena de cheios e vazios

Hissa nos recorda de que a cidade moderna, que é produzida estrategicamente com suas zonas de passagem, e no seu projeto de ordenamento urbano insere o desencontro, esbarra nos usos de sua estruturação de forma dialética. Sua produção enquanto projeto de recorte viável dos territórios da cidade, se choca com os pequenos fazeres das pequenas cidades circunscritas em seus arranjos fragmentados.

A cidade moderna, global, é, sobretudo, a expressão da cidade da técnica, da razão, das geometrias retas que aparam e suprimem as curvaturas das praças. A partir de então, as esquinas e praças, que simbolizam encontros, se transformam em lembranças guardadas pelos seus nomes gravados nas placas de trânsito (HISSA, 2010, p.86).

Quando relacionamos praça à lembrança do encontro, como um marcador do encontro e como um conceito inerente a outro tempo, delineamos um espaço de abertura quase nostálgica do que não pode ser mais. Nesta perspectiva, seria possível pensar no espaço da praça a partir do entendimento de uma zona de respiro do cruzamento caótico das ruas. Como uma zona de paragem, a praça permitiria a experimentação de um cotidiano mais lento. No ordenamento dos fluxos de circulação, o tempo perde parte de sua dimensão subjetiva. Nos

⁶² “Os pesquisadores descobriram que a espécie, conhecida por rivulídeo, precisava do período de chuvas para se reproduzir. “É um peixe que se desenvolve em poças d’água temporárias. Com um ou dois meses a espécie já atinge a maturidade sexual e começa a depositar os ovos na lama. Quando termina o período de chuvas e a poça seca, os ovos depositados continuam ali na terra. Só quando começa a época das águas e as poças aparecem novamente no sertão, é que os ovinhos eclodem. Os peixinhos nascem e vão continuar este ciclo”, explica Gabriel Cotrim de Souza, oceanógrafo e pesquisador da UniFG.” <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/2022/04/29/peixe-das-nuvens-vive-em-pocas-de-agua-na-caatinga.ghtml> Postada em 29/04/2022. Acesso em 21/05/2023.

lugares de encontro, o tempo pode ser reelaborado, suspenso ou relativizado pela ocupação dos corpos.

No projeto de cidade moderna, no que tange a produtividade, se vendem sonhos de um espaço idealizado. Esses sonhos, estanques de desejos outros, produzem definições de satisfação individual e coletiva. No entendimento das cidades incapazes apontadas por Hissa, os espaços que são produtores de resistências nas relações imbricadas neles, são território de utopia. Diferente do sonho catalogável da cidade moderna, os territórios de utopia, inventados nesses espaços de resistência, se alimentam de desejos de transformação. A utopia, nesta perspectiva, não se dá como água parada, é sempre movimento inventivo. A produção de territórios de utopia, nos espaços de resistência da cidade, se aproxima do exercício de sonhar de Paulo Freire, no seu esperar⁶³. A utopia escorre das artes de fazer e compartilhar os territórios.

Imagem 42: Pintando a praça do Pinheiro



Fonte: Facebook – Ponto de Cultura Cine & Rock⁶⁴

⁶³ “Enquanto projeto, enquanto desenho do “mundo” diferente, menos feio, o sonho é tão necessário aos sujeitos políticos, transformadores do mundo e não adaptáveis a ele, quanto, permita-se-me a repetição, fundamental é, para o trabalhador, que projete em seu cérebro o que vai executar antes mesmo da execução” (FREIRE, 2021, p.127).

⁶⁴ https://www.facebook.com/pontodeculturacineerock/photos_albums Acesso em 09/02/2020.

Assim, em primeiro lugar, a cidade da arte será, supostamente, diferente da cidade da técnica, ainda que estejamos nos referindo à mesma cidade a partir do seu traçado geométrico em que ela vai se escrevendo, rascunhando e se rasgando em pedaços para se reproduzir, disseminada. Em segundo lugar, a cidade da técnica é o espaço-tempo que não apenas torna invisível a cidade da arte como, também, desqualifica ou desconsidera a cidade da arte de viver e de experimentar o mundo (HISSA, 2010, p.89).

A principal característica de uma praça é ser um espaço público, constituído dentro do tecido de ordenamento urbano para que seja utilizado por todos. Isso significa ser uma via da copresença, lugar onde a diferença se manifesta. A intenção do exercício desta copresença é um cruzamento de desejos dos sujeitos que justificam a existência do tecido urbano e social. A ideia de praça vai de encontro à manifestação de sociabilidades, já que constitui o ambiente de paragem democrática do planeamento de cidade. Ela carrega no interior da sua própria intenção a abertura para existência de diferentes presenças, como lugar que pode ser cruzado por todos.

Considerando a praça como uma espécie de clarão dentro do tecido urbano, sua ocupação se dá de forma plurifuncional. É na sua abertura que a possibilidade de diferentes usos acontece, tanto no sentido democrático de ser um espaço de articulação do coletivo, quanto em sua configuração física, ao aparecer no mapa como vão que liga diferentes vias de escoamento dos territórios.

A praça do Cine & Rock, chamada hoje de praça do Pinheiro, e no seu projeto inicial chamada de praça Topázio (apesar do nome não ter sido popularizado), foi construída para ser um ponto de encontro, como parte da implementado do programa Favela-Bairro, projeto urbanístico de ordenamento territorial desta região do Rio das Pedras e de muitas outras comunidades do Rio de Janeiro, como “partículas” de ordenamento nas comunidades.

A praça, como lugar de encontro, se diferencia do espaço privado como esfera particular dos acontecimentos, e das vias de circulação onde os recursos percorrem os veios da cidade. Nesta zona de paragem a diferença acontece (ou se presume acontecer) e partículas das implicações dos espaços privados vem à tona. Sujeitos se encontram com diferentes interesses e vontades de utilização deste terreno coletivo, tornando visíveis os embates que se dão tanto nos espaços privados quanto nas vias públicas de circulação. Temos aqui a necessidade de um exercício de negociação diante do que afeta ou não esses diferentes sujeitos. Ao mesmo tempo em que a praça é o lugar do encontro, criada para ser lugar de copresença, é também lugar da divergência, no sentido próprio da diferença. Ocupar o espaço vago da praça exige o diálogo e o entendimento do que é considerado mais ou menos

relevante para os grupos que a habitam. E considerando o lugar social de comunidade, onde os espaços vagos são limitados, qualquer disputa se intensifica.

Pensando no desenho do mapa, a praça é um lugar de convergência espacial, onde diferentes vias que capilarizam a cidade desembocam. No encontro dessas diferentes direções cartográficas se dá também o cruzamento de diferentes modos de viver e pensar os lugares. A paisagem, que é uma compreensão que relaciona o natural ao projeto de urbanidade, na praça se amplia enquanto paisagem participativa. Espaço aberto que, em sua constituição, pressupõe flexibilidade de preenchimento desta lacuna, de maneira onde não só as vias que capilarizam a cidade se encontram, mas os diferentes sujeitos e modos de existência se encontrem também. Participação presume ação, não se trata de um espaço de passivos. E, em sua plurifuncionalidade, se constitui de maneira plena na participação coletiva. Desta forma, o sentido de praça e de cidadania se aproxima, já que ser cidadão implica fazer parte de, com direitos pessoais que se correlacionam na coletividade. A praça simboliza fazer parte de algo maior do que a posse individualista dos territórios.

Fisicamente a praça se constitui simultaneamente enquanto construção e vazio. Existe uma delimitação e nomeação de uma localidade, e a necessidade de um lugar publicamente protegido do esfacelamento e da compartimentação da propriedade privada. Ao se apropriarem da praça, os sujeitos mais do que usá-la, no sentido de ocupação física dos seus limites, criam a ideia de praça, ao produzirem significados para os seus usos e sua subjetividade.

A praça, enquanto paisagem, projeto vinculado às estratégias de construção da cidade, nos seus usos cotidianos se realiza das vivências que extrapolam o sentido fragmentado de vida pública. A praça seria então uma representação metafórica do que é globalmente um espaço de encontro. No seu sentido racionalizado, dentro dos sistemas urbanísticos, carrega em certo grau, na junção do seu sistema de objetos, a repetição de sua fórmula em diferentes lugares do mapa. Simultaneamente, por ser essa espécie de vazio dentro da cidade, a praça permite diferentes usos que se projetam sobre a sua configuração de lacuna. Esta simultaneidade entre o que é amplo e o que é preciso, entre o que é referenciado globalmente e o que acontece na perspectiva local, é o que de dialético se dá no contexto da praça. Ao mesmo tempo uma referência de totalidade e um sistema de ações que a definem de maneira única e particular a partir de seus usos.

Os corpos dos sujeitos que são responsáveis pelas ações, individuais e coletivas, no espaço da praça, ao mesmo tempo em que ampliam as suas potencialidades nos exercícios que desenvolvem neste espaço, ampliam também as possibilidades de ser e de significar deste

lugar, deslocando na ação o sentido global, que de alguma maneira uniformiza a criação das praças nos territórios.

A praça, que jamais seria destituída das marcas do passado, tanto das marcas físicas quanto memoriais, é ressignificada na presença dos sujeitos. Embora o espaço da praça seja livre do que se constitui enquanto edificações, ela conversa com o que foi construído ao seu redor. A intensidade com que se dá tanto a observação dos movimentos na/da praça quanto os tipos de uso do seu terreno, é proporcional à intensidade dos fluxos também do seu entorno. Sua natureza de “clarão” se intensifica quando no seu entorno a aglomeração de construções impede os intervalos amplo de espaço, como as grandes ruas, avenidas e espaços de circulação onde a visualização do horizonte é possível.

Observando a praça do Pinheiro, como se daria então a ideia de harmonização, considerada no desenvolvimento urbanístico, entre os cheios e os vazios? Inclusive a própria ideia de praça, nos espaços perifizados, como o Rio das Pedras, muitas vezes se desloca do lugar construído para sê-lo. Outros espaços abertos, outros clarões dentro da comunidade, se reconstituem como praças.

Nos tantos retornos noturnos que fiz saindo da escola, cruzei por um pequeno espaço que me parecia vazio e não denominado como praça. Era como um fragmento de alguma construção anterior. Neste pequeno espaço próximo a escola, ladeado por um meio fio em forma circular, jovens se encontravam bem no meu horário de passagem. Cheguei a presenciar inúmeras vezes esses jovens sentados em roda ou de mãos dadas neste círculo, fazendo o que parecia algum tipo de manifestação religiosa. Passei por acaso esses dias pelo mesmo lugar e, na ampliação de um grande restaurante que foi construído há algum tempo por ali, as mesas vasaram do espaço fechado e ocuparam esse pequeno círculo. Até a formação circular do meio fio desapareceu em meio ao número de cadeiras e mesas que ocuparam o espaço. O escuro que antes havia ali, deu lugar a um número grande de lâmpadas, que passaram a trazer uma espécie de segurança à localidade. Os jovens que cultuavam alguma coisa naquele círculo desapareceram, dispersados pela nova configuração do lugar.

4 CINE & ROCK: CORPOS QUE SONHAM SEU LUGAR

4.1 Cine & Rock desdobrado em narrativas e imagens

Fui realocada pela Metropolitana VI (regional da SEEDUC) em setembro de 2016, numa escola na região do Rio das Pedras, em meio ao caos de um retorno de greve e na correria do último bimestre do ano letivo. Tudo experimentado no tumulto deste processo. Foi a partir das minhas andanças, e das falas de jovens da região, que um lugar de parada se configurou. Ainda enroscada nas sensações que por hora confundem os percursos, mas realinhada entre vontades e necessidades, busquei compreender as pistas que sobravam nos espaços cruzados em RP.

Fui cruzada por uma variedade de perguntas, e, navegando por entre gatilhos de memórias da minha trajetória, de moradora de comunidade, de filha de nordestinos e de professora de redes públicas do Rio de Janeiro, fui sendo afetada por pontos de colisão, que de tantas formas traziam em si experiências estéticas e éticas de sujeitos fazedores de territórios em disputa.

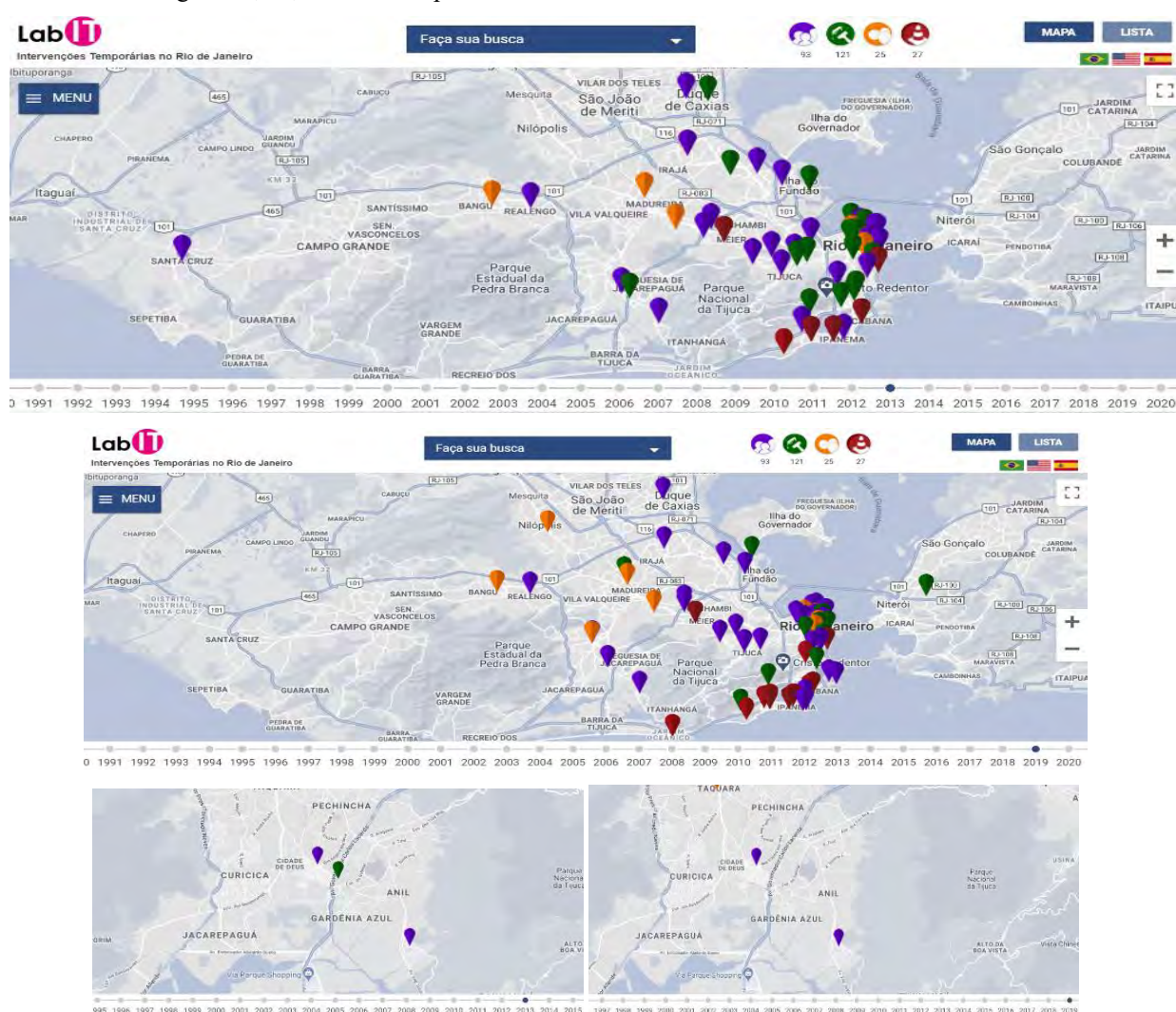
Escolhemos como recorte um acontecimento, que originou a elaboração e manutenção do movimento cultural Cine & Rock, considerando seus desdobramentos em um espaço periférico da cidade. Pensamos nas formas como interligam a concepção das necessidades primordiais de um grupo de jovens de uma comunidade, que apresenta carências e potencialidades das mais variadas ordens, com o que consideramos fundamental a ser explorado esteticamente nesta localidade. Buscamos as frentes que deram nome ao movimento, e pensamos os sentidos éticos e estéticos de sua formação inicial, e as reverberações geradas pelos contatos dos jovens com as propostas ofertadas pelo ponto de cultura. Analisamos assim a trajetória inicial do Cine & Rock, na tentativa de compreender quais mudanças foram se configurando ao longo de seu percurso na comunidade, e quais redes forjadas através de seu alcance estético e cultural no cotidiano da região.

O ponto de cultura ‘Cine & Rock’ se apresenta como um coletivo fundado por jovens do Rio das Pedras. Sua atuação se desenvolve em um conjunto de ações artísticas, esportivas e culturais, que visam formação e inclusão social de crianças e jovens que cruzam a sua sede, localizada na praça do Pinheiro, um dos pontos de encontro da região.

Em uma busca inicial no navegador do Google, com o intuito de visualizar registros deste movimento em sites de mapeamento de iniciativas e coletivos na cidade do Rio de Janeiro, encontramos o [LabIT](#) – Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo

Tático⁶⁵. O objetivo do laboratório é mapear intervenções temporárias e suas marcações territoriais na cidade, buscando ao longo do tempo a lógica de descontinuidade ou manutenção dessas apropriações locais. Neste movimento inicial, buscamos observar as imagens e a localização do movimento Cine & Rock, na tentativa de entender visualmente o seu lugar neste mapa, e o mapeamento de atividades em seu entorno. Nos registro a seguir é possível observar uma espécie de linha do tempo das intervenções, o que se manteve ou se diluiu ao longo dos últimos anos⁶⁶.

Imagens 43, 44, 45 e 46: Mapeamento do LabIT



⁶⁵ O LabIT é uma iniciativa interdisciplinar de pesquisadoras de diferentes instituições do Rio de Janeiro: Adriana Sansão Fontes, do PROURB-FAU/UFRJ (Programa de Pós-graduação em Urbanismo-FAU/UFRJ), Aline Couri, diferentes instituições do Rio de Janeiro, Adriana Sansão Fontes, do PROURB-FAU/UFRJ (Programa de Pós-graduação em Urbanismo-FAU/UFRJ), Aline Couri, da EBA/UFRJ (Escola de Belas Artes/UFRJ) e Joy Till, do DAD/PUC-Rio (Departamento de Artes e Design da PUC-Rio). Link do laboratório de pesquisa, acessado em 11 de março de 2021: <http://www.prourb.fau.ufrj.br/laboratorio-de-intervencoes-temporarias/>. Link do projeto, acessado em 11 de março de 2021: <http://intervencoestemporarias.com.br/?home>.

⁶⁶ Não incluiremos a imagem do mapeamento do ano de 2020, considerando o recuo total das atividades de coletivos e intervenções, diante da pandemia de Covid-19.

simplesmente não chegam aos mapeamentos de pesquisas sobre a cidade, por dificuldades de tornar essas informações organizadas, ou por entraves dos poderes que dominam muitos destes locais.

Seguindo nossa investigação, cruzaremos as imagens do movimento, coletadas em suas redes virtuais (Facebook e Instagram) e em sites de notícias; os registros feitos do local (considerando a impossibilidade de experienciar os eventos produzidos pelo movimento, diante da pandemia de Covid-19); e as narrativas produzidas em conversa com um dos fundadores do Cine & Rock (Léu Oliveira). Esta costura será feita utilizando as falas e os registros fotográficos como fios condutores da análise. Desta forma, a lógica cronológica pode por vezes se deslocar, para o melhor entendimento dos pontos onde convergem esteticamente os tantos acontecimentos narrados.

Como uma espécie de entrevista aberta, a conversa com Léu Oliveira, um dos idealizadores do movimento Cine & Rock, aconteceu na sede do ponto de cultura, após uma breve apresentação via WhatsApp, e a pronta disponibilidade para o papo. Apesar dos eventos não estarem ocorrendo na praça do Pinheiro, por conta da pandemia, a sede continua funcionando com atividades esportivas e culturais. Marcamos dia, horário e local, e o professor João, também da escola onde a temática da pesquisa surgiu, enquanto ‘cria’ do Rio das Pedras, me acompanhou neste encontro.

No dia 25 de fevereiro de 2021, caminhamos, eu e João, por dentro da comunidade do Rio das Pedras, cortando suas ruas, grandes e pequenas, sempre cheias de gente e de sons. Chegamos. Praça viva, jovens, meninos e meninas circulando, brincando e conversando alvoroçados. A sede com portas abertas, com pessoas saindo e entrando, carregando latas, bolas e brinquedos, com falas e gestos soltos. Essa foi a visão inicial da praça do Pinheiro. Sem registros fotográficos desse primeiro contato, experiência só guardada na memória. Léu nos recebeu de forma amistosa, demonstrando abertura para um papo informal. Com os gestos largos, a tatuagem ficou logo evidente, como uma marca da sua trajetória. Foi um dos poucos registros do dia.

Imagem 47: Tatuagem Cine & Rock



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Sem um roteiro pré-definido, o objetivo do encontro era criar um espaço de narrativas, partindo da história do Cine & Rock como fio condutor da conversa. Para iniciar, localizei de que lugar eu falava, e quais experiências profissionais me levaram até aquele momento. Como professora de Artes de uma escola pública estadual do Rio das Pedras, em contato cotidiano com os jovens moradores daquela região (ainda na pandemia de Covid-19, por estar coordenadora pedagógica da escola, prestei atendimento presencial semanal aos alunos e pais, ao longo de quase todo o ano de 2020, seguindo a mesma dinâmica em 2021). O professor João, também pertencente ao corpo docente da escola, lecionando Geografia, se apresentou como ‘cria’ da comunidade, tendo conhecimento inicial sobre o movimento e sobre vários sujeitos que participaram de seu processo e consolidação ao longo dos anos.

4.2 Utopias de ser jovem: linhas que amarram sonhar e viver

A sede do movimento parecia mais uma casa, com jovens se deslocando e fazendo perguntas sempre que necessário. Queriam saber se podiam jogar fliperama, se teria aula de capoeira, onde deviam guardar a tinta que estava sendo utilizada na pintura dos arredores da praça. Tudo nesse fluxo inicial, após entrarmos e nos sentarmos para o papo. Ali as narrativas

já haviam começado, no deslocar dos meninos e meninas, no reconhecimento do João e do seu ex-aluno, nas perguntas dos jovens, que se confundiam com o barulho de quem entrava e saía, nas brincadeiras na entrada da sede, com os baldes de tintas carregados, com o barulho da comunidade. Uma espécie de familiaridade vai se ampliando no contato, antes mesmo da minha suposta pergunta inicial. As respostas se davam ao contrário, sem precisarem de justificativas antecedentes. Nesse vai e vem incessante, Léu aponta o início da nossa conversa, ao afirmar:

O jovem precisa de uma utopia de vida. Se não fosse pela minha utopia na época, de fazer teatro, de achar que ia fazer sucesso... Eles precisam de uma utopia, seja ela qual for. Ser um grande capoeirista ou ser um grande lutador, não importa. Ele precisa de uma utopia de vida, que ele sonhe em ser o vocalista do “Black Eyed Peas”. Enquanto ele está focado nessa utopia, nesse desejo meio alucinante, porque nem sempre a galera realiza, ele tá fora de outros focos.

Léu repetiu “utopia” cinco vezes em sua fala. Não foi uma observação quantitativa sobre sua narrativa, foi a sensação da sonoridade da palavra, dentro deste contexto, que me fez perceber a força dos seus múltiplos sentidos nas presenças do movimento Cine & Rock. Antes mesmo de qualquer pergunta ter sido feita, o desejo inicial de um dos fundadores estava demarcado. Essa utopia, repetida na fala do Léu, parecia existir de alguma forma nos gestos e nos movimentos dos jovens, meninos e meninas, que se deslocavam ali, abrindo e fechando inúmeras vezes a porta, falando e se movimentando na praça do Pinheiro, parecendo fazer parte de um acontecimento criado mesmo para significar aquele lugar.

Léu citou a importância da utopia, que também criou para si mesmo, de ser alguém para além do que era. E deixou claro, mesmo sem descrever detalhes ou o caminho desses sonhos em sua vida, a relevância dessa espécie de abertura de desejo. Como quem cria novos mundos, internos ou expandidos, ele afirma repetidamente a necessidade da utopia na vida dos jovens, e sentimos bem para quais jovens ele apontava implicitamente em sua fala. Aqueles que tinham no entorno da praça do Pinheiro o seu espaço de vida, com tudo de positivo e negativo implicado em estar ali. Aqueles que, a partir do ponto de cultura, chegaram e se ampliaram naquela praça, e definiram naquele lugar um espaço de convivência e de encontros. Era dos jovens das classes populares, e mais precisamente, dos jovens do Rio das Pedras que ele falava.

Ao transcrever esta fala inicial, ouvindo com atenção o áudio gravado da nossa conversa, entrei no Facebook do movimento Cine & Rock, para olhar as imagens postadas e

me reconectar ao que eu vi e ouvi na praça, naquele dia. Uma certa necessidade de retorno se deu, porque a vista viu aquele movimento, que voou e se alojou na memória, e era preciso reolhar para repensar. Dei um passeio na página, sem atentar para informações precisas. O olho buscava o espanto que o peso da utopia, repetida cinco vezes, gerava aos meus ouvidos.

Imagem 48: Atividade cultural na praça do Pinheiro - aula de saltos, instrumentos musicais e maculelê⁶⁸



Fonte: Facebook do Cine & Rock, postada em 09/02/2020.

Um tapete emborrachado foi montado no chão da praça. Nos muitos registros do encontro, meninos e meninas pulavam, davam cambalhotas e mortais, se ajudando mutuamente. A foto acima marca um movimento inicial, que seguindo a sequência de registros, poderia ser o impulso gerador das cenas seguintes, de jovens que pareciam voar. E esse instante, esse recorte do que é pulverizado pelo tempo, e esses pedaços de corpos que tentam e ampliam os limites inicialmente possíveis do corpo e dos acontecimentos, me fizeram retornar ao espanto da utopia.

Ao pensar sobre o corpo, Foucault o trata como um lugar irremediável: “Posso até ir ao fim do mundo, posso, de manhã, sob as cobertas, encolher-me, fazer-me tão pequeno quanto possível, posso deixar-me derreter na praia, sob o sol, e ele estará sempre comigo onde eu estiver. Está aqui, irreparavelmente, jamais em outro lugar” (FOUCAULT, 2013, p.7).

⁶⁸ <https://www.facebook.com/media/set/?vanity=pontodeculturacineerock&set=a.2993744067304533>. Acesso em 30 de março de 2021.

Lembremos que o texto de onde retiramos este fragmento se chama “O corpo utópico”, mas neste recorte que citamos o autor trata deste corpo como “topia”, como um lugar delimitado através de sua própria materialidade. E é na finitude de sua matéria, e de todas as sensações que giram em torno desta constatação, que inicialmente estamos todos irremediavelmente presos aos nossos corpos. Este “lugar absoluto, pequeno fragmento de espaço com o qual, no sentido estrito, faço corpo” (FOUCAULT, 2013, p.7), que ocupa e é ocupado de matéria viva. Após esta constatação inicial, Foucault, ao começar a pensar o próprio corpo e as formas de identificá-lo como existência, gera um nó proposital, em sua própria constatação de “topia”, e nos coloca no campo das necessárias contradições.

Este meu crânio, atrás do meu crânio, que posso tocar com meus dedos. mas nunca ver; este dorso, que sinto apoiado na pressão do colchão sobre o divã quando me deito, mas que somente surpreenderei pelo ardil de um espelho; e o que é este ombro, cujos movimentos e posições conheço com precisão, mas que jamais poderei ver sem me contorcer terrivelmente? O corpo, fantasma que só aparece na miragem dos espelhos e, ainda assim, de maneira fragmentária (FOUCAULT, 2013, p.11).

Foucault narra detalhes corporais que não podemos ver a partir de somente nossas habilidades visuais, e da disposição orgânica de nossos membros. “Este meu crânio, atrás do meu crânio, que posso tocar com meus dedos, mas nunca ver”, é parte materialidade e parte o que eu imagino sobre ele, ao tatear com minhas mãos e produzir uma imagem interna dele. Enquanto criamos esta imagem que já não é em si o próprio crânio, mas a ideia que faço dele, pisamos em um campo novo de sua análise a respeito do corpo. Traz inclusive a alegoria do espelho no fragmento, o que reflete a materialidade sem sê-la (pensemos no “isto não é um cachimbo”, de Magritte⁶⁹). Ele continua: “e o que é este ombro, cujos movimentos e posições conheço com precisão, mas que jamais poderei ver sem me contorcer terrivelmente?”. A precisão do conhecer aqui se refere às experiências repetidas de movimentá-lo e de saber a sensação desta ação, e de saber também até onde o movimento é possível e onde ele encontra a sua limitação, através da inflexibilidade ou da dor. A partir daqui ele traz “a miragem” para análise, expressão definitivamente utópica. Desfaz neste momento a forma unidirecional de se uma ter o corpo como topia, como um lugar recortado deste corpo fragmentado.

A seguir Foucault desaloja a visão inicial de corpo e diz: “Verdadeiramente, enganaram-me, há pouco, ao crer que o corpo jamais estivesse em outro lugar, que era um aqui irremediável e que se opunha a toda utopia. Meu corpo está, de fato, sempre em outro lugar,

⁶⁹ Foucault, Michael. Isto não é um cachimbo. tradução Jorge Coli. — Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.

ligado a todos os outros lugares do mundo (...)” (FOUCAULT, 2013, p.14). Aqui o corpo é compreendido em sua mais profunda contradição e beleza: ao mesmo tempo em que é “topia”, e materialidade alojada neste formato, apresentado através da pele e dos contornos que delimitam o espaço dos membros e dos órgãos, e que parece uno, mas, ao mesmo tempo, se apresenta para a visão como fragmentos ora visualizados ora sentidos por outros sentidos, contém também em si a utopia de uma espécie de não-lugar. Este corpo necessita e produz, através do seu movimento, espaços que servem para o reverberar, como na imagem do espelho (essa imagem de si, como uma confissão), e ideias que são alimentadas da impossibilidade de alcançá-lo sozinho. Seria como o corpo no lugar de antes, durante e depois de pensar sobre si. E ao pensar sobre si, ao mesmo tempo em que sente, oscila entre visível e invisível, entre opacidade e transparência.

Através do entendimento deste corpo, que está, “sempre em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo” (FOUCAULT, 2013, p.14), chegamos ao corpo em Freire, o corpo que “age e, durante suas atitudes, ele desaninha de si e de suas relações o conhecimento sobre a vida” (FREIRE; NOGUEIRA, 1993, p.34-5). Se pudermos pensar no ninho, para entender posteriormente o ‘desaninhar’ de Freire, teremos em mente um lugar preparado, ajustado para um corpo existir. Moldado para fornecer o espaço e a temperatura ideal, para que o corpo e suas necessidades descansem. O ninho é o lugar da acomodação, da fôrma preenchida. O desaninhar de Freire exige um movimento de desalojamento, mas não no sentido de desapontamento ou solidão. O desalojamento de que trata é a necessidade do corpo, no caminho da consciência de si, de se reformar ao mesmo tempo em que utiliza as ferramentas que forjou em suas relações, movimento gerador de potência para o movimento seguinte. “O conhecimento sobre a vida” precisa deste desaninhar, realinhado ao mundo como parte fundadora de todos os corpos.

Desta forma, o corpo não pode ser compreendido somente a partir de suas dimensão orgânica, mas como parte integrante de uma engrenagem maior, que considera não só o mundo, mas também o outro e a interação que se compõe das relações vividas. O corpo consciente de Freire é o corpo que, para além de ser pele e sensações, se constitui enquanto existência na relação com todas as suas dimensões possíveis de atuação; o que o caracteriza internamente, através das sensações geradas pelos afetos, o que acontece em seu exterior e o que o faz compreendido enquanto corpo que vê e é visto no mundo. Assim Freire reforça o sentido de corpo consciente:

[...] é que meu corpo consciente está sendo porque faço coisas, porque atuo, porque penso já. A importância do corpo é indiscutível; o corpo move-se, age, rememora a luta de sua libertação, o corpo afinal deseja, aponta, anuncia, protesta, se curva, se ergue, desenha e refaz o mundo. Nenhum de nós, nem tu, estamos aqui dizendo que a transformação se faz através de um corpo individual (FREIRE, 1991, p.92).

Este corpo, “que está sendo porque faço coisas”, também está sendo “porque penso”. Freire aponta todas as qualidades do corpo, e reconhece a importância crucial de seu potencial para a transformação. Mas trata de sua relevância ao aprimorar suas qualidades através de uma construção coletiva. O corpo, que rememora as suas lutas, o faz no embate com outros corpos. O corpo de Freire se faz no corpo social, compreende suas compatibilidades e suas diferentes ao se conduzir considerando o outro. Este corpo comporta também saber na medida que inventa, já que “Uma utopia precisa arder e o corpo será a sede de novos saberes que apenas o tempo faz nascer” (BERINO, 2018, p.337). Talvez essa seja a principal chave para entender a corporalidade para os autores: perceber que este corpo que aponta, só o faz por ter referências coletivas para este movimento, pois é inconcebível entender plenamente a si mesmo sem se reconhecer como parte de uma coletividade. Se o corpo arde e se faz em movimento, este movimento, que sempre produz saber, é encontro, com o outro e com o mundo.

Pensemos no corpo e na sua inteireza, do que se move enquanto carrega pensamento, e que enquanto se manifesta amplia os sentidos dos seus lugares de ocupação. Corpo como lugar de integralidade, unidade de manifestação do que se sente, do que se pensa e do que se sonha. Corpo não só como tudo que compõe fisiologicamente o sujeito, tratamos de sua integralidade enquanto presentificação, já que ao ocupar o espaço significa em consonância com ele, e o constitui ao ocupá-lo. O corpo só se move em um lugar. Ao mesmo tempo em que o corpo é materialidade, ele manifesta o que não contém na matéria, e o que vai além da sua própria materialidade. Se o corpo manifesta o que o sujeito pensa, o que sente e o que sonha, ele é ao mesmo algo além da sua matéria e o movimento de sua materialidade em processo de deslocamento. O corpo criador se movimenta, e tudo que se movimenta o faz em um lugar. Ele se movimenta internamente, enquanto pensa, sente e sonha, e se movimenta externamente, enquanto manifesta as conexões possíveis preenchendo um lugar.

O corpo cria de variadas formas. Ele cria de formas mais ou menos ajustadas às demandas dos espaços onde ocupa e circula. Para além das necessidades de subsistir, de não ser fisicamente abolido, o corpo também é criador de beleza ao expandir demandas delimitadas ou delimitantes. Nesta medida, ele se expande e expande os lugares por onde

circula, ampliando as formas supostamente ajustadas às expectativas que normatizam as maneiras de ocupar.

O corpo criador de beleza o faz enquanto presença, enquanto pertence e enquanto se desloca. Esse deslocamento também é interno, porque enquanto esse corpo se movimenta externamente ele pensa, sente e sonha, concomitante ao que acontece na ocupação dos lugares. Ele cria beleza na medida em que encontra sentido nos contatos que se dão nesses lugares, se torna coletivo nos encontros, e se ressignifica a partir das possibilidades criadas na coletividade. Muitas invenções destes corpos, que significam os lugares, se dão a partir dos encontros, que trazem para eles uma instância política de existência, já que é nos encontros que as necessidades e suas variações são cruzadas na realidade de ser mais de um. A invenção dos espaços coletivos se dá nas variações e nas diferenças que são experimentadas e intensificadas nos encontros. Quando esses corpos efetivamente se encontram, eles são capazes de criar para além do que supostamente pode ser delimitado como necessidades básicas de existência.

Imagens 49, 50 e 51: Registros de saltos na praça





Fonte: Facebook⁷⁰ do Cine & Rock, postada em nove de fevereiro de 2020.

Esses corpos que se contorcem, na busca de preencher de formas amplas e novas o espaço da praça, se deslocam do seu ponto de equilíbrio inicial e desejam voos improváveis, . Parecem alcançar o impossível. Me fizeram retornar ao espanto da utopia cinco vezes repetida. Em sua fala, Léu expressa essa vontade de utopia como um “desejo meio alucinante”, o que remete às significações do imaginário e ao sentido de extraordinário. Como

⁷⁰ <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.2993744067304533&type=3> Acesso em 30 de março de 2021.

algo que está fora da ordem inicialmente posta. E ele me leva até Paulo Freire: “De qualquer maneira, quando a educação já não é utópica, isto é, quando já não se faz na desafiante unidade da denúncia e do anúncio, é porque o futuro perde sua real significação ou porque se instala o medo de viver no risco do futuro como superação criadora do presente que envelhece” (FREIRE, 1976, p.59). A busca é uma experiência utópica, como movimento que se emancipa no que amplia e que, mesmo desejante do ‘vir a ser’, carrega em si uma força motora para além dos resultados futuros, e dos resultados possíveis. Ela rompe com o provável.

A unidade da denúncia e do anúncio, elemento primordial na utopia de Freire, se faz em muitas ordens, e com diversas gradações e estados de consciência. Os jovens que fazem da praça do Pinheiro, e da sede do Cine & Rock, espaços que permitem utopias, denunciam e anunciam primeiro com seus corpos e com os modos de presentificá-los neste lugar e no seu coletivo. E é na possibilidade de pensar o impossível que eles aprendem, ensinam e acessam modos de pensar, de criar sistemas de pensamento, e de se movimentar na realidade. Descubrem nesse movimento que a realidade não é estática, tampouco se modifica de forma mecânica, sem a atuação de seus agentes.

Quem sonha imagina de forma criativa uma determinada realidade, e inventa hipóteses mentais para isso. Reengendra elementos do imaginário, ordena e desordena fatos e imagens, se desloca de lugares fixos e inventa formas de existir, visto que “As utopias, sejam quais forem, dependem tanto das propriedades tangíveis da “realidade concreta” quanto da nossa capacidade de ser sublime ao pensar outras realidades. (BERINO, 2018, p.333). E ainda que o sonho finalize sua realização em si mesmo, e esgote as suas variações de repertório fora do concreto visível, ele deixa vestígios do seu percurso, e amplia as possibilidades de se pensar também o real. E porque não dizer que as transformações internas, e as modificações geradas no interior dos sujeitos que sonham, são absolutamente reais.

4.3 Entre movimentar e projetar.

Retorno para o dia da conversa, e para a pergunta feita ao Léo após sua fala inicial. Na tentativa de seguir uma dinâmica que o deixasse confortável para falar do movimento, a pergunta inicial foi sobre a origem do nome “Cine & Rock”, e se era conveniente chamar de movimento ou de ponto de cultura. A partir desse questionamento, o diálogo se desenvolveu de forma livre, com dúvidas esporádicas ao longo do percurso, como em uma conversa informal.

Eu só não gosto que chame de projeto, porque parece nascer por dinheiro e, se acaba o dinheiro, acaba o trabalho. Eu gosto muito do nome movimento, apesar de hoje não ser mais um movimento não formalizado. Gosto de movimento por estarmos em constante transformação. Tem pessoas que fazem ele movimentar.

O sentido atribuído ao termo projeto parece se contaminar com as formas, muitas vezes precárias, deste instrumento social invadir os espaços populares. Quando Léu fala que “parece nascer por dinheiro”, denunciando que “se acaba o dinheiro, acaba o projeto”, imprime no discurso as relações de poder implicadas em tais implementações. Cabe ressaltar aqui que todas as relações sociais carregam em si relações de poder, sejam elas mais ou menos ajustadas às condições em que se desenvolvem territorialmente. Mas, o que se pressupõe ao refletir sobre esta fala, é que muitas implementações chamadas de projetos são iniciadas em comunidades, partindo de suas supostas necessidades essenciais, e se esgotam junto com os recursos disponibilizados para tais ações. Como uma espécie de descontinuidade que deslegitima a produção de sentidos de tais iniciativas, que na narrativa surge como uma frustração com os usos e desusos propostos nos espaços populares, os projetos podem, ao findar, gerar uma sensação de objetificação das necessidades e dos agentes envolvidos em seu desenvolvimento.

Léu fala do nome “movimento” como apontador do que se transforma constantemente. O que caracteriza as modificações de um movimento, produzido em uma comunidade periferizada, são os sentidos que ele imprime no lugar, na mesma proporção das impregnações que os lugares geram nele. Se dá como um constante retorno, que modifica na justa medida em que é também modificado pelo espaço e pelas pessoas que significam as suas ações. O fim (tanto no sentido cronológico quanto de finalidade), como resolução de questões pontuais, e o descolamento de uma dada realidade, não está entre as significações que Léu dá ao movimento Cine & Rock. Sua existência se ressignifica nas transformações próprias de um lugar, que tem nome e que tem pessoas, que particularizam essa existência em suas ações, enquanto reconfiguram as suas dinâmicas.

Segundo o seu relato, o Cine & Rock fugiria ao que ele considera como significação tradicional de Ong, já que segundo sua afirmação, “todos os alunos mais antigos, que se comprometem com as atividades, têm a chave da sede”. Diz ainda que a nomenclatura Ong se dá por conta da necessidade de um CNPJ, e enfatiza: “A nomenclatura Ong é por conta do CNPJ, mas CNPJ não faz trabalho”. Ainda segundo o seu relato, sobre o funcionamento atual da sede do Cine & Rock, as inscrições para as atividades, feitas em fevereiro de 2020,

geraram uma fila de espera de 234 crianças e adolescentes, com uma média de 200 efetivamente inscritas nestas atividades. Isso não impedia os encontros no espaço da sede e na praça do Pinheiro, de jovens não inscritos.

4.3.1 Dilatando os cantos da praça

Para dar prosseguimento a conversa, e na curiosidade gerada pelos relatos iniciais, pergunto ao Léu: “No nome do movimento tem Rock e tem Cinema. Como você diz, o movimento é movimento. Então, tudo o que você pensou lá no começo pôde ser reconfigurado ao longo dos anos?”. Ele esclarece:

Eu nunca planejei nada! Eu morava na Freguesia, agora estou morando no Rio das Pedras, depois de 10 anos eu me rendi. Eu vinha pra cá pra me divertir, pra zoar com os meus amigos, eu gostava daqui e não era nada do que se vê hoje. A gente foi crescendo e ficou um bocado diferente. Aos poucos a turma do Léu foi saindo, e foi chegando uma molecada nova. Quando eu estava menos presente eu tive contato com o Tales, que tinha 14 anos na época. Um menino super politizado. Ele disse que estava muito difícil conviver ali na praça. Esse lado da praça era um lixão, a gente frequentava o outro lado da praça, que chamavam de mirante. Lixão, luz apagada, não tinha nada.

Tratei de procurar em toda a transcrição o momento das ações iniciais, que culminaria posteriormente na implementação do Cine & Rock, e encontrei o ano de 2011. A busca se deu para compreender quais as idades envolvidas nesta fala: Léu, um dos tantos jovens que ocupavam e “zoavam” naquela praça hoje tem 29 anos, logo tinha 19 anos em 2011. Tales tinha 14. Era deste encontro que tratávamos, de um jovem, iniciando seus passos de maior idade, e de um adolescente, que ao vê-lo como exemplo, se sentia também agente daquele território. Vinham de lugares diferentes. Léu circulando pela cidade, encontrando na comunidade um espaço de pertencimento para além de seu bairro de moradia, e Tales, morador do Rio das Pedras, cria do espaço e, ao mesmo tempo, desajustado com as formas como os jovens eram tratados em seu lugar. Ainda que próximas, as narrativas definem um encontro de gerações, com desejos que se cruzam em um mesmo espaço, e que em suas ações contribuiriam para a continuidade e as transformações nas relações com este lugar.



Fonte: Facebook “Rokeiros do Pinheiro em Ação”⁷¹, postados em 28 de fevereiro de 2014.

Segundo o relato, a praça do Pinheiro vivia repleta de lixo, o que impossibilitava o seu uso pelos moradores do entorno. Além do lixo, a escuridão impedia uma ocupação segura do espaço. Ainda assim os jovens roqueiros se juntavam em um canto dela, mantendo os seus encontros no local. A seguir, Léo narra a maneira como aqueles jovens foram confrontados pelas forças que dominavam, e que ainda intervêm cotidianamente no território do Rio das Pedras.

No “Rio das Pedras da depressão”, uma alma foi postar que a praça do Pinheiro era suja e acabada porque a galera do rock frequentava e se drogava nela. Os pseudo donos da comunidade, que faziam a “segurança”, começaram a bater de frente com a molecada, expulsando eles daqui. Muitas vezes chamavam a atenção da molecada, se fazendo parecer por esse “poder paralelo”, para oprimir a galera. Viajei, voltei e encontrei a praça vazia.

De acordo com Léo, partindo de uma postagem nesta página de Facebook, um movimento de “desocupação” começou a ser desenrolado. Os jovens, que já eram hostilizados por moradores da região, passaram a ser também confrontados por outras forças que exerciam poder sobre a região. Aqueles adolescentes, que buscavam um lugar para exercitar sua potência, sua energia política e social, eram vistos por muitos misturados ao lixo e ao abandono daquele espaço. Na continuação da sua fala, Léo relatou que “tinha o lado A e o lado B mesmo”, e que um dos lados era o dos roqueiros considerados mais velhos, que geravam medo nos mais novos. O canto mais escuro da praça era ocupado por esses meninos e meninas, ainda no início da adolescência. Neste momento da conversa, João relata, enquanto antigo morador e professor da região:

Falando como morador: os moleques do rock iam nos eventos para encontrar os seus pares. Tinham aquela vestimenta preta, aquele jeito de encontrar o

⁷¹ <https://www.facebook.com/RokeirosDoPinheiroEmAcao> Acesso em 31 de março de 2021.

outro. Até mesmo em sala de aula os outros dão uma excluída. Eles se juntam e buscam algo, que o próprio rock dá, que é essa politização, e são extremamente inteligentes e questionadores. Mas o entorno, no Rio das Pedras, vê esses moleques como ‘estranhos’.

Nos diversos espaços de circulação destes meninos e meninas, a maneira como se paramentavam e dialogavam gerava um certo estranhamento. Pela comunidade do Rio das Pedras se tratar de uma localidade ocupada originalmente, sobretudo, por nordestinos, atitudes que visam a conservação de crenças e valores de suas tradições estão presentes na vida de muitos destes jovens. Estamos diante de formas tradicionais de encarar comportamentos em choque com as novas demandas de uma cidade como o Rio de Janeiro. É possível compreender como o embate cultural pode gerar choques com as novas formas de viver da contemporaneidade. E os jovens, inseridos neste meio em disputa, encontram-se na urgência de, em um primeiro momento, entender de onde vem, e como se dá esse encontro entre culturas tão diversas; e logo depois reformular maneiras de estabelecer ligações positivas entre as várias demandas de viver em um território tão diverso.

O sentido de ser igual ou diferente apresenta uma relação direta com as várias formas de se produzir todo o tipo de preconceito, na medida em que as estratégias de dominação tendem a inferiorizar o outro. Os estereótipos, ainda que sejam construções discursivas não condizentes com a realidade, são usadas como instrumentos de valoração ou depreciação nas disputas travadas pela ocupação dos territórios. Porque os sujeitos estão sempre a disputar espaços, não só físicos, mas especialmente espaços de representação.

Léu relata: “Quando eu cheguei não tinha ninguém. Um colega comentou: “agora geral fica no pistão”. No pistão, onde tem os prédios, o síndico tava dando esporro na galera. Onde o jovem fica então?” Como já vimos, “Pistão” é o nome dado às ruas largas localizadas na frente do Condomínio Moradas do Itanhangá. Apesar do nome, os vários prédios bem construídos e com infraestrutura diferenciada, estão fincados no início das demarcações do Rio das Pedras. Poucos carros passam pelo local, e as várias gerações da região atualmente aproveitam o espaço para caminhar, correr e praticar esportes. Os jovens e adolescentes da comunidade, hoje, ocupam o espaço cotidianamente. Retornando à narrativa do Léu: “Eu fui conversar com o cara e falei, me coloquei mesmo sem estar vindo direto pra cá: ‘Se expulsaram a gente da praça do Pinheiro, então nós vamos resolver o problema.’ Aí juntei a molecada pra limpar.”

4.3.2 Estéticas de estar junto: ação de limpeza da praça do Pinheiro

No dia da limpeza: Veio eu com 10 saquinhos de lixo. A comlurb não emprestou pás e vassouras. 15:00 horas não tinha ninguém nessa praça. Sabe aquela gravação de filmes adolescentes da Disney (risos). Começou a chegar uma galera, e eu tinha pedido pra eles virem com blusa da sua banda de rock preferida, pra identificar que era a galera do rock. 15:30 tinham 54 moleques nessa praça. Todo mundo na janela não entendendo nada.

A cena se traduz em nossas imagens mentais. Antes mesmo de ter acesso ao material visual da ação, registros feitos no dia por jovens anônimos, embolados no acontecimento, eu criei minhas próprias imagens internas. Dei rostos e movimentos a elas. Daí a importância do imaginário, tanto para o Léo, que fazia parte do grupo que viveu aquele momento, como para mim, que ouvi sua narrativa e criei, dentro das minhas possibilidades internas, uma ação mental para tal acontecimento. Assim como eu realizei um acontecimento inventado, ao ouvir a sua fala, ele também vislumbrou uma cena típica dos filmes adolescentes veiculados em nossa época: a de jovens em ação coletiva, com tudo de alegórico que coubesse do evento.

Nossas referências imagéticas se nutrem de nossas memórias, reais e imaginárias, e criam para nós acontecimentos individuais e coletivos, antes mesmo da presença de nossos corpos no concreto dos atos. Enquanto as coisas acontecem fora, elas também acontecem dentro, e é esse movimento simultâneo, interno e externo, que amplia não só as nossas capacidades imaginativas, mas a amplitude com que visualizamos e vivenciamos as ações do nosso cotidiano. É uma mistura incessante entre o que acontece e o que criamos em todos os âmbitos possíveis (nem sempre visíveis). Mas, quanto mais resquícios das ações, sejam elas reais ou imaginárias, mais elementos nós temos para compreender não só a realidade, como as formas de inventarmos sentidos a partir dela. Fui buscar nos registros visuais do acontecimento mais material para misturar com o que eu ouvia e inventava.

Imagens 54, 55 e 56: Ação de limpeza da praça do Pinheiro





Fonte: Registros postados no Facebook ⁷²– Rockeiros do Pinheiro em Ação, postado em 28/06/ 2013.

Ao refletir sobre o precário, enquanto parte das configurações do Rio das Pedras, pensamos também na precariedade do corpo quando é limitado em si e nas suas possibilidades de criação de beleza. O precário, enquanto limitante, como um exercício de cerceamento, também se dá nos sujeitos quando seus corpos não são compreendidos como criadores de beleza. De alguma maneira, ele necessariamente vai criar beleza, ainda que não seja vista como tal. Então, o precário, que se desdobra no lugar, também faz parte do corpo.

O corpo, que também contém o precário, pode ter seu sistema limitado e reduzido para criar beleza. Quando o corpo cria, no espaço de expansão do que estava ocupado pela precariedade, ele “empurra” as limitações no seu exercício estético de território, e realoca as significações desse ambiente. Quando o corpo cria beleza nesses lugares, expande suas possibilidades na insistência por essa expansão - porque a criação de beleza exige insistência - , e quando se junta no coletivo, de forma insistente, se compreende como agente, como matéria que pode experienciar e criar beleza, elaborando a ampliação de si e de seus lugares. Na mesma medida, esse exercício, ao esgarçar os seus espaços de liberdade, reduz, ainda que no exercício do sonhar, os sentidos de precariedade do lugar e dos corpos. Ampliar a lista do que é considerado primordial para viver é um exercício próprio dos corpos, e na atuação eles discutem também o que se dá enquanto precariedade dos seus lugares de deslocamento.

O movimento desses jovens, que se encontram na praça do Pinheiro, espremidos em um canto dessa praça, que era ocupada e preenchida por lixo, pelo descarte inanimado dessa região, solicita a expansão do seu lugar de encontro. Na sua coletividade empurra, com a força motora de sua atuação, o descartado, e preenche as lacunas inventadas em formas de

⁷² <https://www.facebook.com/RockeirosDoPinheiroEmAcao> Acesso em 31 de março de 2021.

criar esse e nesse lugar. Eles ocupam fisicamente esses metros quadrados, onde não cabia literalmente a juventude, ao reduzirem o espaço do descartado. Essa ampliação é concomitantemente objetiva, como espaço onde os seus passos podem pisar, e subjetiva, enquanto pertencimento e entendimento de sua prática, e da relevância em um território reconhecido e agora de fato ocupado.

Na redução do espaço da precariedade, o jovem reduz o espaço de precariedade que é não movimentar significativamente os seus corpos no seu território. Quando esses jovens, corpos criadores de beleza, inventam esteticamente na sua circulação, reduzem, também internamente, a precariedade de só sobreviver. Experimentar repetidamente seus corpos criadores de beleza, é esgarçar os limites de ocupação que suas manifestações inventam. O espaço esgarçado reduz outros espaços limitantes, na praça, nas formulações coletivas e no interior de cada jovem implicado nos eventos.

Ao serem observados na praça, no dia do encontro de limpeza, as maneiras de compreensão da atuação e do preenchimento desses jovens nesse lugar foram gradativamente modificadas. Esses jovens, em um primeiro momento, dentro do espaço de escassez e de limitação do território, que foi de alguma forma escolhido para o descarte, insistiram numa nova forma de preenchimento do que se via no abandono. A praça, que deveria ser reconhecida como uma espécie de espaço de respiro e de paragem, dentro de uma comunidade intensamente ocupada, de alguma maneira afrontava, na sua própria existência, um lugar com dezenas de ruas, de becos e de moradias espremidas umas sobre as outras.

A praça foi preenchida, ao longo de um tempo, pela paragem do descarte. O deslocamento, a pressa, a necessidade de sobrevivência, muitas vezes se torna um silenciador dos sentidos das paragens. E foi na necessidade de expansão destes jovens, de se encontrarem fora das suas residências, em algum espaço onde era possível se movimentar visto o excesso de pessoas e de construções que apertam o território do Rio das Pedras, que os limites ocupados pelo descartado foram forçados e reavaliados.

Esses jovens se encontram inicialmente, segundo o relato do Leo, em um canto dessa praça. E os observadores, vizinhos da praça, conectaram as manifestações dos jovens à produção de lixo que preenchia esse lugar. Suas manifestações, em um primeiro momento consideradas como rebeldes, de alguma maneira foram vinculadas à visualidade do descarte que preenchia a praça. De alguma forma a natureza desse inanimado descartável se misturou aos pequenos grupos que resistiam nos cantos da praça.

A observação dos moradores das casas, construídas umas sobre as outras, ao redor desse espaço “vazio”, se dava no olhar que significava o espaço. De alguma forma existia

uma necessidade de ocupação, como se ali devesse servir para alguma coisa. Se a praça não estava ocupada por casas, comércio, ruas e becos, elementos considerados primordiais para a existência das tantas pessoas que vivem no Rio das Pedras, ela deveria ser ocupada de alguma maneira, e a primeira forma foi como lugar de descarte. O próprio entendimento de lugar de paragem, sem as tantas construções do seu entorno, repletas de paredes e objetos de pessoas que precisam sobreviver, é absorvido pela lógica do precário.

O espaço supostamente vazio dentro de uma grande comunidade, como o Rio das Pedras, é um espaço de poder. Ter alguns poucos metros quadrados para viver é uma necessidade primeira. Nestes lugares, de grande ocupação, as praças são espaços de resistência, metros quadrados de resistência. Onde se deve ocupar ao máximo, onde tudo se reconfigura para caber, o “vácuo” da praça é um espaço que subverte na sua própria existência, antes mesmo de ser ocupado. A relação do descarte com a praça pode se relacionar a um olhar de frustração, na impossibilidade de preenchimento que gera valor monetário.

A juventude ocupando a praça, nesse jogo de “empurrar”, de dilatação do provável, se organiza em um exercício prático e simbólico de limpeza que contém em si uma série de implicações. As implicações do processo de entendimento do próprio lugar, a reconstituição dos sentidos de um espaço de paragem, e o exercício de pensar a praça enquanto se pensa a própria juventude. Reapropriar a praça significou também reelaborar as formas de ver a juventude do Rio das Pedras, que aumenta a abrangência dos seus contatos. Os vizinhos, que olham e que começam a fazer parte do movimento, ao emprestar materiais e oferecer lanche para esses jovens no dia da ação, reconhecem de alguma maneira esses corpos criadores de beleza que performam na praça.

Enfrentamos uma tendência perigosa para a busca de uma harmonia plena, como uma visão fixa e uniforme, que romantiza ou demoniza a convivência e o estar junto nos espaços sociais. Pendemos entre o desajuste e o pleno equilíbrio, na busca por posições delimitadoras das relações e dos contatos. Desejantes da concordância e da empatia imediata, ironicamente, tendemos ao julgamento das diferenças, e ao engavetamento de características consideradas aceitas ou impróprias, criando um acervo que lançamos mão ao sentir que nossos espaços são, de alguma forma, disputados. Léu narra o acontecimento:

Uma vizinha perguntou: “Quem mandou vocês fazerem isso?” Eu respondi: “Nós somos um movimento independente”. Na praça tinha uma sede do

Cras⁷³ abandonada, limpamos também. Os caras do quiosque deram água, refrigerante, frango assado. Uma vizinha fez uma vaquinha pra gente comprar mais sacos. Apareceu carrinho de mão e vassouras. Tiramos 275 sacos de lixo da praça. Depois caiu um temporal e a gente tomou banho de chuva.

Ao reconhecer a convivência como uma relação que pressupõe ambiguidades, é preciso assumir os afetos e os atritos implicados nas dinâmicas dos contatos. O que se formulara como bons ou maus hábitos e costumes, só cabe em respostas prontas, diante dos sentidos da coexistência. Coexistir é mais do que questionar os modos com que nos relacionamos, e as formas de habitarmos lugares, e as formas de como esses lugares nos habitam. As tonalidades produzidas pelo estar junto das juventudes seguem a temporalidade dos seus discursos. Só compreendemos a parte que nos cabe ver em seus encontros. Ainda que estiquemos estes limites, vimos deste lugar mutável e por vezes limitado de onde olhamos. Me refiro às ferramentas de que dispomos, que só nos permitem tocar no limite do outro, todo o resto segue impenetrável.

Imagem 57: ‘Depois caiu um temporal e a gente tomou banho de chuva’



Fonte: Registro postados na página de facebook – Rockeiros do Pinheiro em Ação⁷⁴

⁷³ CRAS - Unidade pública estatal de referência para a oferta de serviços, programas e benefícios socioassistenciais de proteção social básica ofertado no âmbito do SUAS-Sistema Único de Assistência Social. <https://carioca.rio/servicos/cras-centro-de-referencia-de-assistencia-social/> Acessado em 02 de abril de 2021.

⁷⁴ <https://www.facebook.com/RockeirosDoPinheiroEmAcao> (postado em 28/06/2013). Acesso em 31 de março de 2021.

No encontro destes jovens, nesta praça, a convivência se faz na partilha dos desejos e no reconhecimento, não necessariamente harmonioso, das diferenças. Uma parte da vontade de cada um, de reformular o seu espaço de convivência, é parte apropriada do desejo alheio. A vontade da vizinhança, que sinalizava uma tentativa de aniquilar o que supostamente a perturbava, vai se reconfigurando no ato, na ação da limpeza da praça. Na ação se fortalece a plasticidade própria dos acontecimentos cotidianos, capazes de reformular crenças e opiniões no mesmo tempo de seu desdobramento.

Os registros da ação fortalecem uma espécie de estetização de uma cena cotidiana que se tornou acontecimento, na medida em que os sujeitos envolvidos, e as pessoas que observam as performances desenroladas naquele ato, transformam o evento em uma parte memorável da história da praça do Pinheiro. Os jovens chegando aos poucos, ocupando a praça com uma atividade que aparentemente não era rotineira, com roupas que o identificam naquela localidade, preenchendo o lugar ao mesmo tempo em que o modificam, retirando lixo de toda parte, desfilando suas vontades e buscando uma certa sintonia com as pessoas que observavam em seu entorno, que também pertenciam àquele lugar. E a chuva ao fim. E o banho de chuva.

Imagem 58: Jovens Jovens rockeiros do Rio das Pedras



Fonte: Registro postados no Facebook – Rockeiros do Pinheiro em Ação⁷⁵, postado em 28 de junho de 2013.

⁷⁵ https://www.facebook.com/RockeirosDoPinheiroEmAcao/photos_albums Acesso em 31/03/2021.

Os quotidianos juvenis rodopiam entre tempos monocromáticos e tempos policromáticos. Os primeiros são de natureza institucional (escolar, profissional, familiar) e privilegiam os horários, a segmentação, a pontualidade; os segundos são de natureza sociabilística e enfatizam a aleatoriedade, os sentimentos, a experimentação, a convivialidade (PAIS, 2016, p.77).

A natureza própria do tempo, dimensão que permeia tudo que é vida, contém uma infinidade de “cores”. Relativiza-se nas experimentações reais porque se liga diretamente às formas de presenciar, pensar e sentir os acontecimentos. Seu ordenamento monocromático é uma invenção humana, e a invenção das instituições que organizam a vida humana surgiu como consequência de suas trajetórias na exploração das possibilidades do mundo. Dito isto, é possível vislumbrar um certo “retorno” por parte dos jovens à dimensão de convivialidade das relações mais básicas prescritas na natureza de ser gente. Esse desvio do percurso lógico inventado pelo homem não é coisa da contemporaneidade, é condição parte do que somos.

Os jovens se deparam com as demandas que tendem a organizar as suas vidas, ao mesmo tempo em que provam as dúvidas advindas da multiplicidade não só de percursos, mas também no nível da orientação da “flecha do tempo”, como trata Pais: “Se o tempo segue as rotas de uma linha contínua (a flecha do tempo), basta medir a sua orientação para que conheçamos a sua trajectória. Mas o futuro dos jovens parece esgueirar-se da flecha do tempo” (PAIS, 2016, p.82).

Segundo Pais, “entre os jovens, os tempos do presente - que são os do cotidiano - ganham ascendência sobre os tempos que lhe são adjacentes, os do passado e do futuro”. Essa ascendência pode se dar à compreensão de futuro como esfera não tão previsível como se acreditava em outras épocas, mas também pode sofrer forte influência de um novo olhar sobre os recursos disponíveis no presente. Seria uma espécie de estreitamento do tempo, no desejo de tocá-lo através das experimentações do cotidiano. Como supõe Leccardi, a incerteza passa a ser encarada como um dado não eliminável na vida desses jovens.

O aspecto inovador dessa nova construção biográfica - em cujo próprio centro está a tensão de um “futuro sem projeto” - é a capacidade de aceitar a fragmentação e a incerteza do ambiente como um dado não eliminável, que deve ser transformado em recursos graças a um exercício de consciência e reflexividade (LECCARDI, 2005, p.51).

Aos jovens das classes populares cabe a intensificação dessa ideia de fragmentação, e a incerteza que já é própria das experiências de ser jovem e de viver na contemporaneidade.

Os aspectos de suas vidas reais se unem à condição de sujeitos em processo de busca por sentidos de futuro, embaçando ainda mais as perspectivas do que poder vir a ser.

Os projetos de vida que os jovens idealizam abrem portas, por vezes, a um vazio temporal de enchimento adiado. Projetos em descoincidência com trajetos de vida. Em contrapartida, o presente enche-se de possibilidades múltiplas e reversíveis, embora nem sempre possíveis (PAIS, 2016, p.9).

A "flecha do tempo" (PAIS, 2016) ordena presente, passado e futuro de forma linear, na mesma medida em que aponta a trajetória a ser seguida. Nesta perspectiva, da vida que sempre segue para frente, exigindo algum grau de evolução dos sujeitos envolvidos, sabemos que o retorno concreto aos acontecimentos que já foram não é viável. Por sua vez, a projeção em direção ao futuro nada mais é do que sombras embaçadas das luzes que projetamos de maneira idealista. No entanto, ao relativizar o tempo mensurável, mergulhando nos tempos variáveis da nossa imaginação, é possível experimentar sensações e sentimentos através da memória ou da criação de experiências que circulam por entre as brechas do tempo instituído.

A experiência está sempre fincada no presente, porque ela exige um suporte para existir. Mas as variações dos tempos internos e externos permitem vivenciar o real de formas diferentes do que se dá como posto. É possível pensar e criar futuros imaginários, revisitar acontecimentos passados através da memória, e até mesmo misturar essas vias internamente. Mas o próprio fenômeno de imaginar acontece no agora, mesmo que carregue a presença interna para outras direções.

A dimensão da presença se infla para esses jovens, os pequenos passos de cada experimentação geram ou limitam os pequenos passos seguintes. A mudança não se dá numa esfera grandiosa, e não se pode ver numa perspectiva de distanciamento e análise sistemática. A mudança ocorre nas sutilezas das presenças cotidianas, nas partículas que minam dos eventos sem importância histórica. Os grandes acontecimentos, com toda relevância que contém, não dão conta da aproximação necessária para mirar as insignificâncias do que acontece todos os dias nas vidas destes jovens. E quanto mais a gente se aproxima, mais as redes se ramificam, daí se tornam evidentes e ao mesmo tempo fugidias as formas de ver e de ser dos jovens que costuram o presente com suas presenças.

4.4 Pensar cinema entre vestígios e ausências

O “Cine”, de Cine & Rock, ficou como uma espécie de lacuna na nossa conversa. Não por ter deixado de ser tema, mas por não ter deixado resquícios suficientes para ser analisado em suas nuances mais específicas. Sua natureza própria de movimento, e a necessidade de se pensar a relação direta dos jovens inseridos nas ações, ou das crianças que partilham a praça, com os filmes e as suas formas de vê-los, foram pontas desta lacuna. Sem os diálogos possíveis a partir desta interação, limitamos um certo tipo de análise mais mergulhada nas especificidades do cinema.

No entanto o termo estava e está lá, estampado no nome do movimento, e carrega consigo uma certa aura que imprime o desejo de uma postura inicial sobre aquela praça, e sobre tudo que é considerado cultura e arte na comunidade do Rio das Pedras. E se nos faltam registros do movimento gerado pelas exhibições de filmes na praça, se certa frustração se dá pela necessidade de viver ou de ver essa ação se efetivando neste lugar, nos sobram perguntas aguçadas pelos poucos resquícios encontrados das experiências. E é desta ausência que partiremos, da falta de peças que nos impulsionam na criação do que parte de uma memória quase inventada. Léu narra de onde surgiu o cinema na origem do movimento:

Eu tinha um data show na minha casa. A ideia já era o Cine, e o nome inicial era Cinema e Rock na praça. Eram 3 filmes que a gente passava: um infantil, um curta e um longa, mas nada “blockbuster”, era sempre procurando trazer relevância pra galera. Como a gente não tinha nada pra passar, era um pano. Toda vez ventava e o filme voava.

Não precisamos enveredar profundamente pelos sentidos possíveis da expressão “blockbuster”, para entendermos que a narrativa trata do que é comercializado como referência que chega de forma facilitada por toda parte. Se trata do que chega primeiro, atravessando as barreiras (mesmo que com atraso) entre os bairros bem estruturados e os espaços periferizados da cidade. Gerando uma gama de sensações e de referências que, por se alastrarem com velocidade e amplitude, demarcam formas de ver e de pensar imagens que invadem territórios. A vontade de ir além do que se veicula enquanto cinema na comunidade do Rio das Pedras é louvável, ainda que saibamos das dificuldades implicadas numa ação de improviso, em um espaço marcado, além de tantas outras coisas, também pela vulnerabilidade de seus habitantes.

Como delimitamos mais acima, estamos trabalhando no campo das ausências, no sentido de falta de registros deste acontecimento cinema na praça, não da escassez de leituras

possíveis dos modos de participar das crianças e dos jovens moradores do Rio das Pedras. E é na última frase narrada que se inicia a nossa reflexão: “Toda vez ventava e o filme voava”.

Imagem 59: Cinema na praça do Pinheiro.



Fonte: Imagem publicada no site “RioOnWatch: Relatos da favelas cariocas”⁷⁶, em 21/01/2020.

Há sempre algo que ecoa nos relatos, e pensar que “toda vez ventava e o filme voava” carrega em si a memória como resquício das ausências e como algo que voa. E se integra de forma tão honesta nesta busca do pouco que se tem, que se tornou uma daquelas repetições internas, que reoxigenam o trabalho de buscar no supostamente pouco. Por necessidade ou por escolha, ou pelas duas coisas juntas, a reflexão parte do que voa e das sobras silenciosas desse tempo. Do cinema, com seus sons e ruídos, com suas tonalidades e seu movimento, com seus temas mais ou menos relevantes ou compreensíveis, do seu tempo de exibição e reverberação, de tudo enfim, só nos restaram as imagens silenciosas que quem via.

Nessa miragem, de quem mira e de quem sonha, as imagens falam de um indizível. A imagem do lençol, preso na parede, que era espaço de projeção antes de voar, é real. Os meninos anônimos também o são. Mas o que pensamos ao nos depararmos com essa conjunção só pode se desdobrar no horizonte do imaginário. Benjamim (2005, p. 93, apud FRESQUET, 2013, p. 29) nos diz: “A criança quer puxar alguma coisa e torna-se cavalo, quer brincar com areia e torna-se padeiro, quer esconder-se e torna-se bandido ou guarda”. A luz da projeção, antes mesmo do que se projeta como narrativa na tela, carrega em si a natureza

⁷⁶ ‘Os Artistas Cidadãos’ do Cine & Rock, em Rio das Pedras #RedeFavelaSustentável.
<https://rioonwatch.org.br/?p=43742> Acesso em 04 de abril de 2021.

do brinquedo que simula a janela, e que, para além de suas implicações técnicas, já cogita o brincar e tornar o real outra coisa para além de si mesmo.

Imagens 60 e 61: Recortes do documentário: “Cine & Rock uma ideia que deu certo”⁷⁷



Fonte: Canal Cine & Rock, YouTube, postado em 23/04/2018.

⁷⁷ Recorte do vídeo: “Cine & Rock uma ideia que deu certo” (em aproximadamente 2 minutos de vídeo). https://www.youtube.com/watch?v=9VumsUwnaR8&ab_channel=Cine%26Rock Acesso em 04 de abril de 2021.

Uma imagem é projetada. Tem a palavra “Rock” do lado direito, e outros elementos textuais difíceis de reconhecer no recorte do vídeo. Um rapaz fala sobre o movimento, gesticula e justifica a sua importância na praça do Pinheiro. Em certo ponto do vídeo, crianças começam a “encenar” sombras na tela da imagem projetada. Congelo o momento, na tentativa de capturar vestígios da sensação, que está sujeita agora aos desdobramentos do reolhar, visto que lá, na filmagem do acontecimento, e na filmagem da projeção, ele em instantes passou. Capturamos o rastro.

Não sabemos em que momento a brincadeira de sombras ocorreu, se antes ou após alguma proposta ter usado o recurso da projeção. Mas a luz daquele momento, projetada para ser outra coisa além dela mesma, é reencaminhada à sua condição inicial, pela experiência de manipulação daquelas crianças. Ela deixa de servir às imagens projetadas em movimento, imagens produzidas sequencialmente a priori, e que ali, naquela praça, buscavam cumprir determinada finalidade, como explicita uma fala de Léo: “Os primeiros filmes eram de escolhas minhas. Passei “Muito além do cidadão Kane”, “A revolução não será televisionada”, “Hoje eu quero voltar sozinho”, “Tropa de Elite”, “Quem somos nós?”. É primordial valorizar a diversidade fílmica oferecida aos jovens e crianças, e trazer para os seus espaços de circulação trabalhos que despertem novos olhares, para além dos oferecidos pela gama limitada do que o próprio Léo chamou anteriormente de “blockbuster”.

A janela de luz, que se abre na parede da praça como um espaço para o imaginário, através dos filmes e projeções nos eventos do Cine & Rock, se torna veículo das invenções elaboradas pelos contornos dos corpos. E ainda que não sejam criações elaboradas, com as nuances implicadas na produção de um filme, se dão como o exercício de corpos que se põem sobre um espaço, desejantes de serem outros. O retângulo de luz se dá como um foco na praça, se abre como uma oportunidade de ser visto, ainda que não reconhecido. E brincar com esse corpo comum, nesse território comum, ganha potência de sonho no contraste da luz de outro lugar inventado.

Dentre as tantas frases de Paulo Freire, repletas de significados, destacaremos um fragmento que trata da presença irremediavelmente humana: “... que fala do que faz, mas também do que sonha.” (1996, p.09). Ao se tornar presença o ser humano sonha. Então sonhar é próprio de ser. E sonhar é criar antes, o que sucede no que rompe. Para além de fazer no mundo, o sujeito anuncia, é narrador do seu fazer. Ele conta as histórias do seu passado e descreve as suas produções no presente. Depois Freire diz que o ser humano “também” sonha. A palavra também está repleta de implicações, já que suscita uma espécie de acréscimo fundamental na condição humana: para além de fazer as pessoas falam do que fazem, e para

além de fazer e narrar os seus feitos, eles também sonham e falam do seu sonhar. É uma espécie de ampliação de sua potência de inventar a realidade, mais do que intervir nela.

Solicito um pequeno espaço para iniciar esta reflexão partindo de um fragmento de cotidiano. Ao entrar nas aulas de minhas turmas, numa manhã de setembro, Freire me apareceu num estalo. Falaríamos de Surrealismo, movimento artístico ligado ao universo onírico, e às espécies de ‘camadas mentais’ geradoras de relações a princípio desconectas da realidade. Freire me apareceu ao falar de sonho e imaginário. Ao falar de sonho, mas este que habita as noites de sono, pensamos sobre o que era acordar. O que era aquele susto, que por vezes, numa fração de segundos, nos fazia despontar o entendimento de estar enquanto corpo naquela cama, e não em outro lugar. Mas embora o reconhecimento de estar num lugar, que se identifica do seu entorno, e que se caracteriza por ter coisas e preencher um determinado espaço, ainda assim, nos deparamos com um certo grau de outro preenchimento, que seria como um ressoado concomitante: a experiência de viver outro lugar possível através do sonho noturno. Embora a vida teimasse em prosseguir, visto que invariavelmente prossegue, o reverberar do sonho acontecia, ainda que não o fosse mais.

Podemos pensar o sonhar de Freire sobre duas perspectivas: sonhar como pensar/criar o futuro, e como criação no sentido imaginativo e poético da condição humana. Vir a ser é um desdobramento da qualidade de sonhar. Tomaríamos aqui o sonhar como projeto, como maneira de vislumbrar um futuro possível a partir dos feitos passados e da presença nas ações do agora. No entanto, para além deste entendimento, Freire fala em ‘falar do que faz’ (1996, p. 09), e não apenas em fazer.

Ao falar sobre o que faz o sujeito cria uma instância narrativa e, mais do que isso, dialógica. Enquanto faz, ele se encontra mergulhado no ato próprio do presente, buscando a compreensão de sua ação enquanto desempenha o próprio agir. Ao falar do que faz revisita o ato, elaborando novas maneiras de enxergar as suas ações e as consequências delas, se encontra para além do ato em si. Falar do fazer é diferente do próprio fazer, permite o despertar e o desenvolvimento tanto da linguagem usada, como das atualizações que a tradução do acontecimento é capaz de realizar após os fatos. O sujeito fala “também” do que sonha (FREIRE, 1996, p. 09). Para falar de é preciso realizar o feito, mesmo que saibamos que ao falar também realizamos, numa espécie de criação dupla do que existe primeiro e é recolocado no entendimento de existência. Então, é preciso primeiro sonhar, ainda fora do campo da linguagem decodificada e divulgada, e depois ‘re-sonhar’, ao desdobrar o ato inicial em projeto compreensível. Seria aqui um movimento desdobrado: o da epifania primeira; o do

desatar esse primeiro indício na lógica do projeto; e o de comunicar o que é sonhado. Ao falar sobre o que sonha se cria outra vez.

Ao pensar para além do sonho como projeto de futuro, e numa temporalidade descolada da ideia necessariamente de futuro, os sujeitos criam e narram dentro de si os seus sonhos. Este movimento, próprio do sonhar como possibilidade de deslocar conceitos e recolocá-los numa ordem de suspensão, onde as lógicas podem ser reinventadas, é dimensão imaginativa e criativa própria do ser humano. Bachelard trata desta plasticidade do sonho ao dizer que: “Todo sonhador que quiser irá, miniaturizado, habitar uma maçã. Pode-se anunciar como um postulado da imaginação: as coisas sonhadas jamais conservam suas dimensões, não se estabilizam em nenhuma dimensão” (BACHELARD, 2003, p.11). Tiremos as coisas todas do lugar, Ao fazer esse exercício de sonhar, elas são ampliadas ou reduzidas, são pensadas como se fazem outras coisas, e abrem espaço para se imaginar o que não existe. O sonho de habitar miniaturizado uma maçã pode nunca se tornar real como imagem no concreto do mundo, mas é verdadeira no interior do sonhador, e o faz pensar e recriar a maçã e ele mesmo. Esta espécie de “ângulo interno” do homem está presente também nas invenções de Freire, mesmo que dito de uma forma completamente diferente da elaborada por Bachelard. Quando ele nos diz que “(...) a criatividade tem que ver com a remodelação do mundo” (FREIRE, 2013, p.360), podemos vislumbrar a remodelação na esfera interna e externa do ser humano. Remodelar é moldar outra vez. Amassar a matéria, devolver a ela a plasticidade, desfazer a estabilidade da forma inicial, para moldar outra vez, mantendo a umidade que permite recomeçar. Enxergar os novos possíveis exige desfazer as lógicas iniciais, sejam elas incluídas numa compreensão social e política dos contextos diversos, ou instaladas em nossas formas internas de articular e subverter as dimensões das coisas todas. A maçã de Bachelard existe, e o homem também, ele só consegue subverter a lógica das dimensões dos elementos contidos em sua descrição de um sonhador porque maçã e homem existem.

Ostrower exemplifica duas formas de imaginar um mesmo elemento (no caso específico, o pão) disposto em duas circunstâncias diferentes. Primeiro “um pão na mesa quando se está com fome” (2001, p.80), depois o interesse de contar o mesmo pão na mesa. Usaremos o seu exemplo para seguir com a nossa reflexão sobre os sentidos e as ressignificações do processo de imaginar:

No primeiro caso, o pão faz parte de um contexto ‘pão-prato-mesa-fome-agora’. Estabelece-se na percepção uma ordenação de campo em que entram o pão, a mesa, a fome, o momento e o lugar exato em que ocorrem, certas expectativas e o que nas circunstâncias possam implicar de conteúdos

psíquicos para a pessoa. Os vários dados não são comparáveis entre si, em nada sendo parecidos nem mesmo contrastantes. Interligam-se porque ocorrem juntos ou, pelo menos, são entendidos como muito próximos e talvez abrangendo uns aos outros.

No segundo caso, o pão continua sendo percebido, porém independe do fato de a pessoa ter fome ou não e independe da mesa, do prato ou de outros detalhes talvez presentes no momento da contagem. Abstraído do conjunto, o pão será diferentemente relacionado. Numa ordenação de grupo, o pão será comparado, como objeto caracterizado por determinadas feições, a outros objetos similares que se encontram na mesa. (Ou será comparado a objetos similares que estão ausentes. Poderia, por exemplo, haver só cinco pães na mesa porque um fora esquecido na padaria.) Não se trata mais daquele pão particular que se quer comer, daquele instante, e sim de um pão, ou de meia dúzia de pães (OSTROWER, 2001, p.81).

Inicialmente se fala do elemento pão incluído no contexto ‘pão-prato-mesa-fome-agora’. Os elementos dispostos na análise compartilham sentido ao estarem juntos, e na disposição de quem olha. Descolados entre si, assim como a maçã e o homem de Bachelard, podem participar de outros dispositivos da percepção. Podemos imaginar a forma, a cor, o tamanho e o cheiro do pão. Mas essas qualidades, na ligação pão-fome adquirem um significado mais abrangente no nível dos sentidos. A mesa pode nos remeter à fartura de uma memória de comemoração, de encontro, de disposição de familiaridades. Mas a relação mesa-fome adquire um outro significado, e acrescentando na relação o pão, se pode inclusive desdobrar novas simbologias. A fome sozinha pode fazer parte de uma análise memorial, pode estar contida na esfera de uma temática social e global. Mas a fome-agora, e ligada à mesa e à unidade do pão, nessa observação intimista da necessidade, permite à imaginação cruzar dados sensoriais ao entendimento da cena analisada. E só podemos falar de uma análise mais demorada no imaginário de quem não tem fome naquele momento, que possui um distanciamento mínimo para assim orientar o que desvela. Imaginar ‘pão-prato-mesa-fome-agora’ inserido no contexto da necessidade primária, engendra a imagem resultante em outra ordem de compreensão.

O pão ainda pode apresentar as qualidades descritas anteriormente, mas estas permanecem veladas sob a necessidade disposta aqui: a de contar. Ao descontextualizar o pão, ao descolá-lo de uma situação hipotética, ele passa a ser interpretado acessando dispositivos de ordenamento seletivo. Ao contar o pão deve-se abstrair os elementos desnecessários ao processo. Como quem utiliza uma lupa, o objeto é aproximado e recortado do todo, para assim permitir uma análise imparcial dele, desconsiderando o contexto do qual ele é parte. Contar, na temperatura técnica do exercício, se faz de forma orientada por não se ter fome. É

possível contar com fome, mas a intencionalidade é reestruturada na relação com as demandas do contexto.

Neste exercício, imaginar é também viver, e experimentar, e misturar coisas que podem não fazer sentido na dimensão do concreto, mas que, ao serem misturadas, na instância do imaginário, inventam uma certa realidade. A invenção de sonhar se dá no campo dessas ‘certas realidades’, internalidades que criam formas novas de ser gente. E, ao acontecerem, dentro de seus espaços de acontecimento, criam maneiras de existir que não foram elaboradas anteriormente. Maneiras possíveis ou não no campo das práticas concretas, o que parece em certo grau redundância, visto que o que podemos chamar de práticas é em si realidade.

Por vezes tendemos a não compreensão dos universos internos, que criamos cotidianamente, enquanto externamente praticamos tantas outras coisas. A concomitância desses lugares de invenção por vezes foge ao nosso entendimento supostamente linear dos acontecimentos. Porque ver é um princípio na superfície das existências. O que acontece no campo do visível parece estar posto, ainda que gere controvérsias, diante das tantas formas de encarar as realidades. Ainda que seja compreendido por campos interpretativos diferentes existe, e os corpos que viveram, e que presenciaram, e que rememoraram, são resgatados como provas desta perspectiva essencial de realidade.

Imagem 62: Primeira edição Cine & Rock (19/04/2013)



Fonte: Blog do Cine & Rock⁷⁸, postada em 20 de abril de 2018.

⁷⁸ <http://cineerock.blogspot.com/> Acesso em 04/04/2021.

Dialogamos aqui no sentido de pensar no imaginar, e em especial no sonhar, como formas também de existência. O criar que acontece nas invenções, antes mesmo delas existirem ou não como resoluções visíveis, palpáveis ou ‘descrivíveis’, é em si uma certa realidade que nos forma e nos reforma. O movimento de olhar para fora e para dentro reconfigura as formas de ser no mundo.

A reconfiguração de sentidos, que se dá na brincadeira das sombras projetadas, como uma espécie de aparição neste foco retangular criado, se dá também no espaço da praça. Ao intervir em um espaço público, se interfere também nas formas de preencher e se apropriar deste território, conferindo a ele especificidades que vão além de sua dinâmica inicial. Recordando a situação inicial deste lugar, ocupado de lixo e sem iluminação, tendo seus usos reduzidos e sendo considerado pelos próprios moradores como insalubre, refletimos sobre a relação entre as formas como os territórios são encarados e como os sujeitos que os ocupam também são. Os usos dos espaços, em especial dos espaços de circulação e de encontro, como a praça do Pinheiro, têm um poder simbólico que se amplia na medida em que as formas de utilizar ou expandir os seus limites também são refinadas. O lugar dos encontros cria e recria os lugares das memórias.

4.5 Rock e territorialidade na praça do Pinheiro

Imagem 63: Cine @ Rock, evento na praça do Pinheiro



Fonte: Agência de notícias das favelas⁷⁹, 13 de setembro de 2016.

⁷⁹ Agência de notícias das favelas: <https://www.anf.org.br/cine-rock-na-praca-leva-cinema-e-musica-para-rio-das-pedras/> Acesso em 13 de março de 2021.

A praça do Pinheiro foi por algum tempo, como narrado anteriormente, um espaço abandonado e reservado ao lixo acumulado pela localidade. Sua natureza, que deveria ser inicialmente de encontro, perdeu suas funções e se reconfigurou como um local marcado pelo desprezo das forças políticas e dos poderes locais. Os poucos jovens que frequentavam o seu espaço reduzido pelo lixo, passavam a ser vistos como parte daquele contexto de descarte. E a cultura do rock, que de acordo com relatos dos próprios moradores da região, era tida como estranha e sinônimo de baderna, fazia parte do cotidiano da juventude da comunidade do Rio das Pedras. Diante da variação de vivências musicais do lugar, o rock foi escolhido como representação deste grupo, que fazia de seus modos uma maneira de ocupar os lugares, no desejo de os fazerem também seus.

Ocupar, tomar para si. Tomar para si o lugar comum, que também é o seu lugar. É no processo contínuo de reterritorialização que os jovens redimensionam seus espaços de ocupação e vivências, os dotando de novos sentidos. Assim, o movimento de desterritorialização e reterritorialização se configura como um movimento que vai além do espacial, demanda novas estratégias de pensamento e de ocupação dos espaços.

Segundo Haesbaert (2004), territorializar e desterritorializar são processos concomitantes, já que as práticas humanas não se dão no vazio, necessitando assim de deslocamentos que em si mesmos já reconfiguram paisagens, sejam elas físicas ou subjetivas. E neste deslocar-se estão em jogo diversos componentes sociais, que redefinem manobras dos sujeitos e seus posicionamentos enquanto atores ou espectadores destes processos.

Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação. Lefebvre distingue apropriação de dominação (“possessão”, “propriedade”), o primeiro sendo um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do “vivido”, do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca (HAESBAERT, 2004, p.1).

O território pode ser identificado tanto como um lugar vivido, quanto como um sistema onde os sujeitos sentem-se “em casa” (HAESBAERT, 2002). Assim, estamos diante do sentido de apropriação, como um coletivo de representações e processos que engendram componentes ligados aos espaços e aos tempos sociais e culturais dos sujeitos. Desta forma, todo lugar que se constitui através de um grau de agenciamento coletivo, onde se utilizam ferramentas que delimitam fronteiras, se produz e se reproduz enquanto território. No processo de desterritorialização, um território é “abandonado” simultaneamente à produção de

uma experiência de reterritorialização, que consequentemente admite uma nova configuração territorial.

Imagens 64, 65 e 66: Cine & Rock – postado em 15 de junho de 2013



Fonte: Blog Cine & Rock, 2016⁸⁰ Acesso em 05 de abril de 2021.

⁸⁰ <http://cineerock.blogspot.com/> Acesso em 05/04/2021.

Ao observarmos os trânsitos juvenis, esta dinâmica fica evidente como sendo um processo sem um fim fixo em um lugar ou uma experiência definitiva no espaço/tempo. Pela própria intensidade de seus trajetos cotidianos, e pela significação destes trânsitos para uma “etapa da vida” também em constantes processos de reformulação, a reconfiguração dos espaços dos deslocamentos destes jovens é impregnada pelos deslocamentos subjetivos e coletivos. É o uso dos espaços, com todos os agenciamentos e conflitos que presume, que atribui a eles a qualidade de propriedade ou de “apropriação”. Estes lugares, quando efetivamente praticados, adquirem sentidos e se assentam simbolicamente a partir dos ritmos de seus agentes. Como nos aponta Carrano:

Neste sentido, o território usado ou o “pedaço” pode transbordar limites definidos ao território, no espaço físico, ou pode encolher esses limites recortados, que estamos chamando de território como recorte do espaço físico. O território usado transborda ou encolhe, o “pedaço” cresce ou diminui, não é um fixo, é um mix de fixo e fluxo, de técnica com ação, de objetos com práticas sociais (CARRANO, 2014, p.22).

Os jovens participantes do movimento de ocupação passam a pensar na ação nos seus espaços de habitar. Quais os seus papéis neste velho/novo espaço que se apresenta? Velho no sentido de território concreto, com suas carências e demandas estruturais e materiais; novo como lugar de produção de sentidos, de pertencimento e de existência sempre atualizada.

4.6 Sobre decência de mãos dadas com boniteza

Paulo Freire nos fala de “decência e boniteza de mãos dadas”(FREIRE, 1996, p.18). Berino, alinhavado em um jogo ético e estético de viver, aponta que “As “situações-limites” vão se desvanecendo e o que antes não era concebido para a assunção da nossa presença no mundo passa a compor a imaginação e as ações como um “inédito viável”. (BERINO, 2018, p. 332). Na praça do Pinheiro ética e estética se entrelaçam no campo das necessidades humanas. E vemos no movimento do Cine & Rock, e no movimento sempre reinventado deste território, que as necessidades vitais se sustentam e se ampliam também no pão, mas não só nele.

Viver, para as crianças e para os jovens, que fazem da praça o seu lugar de encontro, espaço de aprender e de ensinar, é necessidade que se expande. E a própria condição de ser gente impede a sustentação dos limites do que é suficiente para os sujeitos que cruzam, que se encontram e que transformam sem cessar os seus lugares.

Imagem 67: Cine & Rock – atividade da praça do Pinheiro



Fonte: Facebook do Cine & Rock⁸¹, postada em 9 de fevereiro de 2020

A menina, que vive e que sonha na praça, experimenta suas formas de estar e de aprender em seu lugar. No último plano, ao lado direito do registro, o texto sobre “O pão”, ainda que pouco legível, divide a nossa atenção (utilizando correções de grafia para entendimento):

O PÃO

O pão e a água alimentam o corpo
 A literatura alimenta o espírito
 O homem precisa do alimento
 Assim como a cabra e o cabrito
 Escrevo estes provérbios
 Vocês confirmam o que foi dito

Considerando a falta de informações sobre o enunciado da parede, e a impossibilidade de reconhecer se o pequeno texto advém de crenças religiosas, e a partir de qual contexto foi inserido neste lugar, de alguma forma ele compõe o registro e vira parte dele. E nos fala,

⁸¹ https://www.facebook.com/pontodeculturacineerock/photos_albums Acesso em 05/04/2021.

mesmo supostamente distante de sua função inicial, na conversa que trava com e na praça, sobre alimento e sobre as necessidades humanas.

Durante algum tempo a praça do Pinheiro foi denegada aos dejetos locais, e tudo que se produzia em suas beiradas se confundia, para os moradores locais, com a sua própria disfuncionalidade. O jovem supostamente “baderneiro”, que se apertava nos cantos e disputava espaço com objetos e materiais descartados neste território, tinha fome de manifestar os seus anseios e as suas experimentações, seus costumes e as suas formas de se apresentar, ética e esteticamente, na localidade que era sua.

O sentido de vagabundagem talvez venha do embate diante do que seria considerado primordial naquele lugar. O alimento, que essencialmente mantém os corpos de pé, não comportava em si o transbordamento desses mesmos corpos. O que parecia ser o sustento, e que deveria ser o foco desses sujeitos que buscam sobretudo sobreviver, justificava inicialmente a expulsão dos jovens, que insistiam em ser mais do que sobreviventes naquele lugar. A manifestação da vontade, desses jovens que desejavam o espaço da praça como território de ser mais, abriu um clarão para a chegada também das crianças desejantes pela ampliação de seus movimentos.

Freire, em uma de suas tantas narrativas descritas em seus livros, rememora um acontecimento de sua infância. Conta de um episódio em que foi flagrado, ainda menino, tentando furtar um “lindo mamão” (2020, p.46) em um quintal alheio. Fala de sua sensação de ter empalidecido, e dos reflexos do seu corpo: “Não sabia o que fazer de minhas mãos trêmulas, das quais mecanicamente tombou o mamão. Não sabia o que fazer do corpo todo – se ficava empertigado, se ficava relaxado” (FREIRE, 2020, p.46). A seguir remonta o corpo que caminha após o assombro: “deixei o quintal e fui andando sumido, diminuído, achatado, para casa, metido no mais fundo de mim mesmo” (ibid., p.46).

A fome que descreve Freire, o princípio da necessidade, ou o desejo pelo lindo mamão, é a de muitos outros meninos. Ele rememora não só uma necessidade inicial, mas os desdobramentos do assombro e da frustração em satisfazê-la, e o assombro também da diminuição de sua qualidade de ser gente. A fome que parecia poder ser saciada no elemento mamão vira fome de corpo inteiro. Ele passa a não saber o que fazer com o corpo todo, com suas necessidades e com seus reflexos, desdobrando-se em um exercício físico de tantos constrangimentos. O corpo, que na lógica da observação segue parecendo o mesmo de antes, por dentro se apequena, se achata, numa espécie de fome ampliada. O corpo entende, embora não explique, os sentidos de ser afrontado em suas qualidades primordiais, qualidades que ampliam a fome para suas outras instâncias de existir.

Imagem 68: Cine & Rock – atividade da praça do Pinheiro



Fonte: Facebook do Cine & Rock⁸², postada em 9 de fevereiro de 2020

Como uma fome sucederia a uma saciedade, se mil pequenas fomes elementares (de sais, de açúcar, de gordura etc) não se desencadeassem de acordo com ritmos diversos, desapercibidos? Inversamente, se a saciedade sucede a fome, isso acontece pela satisfação de todas essas pequenas fomes particulares (DELEUZE, 1991, p.132).

A constatação das tantas necessidades que fazem dos indivíduos sujeitos pertencentes aos territórios, e coletivamente criadores destes lugares, reforça a função tanto ética quanto estética das relações travadas neles. O pão é vital, disso não nos desviaremos. Mas o que alimenta o direito de ser sujeito pleno vai para além de seu sentido literal. O próprio entendimento das necessidades dos jovens, que moram em espaços periferizados, usurpa muitas vezes o seu direito de ser para além de sua subsistência.

No exercício das liberdades, o “quefazer” freireano não sossega o nosso desejo por uma outra vida que vá além do imaginário permitido pelo poder” (BERINO, 2018, p.337). Discutir alimenta as atividades criadores e, por sua vez, as atividades criativas alimentam e ampliam o alcance das discussões. Para isso, um movimento simultâneo precisa acontecer: a redução do cerceamento embutido da exploração dos sujeitos nas dinâmicas sociais, e o

⁸² https://www.facebook.com/pontodeculturacineerock/photos_albums Acesso em 07/04/2021.

entendimento do lugar de quem cala ou fala e de quem escuta ou oprime. Ao entender os lugares de repressão e os seus lugares de atuação, ou ainda, no reconhecimento dos limites inscritos no que se pode criar de lógico diante das barreiras que supostamente entrincheiram o que é comunicado, os sujeitos dão um passo importante no entendimento da escala do que é reconhecível em suas realidades. Como aponta Freire: “A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo” (1967, p.43). Este invariavelmente se relaciona com a sua realidade, mas “estar com ela” é um desdobramento que só ocorre depois de “estar nela”. Freire diz que é a partir deste ato criador, que é um ato de decisão, que as pessoas vão “dinamizando o seu mundo”. Depois do alimento que sustenta o seu corpo de pé, elas necessitam do alimento que fornece energia para criar como um movimento de decisão. Para isso acontecer de maneira plena, é necessário tanto um processo de tomada de consciência quanto um espaço para que este mecanismo seja retroalimentado.

A discussão do que é primordial para estar vivo nesses tantos lugares não é suficiente para impedir suas manifestações sociais e culturais. Talvez o medo de se estar em uma localidade onde poderes paralelos supostamente ditam as regras, gere em muitos adultos o impulso pelo silenciamento desses jovens, que com seus corpos falam mais do que é seguro ser dito. Mas, ao fechar (provisoriamente) o fio da narrativa do Cine & Rock, que é tão somente um movimento de corporificação do desejo de ocupar um espaço teoricamente já seu da comunidade, fica claro que a sua potência se configura para além de suas perspectivas iniciais.

5. CORPO E CIDADE

O lugar é criador de conexões, afetividades, identidades, em suma, diferenças. É como se, muito mais do que controlarmos concretamente um espaço, primeiro, em plena interação conosco, o próprio espaço nos convocasse a habitá-lo, convidando-nos a realizar nossa vida pelo aprofundamento dos elos afetivos vividos, transformando-se o espaço, para nós, efetivamente, num lugar (HAESBAERT, 2017. p.18).

Ao pensar na suposta relação entre corpo e cidade, corremos o perigo de tender, como em toda tentativa de análise que esparra em dualismos, para um movimento que preenche um campo ao esvaziar outro. Seria como se o sentido de conter estivesse atrelado ao que deveria se compreender como lacuna a ser completada com vida. Mas pensar em corpo e em cidade, como representações descoladas ou em diálogo, implica reconhecer que ambas são, de maneira mais ou menos equivocada, colocadas em categorias de instâncias passíveis de preenchimento, ou ativas enquanto manifestadoras de afetos. E é deste exercício de formas, que movimenta nosso pensamento de uma posição para outra sem cessar, que buscamos extrair uma maneira menos determinista de encarar os territórios e os sujeitos que transitam por eles. Não consideramos esta uma reflexão conclusiva, muito menos isenta das dicotomias que insistem em consumir parte da energia empreendida para não cair em lugares que objetivam os sentidos dos termos envolvidos.

Haesbaert nos apresenta esta convocação mútua que imprime sentidos aos territórios, e que na habitação confere qualidades de vivido a eles, na mesma medida em que modifica e reorienta os sujeitos que localizam maneiras de viver em suas fronteiras. Na visão de Milton Santos, citado da reflexão de Hissa e Nogueira: “A cidade onde a vida acontece é a expressão mais representativa dos lugares (...)” (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p.55). Milton Santos, ao tratar “a cidade onde a vida acontece”, imprime um estado de alguma forma corporal a ela. A aparelhagem que justifica a sua condição inicial de paisagem organizada, se realinha e se humaniza no preenchimento de gente e de fluxos. ‘Onde a vida acontece’ se dá no campo também do inesperado, se contrai mas não se esgota nas ruas sem saída.

5.1 Cidade que corre e ritmos de existência

Quando a cidade corre, em todas as suas funções, em todas as necessidades de manutenção do que é preciso fazer para sobreviver, ela desestabiliza ritmos próprios dos

corpos, ao mesmo tempo em que cria demandas para o seu funcionamento. "É a velocidade que, ao desequilibrar no território próprio da cidade, obstrui os corpos em sua condição de ser e em sua capacidade de experimentar" (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p.55). As demandas da cidade veloz apontam para a manutenção de corpos ocupados, mas não necessariamente corpos que ocupam. Chegar do ponto A ao ponto B, para que parar signifique produzir, tende a fortalecer o sentido de ocupação. O cronômetro que aponta para a chegada em espaços fragmentados, com suas funções bem definidas, busca o enquadramento desses corpos que precisam estar ocupados para serem contidos. O corpo, por muito tempo ocupado, é em algum grau obstruído na sua essência de existir, na sua condição própria de experimentar. Experimentar pode exigir um tempo diferente, um novo tempo sempre atualizado. O sentido de velocidade implica na limitação de um tempo corporal de observação e de entendimento, em campos subjetivos, dos lugares que se desdobram enquanto são preenchidos. Esse ritmo, supostamente mais acelerado que o ritmo atencional do corpo, induz a estagnação na medida em que movimenta com intenções muito específicas os recortes de chegadas.

Então o corpo, no embate com o exercício de estar na cidade, é por vezes obstruído na relação entre a velocidade de um espaço e os tempos outros de significá-lo em camadas. Ainda que tudo pareça igual, o exercício iniciático de repetir⁸³ insiste em reinventar os movimentos no deslocar de seus percursos. Este exercício, que não se constitui de forma permanente, não reduz os sentidos de ritmo e suas graduações evidenciadas no corpo da cidade, e no corpo dos sujeitos que a compõem e a contém. Embora a tendência de pensar de maneira finalística para as demandas implicadas em suas vias de obstrução se configure em primeira instância, ao lançarmos um olhar mais focado nos pequenos acontecimentos cotidianos, compreendemos que o dualismo obstruir-liberar não corresponde às surpresas dos contatos que ressignificam os espaços da cidade.

5.1.1 Corpo que habita e é habitado

Por não ser um anjo, toda relação do homem com o mundo implica a mediação do corpo. Existe uma corporeidade do pensamento assim como existe uma inteligência do corpo (LE BRETON, 2010, p.17).

⁸³ "Não há duas coisas pregueadas do mesmo modo, nem dois rochedos, e não existe uma dobra regular para uma mesma coisa" (DELEUZE, 1992, p.194).

David Le Breton, em “A sociologia do corpo”⁸⁴, aponta um perigo importante a se considerar quando se discute essa temática. Pensar a libertação do corpo de forma unívoca e radicalizada, pode ocasionar uma espécie de descolamento deste conceito ao próprio sentido de integralidade do humano. Nesta defesa do corpo, podemos elaborar um discurso muito parecido com o dualista da modernidade. No desejo de ampliar as reflexões a respeito do corpo, podemos deslocá-lo de sua inteireza e, ironicamente, criar o mesmo discurso de verdade inquestionável, próprio de uma postura conservadora. E consciente ou não, esse discurso pode replicar o sentido de fragmentação de partes estanques, e na divisão passar a definir uma instância que comanda e outra que é comandada. Observamos um pensamento ligado a ideia de simulacro neste pensamento dualista, que o é na própria proposição de não o ser. “Procura-se o segredo perdido do corpo” (LE BRETON, 2007, p.11). Há um quê de mistério nesta busca que recoloca o sentido de corpo sobre outra perspectiva, de forma deslocada das tantas esferas que o compõem.

Le Breton aponta que “A apologia ao corpo é, sem que tenha consciência, profundamente dualista, opõe o indivíduo ao corpo e, de maneira abstrata, supõe uma existência para o corpo que poderia ser analisada fora do homem concreto” (LE BRETON, 2007, p.10). Ao analisar os aspectos simbólicos presentes nas elaborações sociais, fica claro, como aponta o autor, que “o corpo é o traço mais visível do ator” (LE BRETON, 2007, p.10). Esse corpo faz parte, de forma imbricada, de um jogo que se expõe nos espaços de circulação e de encontros.

O autor, ao tratar dos estudos iniciais a respeito de corporeidade, apresenta algumas características desenvolvidas no século XIX. Aponta também que alguns ângulos são mutuamente contraditórios. O corpo, em um determinado momento, diante das questões sociais envolvidas na exploração das classes trabalhadoras, se apresenta como um produto das condições sociais desses sujeitos. Em outra perspectiva, o corpo é reconhecido numa via contrária, ao entender as condições sociais como um produto das habilidades ou resistências do corpo, em um entendimento biológico das características humanas. No início do século XX, estudos sobre o corpo começam a surgir no campo da psicanálise. Freud contribui para uma ruptura entre este olhar do corpo apenas como produto de condições externas, e sua compreensão condicionada apenas a fatores biológicos. Breton aponta que “Freud introduz o relacional na corporeidade, o que a torna imediatamente estrutura simbólica” (LE BRETON, 2007, p.18).

⁸⁴ LE BRETON, David. A sociologia do corpo. 2 ed. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann-Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

A passagem progressiva da questionável antropologia física, que deduz do aspecto morfológico as qualidades do homem, para a consciência de que o homem constrói socialmente seu corpo, não sendo de modo algum a emanção existencial de propriedades orgânicas, estabelece o primeiro marco milenar da sociologia do corpo: o homem não é o produto do corpo, produz ele mesmo as qualidades do corpo na interação com os outros e na imersão no campo simbólico. A corporeidade é socialmente construída. (LE BRETON, 2007, p.19).

O modo de investigar por mutilação, na ruptura indissolúvel entre as partes que viabilizam estar na integralidade do mundo, precisa reconhecer que os pedaços repartidos não morrem. Ainda que recortar seja uma necessidade de ver em aproximação, reabilitar as partes é necessidade primordial, considerando as relações múltiplas possíveis de serem feitas e refeitas sem cessar. Assim como o corpo foi partido em mil pedaços, para ser investigado em seu nível celular, seu reconhecimento como integrador de coletivos o trouxe de volta para a esfera das misturas. Como resgatamos em Simmel: “Se nos misturamos em reciprocidades de ação, isso ocorre antes de tudo porque reagimos uns sobre os outros através dos sentidos” (SIMMEL, 1981, P.225 apud LE BRETON, 2007, p.19). Reconhecer o corpo na reciprocidade de suas partes e na integração de seus pares é a tarefa apresentada, tanto por Le Breton quanto por Simmel, ainda que desenvolvam seus argumentos partindo de lógicas próprias de seus tempos.

Imagem 69: Roda de capoeira na praça do Pinheiro



Fonte: Facebook do Cine & Rock⁸⁵, postada em 5 de novembro de 2019

⁸⁵ https://www.facebook.com/pontodeculturacineerock/photos_albums Acesso em 02/07/2022

Na indignação a seguir se manifesta o jogo, que se realimenta sem cessar, entre uma visão mágica e outra técnica sobre suas lógicas de existência: “Esquecemos com frequência o quão absurdo é nomear o corpo como se fosse um fetiche, isto é, omitindo o homem que o encarna” (LE BRETON, 2007, p.24). Na compressão ou estiramento de suas partes, historicamente, o corpo oscilou neste pêndulo que o realoca de um lado ou de outro, antes do peso pender ao movimento seguinte.

Nas sociedades tradicionais, de dominante comunitária, na qual o estatuto da pessoa subordina-se ao coletivo, misturando-a ao grupo e negando a dimensão individual que é própria das nossas sociedades, o corpo raramente é objeto de cisão. O homem e o corpo são indissociáveis e, nas representações coletivas, os componentes da carne são misturados ao cosmo, a natureza, aos outros” (LE BRETON, 2007, p.30).

Reduzindo as nuances deste salto, a título de compreensão do movimento pendular que observamos ao pular o tempo incalculável das transições, seguimos:

O isolamento do corpo nas sociedades ocidentais (eco longínquo das primeiras dissecações e do desenvolvimento da filosofia mecanista) comprova a existência de uma trama social na qual o homem é separado do cosmo, separado dos outros, separado de si mesmo. Em outras palavras, corpo da modernidade, aquele no qual são aplicados os métodos da sociologia, é o resultado do recuo das tradições populares e o advento do individualismo ocidental e traduz o aprisionamento do homem sobre si mesmo” (LE BRETON, 2007, p.31).

Na insistência de decodificação das entrelinhas que perfazem o(s) corpo(s), e na busca incessante por traduzir tudo em obviedades inofensivas, selecionamos lugares interpretativos – que sempre existirão, ainda que não desejemos – como módulos de partida na tentativa de chegar em novos lugares. O contrário deste *modus operandi* não é um outro calculável, uma terceira via segura. Se trata de entender a sua existência e reconhecer a impossibilidade de manter esses modos de operar dispostos em suas caixas pretensamente estéreis. Não somos isoladamente reféns dos limites das interpretações históricas e sociais de seus sentidos, nem tampouco desligamos de seus mecanismos de compreensão das nossas dinâmicas corporais de habitar o mapa.

5.1.2 Olhar para o horizonte, vislumbrar concreto

Haesbaert, em seu livro “ Por amor aos lugares”, conta que até os seis anos de idade morou numa zona rural, no interior do Rio Grande do Sul. Rememora a visão do horizonte como possibilidade de espaço imaginado. “Havia sempre o horizonte, que na campanha gaúcha, se aproximava do infinito. O Horizonte era o que mais me atraía, o potencial de conhecer outros mundos, a virtualidade de transpor o espaço” (HAESBAERT, 2017, p.16).

Olhar para o horizonte, no sentido de paisagem, é um consentimento dado a alguns lugares do mapa. No Rio das Pedras esse privilégio é roubado de tantas pessoas. No meio de suas construções, que no caminho nos coloca sempre abaixo de algo enquanto limita a visualização ampla deste espaço, as referências desta espécie de distanciamento que o horizonte possibilita, são limitadas na redução visível do além da paisagem. Caminhar nas suas ruas, sempre amontoadas de coisas e de imagens, e de pedaços fragmentários, é experimentar o espaço recortado, onde não se vê além dos limites que as paredes suportam.

Haesbaert, quando narra os espaços visitados em sua obra, os chama de lugares viajantes. Usa essa expressão para tratar dos lugares não rotineiros para produção de sua subjetividade. Ao se deslocar e visitar esses “lugares viajantes”, acessa o não cotidiano no cotidiano. Ao experimentar esses lugares que não são os seus, acessa os sentidos próprios de seu deslocamento estrangeiro. De alguma maneira, quando visitamos o Rio das Pedras e circulamos por entre suas ruas, ainda que reconheçamos referências e similaridades com os nossos próprios cotidianos, em outras zonas da cidade, nos deslocamos carregando um olhar estrangeiro e alimentado por paisagens outras, diferente do olhar de quem se desloca diariamente nos mesmos becos e nas mesmas ruas. Embora a familiaridade muitas vezes interrompa um olhar questionador, ele é retomado nas pequenas surpresas do visitante. Ao citar Lefebvre, Haesbaert inclui o aspecto da surpresa, presente em algumas vivências cotidianas, “(...) pelo lazer que, como afirma Henri Lefebvre, aparece para muitos como “o não cotidiano no cotidiano”, numa “ilusão da evasão”” (HAESBAERT, 2017, p.18).

“Quando afirmamos “este é o meu lugar”, não estamos, obrigatoriamente, tomando posse desse espaço. Embora, é óbvio, tais conceitos se cruzem, lugar não tem o mesmo foco, não aborda com a mesma ênfase a problemática que é central para o território, cuja configuração implica antes de tudo controle e, no seu extremo, propriedade. Definir um lugar como “nosso” é torná-lo parte de nossa diferenciação/identidade enquanto indivíduo ou grupo — ainda que essa diferenciação, como alega Doreen Massey, seja fruto muito mais da especificidade de uma combinação de fenômenos do que da diferença dos fenômenos em si mesmos” (HAESBAERT, 2017, p.18).

Imagem 70 - Rua estreita de RP



Fonte: Observatório das Metrópolis⁸⁶

O corpo que deseja ocupar continua existindo, coexistindo na contensão ou na obstrução das vias apontadas pelo ritmo da cidade. E dentro de um espaço periferizado, como o do Rio das Pedras, o próprio ritmo de ir de um ponto a outro se dilata em curvas e becos, desvirtuando a lógica das retas como vias mais precisas do ponto A até o B. O espaço projetado é atravessado pelo criado nos vãos, onde a curva imprevista acontece. E são nessas curvas, que forçosamente ou não, os corpos também acontecem.

Coisa inimaginável para quem sonha com casas: os arranha-céus não têm porão. Da calçada até o teto, os cômodos se acumulam e a tenda de um céu sem horizontes encerra a cidade inteira. Os edifícios só têm na cidade uma altura exterior (BACHELARD, 1978, p.214).

O Rio das Pedras se configura como um terreno extremamente preenchido por construções, mas não necessariamente planejado. Então, o seu crescimento, ao longo do tempo, se deu de forma desordenada. Na dificuldade que gira entre a construção de casas com vãos e repartições programadas para o conforto; e os arranha-céus edificadas nas regras

⁸⁶ <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/ameaca-de-remocao-em-rio-das-pedras-rj/> Acesso em 07/06/2022.

arquitetônicas dos grandes centros urbanos, a “altura exterior” em RP se sustenta na improvisação das camadas que se sobrepõem nas necessidades de morar. Olhar para o alto no beco apertado é ver andares que quase sempre não conversam visualmente, já que não foram feitos para ser uma unidade. Uma camada posterior se apropria da laje que sobra do andar de baixo, e inventa uma lógica de sustentação que caiba no meio metro a mais do beneficiado. No deslocamento de um ponto a outro, o caminho vai se tornando serpenteado na multiplicação de vias alternativas. Espaço que cresce na horizontal, e também na sua verticalidade, e que por vezes assusta fisicamente com o seu crescimento, quando culmina em tombamentos no seu entorno, em construções que desabam por não aguentarem o próprio peso.

Neste território a permissão de vazios demanda disputa de poder. A permanência da praça do Pinheiro a confirma como um espaço de resistência. Espaço de possibilidades de insistência dos corpos, na teimosia de estar sem estarem ocupados por funções delimitadas de antemão. Corpos ocupam por não estarem "ocupados". Se as construções, que se atropelam e que se amontoam, servem para o curto descanso dessas pessoas, que se deslocam velozmente todos os dias para a manutenção das suas chances de sobrevivência, o espaço da praça se abre como lacuna, e como resíduo da cidade luminosa é desvirtuada da lógica inicial de elaboração.

“Se não há como habitar a velocidade sem estagnar; temos que aprender a vagar na lentidão que lhe é exterior” (SILVA, 2006, p.14). O paradoxo se dá na consideração de que a velocidade das cidades, do seu ritmo, do seu fluxo, e dos cruzamentos que se dão dentro dela, influencia os corpos e a maneira como eles se ocupam, mas, ao mesmo tempo, não significa necessariamente seus ritmos internos. A influência acontece, a velocidade alimenta deslocamentos ansiosos, ultrapassagens e tropeços, no ritmo desenfreado da cidade, mas ainda assim esse movimento não simboliza a variabilidade do que é possível acontecer no interior dos sujeitos. O grande desafio está no reconhecer deste exercício interior, que invariavelmente se conecta com os acontecimentos da cidade. A velocidade da cidade, esta que por vezes estagna provisoriamente as possibilidades de movimentação dos corpos no habitar, não se converte em significado de maneira única e irredutível.

Imagem 71: Atividade na praça do Pinheiro



Fonte: Facebook – Cine & Rock⁸⁷ (postada em 1 de fevereiro de 2020).

5.1.3 Corpos que vagam e o princípio da rua

O desejo de paragem e de deslocamento se retroalimenta. "O caminhar pela rua - que faz com que o corpo do sujeito se deixe atravessar pelo corpo da cidade; e se transforme nela - já se torna transgressão diante do movimento prevalecente que nos retira do chão" (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p. 55). Quando o corpo faz os percursos de forma própria, quando insiste em parar, em desviar a rota, em se encontrar com outros, ele busca o chão. O chão, que também é território, só é reconhecido em sua plenitude na medida em que o corpo retoma a sua condição de experimentar. Quando isso acontece, o corpo se expande na medida em que se reconhece como parte dos acontecimentos no seu desenrolar. "É este corpo do sujeito que concede existência a cidade terreno e, com o seu vagar, passo a passo, desafia a velocidade que rouba lugares" (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p.55).

Dentro da comunidade do Rio das Pedras, muitos corpos vagam sem delimitar chegada. Ainda que a constituição da cidade insista em mantê-los olhando para uma simulação de futuro, ao se deslocarem do ponto a ao b, ao vagarem, retomam o presente. "O entorno nos invade. Entretanto somos parte do espaço - assim como parte do mundo, natureza

⁸⁷ <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.2977037155641891&type=3> Acesso em 07/06/2022.

- feito de parcelas que, inventadas também por nós, não integram um todo maciço, mas produzem composições diversas (...)" (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p.56). Para Pereg, "Não há um espaço, um belo espaço, um belo espaço ao redor, um belo espaço bem a nossa volta, há milhões de pequenos pedaços de espaços (...)" (PEREC, 2001, p.24). O ideal é delimitado está na instância dos mapas, na perspectiva aérea, no olhar amplo e no distanciamento. No espaço praticado se debatem milhões de partículas de acontecimentos, que não se condensam num mapeamento sem concomitância.

Porque, a despeito dos estereótipos, o público e o privado estão sujeitos a inversões oscilantes. Sentar em um café pode ser a única oportunidade de estar sozinho, mesmo à noite, quando todas as mesas estão tomadas. "Segurando as paredes" é a expressão usual para os homens desempregados que podem, de fato, estar segurando algo, como numa interceptação, bloqueio ou sustentação. Pois as paredes que dividem os espaços domésticos, que são do âmbito feminino, não são somente porosos coadores de informação, mas marcas de geografias complexas em que as amarras e os cortes em teias de relações laterais são feitos (SIMONE, 2019, p.12/13).

As referências de análise nem sempre se dão partindo do mesmo espaço territorial de investigação. Muitas vezes essas tramas se fazem a partir de lugares outros, que de alguma forma se entrecruzam em familiaridade com a nossa vizinhança. O "inabitável"⁸⁸ de Simone, ainda que fosse inspirado em vivências do outro lado do mapa, se conecta às observações cotidianas em RP. O autor inicia o seu texto citando a maneira como sua enteada, moradora de um conjunto de apartamentos no subúrbio de Argel, no norte da Argélia, observava a vida que a circundava e continha. Ela cita moradores que se deslocavam cotidianamente de maneiras diferentes, utilizando o artifício dos diferentes trajetos, impossibilitando o reconhecimento através da repetição da rotina. Simone nos chama atenção para o fato de que regiões periferizadas existem muitas vezes sobre permanente vigilância e suspeita, e o apontamento de supostos culpados é uma realidade intensificada nessas localizações do mapa.

Os espaços de descanso e de reflexão, que em um senso comum representariam o sentido da habitação privada, são muitas vezes substituídos nestes territórios por um amontoado de subdivisões que dificultam o isolamento, em todas as ordens – físico e sensível. O cruzamento dos ruídos se manifesta nas esferas tanto pública quanto privada, e muitas vezes a movimentação é subvertida nesta busca. Quando caminhamos nas ruas do Rio das Pedras, e encontramos grandes grupos de homens bebendo e jogando nos bares, retomamos o

⁸⁸ https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/27411 SIMONE, A. (2019). O inabitável. Revista Eco-Pós, 22(3), 9–20.

próprio texto ao narrar os deslocamento dos homens desse território africano, que buscam no espaço supostamente público, modos de viver deslocados das conformações do privado.

"Ao contrário dos imóveis, que pertencem desde quase sempre a alguém, as ruas não pertencem a ninguém em princípio" (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p.57 apud PEREC, 2001, p. 62). O princípio da rua é o de não ser de ninguém e de ser de todos, como o princípio da praça. No exercício de obter, de nomear algo como sendo de alguém, as mega construções e o território preenchido do Rio das Pedras delimitam a posse, ainda que precária, do território. A subversão em si é o próprio não pertencer da praça. O princípio do tempo do corpo é não pertencer a outro. O espaço do encontro, como a praça do Pinheiro, se amplia no risco do encontro com o outro, se abrindo para a vivência da alteridade, abertura para o corpo outro e para um tempo outro. Seria o modo de vida das zonas opacas, de Milton Santos: "(...) espaços do aproximativo e da criatividade, opostas às zonas luminosas, espaços de exatidão" (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p.59 apud SANTOS, 2008, p.326).

A rua se constitui, em sua formatação original, como o espaço produzido para circulação dentro da cidade. Então, estes canais de vasão presumem acessos de espaços diferentes do território da cidade. Neste sentido, no campo da reflexão entre público e privado, a rua não pertence especificamente a ninguém e, ao mesmo tempo, pertence a todos, visto que é uma zona de contatos entre pontos diferentes. A rua então seria residual? O resíduo, em seu sentido denotativo, é o que resta e o que remanesce. Embora a rua, em seu desejo original de ordenamento, permita uma zona de transferência de corpos, sejam de que ordem forem, de um ponto para outro, o residual não é controlável.

O desenho que se faz nas cidades, através das ruas, nos deslocamentos diversos, não se apaga no instantâneo da passagem, deixa suas marcas. Essas marcas nas zonas de passagem desestabilizam o traçado cartesiano, elaborado como a via do neutro. Neste sentido, a rua é um espaço de engendramento do encontro com o outro, sendo o outro aqui como sentido de alteridade, não como um corpo outro ou um objeto outro, mas enquanto diferença. O outro, antes de ser simplesmente um corpo estranho, no sentido de matéria e descolamento como uno, é a significação de alteridade, correlata ao risco. A rua, como projeto urbano, no seu serviço ao coletivo, abre brechas para os inevitáveis encontros com o outro. Ainda nesta zona de perigo de alteridade, a rua se nutre do outro.

"Assim, a cidade moderna, predominantemente a do desencontro e do desfazer — a cidade do descarte imediato —, poderá ser compreendida como a expressão contraditória e dialética, de um lado, de mundos hegemônicos de racionalidade e, de outro, de fazeres de arte: mundos que se

negam e existem, também, em virtude dessa negação. A cidade moderna é o lugar das pressas interrogadas, nos seus interiores, pelas cidades incapazes, a dos homens lentos” (HISSA, 2010, p.85).

A tentativa de controle se elabora de inúmeras formas, tanto nas políticas públicas de ordenamento da cidade, quanto na observação dos micro acontecimentos desdobrados em seus cotidianos. Como exemplo de política pública, que se desenrolou em vários pontos da cidade do Rio de Janeiro, durante um período de nossa história, o termo “pacificação”⁸⁹ foi utilizado como um plano de busca de acalmamento dos espaços periferizados da cidade. O sentido de pacificação, embora carregue em seu nome uma suposta tranquilização de zonas de confronto e de risco, traz também em seu interior uma tentativa de conservação violenta desta referida paz. A pacificação nesta perspectiva se arquiteta enquanto paz imposta. E esta imposição implicitamente considera a despotencialização do outro para sua inclusão. Incluir o outro, partindo de delimitações a priori e compartimentadas, significa despotencializá-lo para que ele não ofereça o risco da alteridade e da diferença.

O vagar, que pode ser vislumbrado nos espaços de encontro e deslocamento, dos corpos que esteticamente se manifestam nos lugares, trata de um recuo da velocidade das máquinas de controle, ainda que exercitado no interior de suas delimitações. O vagar solicita uma experiência atencional que recua a velocidade de projeção de um suposto futuro, que aqui estaria ligado mesmo a uma simulação de um ponto irredutível de chegada. Refazer os percursos de maneira mais lenta - e isso não implica necessariamente em um corpo que freia-, aponta para uma reconexão dos corpos e dos seus desejos, que vão além das necessidades criadas cotidianamente como capitalização de suas urgências. A lentidão não se reduz à ausência de movimento, é visitada no exercício de presença dos deslocamentos. Desejos de passagem, de paragem, de encontro, de reconhecimento e de embate com os outros (os outros corpos e os lugares outros, que se dão no mesmo território).

Poderíamos chamar de lugares intermitentes os que são exercitados simultaneamente em um mesmo terreno. A praça é uma abertura espacial que permite esse vislumbrar. As passagens e paragens acontecem para além das praças, mas elas são indicadores de uma atenção direcionada, como um clarão nas cidades. O vagar seria como um exercício de saborear que se dá nos encontros, em um exercício de lentidão que pode se dar em corpos

⁸⁹ “As UPPs surgem como um novo modelo de gestão da segurança pública, mais especificamente ligado à cidade do Rio de Janeiro, visando um projeto de pacificação. Elas são o resultado das chamadas “mega-operações” policiais nas favelas cariocas (que ganharam destaque em 2007, fruto das inúmeras incursões policiais realizadas nesses espaços) e desdobramento de outras políticas baseadas na polícia de proximidade, sendo finalmente implementadas nas favelas que circundam as zonas mais valorizadas e importantes comercial, política e economicamente da cidade. (Cunha; Mello, 2011).” (MAIA, 2017, p.3).

ágeis, como são os movimentos de elaboração e reelaboração da praça do Pinheiro. Um exercício de experimentação do tempo que ultrapassa a cronologia das urgências capitalizadas. Os encontros podem ser planejados para acontecerem, mas a maneira como se desdobram abre precedente para a variedade de ocupação do seu tempo.

5.1.4 Corpo e cidade, camadas de existência

Quarto. Cortinas abertas. Janela ampla. Passos. Passagem. Sala. Porta de casa. Degraus, vãos, hall, vasos de plantas, capachos idênticos com números indicativos das portas, como nos apartamentos. Escada, janelas. Mural com recados para os moradores. Para nossa segurança, mantenha a porta sempre trancada, alarme. Portão, corredor, plantas, céu. Outro portão. Cerca elétrica. Calçada. Rua. Carros (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p.57).

Camadas de existência se ampliam e se aprofundam na circulação. Na medida em que esta espécie de mapa se amplia, e o corpo toma o espaço, ele se depara com seus indicativos, com seus limites e aberturas, com apontamentos do percurso. Até que se veja o horizonte, quando é possível se ver o horizonte.

Camadas de passagem, como numa simulação de camadas de pele junto ao corpo, numa condição fronteiriça. A pele (seja a do corpo, seja a da simulada cidade) é apresentada, convidada e ultrapassada nos encontros, no que há de permeável dos encontros. A abertura para o outro implica abertura ao desconhecido, para o imprevisto, que se manifesta como um risco na cidade, como ampliação de seus espaços, mesmo que restritos, ainda que os territórios pareçam os mesmos no seu alcance como mapa.

Vejamos, a imagem do corpo virtuoso, disciplinado, forte, magro, liso, saudável. A cidade virtuosa, lisa, disciplinada, segura, limpa, ordenada, competitiva, saudável, sustentável. A uma oscilação de imagens e promoção de sonhos de consumo, que sintoniza a cidade gentrificada, higienizada, controlada e o corpo saudável, virtuoso e disciplinado. Sonha-se no corpo e na cidade a ausência do risco (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p.62).

Constranger o corpo, ao reduzi-lo a um corpo imagem, como uma espécie de paisagem, nos encaminha para as formas próprias do mecanismo de mapeamento. O espaço cartográfico da cidade é formatado de diversos ângulos - olhar de cima, de dentro e no deslocamento. Neste sentido, o corpo paisagem é olhado, intimado a ver o outro e a ser visto, em um tipo de cartografia que combina as formas de operar do corpo e da cidade.

É uma espécie de aprimoramento técnico dos corpos, mas no sentido de elaboração da sua imagem e da maneira como ele é cultuado, que aponta para um futuro controlado e controverso: como este corpo deve ser, como deve parecer, como deve ser admirado e registrado, repetido, desejado e sonhado. Na tentativa de trazer este delineado para a sua camada exterior, se busca também algo como o aproveitamento do que poderia ser considerado, antes da observação e da elaboração desta máquina produtora de significações, como fora dos moldes da contenção, como arredo e impenetrável.

Ao tornar-se armadura, o corpo não dança mais (dançamos com o corpo), não se dobra, não se arrisca. O corpo passa a ser colocado como outro, fora do mundo, passível de ser observado, admirado, desejado. Um corpo que nada vê a partir de nenhum lugar, que não se afeta, mas quer ser visto, disponível à contemplação.” (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p.65).

Se o corpo que deseja ser visto está invariavelmente amarrado ao que se conceitua como paisagem, quais seriam as zonas transitórias desta análise? Esta espécie de organização, normatização do corpo e do espaço planejado, caminha na direção oposta ao risco e à diferença. A relação com a diferença é diretamente proporcional à relação com o risco, esse fantasma que desestabiliza a planificação das imagens.

(...) os perigos do nosso caminho não se referem ao oculto que nos arrebatava; mas ao evidente que nos satura. Pois há um clima de evidência, nessa nossa cultura da imagem. É seu *modus operandi*: evidenciar, abarrotando nosso entorno com cintilantes obviedades. E não há saída fácil das obviedades, uma vez que elas nos trazem tranquilidade e alívio (SILVA, 2006, p.16).

Pensamos nesta cultura de imagem contemporânea, que providencia acúmulo e garante saturação de um espaço de exercício do corpo. Então, definir uma espécie de *modus operandi*, uma espécie de funcionalidade delimitada como pressuposto, configura espaços com formulações que soam como verdades absolutas, e ao serem seguidas ocultam o indisponível que ultrapassa esse conjunto de referências. Ao desenhar as supostas verdades de uma época - imagens de uma época -, edificam-se portos de ancoragem, que fazem as vezes de mapeamento seguro. Gera-se assim uma espécie de segurança diante dos e nos acontecimentos, sobre as ações pertinentes a uma espécie de liberdade autorizada.

O perigo aqui agora se instala justamente em uma sensação finalística deste percurso de “cintilantes obviedades”, porque elas carregam em si o fardo de supostamente nada poder ser mais do que isto, esta zona limite que turva a vista de absoluta luz. Didi-Huberman já nos

atentou para esta zona de perigo, que é mesmo projeto dos refletores gigantes que encandeiam tudo:

É ver somente a noite escura ou a ofuscante luz dos projetores. É agir como vencidos: é estarmos convencidos de que a máquina cumpre seu trabalho sem resto nem resistência. É não ver mais nada. É, portanto, não ver o espaço - seja ele intersticial, intermitente, nômade, situado no improvável - das aberturas, dos possíveis, dos lampejos, dos apesar de tudo (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.42).

E das perguntas que o próprio autor evoca - na busca da continuidade que alimenta o improvável - ao rememorar os vaga-lumes de Pasolini, e as forças que insistem em apagá-los, repetimos uma questão fundamental: “Quais são as chances de aparição ou as zonas de apagamento, as potências ou as fragilidades?” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.43).

5.2 Micropolíticas de um território inventado

5.2.1 Zonas opacas e luminosas

“Na economia moderna da cidade, vê-se a pressa e a luz. Entretanto, é a velocidade e a luminosidade que produzem cegueiras” (HISSA, 2012, p.75). O metaforicamente visível, que se dá como regra elementar, que está no campo do posto, no reflexo da luminosidade, encandeia e provoca cegueira, e por vezes impossibilita ver o outro. A luminosidade direciona o olhar para os seus pontos focais, e serve de “farol alto” na dispersão das demais zonas, que não se ajustam ao seu alcance. Na cidade luminosa, se referencia a mecânica própria do sistema produtivo, articulador de estratégias que tendem a engessar, ainda que provisoriamente, seus pontos de atração.

De acordo com Hissa, o capitalismo se dá como “modo compulsivo de ter que caminha na direção da substituição” (2012, p.78). Na retroalimentação do exercício compulsivo de possuir, a cidade luminosa, tendenciosa e que se faz a partir das estruturas capitalistas, tem em seu cerne a substituição que acomoda tudo em suas fôrmas. Então, a importância das coisas concretas e simbólicas são reduzidas a uma durabilidade de valoração, que se limita ao modo compulsivo de ter. Este modo de transformação dos aspectos da vida em veículos de manutenção de benefícios, caminha para a exaustão de todos os elementos envolvidos no processo. A exaustão impede a reflexão e convence de que temos a necessidade

de um novo simulado, que ofereça mais brilho e retorno para os modos de ser e de experimentar o mundo.

Ao referenciar Milton Santos, Hissa aponta que “na cidade luminosa - a cidade moderna; a cidade que, através de territorialidades, é expressão da modernidade; por excelência, modo territorial de dizer da modernidade - há uma mecânica da exatidão que cria “um sistema de gestos sem surpresa”” (HISSA, 2012, p.78). A mecânica da exatidão, que ironicamente utiliza em seu discurso a originalidade, reduz o espaço de esgarçamento das experiências, ao sobrepor incessantemente informação sobre informação. Quando se produz uma camada de informação, que se sobrepõe a qualquer acontecimento anterior, se impede o exercício de maturação na luminosidade que encandeia. Na mecânica na exatidão tudo se torna velho e obsoleto, para a manutenção do sistema dos gestos sem surpresa.

Ainda referendando Milton Santos, Hissa nos recorda da natureza de borda das zonas opacas, ao dizer que “Os homens lentos de Milton Santos, talvez, sejam a inteligência do mundo nos lugares” (HISSA, 2012, p.79). Quando Milton Santos trata dos homens lentos, que numa interpretação superficial, poderia ser uma expressão apenas vinculada aos espaços de carências materiais e de ferramentas de manutenção cidadã da vida, atenta, ainda que indiretamente, para os aspectos ligados às necessidades de imprevisto vivenciadas por estes sujeitos em seus territórios. Os sujeitos dos espaços periferizados são convocados ao imprevisto, a partir da carência de recursos que se apresenta cotidianamente para grande parte da população.

Cabe ressaltar que a diferenciação entre zonas luminosas e zonas opacas não necessariamente é uma delimitação apenas territorializada, no sentido de estanque ou definitiva. As zonas luminosas também se fazem presentes ou se dissipam nos espaços periferizados, assim como as zonas opacas podem se fazer presentes em muitas partes da cidade. A necessidade e também o desejo de transformação convoca ao imprevisto, na resolução provisória das situações que se desdobram no cotidiano. A maneira de se atravessar a rua quando ela é inundada por falta de escoamento; as estratégias possíveis para se ampliar moradias que atropelam as calçadas; as formas de estacionar e se deslocar nos percursos interrompidos pelas contingências cotidianas, todos esses revezes diários passam a fazer parte dos mundos possíveis dos sujeitos que se fazem nos lugares, como nos diz Paulo Freire (1996): espaços de resistência ou territórios de utopia.

Hissa amplia a discussão ao nos lembrar que: “(...) nos interiores da cidade anestesiada resiste a cidade incapaz” (HISSA. 2010, p.95). Quando ele trata dessas outras cidades na cidade, vivenciadas dentro dos territórios que serviriam ao projeto de cidade moderna, mesmo

que este projeto não deseje as conter, utiliza a expressão “cidades incapazes”, que seriam as cidades por onde os “homens lentos” de Milton Santos circulam. Podemos considerar a ideia de incapacidade a partir de muitos ângulos, um deles é o próprio da periferização, que subalterniza as pequenas cidades dentro das cidades, e não fornece subsídios suficientes para que elas se desenvolvam inseridas no contexto das cidades modernas. Ao mesmo tempo, essas cidades incapazes são como recortes do que é externo a este projeto de cidade moderna, que é a cidade predominantemente do desencontro. Nesta perspectiva, as cidades incapazes são as que não se reduzem ao desencontro, das vias tratadas somente como aportes para a circulação das pessoas.

Hissa, partindo do conceito de homens lentos de Milton Santos, relaciona as artes de fazer, dessas cidades outras nas cidades, no sentido da sua incapacidade de ser contida. O contrário de incapazes aqui seriam os sujeitos preparados, capacitados, para serem contidos na engrenagem do projeto de cidade moderna, que compartimenta comportamentos. Retomando o entendimento do outro, enquanto alteridade, a capacitação seria oposta ao risco, teria uma relação direta com o que chamaríamos de manutenção violenta de suposta paz. Aqui, o sujeito capacitado é despotencializado para ser incluído.

Para além de uma leitura dicotomizada e reducionista dos conceitos complexos propostos por Milton Santos, a relação entre o luminoso e o opaco se configura como permanente oscilação e disputa, como aponta Olivieri:

Opacidade não é uma ausência de luz, um breu. Inclusive, ela precisa de alguma luz para se manifestar. Seria, antes, uma resistência à luz, uma tensão que dificulta a penetração luminosa, uma “sombra” que impede a formação de uma imagem plenamente visível, nítida, legível. É pela presença de opacidade que, numa cidade, sempre vai restar algo de indeterminado, de indecifrável, de inacessível, algo “que não se deixa apanhar” (OLIVIERI, 2012, p.66).

O que “desaparece” na cidade, nas opacidades urbanas, é o que, pela não impregnação da luz, se estabelece à espreita dos convites dos eventos luminosos, como na “comunidade do desejo” de Didi-Huberman (2011). Sobre os agenciamento de desejo, Olivieri aponta para os esquemas que alimentam esta operação permeável, entre os níveis das formas e das forças postas em jogo:

Esquemas que operam tanto ao nível macro (molar) do urbano, ou seja, pelas “formas” sobre as quais se projetam representações, como ao micro (molecular), por “forças” que afetam sensivelmente subjetividades e corpos,

investidas sobre os agenciamentos de desejo, mobilizando – para captura – a energia libidinal, motriz de toda experiência. Assim como faz o poder contra o qual se destinam, é também sobre esses dois níveis ou escalas do urbano, conjugadamente, que as Opacificações se dispõem a operar (OLIVIERI, 2012, p.64).

5.2.2 Ausências e emergências de coexistências precárias

Imagem 72: Fugindo da lama



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Boaventura de Sousa Santos, em seu texto “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências”, trata de uma pesquisa na direção de pensar modos de entendimento das lógicas das experiências sociais e culturais múltiplas, para além de uma concepção de racionalidade que se assenta em um fixo totalizante. O autor propõe uma inversão dos eixos que incorrem no que ele chama de desperdício da experiência. Assim se busca expandir o presente, através do que ele chama de sociologia das ausências, e contrair o futuro, a partir da expressão “sociologia das emergências”. Nesta proposta, se entende que “qualquer totalidade é feita de heterogeneidade e que as partes que a compõe têm uma vida própria fora dela” (SANTOS, 2002, p.246). A concepção ocidental de racionalidade, em seus aspectos tradicionais, olha a parte pelo todo e contrai o presente na manutenção da rigidez do que considera razoável e assentado em sua lógica finalística.

Boaventura lança o seguinte questionamento: “É possível ver o que é subalterno sem olhar a relação de subalternidade?” (SANTOS, 2002, p.246). É uma pergunta complexa, que se dá na tentativa de um olhar mais apurado sobre as experiências diversas, e de uma não

amarração a priori delas às conceituações que justificam o seu entendimento enquanto resíduo. Segundo o autor, “não há uma maneira única ou unívoca de não existir, porque são várias as lógicas e os processos através dos quais a razão metonímica produz a não existência do que não cabe na sua totalidade e no seu tempo linear” (SANTOS, 2002, p.246). A proposta de expansão do presente esgarça a concepção de inteiro, considerando o exercício das coexistências como princípio de uma totalidade precária. No princípio da totalidade precária, as partes não somam apenas um todo, como órgãos com funções inflexíveis. As partes são fragmentos do todo e pequenos todos dinâmicos, concomitantemente. Sustentam e são sustentados, conversam com outras partes, compõem a totalidade feita do que é múltiplo.

A partir do entendimento linear sobre o tempo, tudo que não se encaixa no que seria considerado como o caminho delimitado pela evolução ou o desenvolvimento, é declarado como atrasado, ou o que não alcançou simetricamente a linha de chegada. O que não faz parte deste arsenal que delineia esse percurso marcadamente linear, é colocado na categoria de resíduo.

A ideia de multiplicidade e de relações não destrutivas entre os agentes que a compõem é dada pelo conceito de ecologia: ecologia de saberes, ecologia de temporalidades, ecologia de reconhecimentos e ecologia de produções e distribuições sociais. Comum a todas essas ecologias é a ideia de que a realidade não pode ser reduzida ao que existe. Trata-se de uma versão ampla de realismo, que inclui as realidades ausentes por via do silenciamento, da supressão e da marginalização, isto é, as realidades que são activamente produzidas como não existente (SANTOS, 2002, p.253).

A contração do futuro, de que trata o autor, se dá no entendimento das não certezas, e o cuidado com a dimensão da atualidade se amplia na compreensão das práticas fincadas na presença. A expressão “Ainda- Não”, da citação a seguir, pode ser relacionada ao esperar de Paulo Freire, quando preenche o futuro de possibilidades, decompondo as dicotomias fixadas em um pensamento que subalterniza as partes desalojadas de lógicas prescritivas.

O Ainda-Não é um modo como o futuro se inscreve no presente e o dilata. Não é um futuro indeterminado nem infinito. É uma possibilidade e uma capacidade concretas que nem existem no vácuo, nem estão completamente dominadas (SANTOS, 2002, p.255).

Relacionando a ideia de “Ainda-Não” com a incerteza, Boaventura diz que “esta incerteza faz com que toda mudança tenha o elemento de acaso e de perigo” (SANTOS, 2002, p.255). O perigo aqui se configura como risco para as estruturas que se mantêm estabilizadas pela inércia crítica. O cambiar que caracteriza o ainda-não é o avesso da estabilidade que

mantém a contenção das estruturas. O futuro e o presente, costurados em um exercício de continuidade processual, se fundem no esperar que não se faz arbitrariamente.

5.2.3 Táticas de fabricar o cotidiano

Ao se deparar com o amontoado de objetos vendidos no Rio das Pedras, das mais variadas ordens, numa mistura multifacetada de miniaturas e coisas para se usar todos os dias, e objetos tecnológicos, originais ou replicados e replicáveis, em um conjunto difícil de explicar diante da limitação humana do olhar, na mistura que se observa ao caminhar nos atropelamentos da comunidade, me vem a ideia de fabricação citada por Certeau como poética. Embora essa variabilidade de produtos seja criada e imposta pela esfera econômica, que procura delimitar as demandas por produtos, os usos desses produtos e a sua disposição, as possibilidades de junção e a própria distribuição dentro do espaço periferizado do Rio das Pedras, superpopuloso e repleto de necessidades comerciais, se dá na esfera também desse ato inventivo de fabricar na via das apropriações e reelaborações das práticas sociais. Até nas relações comerciais e no esforço de subsistência nessa aglomeração de coisas as fabricações e fabulações coletivas se desdobram.

Imagem 73: Objetos na feira



Fonte: Arquivo Pessoal, 2023.

A despeito do oferecimento desse arsenal de objetos gerados pelas demandas econômicas, as definições e reformulações dos usos e os modos de apropriação dos espaços utilizados para a circulação desses objetos e criação de um comércio de réplicas, juntamente

com o que seria considerado original, se liga também ao campo poético como espaço também do gerar. A cultura econômica configura referências e acredita na sua fixação, mas esta dinâmica é também pervertida nos processos de fabricação do cotidiano. Não se trata aqui de uma rejeição ao aparato capitalizado pelas demandas das forças produtivas dominantes, mas dos usos, fins e correlações que recompõem seus sentidos nas práticas de todos os dias.

Esta fabricação ligada a poética, pode se relacionar com a ideia de antropofagia desenvolvida por Rolnik, na medida em que é neste se alimentar, misturar e reelaborar, que os sujeitos inventam modos de existir, partindo das apropriações elaboradas nos acontecimentos de todos os dias, “só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização” (CERTEAU, 1998, p.40).

O mito antropofágico, reativado criativamente pelas vanguardas modernistas da década de 1920, transbordou a ideia literal do sentido de devorar o outro. Na reelaboração dos sentidos de devorar a diferença, realocou o entendimento do termo para pensar as práticas culturais e suas táticas de resistência. Cabe reconhecer a existência do outro, e compreender de corpo inteiro seus modos de afetar e de ser afetado por nossa potência de inventar e inverter formas de viver, estando dentro de uma mesma estrutura estrategicamente injusta.

Considerar aproximar ou repelir o outro passa pelo reconhecimento de sua potência múltipla, ainda que fragmentada pelo poder dos indicativos luminosos. Ainda que mergulhados neste caldo nem sempre fértil das apropriações capitalizadas, é possível reconhecer este outro desgarrado que figura as experiências coletivas - opacidades sempre cambiantes -, porque “A tática só tem por lugar o do outro” (CERTEAU, 1998, p.46). O outro que se escolhe, por forças ou contingências de viver (tarefa sempre parcial e inventiva), ainda que encandeado pela luz que por vezes cega, é reconhecido pela sua incapacidade de contenção, como o incapaz de Hissa (2010) e o fraco de Certeau (1998).

Não se pode assim ignorar o arsenal econômico de imagens, objetos e representações veiculados e distribuídos em todos os territórios, tanto nos ditos como de elite, quanto nos espaços periferizados. Então, inevitavelmente essa multiplicidade de coisas e de indicativos de modos de operar chegam em todas as partes das cidades, de maneira ordenada, aos moldes do consumo, ou desordenada e caótica.

Certeau nos lembra da análise de Foucault, desenvolvida em “Vigiar e punir”, que trata dos dispositivos de poder que elaboram uma “vigilância generalizada” (CERTEAU, 1998, p.41). Partindo desta ideia de vigilância, que se estende por todas as partes das cidades, Certeau busca compreender por que uma sociedade inteira não se reduz a ela, indagando:

Que procedimentos populares (também "minúsculos" e cotidianos) jogam com o mecanismos da disciplina e não se conformam com ela, a não ser para alterá-los? Enfim, que maneiras de fazer formam a contrapartida ao lado dos consumidores (ou "dominados"?) dos processos mudos que organizam a ordenação sociopolítica (CERTEAU, 1998, p.41).

Considerando que não se pode ignorar essas redes de vigilância, que são engendradas por esses grandes sistemas, o que interessa aqui é buscar nas táticas articuladas nos cotidianos modos outros de usos que desviam das representações finalísticas das coisas, das instituições e dos espaços de circulação. "As táticas do consumo, engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas" (CERTEAU, 1998, p.45). Ainda que as categorizações dominantes tentem capturar os acontecimentos para assim capitalizar os seus conteúdos, o que se consegue como bem diz Certeau é "captar o material dessas práticas, e não a sua forma" (CERTEAU, 1998, p.46). O autor trata do inventivo, que se desenrola, de certa forma, em uma perspectiva artesanal dos fazeres; um movimento após o outro, a partir do que o movimento anterior fornece em acúmulo, numa complementaridade de camadas permeáveis de práticas. Neste movimento de criar, a captura da lógica desta criação não é plena, já que se produz no próprio movimento e não se entrega ao fixo das certezas.

Se a operacionalidade destas categorias de dominação parte de um condicionante de pensamento vinculado ao estático, só é possível capturá-la a partir desta engrenagem. E se esta engrenagem não corresponde aos modos de fazer do cotidiano, que se dão através da bricolagem (CERTEAU, 1998, p.46), a operação só pode resultar no que se configura com essa forma de pensamento. O que não é capitalizado por essa engrenagem pode se relacionar ao que Boaventura chama de "sociologia das ausências", que se dá no robustecimento do presente e impede, em sua própria lógica interna, uma captura fixada em modelos representativos.

Pensando nas representações dos mapas, e nas táticas que se desdobram nos diversos lugares da cidade, é possível pensar nas perspectivas estática, do registro, e movente dos acontecimentos.

"A trajetória evoca um movimento, mas resulta ainda de uma projeção sobre um plano, de uma redução, trata-se de uma transcrição. Um gráfico que o olho pode dominar é substituído por uma operação, uma linha reversível, que se pode ler nos dois sentidos, dá lugar a uma série temporalmente irreversível, um traço, a atos. Prefiro então recorrer a uma distinção entre táticas e estratégias" (CERTEAU, 1998, p.46).

O modelo estratégico se configura no “cálculo das relações de formas” (CERTEAU, 1998, p.46), que opera com recortes e isolamentos, a partir de uma determinada referência. Ele parte de delimitações exteriores às táticas cotidianas. “A tática só tem por lugar o do outro” (CERTEAU, 1998, p. 46). A tática se dá no exercício do desconhecido. Certeau chama as táticas de “artes de dar golpes” (CERTEAU, 1998, p. 47), “(...) achados que provocam euforia tanto poéticos quanto bélicos” (p.47). É possível relacionar “os espetáculos de estratégias globais” (CERTEAU, 1998, p.51) às zonas luminosas de Milton Santos; e “a opaca realidade de táticas locais” (CERTEAU, 1998, p.51) às suas zonas opacas. Cada tática “opera golpe por golpe, lance por lance, aproveita as ocasiões e delas depende, sem bases para estocar benefícios” (CERTEAU, 1998, p.100). As ações estratégicas de controle, que visam a capitalização na apropriação do tempo e do espaço dos acontecimentos, tem em sua base a contrapartida do ganho capitalizado.

As tentativas de esfrelamento deste sistema caótico de vendas, trocas e escambos no Rio das Pedras, pela destruição repetitiva das construções improvisadas em espaços não permitidos, são desfeitas no realojamento dos comerciantes, que reconstroem, seja com que material for, os lugares improvisados para suas negociações. É quase orgânico o jogo de desmantelamento e remobilização dessas ocupações.

5.3 Inventar no exercício das bordas

Imagem 74: Cine & Rock no Festival Internacional da Utopia



Fonte: Facebook – Ponto de Cultura Cone & Rock⁹⁰

⁹⁰ <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1213901065288851&set=a.1213900315288926> Acesso em 07/05/2023.

5.3.1 A criatividade experimentada

Tim Ingold, em seu texto intitulado “La creatividad que se experiencia” (A criatividade experimentada), traz luz às reflexões sobre os sentidos de criatividade. Partindo de seus estudos do trabalho de Wieman, nos apresenta duas formas de compreender o termo. Em um sentido inicial, inclusive absorvido pelo mercado através de seus produtos desejantes de inovação, a criatividade é inerente à condição humana, e se desenrola a partir da imaginação desenvolvida anteriormente ao resultado considerado novo.

Sabemos que os aspectos da criação têm em seu bojo as habilidades humanas para inventar todo o tipo de produto incluído nas culturas contemporâneas. Segundo Ingold, Wieman chama este produto final de “bem-criado” (INGOLD, 2016, p.3). Ainda de acordo com Ingold, o autor nos apresenta uma segunda maneira de analisar a criatividade: como o que a pessoa experimenta ao criar no campo das relações. Não necessariamente na relação apenas com outras pessoas, , mas nas relações travadas também com os objetos e com as coisas do mundo. Nesta perspectiva, não estamos mais lidando com ações articuladas com um recorte que engessa metas anteriores e presume um fim em forma de resolução absoluta. Se trata do que se cria em vida, do que se cria e se partilha na medida em que os sujeitos inventam também a si mesmos.

As ideias também têm vida. Elas não surgem totalmente formadas do nada. Uma ideia é algo como um lugar visitado. Você pode alcançá-la por um ou mais caminhos, divertir-se um pouco antes de proceguir ou talvez fazer um desvio e retornar um pouco mais tarde. Cada vez que volto, a ideia muda um pouco, enriquecida por memórias e experiências de estadias anteriores. Portanto, ecoando o famoso aforismo do filósofo Heráclito, você não pode se deparar com a mesma ideia duas vezes. Isso explica porque você não pode revisar os registros do passado a fim de verificar se alguém teve essa ideia antes (e assim poder determinar se é do tipo P ou H), não só é impossível, mas ridículo. Não haveriam ideias, como não haveriam lugares, se não fosse pelo movimento das pessoas que se aproximam deles, os cercam e se afastam deles. Somente quando olhamos para trás, em busca de antecedentes de coisas novas, é que as ideias aparecem como criações espontâneas de uma mente encerrada em um corpo, em vez de parecerem paradas na jornada dos seres humanos que se movem pelo mundo⁹¹ (INGOLD, 2016, p.3).

⁹¹ INGOLD, Tim. La creatividad que se experiencia. Innovación e Investigación en Arquitectura y Territorio, San Vicente del Raspeig, n. 5, p. 1-11, 2016. Trecho traduzido para melhor compreensão.

Ingold nos diz que “uma ideia é algo como um lugar para visitar”, e sua afirmação gera uma espécie de ruptura em nossa tendência de reduzir os fatos ao que descobrimos sobre eles. Devemos inicialmente considerar a memória do que em algum lugar foi criado. Ainda que retornemos aos registros dessas histórias, estaremos voltando às versões formuladas sobre elas, ato também inventivo e circunscrito no que se recolhe para ser registrado. Ainda que possamos pegar os objetos em nossas mãos, os forjados como criação humana, ou mesmo que o resultado deste esforço seja uma produção não palpável, de toda forma não caberia nem nas mãos e nem na mente toda a energia desprendida para gerar tais artefatos e ideias. E como bem nos aponta Ingold, a própria tentativa de retorno ao início das ideias e dos objetos criados é em si movimento que engendra outras movimentações, e consequentemente mudanças do que olha e do que é visto.

A sensação de criação abarcada nos limites de um tempo e espaço, fechada em seu próprio estado criativo e inerte, é gerada pelo desejo de ver os objetos e as ideias encerrados em formatações definitivas. Ao reconhecer a fragilidade deste equilíbrio, reconhecemos também a potência de ampliação dos atos criativos, para além das limitações que simulam as criações como eventos isolados e finalizados “de uma mente encerrada em um corpo” (INGOLD, 2016, p. 3).

Afirmar que as ideias também têm vida retira delas o aspecto objetivante, e amplia tanto os seus horizontes quanto o movimento produzido pelos sujeitos ao pensarem nelas. Ingold traz nos elementos desta assertiva os percursos forjados para se chegar aos supostos mesmos lugares. Retira esses lugares do sentido de mesmos, e retira os percursos das trilhas demarcadas anteriormente. Retirando a estaticidade de um percurso já mapeado no espaço, findam também as certezas do que se encontraria ao trilhá-lo novamente. E ainda que o trilhássemos outra vez, pisando nas mesmas pegadas marcadas por outros pés, a densidade da terra sob os nossos pés muda porque mudam os agentes que a afetam, e o peso dos nossos corpos e do nosso ritmo imprime nela marcas mais ou menos firmes, e a energia reservada em nosso corpo e em nosso ânimo pode nos fazer chegar mais atentos ou mais cansados ao destino, ou nos fazer desistir no meio, dispersos por resquícios que nos pareceram mais interessantes. E se enfim chegarmos ao que chamados de destino, ele pode parecer outra coisa para esses corpos fatigados, ou pode ser um ponto possível de pouso, para se seguir adiante, para abrir outros clarões.

5.3.2 Corpos que vibram no chão da cidade

Micropolíticas: “ (...) das questões que envolvem os processos de subjetivação em sua relação com o político, o social e o cultural, através dos quais se configuram os contornos da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva” (ROLNIK, 2011, p.11). No jogo de reter e expandir, travado nos cruzamentos das dimensões macro e micropolíticas, as vidas dos sujeitos são atravessadas nos acontecimentos de todos os dias. Como em tudo que atravessa e é atravessado, a permeabilidade impede uma leitura de centros de forças permanentes, ainda que saibamos provisoriamente o lugar do que aparenta iluminação nas lógicas capitalizadas. De alguma maneira estas instancias são permeadas e , ao mesmo tempo, permeiam a vida dos habitantes da cidade.

Segundo Rolnik, o modo de operar da modernidade “(...) nos faz alucinar paraísos e perder o pé nos processos reais” (ROLNIK, 2011. p.11). Para superar essa “alucinação” que cobre de névoa os processos reais, é necessário reconhecer o sentido de alteridade e diferença, “(...) condição para que o outro deixe de ser simplesmente objeto de projeção de imagens preestabelecidas e possa se tornar uma presença viva, com a qual construímos nossos territórios de existência” (ROLNIK, 2011, p.11/12).

Segundo pesquisas recentes, cada um de nossos órgãos dos sentidos é portador de uma dupla capacidade, uma cortical e outra subcortical. A primeira corresponde à percepção, a qual nos permite apreender o mundo em suas formas para, em seguida, projetar sobre elas as representações de que dispomos, de modo a lhes atribuir sentido. Essa capacidade, que nos é mais familiar, é, pois, associada ao tempo, à história do sujeito e à linguagem. Com ela, erguem-se as figuras de sujeito e objeto, as quais estabelecem entre si uma relação de exterioridade, o que cria as condições para que nos situemos no mapa de representações vigentes e nele possamos nos mover. Já a segunda, que por conta de sua repressão nos é mais desconhecida, nos permite apreender a alteridade em sua condição de campo de forças vivas que nos afetam e se fazem presentes em nosso corpo sob a forma de sensações. O exercício desta capacidade está desvinculado da história do sujeito e da linguagem. Com ela, o outro é uma presença que se integra à nossa textura sensível, tomando-se, assim, parte de nós mesmos. Dissolvem-se aqui as figuras de sujeito e objeto, e com elas aquilo que separa o corpo do mundo (ROLNIK, 2011, p.12).

Não entraremos aqui em um campo científico de estudos de formações neurais, nos cabe a busca por tocar apenas na ponta do iceberg apresentado na citação, que aponta em si uma via que se abre para tantos estudos. O que nos afeta agora é a tentativa de compreender, ainda que inicialmente, esta dupla capacidade de perceber o que nos cerca, e mais ainda, reconhecer os encaminhamentos inerentes a este jogo interno de percepção dos acontecimentos desdobrados na realidade de todos os dias. A primeira capacidade, que

podemos considerar como a mais clara de acessar, visto que somos demandados por ela incessantemente através das imagens e das interpretações disseminadas e fragmentadas da realidade, se dá na observação e na projeção de interpretações sobre o todo que nos cerca. A partir desta percepção, configuramos uma ideia do que é sujeito e do que é objeto, compartimentando estas instancias numa relação exterior ao nosso próprio corpo, e às configurações dos territórios por onde circulamos, objetivando assim esta relação. Como um exercício de paralisia, nós observamos os fatos, imprimindo neles significados, e criando um cenário que define o que acontece diante de nós.

A segunda capacidade, mais complexa, pela profundidade que implementa ao se distanciar dos agenciamentos interpretativos usuais, está na instancia participativa da alteridade implicada nos encontros. As forças presentes neste exercício nos afetam, partindo do campo das formas de sentir sem os recursos apenas das armas forjadas pela coleção de significados rearranjados em nosso interior. Não se dá apenas no campo das representações, das histórias, dos sujeitos e dos objetos compartimentados; se amplia no campo da presença. Rolnik chama esta instancia de nossa textura sensível (2011).

As representações fragmentadas, ferramentas que servem para reger as condutas dos sujeitos nos lugares, e o entendimento de si mesmo, do outro, e dos objetos inseridos no entendimento social e cultural de mundo – condição sedimentada historicamente -, são deslocadas, ainda que provisoriamente, na experimentação sensível dos encontros nos lugares. Seria o que Rolnik chama de "corpo vibrátil" (2011, p.12), que se elabora ao sentir e elaborar em conjunto, antes mesmo da tradução dos corpos na relação com os espaços dos encontros.

A autora evidencia que é no processo vibracional do corpo que a relação paradoxal acontece. Muito além do que perceber os acontecimentos e traduzi-los, fornecendo lugares exatos para sujeitos e objetos através da observação, este estado de vibração tensiona e impulsiona a potência criadora dos sujeitos. A partir desta tensão, portadora da crise das certezas, as possibilidades de criar são intensificadas. O exercício do corpo vibrátil demanda alteridade. Se é a atenção que impulsiona a potência criadora, ela se dá, na nossa perspectiva de investigação, primordialmente nos encontros. Neste sentido, os corpos são recolocados no campo do diálogo, que vai além das definições do que significa o corpo outro.

Rolnik uso uma expressão interessante para se pensar a cartografia, esta dimensão de investigação que se alimenta e retroalimenta na perspectiva do movimento: o "olho vibrátil" (2011, p.12). Esse órgão, que ao longo da história foi relacionado ao direcionamento mais racionalizado das representações de realidade, é tensionado na sua habilidade de olho que traduz para um olhar que cria e é criado enquanto vivencia as andanças cotidianas. Mais do

que olhos que julgam, sua natureza é convidada a se realocar como participante do jogo dos sentidos.

A obra de Rolnik, que nos acompanha nesta reflexão, como a própria autora aponta, é desenvolvida em um determinado contexto histórico (década de 1980, quando as implicações do neoliberalismo estavam em processo de expansão), e se configura a partir de suas demandas. O discurso neoliberal, ainda que estejamos distantes historicamente de seu período inicial de introdução no país, se mantém ativo em nosso contexto atual, vestindo as roupas do nosso tempo. A autora, ao tratar do contexto histórico de sua obra, menciona o impacto das ditaduras, tanto no país quanto na América Latina. Ela esclarece que os modos de subjetivação são reconfigurados nestes regimes. Nos encaminhamentos das forças políticas ativas neste período, os mecanismos de justificativa de seu poder se utilizavam do princípio identitário, segundo Rolnik: um “enrijecimento patológico do princípio identitário” (ROLNIK, 2011, p.16). Uma das estratégias históricas supostamente protetivas, no contexto das ditaduras, é a do exílio, experiência vivida pela própria autora e por tantos outros pensadores brasileiros.

Metamorfoses da subjetividade então se operam, primeiro sob os efeitos tóxicos da ditadura que adoecem o corpo vibrátil e, em seguida, com as estratégias de sobrevivência desejante que se inventam para neutralizar o veneno. O exílio é uma dentre as inúmeras estratégias de proteção: tão ou mais importante do que permitir o afastamento concreto da situação nefasta, sua face visível, o que aí se opera micropoliticamente é um exílio numa língua adotiva que acolhe o corpo vibrátil e a expressão daquilo que o atravessa (ROLNIK, 2011, p.16).

Assim como a própria autora, Paulo Freire vivenciou o exílio, e apresenta em algumas de suas narrativas as nuances de um corpo que vibra na relação com as forças de um território de empréstimo.

Não era por outra razão que, em minhas primeiras experiências no inverno chileno, em manhãs do céu azul, de sol manso e de frio intenso, enquanto, na rua, os outros procuravam o lado banhado pelo sol, eu buscava o lado da sombra. No fundo era a memória tropical da sombra que me levava ao lado errado da rua. Por isso, lá chegando, voltava, quase num pulo, para a luz (FREIRE, 2019, p.25).

Freire narra um outro clima que acomete o mesmo corpo. As variações de ritmos, não só geradas pelo diferente território, mas também pela diferença brusca de temperatura, de cor, de alcance solar. Sua memória climática o encaminhava para o lugar oposto aos cidadãos

habitualmente ocupantes daquele lugar. Ele buscava a “amenidade das sombras” (2019, p.26) que o acompanhou em seus tempos de menino. Memória da sensação da sombra, carregada para outro espaço, memória que marca o corpo e suas formas de se portar nos lugares, e de esperar familiaridades nos lugares.

Haesbaert⁹² (2017), ao narrar diferentes lugares visitados pensa no exercício da diferença: “Uma diferença que nos re-componha, que nos faça olhar para um Outro que não só está fora por se distinguir de nós, mas que também participa da nossa construção identitária, tanto pelo contraste que nos propõe quanto pelos laços comuns inerentes à nossa condição humana” (2017, p.16). Compor aqui está para se constituir, dar forma a um certo modo de ser e de viver. A diferença neste sentido é ingrediente para uma re-composição, ainda que isso não signifique a retirada das memórias que participam da constituição dos sujeitos. Ao falar em olhar para “um” Outro, e não necessariamente para o outro, o autor coloca a diferença não só como natureza própria de pessoas, mas como parte constituindo também dos lugares. E mais ainda, de uma especificidade instaurada nesses lugares, que os põe na categoria de nome próprio. Neste sentido, olhar para fora, seja para um quintal ou para a rua fria de uma nova cidade, com tudo que circula, que compõe, e que dá vida aos lugares, é também olhar para dentro, ainda que na esfera do contraste.

5.3.3 Desaninhar e recalcar: táticas de aprimoramento

Para conhecer os vaga-lumes, é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores. Ainda que por pouco tempo. Ainda que por pouca coisa a ser vista: é preciso cerca de cinco mil vaga-lumes para produzir uma luz equivalente à de uma única vela. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.43).

Desaninhar⁹³: Tirar do ninho. Descobrir o local onde se encontra. Fazer sair; desalojar, retirar. Fazer sair de um esconderijo, do lugar em que se está escondido.

O desaninhar da fala de Freire despertou esta reflexão: “O corpo age e, durante suas atitudes, ele desaninha de si e de suas relações o conhecimento sobre a vida (FREIRE; NOGUEIRA, 1993, p.34).

⁹² HAESBAERT, Rogério. Por amor aos lugares. 1 edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

⁹³ Definições do Oxford Languages, pesquisa virtual (Google).

Imagem 75: Banho de mangueira na praça do Pinheiro



Fonte: Facebook – Cine & Rock⁹⁴

Pedindo licença para chamar aqui de desaninho, sem desalojar o seu sentido na ação, reconheço a palavra batendo como um golpe, ainda que não premeditado. Pensar corpo e desaninho na ação me fez ficar às voltas por dias, ruminando as implicações desta relação. A leitura dos significados do dicionário soou como algo que está no campo de algum tipo de mistério, do encoberto que exige a força dos deslocamentos.

Freire trata do desaninhar de si, e articula a ação não apenas relacionada ao corpo, mas ela mesma depurada em seu interior. É no durante da ação que conhecer se efetiva mergulhado no jogo de esticar e reter, próprio das relações consigo e com os outros. Esta espécie de plasticidade da ação do corpo que desaninha, me levou ao necessário retorno ao sentido de ninho. Encontrei em Bachelard, ao analisar a investigação de Michelet, o fio deste passo atrás:

O pássaro, diz Michelet, é um operário desprovido de qualquer ferramenta. Ele não tem "nem a mão do esquilo, nem o dente afiado do castor". "A ferramenta, realmente, é o próprio corpo do pássaro, é o seu peito com o qual ele aperta e comprime os materiais até torná-los totalmente dóceis, até agregá-los, sujeitá-los à obra geral." Michelet nos sugere a casa construída para o corpo, pelo corpo, tomando sua forma pelo interior, como uma concha, numa intimidade que trabalha fisicamente. É o interior do ninho que impõe sua forma. "No interior, o instrumento que impõe ao ninho sua forma

⁹⁴ <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.2977037155641891&type=3> Acesso em 03/03/2022.

circular não é outra coisa senão o corpo do pássaro. É pela ação de virar-se constantemente e de recalcar as paredes de todos os lados que ele chega a formar esse círculo" (BACHELARD, 1978, p.263).

A forma aqui começa pelo interior, do que dentro contém, e na intimidade da ação remodela os limites em um movimento de expansão, do espaço e do corpo que se afetam concomitantes. Mas o espaço só aperta ou expande na medida em que o corpo, que inteiro se manifesta na ação, vira-se insistente e repetidamente para recalcar e dar nova forma. Calcar bem se faz no exercício da força, mais ou menos impregnada de energia, de acordo com a densidade do que tangencia o corpo e de seu tônus atual para a mudança.

Na reflexão de Michelet, o ninho - lugar destinado ao conforto do previsto - se forma do esforço físico do recalcar, que no limite possível da compressão molda o espaço do corpo como uma fôrma em negativo. A ação de produzir o ninho nada tem de confortante, como presume a forma do ninho que retêm calor e acolhe a posterior estagnação necessária.

E ainda que o ninho pareça uma imagem iniciática, que se prende a um lugar do recolhimento, só é possível o desaninhar por ele existir antes. Retorno ao jogo de esticar e reter próprio da ação de conhecer do desaninho de Freire. Conhecer sobre a vida, que ele mesmo deixa claro. Não se trata de apenas aprender sobre o conhecimento, mas de inventar formas próprias de ativação do que está submerso e provisoriamente fixado no interior dos corpos em relação com a vida e as coisas espalhadas nela.

5.3.4 O inesperado do incremental

No exercício da insistência, e nos encontros que inventam novas lógicas aos territórios, "(...) as artes nos dão pistas das zonas limítrofes das bordas" (SILVA, 2006, p.18). As práticas que reinventam lugares e modos de viver - ainda não recortadas pelas forças da máquina produtiva, que capitaliza o que pinça nas culturas - apontam para este transitivo das invenções. Ainda que, no desejo próprio de contenção, as determinações de poderes luminosos elaborem uma coleção de imagens modelos, as fagulhas das bordas invariavelmente remodelam na insistência a instância "de nossa textura sensível" (ROLNIK, 2011, p.11). As fabulações das zonas das bordas fogem, mesmo que provisoriamente, e ainda que usando sobras do que já foi iluminado pelas obviedades, da força de atração das zonas luminosas.

Cabe destacar que as fugas para além das zonas luminosas, para fora das obviedades que tranquilizam, são movimento, e por esta razão, provisórias. Assim como a manutenção

das obviedades não é definitiva, as experimentações que tocam nas zonas limítrofes também não são, e podem ser utilizadas posteriormente como elementos de organização e catalogação do que se dá à luz desta grande engrenagem. A oscilação entre escape e controle se manifesta neste jogo de poder, e a tensão e atenção que se imprime a partir desta dinâmica, manifesta em maior ou menor grau as gradações de conter e transbordar.

Pois há, de saída, pelo menos dois modos distintos de se entender e experimentar o corpo: um, que o quer evidente e palpável, e, ao evidenciá-lo e materializá-lo, elide seu devir, sua processualidade própria, afastando-o da fratura e da necessidade de invenção que se produzem na sua dinâmica relação com a subjetividade, isto é, um corpo transformável, mas sem paradoxo: corpo-identitário e sua correlativa subjetividade. E há uma outra corporeidade, um outro modo, nada evidente, inquieto, que explora potências inauditas, extemporâneas, que se quer e que necessita reinvenção, corpo-devir ou corpo vibrátil, que compõe com uma subjetividade-corpo” (SILVA, 2006, p. 24).

Quando se presume capturar, como uma espécie de registro fotográfico, o fluxo já se deslocou e deslocou a potência de lugar. Assim se dá o exercício inventivo do corpo. A criação está nesta zona periférica, na margem do registro do dispositivo. A invenção, que está na margem e passa raspando, se engendra no campo do que é considerado perigo, já que o que não é abarcado está na esfera do desconhecido e do risco. Se faz dentro das perguntas, não está ancorada nas respostas. E as perguntas são sempre perigosas. Como não tratamos aqui de uma descrição de opostos, o autor nos provoca:

Mas o percurso que nos leva à compreensão dessas duas modalidades não é, todavia, o de uma descrição de opostos, como se fosse possível caracterizar duas produções corporais paralelas e contrapostas. O que se observa é a problematização de uma pela outra, ou seja, como que um corpo-devir (aliado das convocações processuais da subjetivação) desafia um corpo-identitário, e o convoca a reinventar-se; e como que em determinados momentos da nossa história e cultura esse movimento de reinvenção encontra mais “matéria-prima” (matéria expressiva) para fazer-se (SILVA, 2006, p.24/25).

O exercício de invenção, que também é provocado de improviso, diante das necessidades e do desejo de poder mais, se alia a um certo modo artesanal de viver. No mecanismo fabril, as etapas são divididas, estanques e silenciosamente articuladas (já que não se pode questionar a etapa anterior). Os participantes da etapa anterior não têm acesso pleno às etapas seguintes. A compartimentação em pequenas divisões, que velozmente são ultrapassadas, exaure a anterior; é o exercício próprio do capitalismo. As ferramentas são

reelaboras, a manutenção da produção é modernizada, mas o aspecto substitutivo segue como mola propulsora das condicionantes fabris de produtividade no mundo.

A perspectiva artesanal, que aqui se desdobra na necessidade, não sendo elaborada dentro de uma gama de opções de como viver, retoma ou inventa etapas e redimensiona o olhar para um todo, que se manifesta nas pequenas partículas dos cotidianos. Tratamos aqui das necessidade das mais diversas ordens: sociais, econômicas e também estéticas de preencher e significar os espaços. Os dispositivos oferecidos pelas zonas luminosas, nos seus recortes não desejantes do risco, não comportam formas variáveis de existência, inclusive em seus aspectos estéticos.

Mas, ao mesmo tempo que temos a produção do corpo através da inscrição de sua “sentença” na própria carne, isto é, do modo de existência correto e que deve ser observado (cumprido); também temos a correlativa potência de resistência e seus espaços de exercício (SILVA, 2006, p.25).

Como zona de entrecruzamento, esta artesanaria não fecha ou rotula pontos de convergências fixos, mas passa por eles ao mesmo tempo em que se converte em outra coisa. A partir desta rede - ou trama, ou malha -, “o corpo serve como espaço de inscrição” (SILVA, 2006, p.25). Hissa nos diz que: “O sujeito são os olhos do sujeito, feitos de retina e de história” (2009, p.54). Quando se trata de corpo e história, se trata necessariamente de território, já que a história acontece no lugar.

Imagem 76: Perna de pau na praça do Pinheiro



Fonte: Fragmento de registro – Cine & Rock⁹⁵

⁹⁵ https://www.facebook.com/pontodeculturacineerock/photos_albums Acesso em 05/01/2023.

Na reflexão sobre o artesanal e as necessidades de todos os dias, que são diferentes de acordo com as ferramentas disponíveis para que os sujeitos exerçam escolhas em seus espaços de viver, chegamos ao incremental elaborado por AbdouMaliq Simone. Urbanista e sociólogo, que reflete sobre processos de ocupação de territórios e das manifestações coletivas em cidades pertencentes ao chamado Sul Global, o autor parte destes cenários para elaborar sua investigação.

O incremental é um reflexo da confiança no que se sabe e uma disposição para que essa confiança lide com o imprevisto, sem apagar tudo o que havia antes, para que se entrelace em relações recíprocas de "chamada e resposta", propondo coisas ao mundo a fim de suscitar algo que não seja confirmação ou crítica, mas manifestações inesperadas de possibilidade (SIMONE, p.224).

Se estivéssemos aqui tratando do termo incremental voltado para o desenvolvimento de produtos e serviços, isto é, partindo de uma perspectiva mercadológica, ele significaria pequenas melhorias na linha de produção, para acionar potenciais de objetos e serviços ainda não aproveitados para obter lucro. Este sentido mercantilista do termo se apoia em uma variedade de ferramentas que sem cessar realinham os esforços de obter mais.

Mas ao elaborarmos a ideia de incremental de que trata Simone, deslocamos nossa análise para outro campo conceitual, já que seu campo de investigação envereda pelo entendimento de realidades diferentes da luminosidade integrante das zonas que supostamente apresentam uma gama de escolhas para os sujeitos que dela “desfrutam”. O incremento neste sentido é produzido a partir de muitas ausências. Simone liga este conceito às habilidades elaboradas nas bordas dos campos onde os cardápios são oferecidos e mensurados. No exercício de lidar com uma variedade de necessidades, e na escassez de recursos que por vezes não são disponibilizados para muitos sujeitos - ou o são de maneira limitada e dissonante -, o imprevisto se desdobra em elaborações artesanais de viver e ocupar espaços na cidade.

A manutenção de respostas, em um pensamento alinhado com as formas mercantis de se produzir significados, se manifesta a partir da descrição de opostos. A “chamada e resposta” de que trata Simone é elaborada no horizonte da inventividade, que aprimora percursos fora do jogo “confirmação ou crítica”, tão caro para as esferas que usufruem do conforto das respostas prontas. O inesperado deste aprimoramento suscita manifestações imprevisíveis, promotoras de conexão de reciprocidade que realinham os próprios sentidos de pertencer aos lugares.

Considerações ou sobre o que vem agora e depois

Diário das bordas do fim: Ia fazer a conclusão na tela, mas ela precisa de tato. Olhar outra vez para enxergar o caminho percorrido com a vista de agora, nesse tempo que já não é exato depois de escrever esta linha. Rolar o visor não me pareceu razoável, e uma página depois da outra apaga a anterior, e eu ainda preciso olhar as folhas em perspectiva aérea, pairando mesmo sobre o chão da sala. A folha é a única coisa que posso tocar agora.

Pausei as tentativas frustradas de concluir o que ainda parece aberto, e imprimi as páginas, uma a uma. Sem grampear, espalhadas no piso frio, elas viraram uma espécie de mapa, que na distância possível do meu corpo de pé, parecia um aglomerado de mesmas coisas, com as imagens brilhando em colorido no meio. Deixei espaço suficiente para caber os meus pés nos intervalos de piso entre elas.

Aquelas tantas pistas retangulares e cuidadosamente preenchidas, de tinta e de tempo, superfícies na superfície do chão, trouxeram de volta a sensação de realidade de que precisava para fincar o corpo nos intervalos do que fiz até aqui. Olhei os pedaços dispostos ali mais uma vez, um conjunto de pistas possíveis de se inverter à distância. Juntei tudo para folhear, uma a uma sem grampos, para sentir que virou alguma coisa, como uma criatura com os órgãos funcionando em conjunto.

Terminar é uma decisão, uma ruptura em espiral. A proposição aqui, de passeio no percurso inventado, nos faz pensar nas coisas e nos atos sobre elas. Pisar em cada pedaço e descobrir o que virou na mirada de um passo para o outro. Resgataremos as questões que nos orientaram, o que de fato fizemos delas, e o que aparece quando miramos o passeio reflexivo feito das partes que formam o conjunto que culminou esta investigação.

Voltemos a nossa questão norteadora, que se desdobra em muitas outras: É na invenção cotidiana, que humaniza os territórios, que os sujeitos criam para além das demandas estratégicas de subsistência de seus corpos. E é na amplitude destes corpos configuradores de lugares, que os espaços são ampliados e realojados em uma lógica que humaniza, ainda que nas bordas, os limites de seu terreno físico e imaginado. Refletir sobre como se desenvolveu o nosso problema, e quais as linhas que tramou ao longo do trabalho, demanda a tarefa de observar o percurso, refazendo-o com os olhos agora de um observador contaminado das passagens e paragens do processo.

Investigar caminhando implica concomitância, diálogo entre o que nos encontra e as ferramentas que dispomos para receber o que nos passa. Acúmulo e cruzamento de leituras,

revisitas com as diferenças que o tempo imprime no percurso, reflexões e modos de enxergar com o corpo inteiro os acontecimentos de todos os dias, para além dos olhos, mas sempre também com eles. Reconhecer os contextos que afetam o exercício de pesquisar, e a necessidade de fazer planos para desfazer e refazer na medida própria do caminho.

Caminhar se dá num exercício duplo de pensamento/ação tramado na concomitância. Aproximações e distanciamentos imprimem fôlego no jogo entre instabilidade e resgate do prumo necessário para reestabelecer a tarefa de pesquisar. É no calibrar entre as temperaturas de investigar nas práticas das andanças que a investigação ganha tónus e alinha as suas partes, ainda que elas tenham vida em proporções diferentes, desaninhadas de um percurso linear.

Dito isto, cabe esclarecer que o trabalho não se desenvolveu um capítulo após o outro, na ordem que hoje se apresenta. Por vezes um tópico convidou o anterior, um chamamento como resgate, como se ainda faltasse jogar luz sobre o que vinha antes. Não um antes justificador de narrativas, mas o que se apresentava em outra camada de investigação, ainda encoberta pelas certezas que pairavam minha vontade de acertar - essa impossibilidade primordial. Foi assim que nas bordas do fim eu cheguei ao começo, e depois de andar e pensar tanto sobre o Rio das Pedras, eu voltei aos meus achados internos, pedacinhos de memórias de passos que dei antes de me saber pesquisadora, mirando na distância que efetiva traduções do que já foi outra coisa. Nas dobras do que habitei ainda na infância e adolescência resgatei imagens iniciais, que pulsantes indiciam os atravessamentos que reconheço em RP.

Chegar no Rio das Pedras, para além das chegadas para trabalhar toda semana, se deu, de algum modo, a partir da familiarização de minhas memórias de comunidade. Um reconhecimento corporal - no aglomerado, nos becos, nos tijolos e nos modos intensos de significar o terreno habitado - reflexivo: nos embates com o território que me atravessava, e no reconhecimento de pontos, tanto físicos quanto de localização, encontrados em RP. Mais do que isso: o reconhecimento de que as variações de habitar e criar nos territórios são intransferíveis, ainda que suas curvas rememorem em nós outros lugares.

Considerando RP como um território vasto, tanto em escala física quanto nas variações de manifestações significantes de seus habitantes, foi preciso elencar pontos de passagem e de paragem. O mapa, este desenho desvelador de cartografias, nos presenteava com uma visão panorâmica de paisagem. Era preciso voar sob o terreno com os olhos congelados, para ter real dimensão das vias de acesso que hora serpenteavam hora estrangulavam na perspectiva de suas geometrias. Do amplo aos pontos, das marcações no mapa passei para as impressões das marcas dos pés, sempre em um exercício de idas e vindas - entre suporte e terreno. Olhando de frente e de dentro por vezes desejei voar, por

necessidade de retomar a vista segura do esquadramento do mapa, e pela certeza de não caber no registro tudo que se desdobrava para além dos nomes das ruas e estabelecimentos, das praças e dos espaços de encontros. As pistas furavam o mapa e, ao mesmo tempo, vistas de frente, voavam da vista e pediam um movimento à espreita. Era o que cabia nas bordas das pistas desta tarefa.

Parei na praça do Pinheiro, com o ponto de cultura Cine & Rock. Para além de si mesmo, o movimento se apresentou como índice, como ponto de convergência para as pistas que havia demarcado no mapeamento até aqui. As coordenadas da investigação, que até aqui apontavam para voos em pontos de passagem, agora incidem sobre um mesmo lugar, reinventado pelas práticas cotidianas. Na perspectiva do mergulho, desdobramos reflexões partindo de um acontecimento narrado: o movimento de limpeza da praça do Pinheiro, gerador das demarcações que deram características ao coletivo. Foi preciso parar fisicamente no terreno, para aprofundar o descolamento das variáveis apontadas ao longo das passagens no território de RP. A passo seguinte da investigação foi o desgarrar, ainda que provisoriamente, das andanças no território do Rio das Pedras. E reconhecer que as passagens e paragens continuavam no movimento interno de fixar os pontos que acenderam lugares de reflexão, com e para além das pegadas que ficaram das idas e vindas.

O horizonte criativo dos modos de habitar, ainda que ocupar se dê no campo também dos desafios que o precarizam, é mais vasto do que supomos ao mirar nas injustiças de todos os dias. Sobretudo nos limites do que periferiza os sonhos manifestados pelos corpos dos sujeitos, na ação em seus espaços cotidianos, os modos inventivos de elaborar na relação com os lugares vão além dos limites iluminados pela capitalização dos territórios em disputa.

O desejo de investigar esta inventividade se afunila em direção à dimensão estética dos atos desdobrados na territorialidade, sempre indissociável das micropolíticas que a definem. “O potencial de conhecer outros mundos” (HAESBAERT, 2017, p.16) ao olhar o horizonte - uma aproximação ao infinito - transforma as camadas de materialidade dos espaços em veículos de invenção de vidas que se humanizam ao ampliarem a dimensão estética de existência. Não é possível existir plenamente sem esta dimensão estética, ainda que as fomes se relativizem com as necessidades implicadas em sobreviver em espaços precários. O outro lado das zonas luminosas - que se realiza por vezes em zonas fronteiriças, que dissolvem o entendimento sólido dos territórios - tende para além do descarte de coisas e de experiências. Esse outro lado no mesmo, de fazeres de artes segundo Hissa, se configura como “mundos que se negam e existem, também, em virtude dessa negação” (HISSA. p.85, 2010). É na incapacidade de manutenção das obviedades desta iluminação que a inventividade

de todos os dias acontece nos tempos interiores dos sujeitos em diálogo criativo com os seus lugares de habitar.

A busca por tranquilidade e alívio termina aqui, quando decidimos encarar as não obviedades como forma de recolocar o exercício estético dos lugares, como modo criador de novos horizontes nem sempre iluminados. Como aponta Hissa, “os homens lentos”, estes que elaboramos neste trabalho como inventores nos tempos da escassez - de coisas, não de ideias - , talvez “sejam a inteligência do mundo nos lugares (2012, p.79). Esta inteligência que recortamos aqui não é uma qualquer, está no campo das lógicas que estetizam as relações com e nos lugares. E é neste inacessível, “que não se deixa apanhar” (OLIVIERI, 2012, p.66), que se constitui outra iluminação: a de “cerca de cinco mil vaga-lumes para produzir uma luz equivalente à de uma única vela. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.43).

Imagem 77: Detalhe de registro - sem título 2



Fonte: Facebook – Cine & Rock⁹⁶

⁹⁶ <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2737883396223936&set=a.2737870639558545> acesso em 07/05/2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AGUIÃO, Silvia. “Aqui nem todo mundo é igual”: cor, mestiçagem e homossexualidades numa favela do Rio de Janeiro. 2007. 143f. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGENIO, Fernanda (orgs.). Culturas jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In OLIVEIRA, Inês Barbosa de e ALVES, Nilda. Pesquisa no/do cotidiano das escolas – sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p.13-38.
- ALVES, Rôssi. Rio de rimas. 1 ed – Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.
- ALVES, Rubem. A utilidade e o prazer: um conflito educacional. In: DUARTE JR, J. F. Fundamentos estéticos da educação.- São Paulo : Cortez : Autores Associados ; (Uberlândia, MG) : Universidade de Uberlândia, 1981.
- ALVES, Ana Beatriz Jardim, OLIVEIRA, José Roberto de, COSTA, Lilian Silva. Rio das Pedras e sua segregação espacial: Cenários do passado, presente e para o futuro. VI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. UNB, Brasília, 2020.
- AUGÉ, Marc. Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução: Maria Locia Pereira. Campinas. SP: Papyrus, 1994.
- BACHELARD, G. A poética do espaço. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores)
- BACHELARD, Gaston. A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade. Tradução: Paulo Neves – 2 ed.- São Paulo: Martins fontes, 2003.
- BARROS, Manoel de. Livro sobre Nada. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- BARTH, Fredrik. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, W. Obras Escolhidas II. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BERINO, Aristóteles de Paula; SANTOS, Vanessa A.L. Paulo Freire à sombra da mangueira: memórias do mundo inacabado. In: Experiências inovadoras em geografia: Ensino e formação docente. Orgs: SANTOS, Clézio dos; CAEDOSO, Cristiane; QUEIROZ, Edileuza Dias de. Experiências inovadoras em Geografia: Ensino e formação docente. RJ: Autografia, 2022.
- BERINO, A. Interminados, criadores e sonhadores: o problema da estética em Paulo Freire. Revista Estudos Culturais, [S. l.], v. 1, n. 5, 2020.

BERINO, Aristóteles de Paula. Para ser um ser no mundo: A humanização é uma poética em Paulo Freire. *Revista Teias*, [S.l.], v. 19, n. 55, p. 329-339, dez. 2018.

BERINO, Aristóteles. Paulo Freire esteta: arte, fotografia e cinema. *E-mosaicos - Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Educação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ)*. V.6 – N.13-DEZEMBRO 2017.

BERINO, Aristóteles. Juventudes, estetização da escola e artealização do cotidiano: olhar e imagens na pesquisa em educação. *Visualidades*, Goiânia v.14 n.1 p. 38-53, jan-jun 2016.

BERINO, Aristóteles de Paula; SANTOS, Vanessa de Andrade Lira. Paulo Freire à sombra da mangueira: Memórias do mundo inacabado. In: *Experiências Inovadoras em geografia: O Ensino da Geografia Física*. Organizadores: Edileuza Dias de Queiroz, Clézio dos Santos e Cristiane Cardoso. Rio de Janeiro: Autografia Editora, 2022.

BERINO, Aristóteles. *A economia política da diferença*. São Paulo: Cortez, 2007.

BUBER, Martin. *Eu e tu* / Martin Buber Tradução, introdução e notas: Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo : Centauro, 2001.

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo - Editora perspectiva, 1982.

CALVINO, ITALO. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Biblioteca Folha. 2003.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2000.

CANEVACCI, Massimo. *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade*. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASCUDO, Luis da Camara. *Companhia Nacional de São Paulo*, 1967.

CASTRO, Gustavo de. Espaços e afetos intermitentes no imaginário - *As Cidades Invisíveis de Italo Calvino*. *ESFERAS ANO 3*, número 4, janeiro a junho de 2014.

CASTRO, Adão O.; DIAS, Lucas Rodrigues. Urbanização e a problemática socioambiental na baixada de Jacarepaguá: Estudo da bacia hidrográfica do Rio das Pedras. *XV Simpósio, Brasileiro de Geografia Física Aplicada. I Congresso nacional de Geografia física*. Campinas – SP, 2017.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; FÁVERO, Osmar (Org.). *Narrativas juvenis e espaços públicos: olhares de pesquisa em Educação, Mídia e Ciências Sociais*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. *Juventude e cidades educadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues *Angra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade* / Paulo Cesar Rodrigues Carrano – Niterói : [s.n], 1999. 460 f.

- CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Jovens na cidade, Rio de Janeiro Trabalho e Sociedade, Rio de Janeiro. Jovens na cidade, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.15-22, 2001.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: *A Invenção do Cotidiano*. Arte do fazer. Petrópolis, Vozes, 1998.
- COCCIA, Emanuele. A vida sensível. Florianópolis: Editora Cultura e barbárie, 2010.
- COELHO, Gustavo. “Sentir para entender”: Juventude, presença e sentidos. *Polêm!ca*, v. 16, n.4, p. 01-12, 2016.
- DELEUZE, G. Pensamento nômade. In: DELEUZE, G. A ilha deserta. São Paulo: Iluminuras, 2006. p. 331-343.
- DELEUZE, G. i, Que és un dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, p.155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento: www.escolanomade.org
- DELEUZE, Gilles. Crítica e Clínica. Trad. Peter Pal Perbart. São Paulo, Editora 34, 1997.
- DELEUZE, G. A dobra: Leibniz e o barroco. Tradução Luiz B.L. Orlandi. Campinas, SP: Papirus, 1991.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia: vol. 1. Rio de Janeiro: 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. Conversações. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DERRIDA, Jacques Pensar em não ver : escritos sobre as artes do visível. Org: Ginette Michaud, Joana Masó, Javier Bassas ; tradução Marcelo Jacques de Moraes ; revisão técnica João Camillo Penna. - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos vaga-lumes / Georges Didi-Huberman ; Vera Casa Nova, Márcia Arbex, tradução ; Consuelo Salomé, revisão. Belo Horizonte : Editora UFMG , 2011.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Cascas. Tradução de André Telles. São Paulo: Editora 34, primeira edição, 2017.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. Buenos Aires: Manantial. 1997.
- DUARTE JR, J. F. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. São Paulo, 2000.
- DUARTE JR, J. F. Fundamentos estéticos da educação.- São Paulo : Cortez : Autores Associados ; [Uberlândia, MG) : Universidade de Uberlândia, 1981.
- FACINA, Adriana. “A escada da memória”: Arte e sobrevivência no Complexo do Alemão. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 21, n. 54, p. 428-446. 2020.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação / Carlos Eduardo Ferraço, Maria da Conceição Silva Soares, Nilda Alves. – Rio de Janeiro : EdUERJ, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17 edição, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1994.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. Educação como Prática da Liberdade, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a libertação. In: Ação Cultural para a liberdade e outros escritos. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

FREIRE, Paulo. Ação Cultural Para A Liberdade. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. A educação na cidade. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

FREIRE, Paulo & NOGUEIRA, Adriano. Que fazer: teoria e prática em educação popular. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo. À sombra desta mangueira. 12 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. Dialogicidade. In: À sombra desta mangueira. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1995.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? [recurso eletrônico] / Paulo Freire ; tradução Rosiska Darcy de Oliveira. - [1. ed.] - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Tolerância. Ana Maria Araujo Freire (org.) 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis [recurso eletrônico]. Organização Ana Maria Araújo Freire. – 1. ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2020. recurso digital

FREIRE, Paulo. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Prefácio de Leonardo Boff; notas de Ana Maria Araújo Freire. 28 edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FRESQUET, Adriana. Cinema e educação. Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

FOUCAULT, Michael, 1926-1984. F861 Isto não é um cachimbo / Michael Foucault: tradução Jorge Coli. — Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, As heterotopias / Michel Foucault. Tradução: Salma Tannus Muchail. São Paulo, n-1 Edições, 2013.

FURTER, Pierre. A dialética da esperança: Uma interpretação do pensamento utópico de Ernest Bloch. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GLISSANTI, Édouard. Pela opacidade, In Poétique de lá relation. Tradução de Henrique de Toledo Groke e Keila Prado Costa. Revista Criação & Crítica. N.1: 53-55, 2008.

GROPPO, L. A. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. Em Tese, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul., 2015.

HAESBAERT, Rogério. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre, Setembro de 2004.

HAESBAERT , Rogério; BRUCE , Glauco. A desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. Revista GEOgraphia, Niterói, ano 4, n.7, p.7-31, 2002.

HAESBAERT, Rogério. Por amor aos lugares. 1 edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

HISSA, C.E.V. Território de diálogos possíveis. In: RIBEIRO, MTF., and MILANE, CRS., orgs. Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar (online). Salvador: EDUFBA, 2009. 312.

HISSA, C.E.V.; NOGUEIRA, M.L.M. Cidade-corpo. rev. ufmg, belo horizonte, v. 20, n.1, p.54-77, jan./jun. 2013

HISSA, Cássio Eduardo Viana. A lentidão no lugar da velocidade. In: Revista Redobra, número 9 – ANO 3 - 2012, UFBA.

HISSA, C. E. V., & Wstane, C. (2010). Cidades Incapazes. *GEOgraphia*, 11(21), 85-100.

INGOLD, Tim. La creatividad que se experiencia. Innovación e Investigación en Arquitectura y Territorio, San Vicente del Raspeig, n. 5, p. 1-11, 2016.

INGOLD, T. Estar vivo: ensaios sobre o movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

JACQUES, Paola Berenstein. Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade. In Arqtexto 7, 2005, p. 16-25.

KASTRUP, Virgínia. Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. - Porto Alegre: Sulina, 2009.

KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* / orgs. Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Liliana da Escóssia. - Porto Alegre: Sulina, 2009.

LARROSA, Jorge. Desejo de realidade. Experiência e alteridade na investigação educativa. In: BORBA, Siomara; KOHAN, Walter (Org.). *Filosofia, aprendizagem, experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 185-194.

LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiencia e o saber da experiencia. In: Tremores. Escritos sobre experiencias. Tradução Cristina Antunes, Joao wanderley geraldi. 1. Ed.; 4 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LARROSA, Jorge B. Experiência e alteridade em educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v 19, n 2, p. 4-27, 2011.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2 ed. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann-Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LE BRETON, David. *Cuerpo sensible Edición y traducción: Alejandro Madrid Zan.* ediciones I metales pesados 2010.

LECCARDI, Carmem. Por um novo significado do futuro. Mudança social, jovens e tempo. Tradução Norberto Luiz Guarinello. *Tempo Social*, São Paulo, v.17, n.2, 2005. *Revista de Sociologia da USP*.

MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MAIA, Lorene Monteiro. *A UPP como um mecanismo de produção da cidade carioca: pacificação para quem?* XVII ENANPUR, São Paulo, 2017.

MELUCCI, Alberto. *Juventude, tempo e movimentos sociais: Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. (Coleção Educação para todos v.16).

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Assim falou Zaratustra : um livro para todos e para ninguém; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo : Companhia das Letras, 2011. (versão digital)

OLIVIERI, Silvana. Breve relatório sobre a primeira de uma série de opacificações urbanas. *Revista Redobra*, número 10, Salvador, 2012.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 19 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividade e identidades juvenis. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, P. 7-21.

- PAIS, José Machado. Ganchos, tachos e biscates: Jovens, trabalho e futuro. 2016.
- PAIS, José machado. Culturas juvenis. 2.ed. Lisboa, 2003.
- PAIS. José Machado. As “cronotopias” da práticas culturais no cotidiano. Observatório das atividades culturais, número 4, Lisboa, Outubro de 1998.
- PAIS, José Machado. Vida cotidiana- Enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.
- PAIS, José Machado. Ganchos, tachos e biscates: Jovens, trabalho e futuro. Edições Machado, 2016.
- PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Org.) Pistas do Método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PEREC, G. Espécies de espacios. Barcelona: Montesinos, 2001
- RIBEIRO, Ana Clara Torres et al. Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método. Cadernos IPPUR. v. 15, n. 2 e Ano XVI, N.1, 2001-02.
- RIO, João do. A alma encantada das ruas. Secretaria Municipal de cultura. Rio de Janeiro, 1991.
- ROLNIK, Suely Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editorada UFRGS, 2011.
- ROLNIK, Suely. Olhar cego. Entrevista com Hubert Godard, por Suely Rolnik. In: ROLNIK, Suely. (Org.). Lygia Clark, da obra ao acontecimento. Somos o molde. A você cabe o sopro. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2006.
- ROSA, Antonia Valbenia Aurélio. Migração do Nordeste para Rio das Pedras: um estudo de caso etnográfico. 2019. 151f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- SALES, João Moreira. El salvador: A respeito da força e da fragilidade. Revista Piauí 147, 2018.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, Outubro 2002: 237-280.
- SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SHVARSBERG, Gabriel. Cartografar o movimento: narrativas da sarjeta. In: Revista Redobra, número 9 – ANO 3 - 2012, UFBA.
- SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de. Janeiro: Contraponto, 2012.
- SILVA, Jardel Sander da. Camelos também Dançam: Movimento corporal e processos de subjetivação contemporâneos: um olhar através da dança. 2006. 139 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SIMONE, AbdouMaliq; Salmon, S. (2019). Entrevista com AbdouMaliq Simone. *Revista Eco-Pós*, 22(3), 220–230. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v22i3.27418>

SIMONE, AbdouMaliq. Ritornello: “People as Infrastructure”, *Urban Geography*, 2021, 42:9, 1341-1348, DOI: 10.1080/02723638.2021.1894397

SIMONE, AbdouMaliq. O inabitável. *Revista Eco-Pós*, 22(3), 2019 9–20. <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v22i3.27411>

SCHILLER, Friedrich. A educação estética do homem. Tradução de Roberto Schwarz Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. Pensar no olho do furacão. In: *Filosofia em confinamento* / [Editor, organizador e revisor técnico: Klinger Scoralick]. — Rio de Janeiro : Batuque, 2020.

SUZUKI, M. O belo como imperativo. In: *A educação estética do homem*. Tradução: Roberto Schwarz Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2002.

TOMAZ, M. de F.; BARBOSA, M. C. Periferia da Periferia: migrantes nordestinos na Favela da Maré em três atos. *Revista Alterjor*, 23(1), 208-229. 2021. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-1507.v23i1p208-229>

VICTORIO, Aldo Filho. A impossibilidade da educação versus sua íntima utopia: performance, estética e arte. In: [Des]limites da arte: reencantamentos, impurezas e multiplicidades. Anpap – Encontro Regional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, RJ, 2010.

YANCY, George. Judith Butler: O luto é um ato político dentre a pandemia e suas disparidades. Tradução: Marcelo Eduardo Braga Jordana. In: *Filosofia em confinamento* / [Editor, organizador e revisor técnico: Klinger Scoralick]. — Rio de Janeiro : Batuque, 2020.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (SITES E REDES SOCIAIS):

ARAÚJO, Isabel de. Extra, 2009. Templo do funk, Castelo das Pedras vai virar igreja evangélica. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/templo-do-funk-castelo-das-pedras-vai-virar-igreja-evangelica-293377.html>. Acesso em 29 de março de 2023.

ALTINO, Lucas. O Globo, 2016. Maciço da Pedra Branca: especialistas alertam para risco de desabamento. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/macico-da-pedra-branca-especialistas-alertam-para-risco-de-desabamento-19229105>. Acesso em 17 de maio de 2023.

AUGUSTO, Paulo. G1, 2022. ‘Peixe das núvens’ vivem em poças de água na Caatinga. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/2022/04/29/peixe-das-nuvens-vive-em-pocas-de-agua-na-caatinga.ghtml>. Acesso em: 21 de maio de 2023.

BAZIN, Sofia. RioOnWatch, 2020. ‘Os Artistas Cidadãos’ do Cine & Rock, em Rio das Pedras #RedeFavelaSustentável, 2020. Disponível em: < <https://rioonwatch.org.br/?p=43742> >. Acesso em: 28 de março de 2021.

BLOGSPOT. Ponto de Cultura Cine e Rock. Disponível em: <<http://cineerock.blogspot.com>>. Acesso em: 28 de março de 2021.

COELHO, Ligia. Projeto Colabora, 2019. Rodas culturais resistem no espaço urbano do Rio. Disponível em: <<https://projetcollabora.com.br/ods11/rodas-culturais-resistem-no-espaco-urbano-do-rio/>>. Acesso em: 26 de setembro de 2022.

EXTRA. Extra, 2018 . Baile funk do Castelo das Pedras acaba depois de 25 anos. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/baile-funk-do-castelo-das-pedras-acaba-depois-de-25-anos-23148717.html>>. Acesso em: 20 de março de 2023.

FACEBOOK. Facebook - Rockeiros do Pinheiro em Ação. Disponível em: <<https://www.facebook.com/RockeirosDoPinheiroEmAcao>>. Acesso em: 29 de março de 2021.

FACEBOOK. Facebook, 2020. Ponto de Cultura Cine e Rock. Aula de saltos, instrumentos musicais e maculelê. Disponível em: <<https://www.facebook.com/media/set/?vanity=pontodeculturacineerock&set=a.2993744067304533> >. Acesso em: 30 de março de 2021.

FACEBOOK. Facebook- CCRP- Circuito Carioca de Ritmo e Poesia, 2022. Cadastro Rodas Culturais do Rio. Disponível em: <<https://www.facebook.com/circuitocariocaderitmoepoesia/photos/a.656036621129335/5194105687322383/>>. Acesso em 26 de setembro de 2022.

LABIT. LabIT- Intervenções Temporárias no Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://intervencoestemporarias.com.br/?home>>. Acesso em: 11 de março de 2021.

MELO, Wellington. ANF - Agência de Notícias das Favelas, 2022. Rio de Janeiro: Estação Berlin é demolido em Rio das Pedras pela Prefeitura. Disponível em: <<https://www.anf.org.br/restaurante-e-demolido-em-rio-das-pedras-pela-prefeitura/>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

MELO, Wellington. Agência Lume, 2023. Quase um ano após operação, obras no canal da Via Light não foram iniciadas. <<https://www.agencialume.com/post/quase-um-ano-apos-operacao-obras-no-canal-da-via-light-nao-foram-iniciadas>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

OLIVEIRA, Jefferson, ANF - Agências de Notícias das Favelas, 2016. Cine & Rock na Praça leva cinema e música para Rio das Pedras, 2016. Disponível em: <<https://www.anf.org.br/cine-rock-na-praca-leva-cinema-e-musica-para-rio-das-pedras/>>. Acesso em: 28 de março de 2021.

OLIVEIRA, Jefferson. ANF - Agências de Notícias das Favelas, 2016. Cine & Rock na Praça leva cinema e música para Rio das Pedras, 2016. Disponível em: <<https://www.anf.org.br/cine-rock-na-praca-leva-cinema-e-musica-para-rio-das-pedras/>>. Acesso em: 13 de março de 2021.

OLIVEIRA, Cesar; TELES, Gabrielle. Agência Lume, 2021. Subprefeitura de Jacarepaguá diz não ter projeto para construção de um camelódromo em Rio das Pedras <<https://www.agencialume.com/post/subprefeitura-de-jacarepagua-diz-nao-ter-projeto-para-construcao-de-um-camelodromo-em-riodaspedras>>. Acesso em: 26 de fevereiro de 2023.

OLIVEIRA, Jefferson. Cine & Rock na praça leva cinema e música para Rio das Pedras. ANF - Agência de Notícias das Favelas, 2016. Disponível em: <<https://www.anf.org.br/cine-rock-na-praca-leva-cinema-e-musica-para-rio-das-pedras/>>. Acesso em 13 de março de 2021.

PORTAL DO HOLANDA. O Globo, 2017. Ainda para combater a desordem, prefeitura pretende urbanizar Rio das Pedras. Disponível em: <<https://www.portaldoholanda.com.br/rio-de-janeiro/para-combater-desordem-prefeitura-pretende-urbanizar-rio-das-pedras>>. Acesso em: 08 de março de 2023.

PROURB/ UFRJ. LabIT – Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático. Disponível em: <<http://www.prourb.fau.ufrj.br/laboratorio-de-intervencoes-temporarias/>>. Acesso em: 11 de março de 2021.

STROBL, Tyler. RioOnWatch, 2019. Ainda ameaçada de remoção, comissão de Rio das Pedras amplia o foco e oferece serviços básicos. Disponível em <<https://rioonwatch.org.br/?p=39170>>. Acesso em 21 de maio de 2022.

YOUTUBE. Youtube: Provocações Filosóficas, 2017. “Um papo com Paulo Freire”. Palestra de 22 de novembro de 1994, no auditório do CDCC, patrocinada pelo IFSC-USP. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=idwYE9x0NuE>>. Acesso em: 2 de junho de 2019.

YOUTUBE. Documentário ‘Caminho das Pedras’, 2019. (fragmento extraído do documentário produzido em 2017, pelo Favela Criativa, de Sandra Lima. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MiIyB9AFvT8&ab_channel=SandraLima>. Acesso em: 28 de março de 2021.

YOUTUBE. Documentário - Cine & Rock uma ideia que deu certo, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9VumsUwnaR8&ab_channel=Cine%26Rock>. Acesso em: 29 de março de 2021.

YOUTUBE. YouTube, 2018. Cine & Rock uma ideia que deu certo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9VumsUwnaR8&ab_channel=Cine%26Rock>. Acesso em: 04 de abril de 2021.